1953

AGOSTO

N. 435

EU SEI TUDO

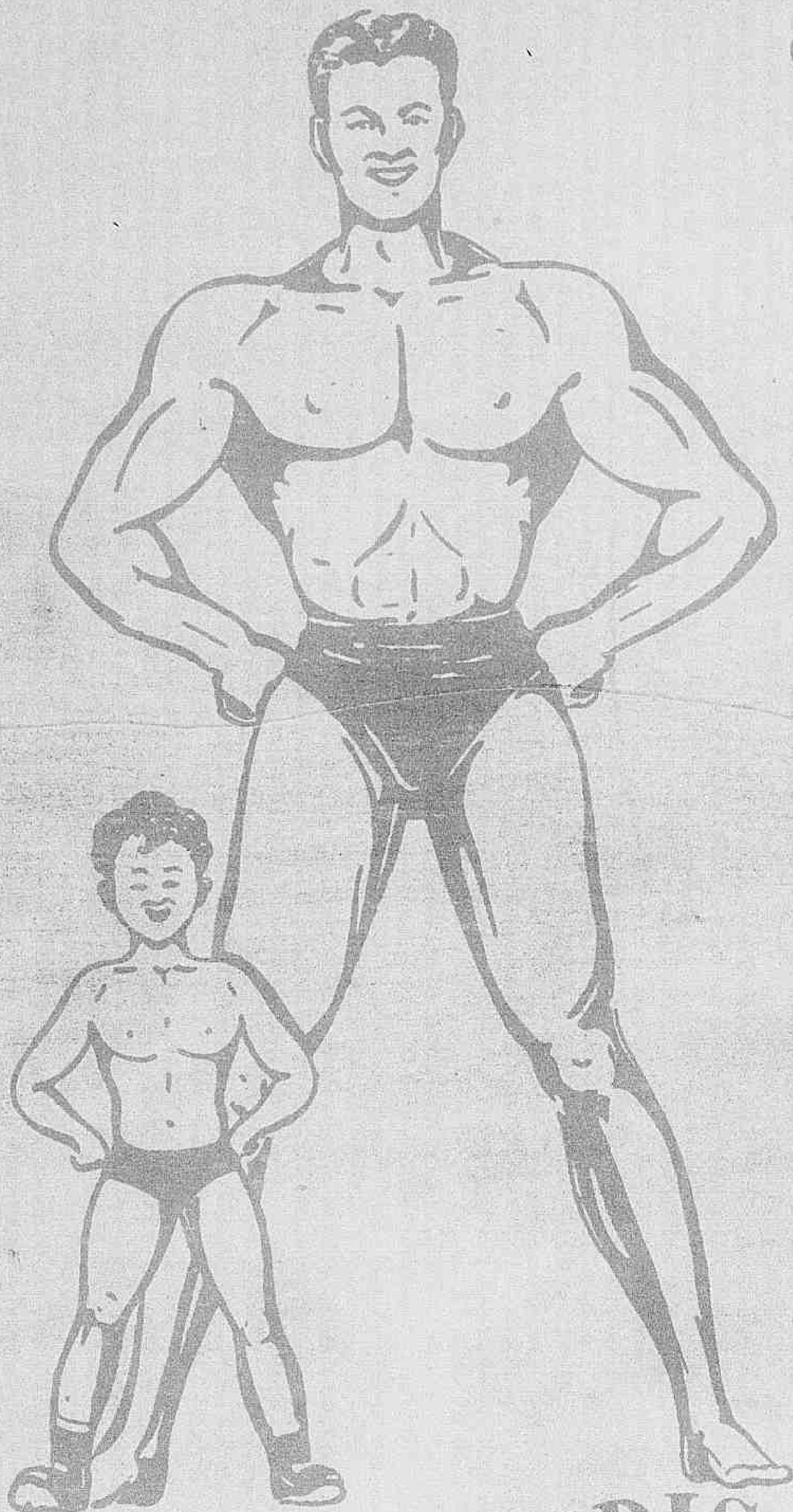
5 CRUZEIROS



NO FUTURO COMEREMOS FLORES. ★ A ESPANTOSA CIÊNCIA DOS POVOS ANTIGOS ★ 500 MILHÕES DE LIBRAS, ENTERRADOS NO SUEZ ★ A HULHA-TÚMULO DOS MILÊNIOS PERDIDOS



ARROZINA



O alimento ideal dos bebês



JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES



Encontra-se ARROZINA em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil



Instituto Dietético Infantil S.L.

FABRICA: AV. ODILA, 1549 - Cx. Postal, 4334 - ESCRITORIO: R. MARIA PAULA, 136
Fone 33-4263 - S. PAULO ★ FILIAIS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASI

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo Duarte, 42 — D. Federal

BAHIA — SERGIPE
Rua Carlos Gomes, 3-A — Salvador

PERNAMBUCO — PARAIBA
Rua da Saudade, 323 — Recif

RIO GRANDE DO SUL
Rua Riachuelo, 959 — Pôrto Al

CEARA — PIAUÍ — MARANHAO
Rua Pedro Pereira, 755 — Fortaleza

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS





Tapêtes e passadeiras

de forração em côres
lisas e com flores

Grupos estofados

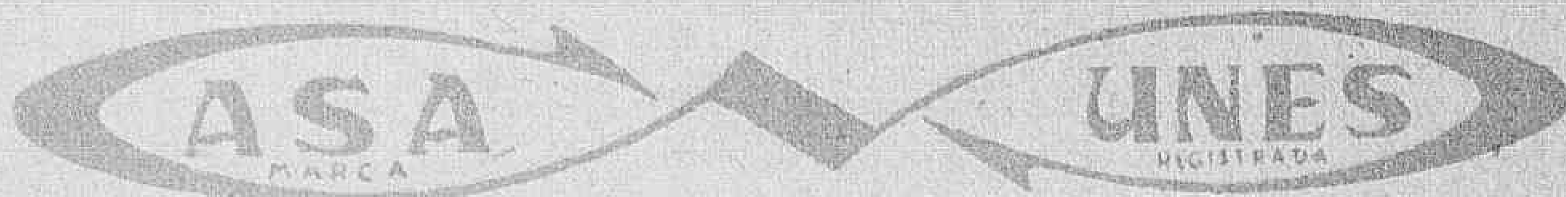
especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Preços que animam a comprar

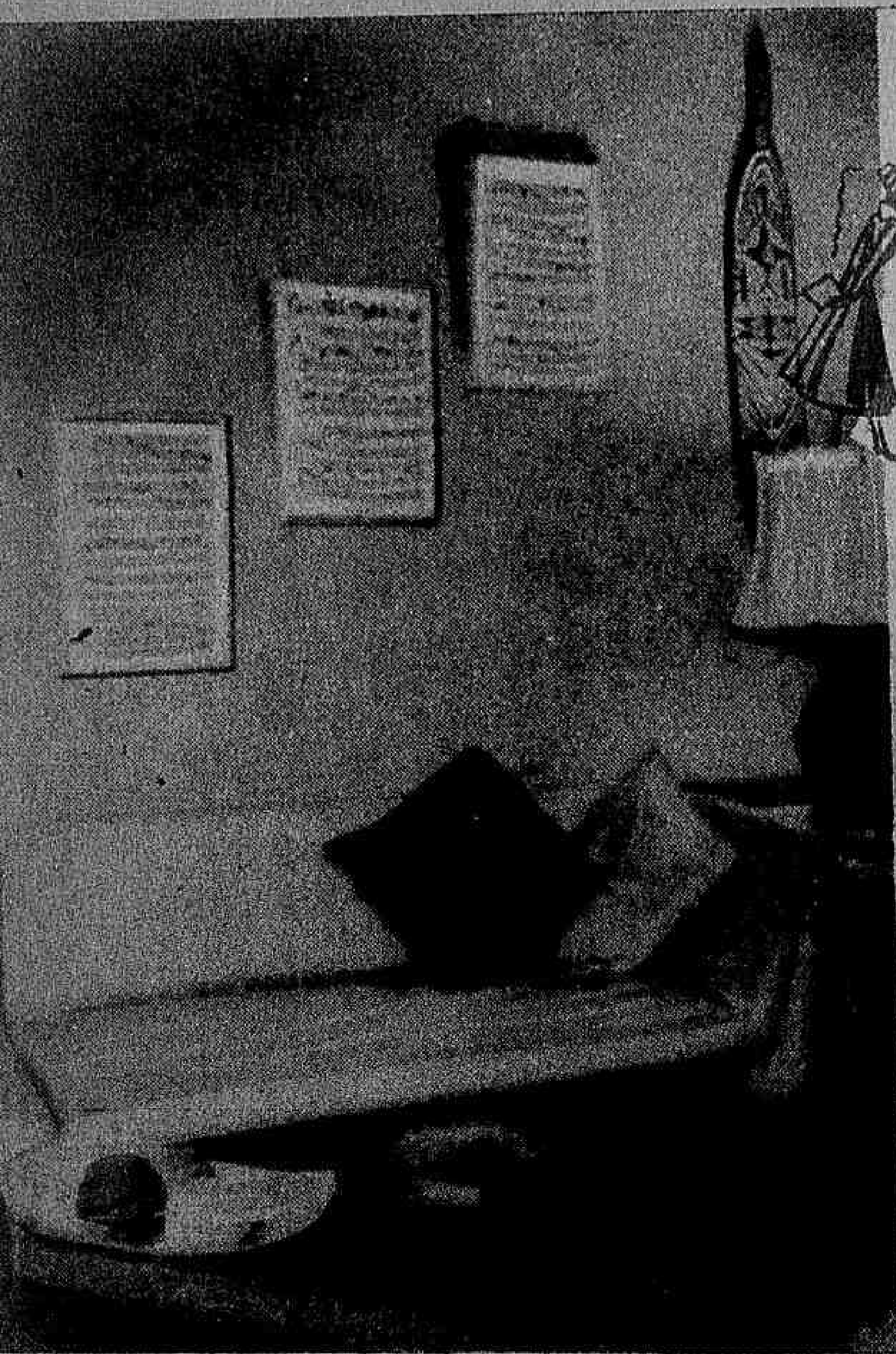
Vendas a vista e a prazo

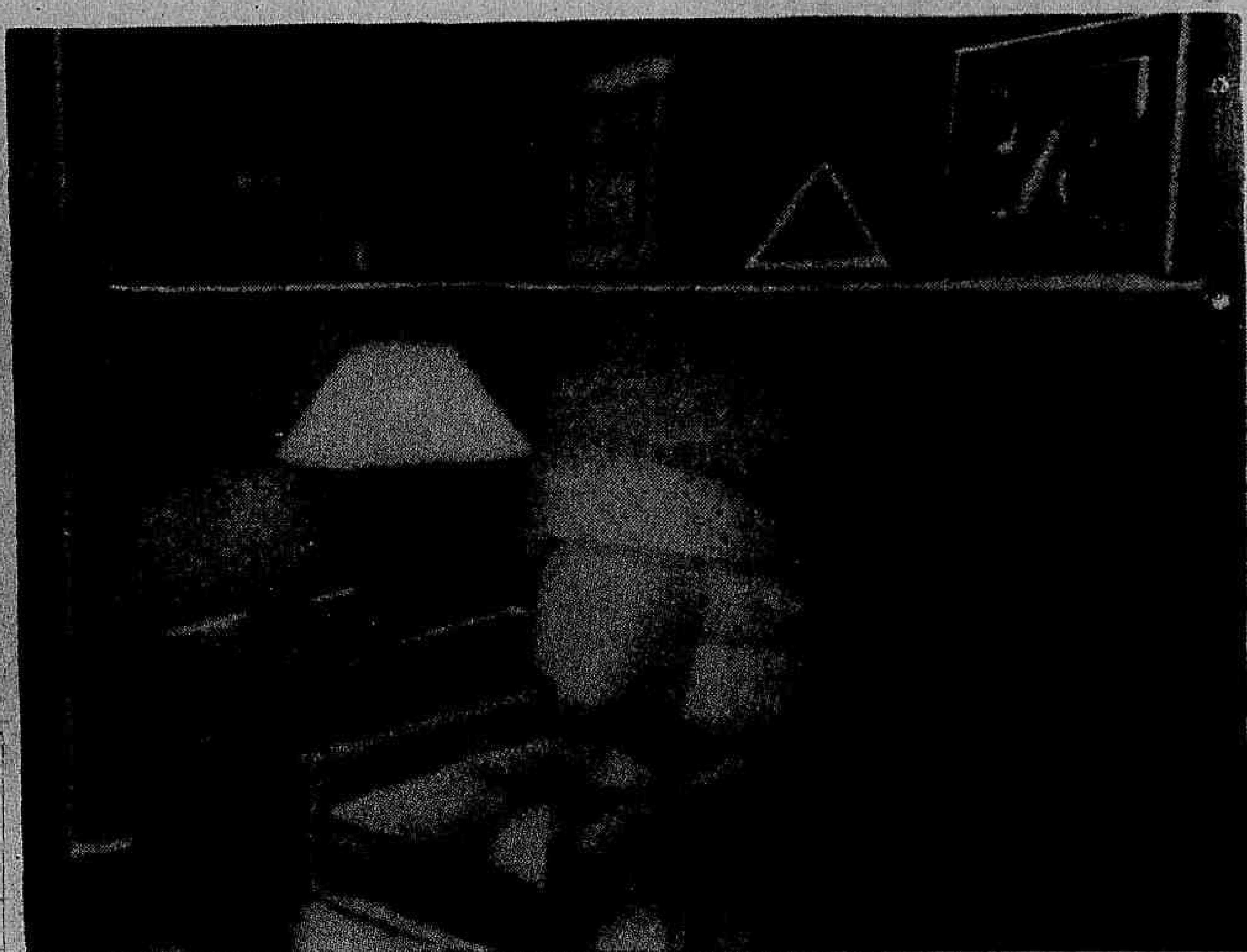


65 rua da CARIOCA 67 -- RIO

CANTOS

DOIS PROBLEMAS PARA AS DONAS DE CASA





Ao alto: Objetos curiosos, como exóticos instrumentos musicais e músicas impressas e postas em quadro, formam interessante decoração para um "estúdio". Em baixo: interessante disposição de quadros, num "living".



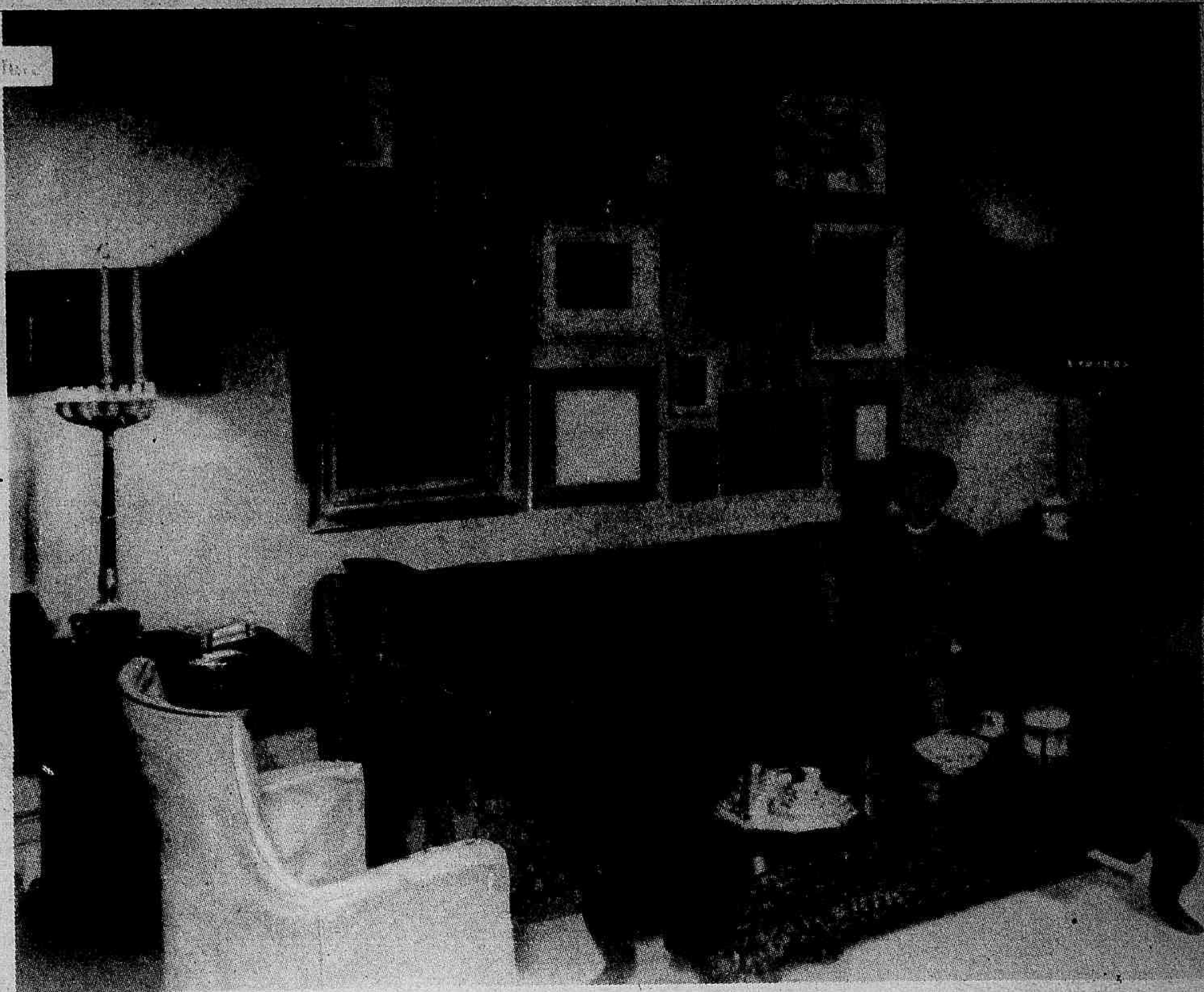
...E QUADROS



HÁ situações penosas para a dona de casa. Exiguidade de espaço e necessidade de ornar... sem atravancar, ou — ao contrário — paredes vazias e "cantos" sobrando lamentàvelmente. Mas, com um pouquinho de engenho e de bom gôsto, tudo poderá ficar da melhor forma. Vejamos os exemplos de hoje:

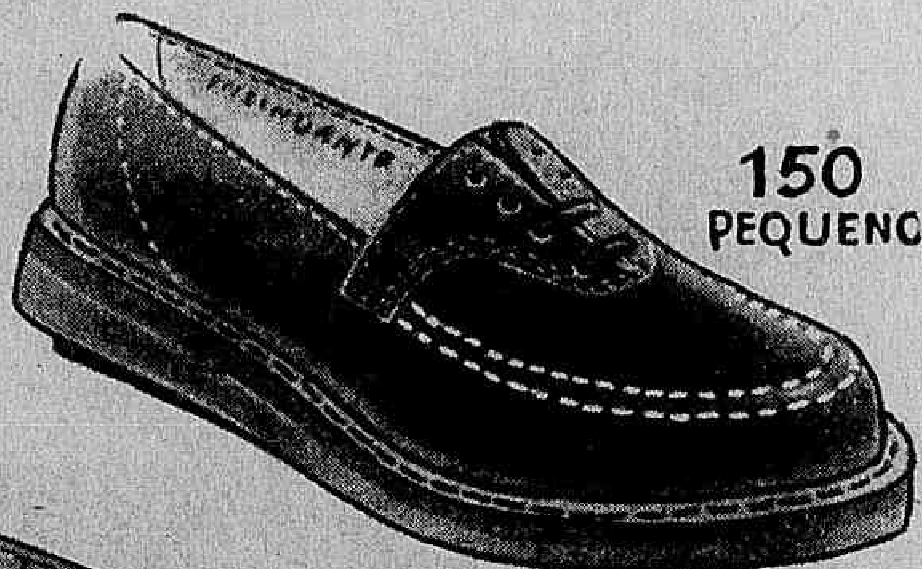
*

***Ao alto (esquerda):** Gravuras com molduras retangulares e triangulares, sôbre estreita prateleira, "salvam" êsse cantinho de leitura. **À direita:** Objetos de arte, flores e um simples quadro, sôbre a mesa de estilo francês. **Em baixo:** Quadros de molduras iguais e dispostos de igual forma, no dormitório de camas gêmeas, com estante de canto. Aí está uma grande idéia!*



Bem Servir

CARACTERISTICO INCONFUNDIVEL DA SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE !







ROVER

UM SAPATO PARA SÍ
PARA O SEU FILHO
E PARA O SEU NETO

PREÇO

PEQUENO	28/32	CR$ 140,00
MEDIO	33/36	CR$ 145,00
MAIOR	37/44	CR$ 150,00

SOLA DE COURO C/SALTOS DE BORRACHA OU TODO SOLADO DE BORRACHA.

TODAS AS CÔRES.
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR CR$ 5,00.
NÃO FAZEMOS REEMBOLSO.

insinuante
é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição.

insinuante

CARIOCA, 46-48
7 DE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERARIO, FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito. Redator-chefe: M. R. de Castro. Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Publicidade em São Paulo: J. Gomes Bastos, R. Barão de Itapetininga, 24 — 6.°, and., sala 6. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt.° Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

O AVIÃO fantasma

O VENTO, COM UMA FÔRÇA SOBRENATURAL, EMPURRAVA-OS PARA CIMA, PARA CIMA... EM DIREÇÃO À MORTE!

No vale de Frenchman's Flat, milhas e milhas distante das montanhas rochosas que o circundam, um homem, tendo nas mãos a vida e a morte, como um pequeno Deus, olhou para o relógio, e estendeu o braço ligando uma chave no painel à sua frente. Tomou o fone e falou:

— O avião da rota oeste está em ordem?

— Perfeitamente. Êle está a dezoito mil da margem oeste, mas vamos aguardar mais dois minutos, está bem?

— Certo.

E lá, na cabine do avião, completando uma viagem transcontinental, aos trancos através de um temporal, sentado no contrôle, ia o comandante Walter Harmon. Era alto, de ombros largos e olhos azuis. Os cabelos, muito fartos, estavam prateando nas têmporas. Naquele instante seu rosto, usualmente alegre, tinha uma expressão dura.

Por ERICH HATCH

Tradução de SYLVIA JAMBEIRO

Olhava para fora e para baixo, através da vidraça à sua esquerda, e via os raios que riscavam o céu escuro por onde voavam. Os riscos luminosos cortavam a noite como línguas de serpentes imensas, lambendo e prateando os topos rochosos das montanhas.

Para Walter Harmon, aquêle espetáculo era realmente majestoso e belo. Êle apreciava os raios, cortando o céu escuro e pensava, com tristeza:

— Esta é uma das coisas que eu não terei mais oportunidade de apreciar.

Walter Harmon teria que se submeter ao exame de saúde periódico para pilotos, na tarde seguinte, em São Francisco. Êle havia feito prèviamente um exame particular e ficara ciente de que a leve surdez de que sofria no ouvido esquerdo havia atingido um ponto que não era mais possível dissi-

mular. Talvez êle ainda pudesse continuar voando, porém jamais voltaria a comandar um transcontinental como aquêle.

Assim, de certo modo, ao olhar os raios, êle se despedira daquele céu e daquele avião, do mesmo modo como no jantar anterior se despedira de Mimi Lee, sua "aeromoça" no "Kitty Hawk Room", em La Guardia, ao anunciar-lhe o resultado do exame. Tentou despedir-se dela sem demonstrar o quanto estava magoado com aquêle desfecho.

A voz alegre do seu co-pilôto tirou-o dêste devaneio.

— Estive pensando sôbre aquela experiência com a nova bomba A ou H — ou o que seja — de que nos deram aviso pelo rádio há uma hora...

Walter Harmon voltou a cabeça para a mesa de cálculos, onde o co-pilôto, Parker, e o mecânico de vôo, Nelson Kruger, tomavam café, e perguntou:

— Então, Jack? Que estêve você pensando?

Parker tomou um gole de café, pousou a xícara na mesa e falou:

— Estive pensando que, se o deslocamento provocado com a experiência se misturar com a tempestade e chegar até aqui, as coisas podem ficar feias para nós. Tem alguma coisa a dizer?

— Ninguém tem nada a dizer... porque isto ainda não aconteceu...

Nelson Kruger deixou a xícara na mesa e levantou-se bruscamente, dizendo:

— A cinqüenta milhas do planalto e dezoito mil pés de altura, e o nosso jovem companheiro se preocupando com deslocamentos de ar!

Walter Harmon também tivera o mesmo temor, ao ver o primeiro raio, por isso sorriu para o jovem Parker e disse:

— O nosso jovem co-pilôto se preocupa sempre e é por isso que êle dará um ótimo comandante.

Fêz uma pausa e acrescentou com tristeza:

— De um momento para outro...

Lá em baixo, no vale, o homem em frente ao painel ligou uma chave e, por alguns segundos, todo o vale foi inundado de uma luz branca e brilhante.

No avião, Walter Harmon, que estivera olhando para baixo minutos antes, sorriu e disse:

— Impressionante!

Depois, virando-se para os companheiros com uma expressão infantil, acrescentou:

— Oba! Espero que Mimi tenha visto isso!

Parker e Kruger trocaram olhares e êste último disse:

— Não viu, não. Lembra-se das ordens? As cortinas do avião deviam ser cerradas!

O comandante concordou, com ar inexplicàvelmente desolado **porque Mimi não tinha visto o clarão.**

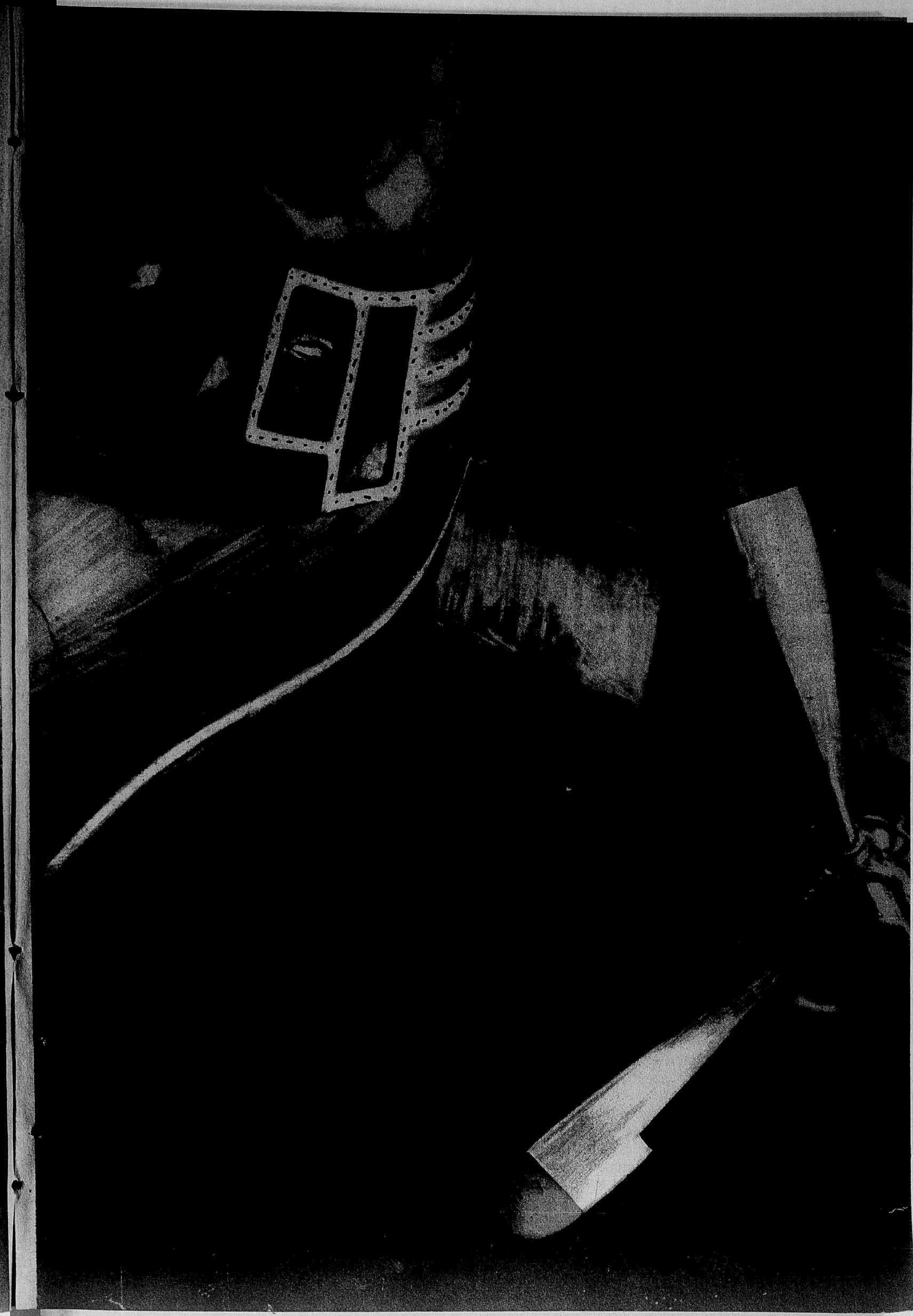
Depois encostou-se na vidraça da cabine, tentando ver a famosa nuvem que se forma após a explosão atômica, mas não conseguiu, como também não viu o tremendo furacão que começou a varrer o solo, lá em baixo, com uma velocidade de centenas de milhas por hora.

Porém, segundos depois, sentiu um solavanco no avião, alguma coisa violenta que sacudiu tudo. Sorriu e gritou para os rapazes:

— Pronto, rapazes! O deslocamento está aí! E como!...

Automàticamente, olhou para os instrumentos e o

Com os motores parados, o avião seguiu subindo, com o vento. Na cabine de comando, Mimi e Walter viam a terra ficar sempre mais distante...



sorriso abandonou seu rosto, ao ver os ponteiros do altímetro girando de maneira vertiginosa. Mentalmente, viu o furacão varrendo tudo, rodopiando e subindo ao céu com incrível velocidade. Sua bôca tomou uma expressão dura. Ligou todos os quatro motores e moveu a alavanca colocando o aparelho em posição de mergulho, mas para seu susto, apesar da fôrça conjugada dos quatro motores e da posição de mergulho, o avião não parecia descer e o altímetro continuava indicando maior altitude, até que os ponteiros chegaram ao máximo e um suor frio umedeceu a fronte do comandante.

Anos e anos de prática, navegando por aquelas alturas, subindo e descendo, haviam ensinado Harmon a conhecer os céus, assim como os marinheiros conhecem o mar.

Sabia que aquêle deslocamento de ar que provocara a subida vertiginosa do aparelho devia ter, também, provocado um grande vácuo perto das montanhas. E, agora, o ar dos arredores, correndo para preencher aquêle vácuo, vindo de milhas e milhas de distância, era impelido para cima... mais e mais! E porque êste fenômeno não fôsse provocado pela natureza mas por uma nova fôrça, descoberta pelo homem, Walter sabia que a altura a que seu avião poderia ser levado **não tinha limites!** Esta certeza o encheu de temor. Moveu os contrôles e desligou chaves para poupar os motores.

— Agora é que a coisa está séria! — pensou êle. — Daqui a segundos todos desmaiarão por falta de oxigênio.

E um novo temor o assaltou: o temor de um comandante com a responsabilidade de muitas vidas em suas mãos! Quando os motores parassem a pressão se modificaria e os passageiros, já um pouco tontos, se acomodariam, confiando nêle... **e morreriam um a um, sem sentir!** Com os lábios brancos, tentando dissimular o mêdo, sondou a tensão da tripulação — aquêles rapazes conheciam o perigo tão bem quanto êle. Kruger movia a bôca nervosamente e Parker estava muito vermelho.

— Jack! Nelson! — A voz era firme; era voz de comando. — Os motores não aguentarão muito tempo. Vocês e as aeromoças têm, talvez, quatro minutos para colocar as máscaras de oxigênio nos passageiros e em vocês também.

— Sim, comandante.

— E vocês dois fiquem lá para controlar os passageiros, no caso de algum se deixar dominar pelo pânico. Regulem o oxigênio para que continuem vivendo... mas inconscientes. E' melhor que continuem dormindo **sem noção do perigo**. Agora, quanto ao fato de conseguirmos ou não sair desta... depende do tempo que dure o oxigênio que temos — e em voz baixa e mansa acrescentou: — ... e da ajuda de Deus.

Parker e Kruger saíram da cabine. Momentos depois, um a um, os motores foram parando e, com êles, foram parando os ruídos, deixando o aparelho num silêncio absoluto.

— Vinte anos de serviço. Doze mil horas de vôo, sem ferir um passageiro sequer... e agora, no meu último vôo, acontece isso!

E uma repentina sensação de mal-estar o invadiu. Por alguns segundos, Walter Harmon estêve ali, nos contrôles, manejando-os automàticamente, tentando equilibrar o avião com o leme e os **ailerons**, enquanto pensava nas refeições que fazia no "Kitty Hawk" com Mimi, e em Chicago, em Xangai, em Shannon e dos momentos que passaram juntos naqueles céus, apreciando um crepúsculo ou o mar, lá do alto, ou o Arco-Íris, a chuva ou... simplesmente rindo de uma anedota.

E lembrou também das duas pobres crianças, órfãs de mãe, que moravam em Cincinati com sua irmã e que tinham tanto orgulho do **papai comandante**...

— Mas, por que estou preocupado em sair ou não desta embrulhada se, de amanhã em diante, estou fora **de qualquer jeito**...

O som de sua própria voz dentro do silêncio absoluto, que reinava ali, fê-lo voltar à realidade, com um estremecimento. Pensara muito na segurança dos outros e esquecera de si mesmo. Lembrou bem a tempo.

A vista já estava turvando quando êle colocou a máscara de oxigênio e respirou profundamente.

Imediatamente sua vista clareou e êle resolveu lutar, com tôdas as fôrças, para tirar os outros e a si mesmo daquela situação difícil e livrar-se daquela fôrça invisível que, como uma garra gigantesca, os estava levando para cima, para cima, **para fora do mundo**...

Quando Mimi Lee, a aeromoça-chefe, entrou na cabine, Walter Harmon ouviu o ruído da chave de oxigênio e, pensando que fôsse Jack, voltou-se para ordenar-lhe que voltasse imediatamente para onde estavam os passageiros; mas, na estranha claridade daquelas altitudes, viu o oval do rosto **dela**, as ondas macias dos cabelos castanhos, as curvas graciosas do corpo... e seu coração se encheu novamente das tristezas de um adeus. Entregou a Mimi a máscara de oxigênio do co-pilôto, que se comunicava com a sua por um fone, e ela a colocou no próprio rosto.

— Vai tudo bem, lá, entre os passageiros?

— Sim. — Mesmo através do fone, a voz dela era uma delícia! — Walter, eu queria saber se você vai bem.

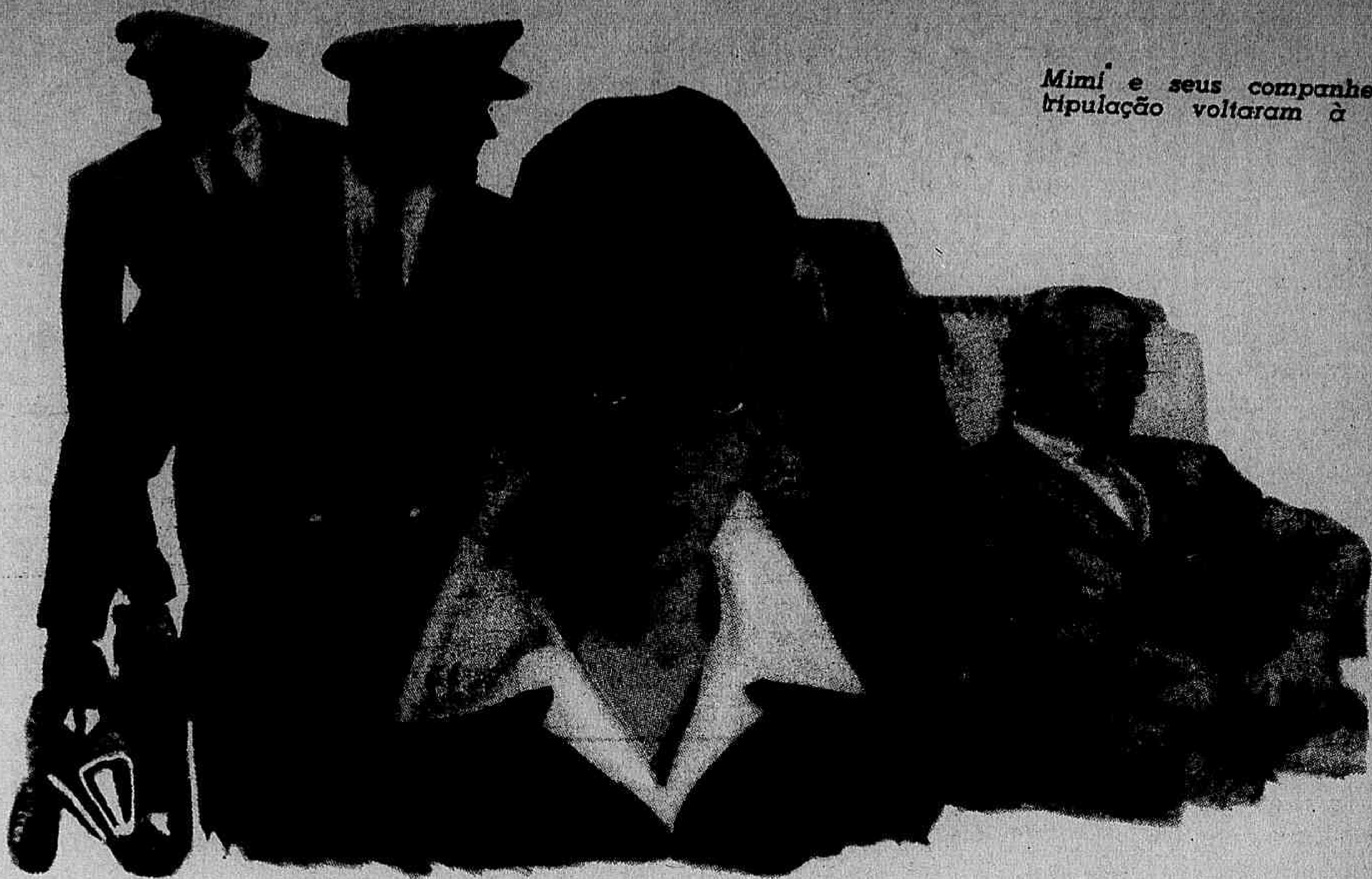
— Tudo bem, embora eu me sinta como Ícaro. Mas, como estão os passageiros?

Ela respondeu através do fone, enquanto êle voltava a cabeça e olhava para a sala dos passageiros, luxuosamente instalada e onde todos cochilavam, inconscientes e cobertos por grossas mantas contra o rigoroso frio que aumentava cada vez mais.

— Todos arrumados em fila **como cadáveres**... — pensou êle.

E, por momentos, imaginou como seria o avião dali a instantes, se prosseguisse aumentando o frio e a altitude — um transporte morto, com uma tripulação morta e passageiros mortos — vagando no espaço, talvez para sempre, talvez criando outra lenda como a do "Holandês-Fantasma" — desta vez nos ares.

Com um arrepio voltou ao presente. Mimi falava:


Mimi e seus companheiros de tripulação voltaram à cabine.

— Por uns momentos, logo que os motores pararam, foi horrível. Os homens querendo sair, as mulheres gritando, enquanto duas crianças, que estão viajando sòzinhas, começaram a chamar: **"Mamãe"!** Mas Jack e Nelsòn foram admiráveis.

— Êles são, realmente!

Uma mudança brusca sacudiu o avião. Walter Harmon conseguiu equilibrá-lo novamente.

— Sempre êstes deslocamentos! E eu tentando conduzir êste monstro quadrimotor como fazia com aquêle "teco-teco". Enfim, que mais posso fazer?

— Quanto tempo, você acha que o oxigênio ainda vai durar?

A pergunta dela foi feita em voz calma.

— Agora não é só o oxigênio, Mimi. E' também êste frio, que aumenta sem cessar!

— A que altitude estamos?

— Não sei, mas olhe você mesma o cálculo.

E, ao falar, apontou para a vidraça. Estavam a uma altura incrível e tão distantes qne era como se estivessem em um outro mundo, muito longe da Terra.

Mimi estremeceu e desviou o olhar da janela.

— Eu não devia ter olhado. Estou apavorada, Walter! Estou tremendo! Vamos conversar e tentar distrair um pouco estas idéias. Por favor, Walter!

— Pois bem, Mimi, mas sôbre que vamos conversar?

A voz de Walter era firme, quase natural. Com a atenção no que estava fazendo, esquecera um pouco o mêdo...

— Vamos conversar sôbre qualquer coisa... sôbre o tempo, por exemplo... Não. Isto, não! Conte-me o que você pretende fazer quando se reformar.

Êste era um assunto do qual êle preferia não falar, mas, ainda assim, falou. Falou de uma fazendola que comprara em Lexington, no Kentucky e que era, ao mesmo tempo, fazenda e aeroporto. Era ali que pretendia viver. E quando terminou ela comentou:

— Francamente, não sei por que você está tão triste por se reformar. Eu gostaria de estar em seu lugar, Walter. E, além de tudo, você ainda pode ter as suas filhinhas com você. Quem vai cuidar delas?

— Uma governante.

— Mas, Walter, isto não está direito! Você devia casar outra vez.

A voz dêle veio áspera através do fone:

— Não!

— E por que **não?** Você não vai me dizer que não há uma pequena em sua vida... (e como êle não respondesse) Há sim, não há?

— Sim.

— Oh! Fale-me a respeito dela, Walter. Que tal é ela? E por que você não quer casar com ela?

Novamente reinou um silêncio absoluto; outro deslocamento sacudiu o avião e o globo terrestre, vagamente luminoso, ficou visível outra vez, através da vidraça e desapareceu quando o aparelho retomou o equilíbrio. Então Walter falou, pausadamente:

— Mimi, por enquanto eu sou comandante de um quadrimotor. Agora, se eu conseguir sair desta complicação, sabe você o que serei... depois do exame médico de amanhã? Serei um homem de meia-idade, sòzinho e triste, morando numa fazenda, dirigindo um pequeno aeroporto. Um homem com duas filhas para criar e que talvez ainda consiga ganhar algum dinheiro para viver. Eu estou com mais de quarenta anos e esta pequena tem apenas vinte e cinco. Não seria justo prendê-la a um aposentado como eu.

Houve um longo silêncio e então Mimi falou:

— Walter, aqui, quase na Eternidade onde estamos, eu creio que nada importa muito, não é? Portanto, não faz mal que você me diga quem é ela, faz?

— Pensei que você adivinhasse sòzinha. Ela é uma aeromoça. — E quase esquecendo os contrôles do avião: — Está satisfeita, agora?

Ela respondeu num sussurro:

— Não, Walter; ainda não estou...

E então êle sentiu que a máscara de oxigênio era retirada do seu rosto e os lábios de Mimi estavam ali, junto aos seus. Ligou os contrôles automáticos e, com infinita ternura, tomou-a nos braços. Emocionado, apertou-a contra o peito e ela se deixou abraçar, satisfeita.

Mesmo depois que colocaram as máscaras e êle retomou a alavanca do contrôle, ela ficou com a cabeça recostada no ombro dêle. Levantou-se um momento para apanhar um cobertor com que protegeu a ambos contra o frio cortante.

Passaram-se uns minutos e o frio aumentou de tal forma que as janelas tinham gêlo em redor; e o frio parecia penetrar nos ossos e ambos começaram a tiritar. Mimi perguntou:

— Walter, isto é o fim?

E como êle não respondesse, ela continuou:

— Se é o fim, por favor, abrace-me mais.

E ela se aproximou dêle; mas, nesse momento, o avião se descontrolou novamente, atirando-a na cadeira do co-pilôto. Ela ia levantar-se quando Walter Harmon falou:

— Espere. Amarre-se bem. Quando você esbarrou nos contrôles, desequilibrando o avião, eu me lembrei de um recurso que usei no "teco-teco. — Sua voz tremia de excitação. — Acho que posso salvar a situação!

— Como?

— Como? E' preciso... — nesse momento o avião estremeceu e êle disse: — Reze que é melhor.

O quadrimotor foi sacudido bruscamente mas, desta vez, em lugar de tentar equilibrá-lo, o comandante puxou a alavanca fazendo o aparelho ficar de lado. Por uma fração de segundo tudo parecia imóvel. As asas do aparelho em posição vertical. E o silêncio, um silêncio irreal, absoluto, foi de repente cortado quando, com um silvo, todo o pêso da fuselagem e dos motores se precipitou para baixo, num mergulho vertiginoso. Walter Harmon riu nervoso e contente, chamando:

— Mimi!

— Sim?

— Eu queria dizer que (e com energia corrigiu a posição do avião para evitar uma aterrissagem desastrosa) para um homem aposentado e de certa idade, em vias de ser julgado incapaz para a atividade, eu ainda sei voar bem direitinho...

Chegando a quinze mil pés de altura, Walter normalizou a posição do aparelho, ligou os mótores e a vida voltou àquele ambiente. Ligou as luzes, tirou a máscara de oxigênio, fêz uma comunicação pelo rádio e voltou-se para Mimi Lee, sorrindo:

— Então, Mimi, estamos num vôo de rotina, não acha?

Mimi continuou olhando-o com orgulho e ternura, ou melhor, com amor. Depois falou:

— Walter, querido! Você é maravilhoso.

A porta da cabine foi aberta. Jack Parker e Nelson Kruger começaram a entrar, mas qualquer coisa no jeito e no olhar de Mimi os forçou a voltar. Walter, que os notara, fêz a pergunta:

— E os passageiros, Jack? Tudo bem?

— Tudo bem — respondeu Jack, sorrindo. — Eu ia mesmo contar! Como é interessante o que o oxigênio pode fazer. Todos parecem ter esquecido o pânico! Para alguns foi um vôo normal; para outros, como eu, que olharam pela janela, há a impressão de haver, em sonho, voado em volta da lua... Mas ninguém tem certeza se houve algo de anormal ou se foi apenas imaginação. Eu mesmo, já não sei bem...

— Então por que você não vai lá para dentro tomar um café?

Aquilo mais parecia uma ordem e Jack saiu da cabine dizendo:

— Sim, comandante.

Kruger acompanhou-o. Então Walter se voltou para Mimi:

— Antes de Jack entrar, você estava dizendo que eu sou maravilhoso e eu agradeço, mas desde quando as aeromoças têm a liberdade de chamar os comandantes de **"querido"**? Mesmo que sejam velhos amigos?

Êle viu desapontamento e mágoa nos olhos dela quando disse:

— Mas, Walter, você já esqueceu o que se passou quando nós estávamos lá... **lá em cima?** Você disse que queria casar comigo...

Êle a interrompeu:

— Mimi, sinto muito ter que lhe explicar isso, mas você ouviu o que disse Jack sôbre o efeito do oxigênio e da altitude nas pessoas... Provocam miragens, ilusões... Você sonhou... Simplesmente isto!

— Eu... Não é possível!...

E Walter viu as lágrimas brilhando nos olhos dela, e depois escorrendo pelo lindo rostinho. De repente, porém, os olhos dela mudaram de expressão e ela começou a rir. Walter olhava-a espantado, sem entender.

Mimi Lee tomou o pequeno espelho que trazia no bôlso e colocou-o voltado para o rosto dêle... para que também êle pudesse ver as marcas de **baton** que tinha nos lábios e no rosto.

Walter compreendeu que não podia mais disfarçar.

Nesse instante, ouviu a gargalhada de Mimi misturada com o ruído dos motores e compreendeu que não era mais um homem de meia-idade, sòzinho e triste, morando numa fazendola depois de reformado. Naquele momento tomou uma decisão: nem esperaria pelo exame periódico que o julgaria incapaz para a atividade.

Amanhã mesmo entregaria o seu pedido de reforma.

E então êle e Mimi... Êle e Mimi...

Ceder à pressão ou aos pedidos solapa o caráter... e torna mais difícil resistir ao próximo pedido...

COMO ALCANCEI A PAZ

Por H. V. KALTENBORN

(Veterano jornalista)

"E, acima de tudo, para que nos sintamos tranqüilos e confiantes, não devemos ser falsos com nenhum semelhante." — Shakespeare.

DURANTE mais de cinquenta anos, como repórter, editor e comentador de radioemissora, procurei viver orientado por êsse bom conselho, com o qual Polônius manda Laertes seguir o seu caminho. Todo homem estabelece para si próprio uma certa regra — o mais difícil, porém, é seguí-la.

Em minha linha de trabalho, justamente o de analisar e interpretar as notícias do dia, para milhares de leitores e ouvintes, é constante a tentação de servir a alguma coisa mais que o interêsse do público.

O instinto muito humano de servir a êste ou aquêle, proteger amigos, o natural desejo de escapar à crítica, a influência — direta ou indireta — dos negócios e dos co-interessados no jornal, os pedidos mais ou menos legítimos de notícias de interêsse particular, estão sempre ameaçando arranhar a ética.

Sem a guia de algum princípio, não é fácil saber o que fazer. O meio mais simples é sempre ceder à pressão. Essa é, porém, manobra que solapa o caráter, sendo então muito mais difícil resistir da próxima vez. Quando era ainda um menino, estudei a vida dos grandes jornalistas e aprendi que, justamente, êles foram grandes porque tiveram a coragem e a independência para permanecer eternamente sinceros ~~com todos e~~ respeitadores, inicialmente, de si próprios. Essa passou a ser, desde então, a minha maior ambição.

Fazer da causa pública a minha própria causa — e serví-la sem medir o custo ou a consequência.

Posso não ter acertado algumas vêzes, infelizmente, mas sempre tenho sido sincero, mesmo errado.

E, por isso, nesta meia centúria, tenho vivido em paz com o meu espírito.



O fim de uma rixa

Por JACK SCHAEFER   Tradução de SYLVIA JAMBEIRO

JAMAIS DUAS FAMÍLIAS SE DEDICARAM TANTO... UMA À MORTE DA OUTRA! E NUNCA PENSARAM QUE O SEU ÓDIO FICARIA, PARA SEMPRE, ENTERRADO NUMA SEPULTURA!

A rixa entre nós, Willetts, e os Tavenners, começou muito antes de eu ter nascido. Começou lá pelos tempos em que os meus antepassados moravam em Missouri, onde alguns primos Willetts também moravam. Meu pai era jovem e recém-casado e o pai dos Tavenners era o cabeça de tôda a família. Morávamos todos espalhados ao pé das montanhas rochosas do Ozark e fazíamos agricultura e criação. Também alugávamos cômodos em casa. Os Tavenners moravam no alto da montanha, em cabanas sem confôrto, espalhadas pela mata. Êles eram, ao todo, uma tribo de verdadeiros selvagens e nem sequer tentavam plantar ou criar. Pelo menos isto era o que meu pai sempre dizia. Algumas vêzes êles caçavam, e, então, saíam pelos arredores dando tiros e quando precisavam muito de dinheiro cortavam algumas árvores e vendiam a madeira; então compravam "whisky", ficavam bêbedos e vadiavam novamente. Não pensavam em garantir seu lugar ao sol. Isto é o que o meu pai sempre dizia. Êles tinham uma só vaquinha leiteira. Pertencia a Lige Tavenner, que era o cabeça da família dêles, como meu avô era o da nossa.

Lige não queria construir uma cêrca ou pôr corda na vaca, e esta costumava pastar sôlta, pelas redondezas, e acabava chegando aos campos plantados do meu avô, onde se alimentava. Então, uma vez, meu avô disse a Lige que a vaca não tinha culpa de invadir o terreno alheio, mas que se ela comesse novamente as nossas plantações levaria um tiro. Alguns dias mais tarde ela comeu e meu avô lhe deu o prometido tiro, arrastou sua carcassa para o alto da montanha e deixou que rolasse de lá, indo esborrachar-se na cabana de um dos Tavenner.

Dias mais tarde alguém atingiu meu avô, no ombro, com um tiro dado à traição, de trás de uns arbustos, e então meu pai — e todos os primos Willetts — pegaram em suas espingardas e saíram pelas montanhas atrás dos Tavenners.

Durante três dias gastou-se muita pólvora naquelas matas. Podia ter durado muito mais o tiroteio, se os meus parentes não tivessem ficado sem munição e os Tavenners também. E todos tiveram muito que fazer enterrando as vítimas nas montanhas. Dois Willetts morreram, outros ficaram feridos, enquanto os Tavenners tiveram que cavar três sepulturas.

Depois disso, houve confusão a tôda hora. Era bastante, para isso, que um Tavenner encontrasse um Willett — e isso acontecia a todo instante! Se não começassem com uma tremenda discussão havia sempre outras maneiras de se insultarem.

O velho Lige Tavenner, sempre que bebia um copo de leite, lembrava-se da vaquinha e desabafava uma porção de impropérios contra nós; no dia seguinte lá aparecia um leitão nosso, morto, entre a folhagem. Isso era motivo para que meu avô se lembrasse de que o ombro estava doendo... e dois ou três Willetts saíam, de espingarda no ombro, à procura dos Tavenners **para um ajuste.**

Isso vinha sendo assim há muitos anos e só sossegou um pouco quando o velho Lige quebrou o pescoço, rolando uma ribanceira, ao perseguir uma caça. E foi então que vovô morreu.

Tudo, portanto, teria acalmado um pouco, se a morte dêle tivesse sido mais natural; porém êle morreu de uma galopante, conseqüente de ter ficado uma noite inteira, escondido num pântano, e de rifle em punho, **porque ouvira qualquer coisa sôbre os Tavenners e a nossa criação.** Mor-



"Estavam ali, frente a frente, um Tavenner e um Willett... e a morte pairava no ar..."

reu muito depressa e com o ombro doendo, e isso, sem dúvida, só poderia ser por culpa dos Tavenners.

Depois disso, os Willetts chamaram os Tavenners para ajustar contas; como sempre, tudo acabou em discussões; um Tavenner puxou uma faca, um Willett saíu ferido... e a velha rixa aumentou. A diferença era que, agora, meu pai era o cabeça da nossa família e Asa, filho mais velho de Lige, comandava os dêle.

Um ano mais tarde, meu pai reuniu os Willets e explicou que nós já tínhamos mostrado, muito bem, aos Tavenners, a nossa fôrça e que estávamos em superiores condições; logo, ninguém poderia nos chamar de covardes e êle estava cansado de plantar naquelas terras. Iria, portanto, tentar a vida em outras terras mais a seu gôsto, e teria muito prazer em que aquêles que concordassem com êle o acompanhassem.

Alguns o acompanhariam, sim, enquanto outros não; assim, meu pai preparou a viagem com aquêles que quisessem ir com êle, deixando o primo Aaron como chefe dos Willetts que ficavam.

Meu pai partiu, realmente, comandando o grupo através de Kansas e de Nebraska, até que achou umas terras a seu gôsto, perto da fronteira de Wyoming e ali nos fixamos. Agora, meu pai era chefe dos Willetts de Nebraska.

Meu irmão, Ira, lembrava-se bem desta época: eu não, porque ainda não era nascido, o que ocorreu sòmente um ano depois de estar a minha gente naquelas terras. Será, talvez, porisso, que aquela velha rixa com os Tavenners nunca me tocou muito fundo. Era como **uma história que me contassem.** Meu pai e os primos, que tinham vindo com êle, discutiam muito o assunto e ouvi, várias vêzes, tôdas as lutas e todos os tiros.

"Ruim como um Tavenner" — dizia meu pai quando queria mesmo ofender um homem. Era o pior insulto que conhecia para dizer. Mas, apesar de tudo isso, aquilo me parecia coisa passada e terminada, lá no Missouri.

Porém chegou o dia em que meu irmão, Ira, voltou para casa com o rosto ferido, um ôlho roxo e inchado e um talho de faca no braço esquerdo.

Ira tinha, então, talvez 20 anos, e eu apenas onze. Êle era um bom irmão, embora não tivesse muito tempo para estar comigo. Trabalhávamos muito, porém êle mais que todos, pois ajudava o velho na época da plantação — primavera e verão — e, no outono e inverno, arranjava colocação em outras fazendas, perto da froteira. Ùltimamente, durante o inverno, trabalhava na demarcação de uma fazenda, e dormia lá mesmo, numa cabana. Desta vez êle tinha ido à cidade comprar **umas coisas**, e voltará para casa. Quando chegou, falou com papai e foi entrando; eu os alcancei na cozinha. Conversavam:

— Na cidade?... — dizia meu pai — Nate Tavenner? Isto é coisa do Asa... e fazendo **o quê**, na cidade?

— Êles compraram umas terras, lá para o lado este — disse Ira. — Chegaram há um mês, mais ou menos...

— Estão nos seguindo, então... E' isto! Ordinários como só êles! Estão nos seguindo para arranjar barulho.

— E' possível, mas posso afirmar que êle ficou tão surpreendido como eu.

— Isto é bem a maneira dêles para enganar você. Que disse êle?

— Disse que nós, Willetts, devíamos estar gostando disto aqui, **porque havia muita vaca para nós treinarmos tiro...**

— Só um Tavenner mesmo... Espero que você o tenha malhado...

— Tentei. Tentei mesmo.

— Mas êle puxou faca para você, não foi? Você devia estar com a sua espingarda... o que é que você usou para a defesa?

— Peguei uma garrafa quebrada... e o teria matado, se não me agarrassem...

— Devia ter liquidado com êle... Matar um Tavenner é o mesmo que matar uma cobra...

E assim começou novamente o barulho; a rixa foi, por assim dizer, transportada de Missouri para aquêle território. Meu pai, Ira e os primos de Nebraska e respectivos descendentes discutiram o assunto e esvaziaram várias garrafas de bebida enquanto discutiam. Meu pai falou enfim:

— Só há uma coisa a fazer: os Tavenners empestaram as terras do Missouri e agora já estão aqui para fazer o mesmo! Só nos resta varrê-los daqui, de uma vez, antes de que se firmem. Mas Ira parte amanhã para a fazenda onde trabalha; não seria justo que êle perdesse a luta que vamos ter e, como o inverno se aproxima e a neve atrapalha tudo, esperaremos a primavera e, quando a nevada passar, nós nos reuniremos e poremos fora daqui, a correr, todos os Tavenners; será uma limpeza nestas terras.

E assim Ira partiu novamente para o seu emprêgo, lá na colina, e nós continuamos os nossos afazeres, esperando a primavera.

Foi um inverno duro aquêle — a neve estava alta no chão e cada vez caía mais. Poucos se arriscavam a viajar, então, porque as estradas ficavam obstruídas; e foi por isso que só em princípios de março Mr. Frollin veio à nossa casa. Ficamos todos admirados quando êle entrou por nossa porteira, com seu cavalo, saltou e bateu à porta da cozinha. Êle era o patrão de Ira e só viera a nossa casa uma vez, para contratar os serviços dêle.

— Entre, entre! — falou meu pai — Sente-se, por favor! Algum recado de Ira para nós?

Mr. Frollin entrou, sentou-se, e não disse uma palavra por alguns minutos. Olhou para meu pai, sentado à frente dêle, e para minha mãe, perto do fogão; então, respirou com fôrça e disse:

— Eu não gosto de dar esta notícia, mas não tenho outro jeito, pois o rapaz era meu empregado.

— Fale! — disse meu pai — Que foi que êle fêz?

— Êle está morto! Não sei qual foi o motivo mas, enquanto trabalhava no campo, êle se encontrou com um outro rapaz que também trabalhava para a fazenda vizinha, e logo êles atiraram um contra o outro. Meu encarregado estava conferindo a colheita, quando ouviu os tiros, e ao chegar lá o outro estava morto e seu filho agonizava, mas ainda pôde mandar-lhe um recado!

— Espere! — atalhou meu pai — Como era o nome do outro?

— Tavenner. Nathan Tavenner. Era novo na zona...

— Qual foi o recado?...

— Êle mandou dizer ao senhor que tinha acabado de matar uma cobra e que ajustara a conta...

Meu pai não disse uma palavra. Poucos minutos depois Mr. Frollin falou novamente:

— Mandarei as coisas dêle depois, quando as estradas estiverem melhores. Êle está enterrado lá. Ambos estão! Não se podia fazer outra coisa. O encarregado os enterrou. O chão estava duro de gêlo, mas êle cavou bem fundo para que nada pudesse acontecer. Fizemos o que foi possível, pois não podíamos trazer os corpos com o mau tempo que fazia.

— Sim, o tempo... Quando foi que isso aconteceu?

— Um pouco antes do Natal... Nevava muito e ventava também. Sinto muito não ter podido ..

E Mr. Frollin parou de falar. Minha mãe chorava baixinho; não conseguia falar, mas finalmente disse:

— E nós festejamos o Natal, aqui, tão alegremente, enquanto o pobrezinho já estava enterrado naquele solo frio.

Cambaleou junto à parede, foi escorregando até cair no chão, cobriu o rosto com o avental e começou a soluçar. Meu pai, ainda sentado na cadeira, puxava os próprios cabelos.

— Por favor, não se acanhem! — disse Mr. Frollin — Se eu puder fazer alguma coisa...

— Não — respondeu meu pai. — Obrigado! O que se puder fazer, nós os Willetts faremos!

Mr. Frollin se levantou da cadeira e, como ninguém lhe dissesse mais nada, saíu devagarinho e fechou a porta. Meu pai continuava sentado, puxando os cabelos; minha mãe, sentada no chão, com o avental cobrindo o rosto, soluçava.

Eu, muito pálido, saltei para o chão, sem saber o que pensar. Aquilo tudo me parecia uma pesadelo.

— Josiah — falou minha mãe por trás do avental — você vai deixar o nosso filho lá enterrado naquela terra gelada?

— Ora, mulher, estamos casados há mais de vinte anos e você ainda não me conhece! Deixar nosso filho lá — **ao lado de um Tavenner?**

E meu pai, já de pé, começou a andar de um lado para outro, agitando os braços. Por fim disse:

— Tire o avental do rosto, mulher, e olhe para êste tempo. Se eu pudesse viajar com um tempo dêsses...

E assim continuamos com o nosso trabalho, esperando pelo degêlo. Meu pai tinha uma carroça pronta e dentro



Com a fúria de um velho ódio, os dois rapazes atiraram um contra o outro.

dela um caixão funerário. Já escolhera em nosso terreno o lugar para a sepultura. Ficava por trás da casa, num ponto em que nenhuma possível enchente atingiria. Havia umas árvores em volta e, no verão, podia-se sentar ali; à sombra, calmamente, e avistar tôda a propriedade em volta. Êle já limpara a neve e cavara a sepultura, embora levasse três dias para isso.

Estávamos no fim de março e o vento varrera os restos de inverno, a neve derretera e o sol se **ensaiava**, de vez em quando. Certa manhã, meu pai mandou que eu fôsse dizer aos primos que viessem olhar um pouco as nossas terras e fazer companhia à minha mãe, e quando voltei, êle já tinha tudo pronto e me disse que, se eu quisesse, podia ir com êle para ajudar a cuidar dos cavalos, e eu fui. Pulei para o seu lado e partimos.

A neve já não nos atrapalhava, mas se a carroça estivesse muito carregada teríamos atolado algumas vêzes. A passagem pelos riachos também foi dura. Em um dêles os cavalos não deram pé e tivemos que saltar e puxar a carroça que submergia. Enquanto fazíamos isso, o caixão soltou das cordas e foi boiando nas águas. Tivemos que correr para a margem e acompanhar a correnteza, indo pegá-los muitos metros abaixo. Voltamos e o amarramos bem. Por sorte, a cesta das comidas ficara no banco mais alto ou teríamos perdido tudo. Passamos todo o resto dêsse dia e todo o seguinte viajando para o rancho de Mr. Frollin. Meu pai, curvado no banco da carroça, dirigia os cavalos e olhava para a frente; quando queria descansar, apenas uns instantes, entregava-me as rédeas. Só falava para responder a alguma rara pergunta minha, e fazia-o com monossílabos, para continuar calado. Eu estava impressionado, pensando em Ira, enterrado lá na colina.

— Pai! — falei — Como será que êle está?

— Como sempre foi.

— Mas já faz três meses...

— Meses frios, e o frio conserva tudo!

Eu não podia esquecer... Andamos mais um pouco e eu tornei:

— ...E se tiver feito um calorzinho sob a terra... e não fôr possível saber **qual é êle?...**

— Ora, menino... páre de dizer asneiras! Êle estava usando o anel de seu avô... Isto dá para identificá-lo!

Quando chegamos ao rancho, Mr. Frollin veio ao nosso encontro e nos ensinou o caminho mais curto para a sepultura, enquanto perguntava se queríamos alguém para nos ajudar, mas meu pai respondeu:

— Não. Um funeral é assunto só da família.

Já íamos saindo quando Mr. Frollin ainda disse:

— Passou outra carroça por aqui, há dois dias...

Asa Tavenner? — perguntou meu pai, parando os cavalos.

— Sim; e com dois garotos assim como êste seu.

Meu pai nada mais disse. Instigou os cavalos e partimos em disparada, os cavalos quase sem fôlego, pois o caminho era em subida muito íngreme.

Quando chegamos, não vimos pessoa alguma lá. A julgar por ali, o mundo era um deserto. Apenas marcas no chão, no lugar onde alguém estivera cavando, recentemente.

Tiramos a pá e a enxada e começamos a cavar a terra.

Quando atingimos algo envolto em lona agimos com todo cuidado, até que o volume ficou descoberto. Meu pai, encostado no cabo da pá, ficou longo tempo olhando aquêle embrulho de lona.

— Agora, chega pra longe, menino. Isto talvez não sirva para você olhar. Você é muito criança.

Afastei-me um pouco e fiquei olhando de longe. Achei boa a idéia de me afastar, pois já estava sentindo um frio no estômago e talvez não fôsse apenas por causa do cheiro esquisito que pairava no ar. Vi meu pai levantar, com cuidado uma ponta da lona e ficar olhando. Olhar duro; parecia patrificado, ali. Ao fim de pouco tempo deixou cair a ponta da lona e olhou ao redor, como se não soubesse onde estava. Depois, pareceu me ver e veio em minha direção. Quando falou, sua voz parecia um sussurro, vindo de longe:

— Parece que fêz um calorzinho sob a terra... Já não se pode mais identificar... e o anel não está lá na mão do morto.

Eu o olhava, espantado, e, de repente, êle tirou o chapéu e arremessou-o ao chão, dizendo furioso:

— Aquêle maldito Tavenner... levou o nosso Ira!

Depois disso, meu pai começou a agir como um desatinado. Eu me sentia doente e incapaz de fazer o que quer que fôsse. Êle, taciturno e apressado, foi ao lugar onde havíamos cavado e, carregando nos braços o vulto enrolado na lona, depositou-o na carroça ao lado do caixão. Apanhou, a seguir, a pá e a enxada, e colocou-as também na carroça, depois pulou para a direção e me chamou. Consegui, não sei como, pular para o seu lado — e partimos.

— Pai .. Que vamos fazer agora?

— Vamos descobrir aquêle maldito Tavenner e, haja o que houver, traremos o nosso Ira conosco!

Seguíamos a tôda velocidade porque, agora, aproveitávamos o declive e papai estava com pressa; mesmo assim, não conseguíamos escapar do cheiro que se desprendia da carga que trazíamos no fundo da carroça. Eu me sentia cada vez mais doente, e os cavalos estavam inquietos e viravam a cabeça; meu pai, por sua vez, respirava com esfôrço.

— Não! — disse meu pai, de repente. — Não é possível!

Rodamos mais um pouco; seria hora de comermos qualquer coisa, mas não tínhamos fome, e o mau cheiro nos perseguia, pois estava conosco, na carroça.

— Revolta-me ter de fazer isto! — tornou meu pai a falar misteriosamente — Mas sei que Ira me compreenderia.

Então, saltando da carroça, foi para a parte de trás do veículo, levantou o corpo envolto em lona e, abrindo o caixão que fizera para Ira, guardou no seu interior a carga macabra.

Recomeçamos a viagem. Eu me sentia um pouco melhor, não sei se apenas por causa do cheiro

que passara. Seguimos rodando e, pouco além, passamos, sem parar, pelo rancho de Mr. Frollin.

Já havia estrêlas no céu quando resolvemos parar, comer alguma coisa e descansar um pouco.

Assim que começou a clarear o dia, meu pai me sacudiu com energia e partimos novamente, a tôda velocidade. Obrigávamos os cavalos a correr o máximo; o terreno estava mais sêco e assim ganhávamos tempo. Eu estava tão preocupado, pensando no que iria acontecer, que até me espantei quando meu pai falou para mim:

— Seremos cautelosos e educados. Assim deve ser quando se trata dos mortos e de funerais de família. Não esqueça, meu filho! Se êle me provocar, faça com que eu me controle!

Rodamos mais um pouco até que, chegando perto da estrada de nossa casa, tomamos a estrada do Leste, onde meu pai sabia que moravam os Tavenners. Seguimos o rastro que a carroça dêles havia deixado e finalmente chegamos.

Era um terreno irregular, com leiras bem marcadas fazendo a separação das propriedades. Havia uma habitação mais baixa, construída numa depressão do terreno. Mais adiante o campo e no campo estava um homem arando.

Meu pai fêz parar a nossa carroça e olhou em volta. Eu também olhei. Era um campo como muitos outros, onde não era possível fazer muita coisa. O homem virou-se e nos viu. Parou o arado, protegeu os olhos com a mão, para poder olhar de longe. Largou, então, o arado e veio em nossa direção. Quando chegou mais perto, parou, protegeu os olhos com a mão outra vez, e olhou firme; então apressou o passo em direção à casa; dois garotos, mais ou menos da minha idade, vinham saindo, mas êle os fêz entrar novamente com êle. Reapareceu pouco depois com um rifle na mão e caminhou para nós.

Eu não sei bem o que esperava encontrar quando visse um Tavenner pela primeira vez, mas parecia-me que seria algo tenebroso, temível e diferente. Êste homem, entretanto, nada tinha de temível. Era, apenas, um homem rude e de aspeto muito fatigado. Era um homem como muitos outros que eu conhecia — como meu pai, como meus primos Willetts — magro,

(Cont. na pág. 117)

★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA



GRACIELA ELIZALDE

Tenho hoje, para minhas leitoras, duas receitas de pratos de vitela, que me foram fornecidas pelo "Instituto de Economia Doméstica". Devo acrescentar que já experimentei ambas as receitas, e foram elas grandemente apreciadas por parte de minha família.

VITELA COM TALHARIM

Meio quilo de carne de vitela, sem osso
1/4 de xícara de manteiga vegetal
Duas colheres de farinha
Três colherinhas de sal
1/4 de colherinha de pimenta em pó
Nove xícaras de água
Uma colherinha de môlho inglês
Duas xícaras de cebolas pequenas, descascadas
Uma xícara de cenouras picadas
Meia xícara de aipo bem picado
300 gramas de talharim (duas xícaras e meia, mais ou menos)
Duas colheres de manteiga ou margarina
Nove pimentões verdes.

Corte-se a carne de vitela em pequenos cubos. Derreta-se a manteiga, em uma caçarola grande, em fogo vivo. Ajunte-se a carne e deixe-se tostar. Misture-se a farinha, duas colherinhas de sal, pimenta e pimentão; derrame-se essa mistura sôbre a carne, misturando-se tudo bem. Ajunte-se uma xícara de água, môlho inglês, cebolas, cenouras e aipo. Tampe-se a caçarola e, quando começar a sair vapor, baixe-se o fogo. Deixe-se cozinhar durante vinte e cinco minutos.

Depois que a mistura de carne tenha cozinhado durante 15 minutos, coloquem-se dois litros de água e uma colher de sal numa caçarola de 3 litros. Deixe-se ferver, e coloque-se, gradualmente, o talharim na água, sempre fervendo. Baixe-se o fogo e deixe-se ferver durante uns 10 ou 12 minutos. Passe-se o talharim num coador, ajunte-se a manteiga e deixe-se que essa se derreta. Misture-se o talharim com a manteiga. Piquem-se os pimentões, misture-se a carne com os mesmos. Tampe-se e deixe-se cozinhar durante uns cinco ou dez minutos, até que os pimentões fiquem macios. Serve-se a mistura da carne sôbre o talharim com manteiga.

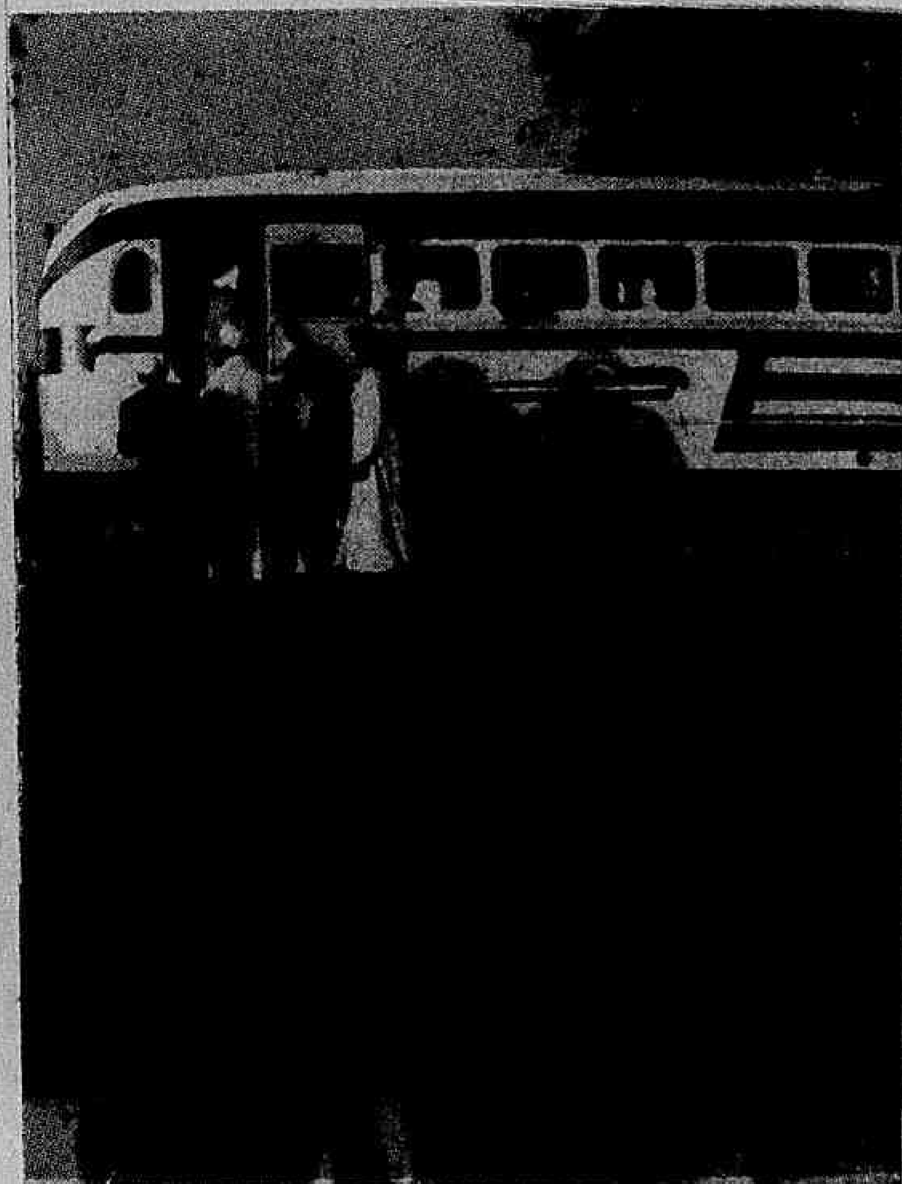
COSTELETAS DE VITELA

Meio quilo de carne de vitela
Farinha de pão (uma xícara mais ou menos)
Um ôvo batido com uma colher de água
Meia xícara de manteiga
Uma xícara de leite coalhado
Uma cebola de tamanho médio, em talhadas
Uma colherinha de pimenta em pó e uma colherinha e meia de sal.

Corta-se a carne de vitela em seis pedaços, passa-se na farinha de pão e depois no ôvo batido e de novo na farinha de pão. Derrete-se a manteiga numa frigideira grande, em fogo vivo. Fritam-se as cebolas até ficarem tostadas, mexendo-se, de vez em quando. Tiram-se as cebolas da frigideira e põe-se a carne, até que toste, de ambos os lados. Ponha-se a carne e as cebolas numa caçarola de dois litros, devidamente untada. Misture-se a pimenta, o sal e o leite azêdo e ponha-se a mistura por cima da carne. Tampa-se a caçarola e deixa-se cozinhar durante uma hora e meia.

500 MILHÕES

Por RENÉ LECLER



São poucos os civis nativos que vivem na zona do Canal, mas, dada a tremenda importância dessa faixa de terra, seus movimentos são severamente controlados.

DESDE o momento atual até à realização de um acôrdo entre a Grã-Bretanha e o General Naguib, muitas hipóteses serão formuladas a respeito do futuro do Canal de Suez, essa passagem de 100 milhas de água através das areias do Sinai, entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho.

Desde há muito um assunto de importância puramente comercial, constitui-se agora no ponto focal do Mediterrâneo Oriental e o centro nevrálgico de onde é dirigida a defesa do Oriente-Médio. Portanto, sejamos claros a respeito do Canal de Suez, revelando o que êle é, o que não é, e qual a posição da Inglaterra.

Inicialmente, vejamos **o Canal**. Não é uma possessão britânica, embora o interêsse dos inglêses no mesmo seja enorme. Quando, há cêrca de um século, o grande engenheiro francês Ferdinand de Lesseps recebeu uma concessão do Vice-rei do Egito, Mohammed Said, para construir o canal, tornou a sua companhia, a "Compagnie Universelle du Canal Maritime de Suez", um verdadeiro baluarte, representando o seu país natal. A língua dominante no local das obras tornou-se o francês, como franceses eram quase todos os seus auxiliares, e o seu quartel-general estava (e ainda está) situado em Paris. A maior parte do dinheiro para as despesas foi dada, secretamente, por capitalistas da França, Espanha, Holanda e Escandinávia. Sòmente a partir de 1875 — seis anos depois da inauguração do Canal — foi que a Grã-Bretanha se tornou diretamente relacionada com essa importante obra de engenharia, graças à luminosa intervenção de Benjamin Disraeli. Sabedor de que o Khediva do Egito, perpètuamente em débito com outras nações, desejava vender a parte que lhe pertencia na Zona do Canal, o **Premier** britânico entrou em negociações com o potentado e comprou o lote de terra, numa proporção de 176 602 unidades para um total de 400 000, pela irrisória importância de quatro milhões de libras! Durante os vinte anos posteriores a 1900, a companhia dobrou o número de suas cotas, e o Govêrno Britânico efetuou várias trocas de pequena importância, de modo que, atualmente, a Inglaterra conta com 353 504 partes, ou sejam, 44,2 por cento do total e, embora seja a nação detentora da maior cota das terras na Zona do Canal, não tem todo o poder de contrôle do mesmo.

CAMPANHA VIOLENTA

Para não entrar em conflito com as leis egípcias, a companhia é agora egípcia — de nome, pelo menos; as suas atividades e negócios são ainda dirigidos de um belo edifício na Rue d'Astorg, em Paris, e administrados no local por

DE LIBRAS ENTERRADOS NO SUEZ

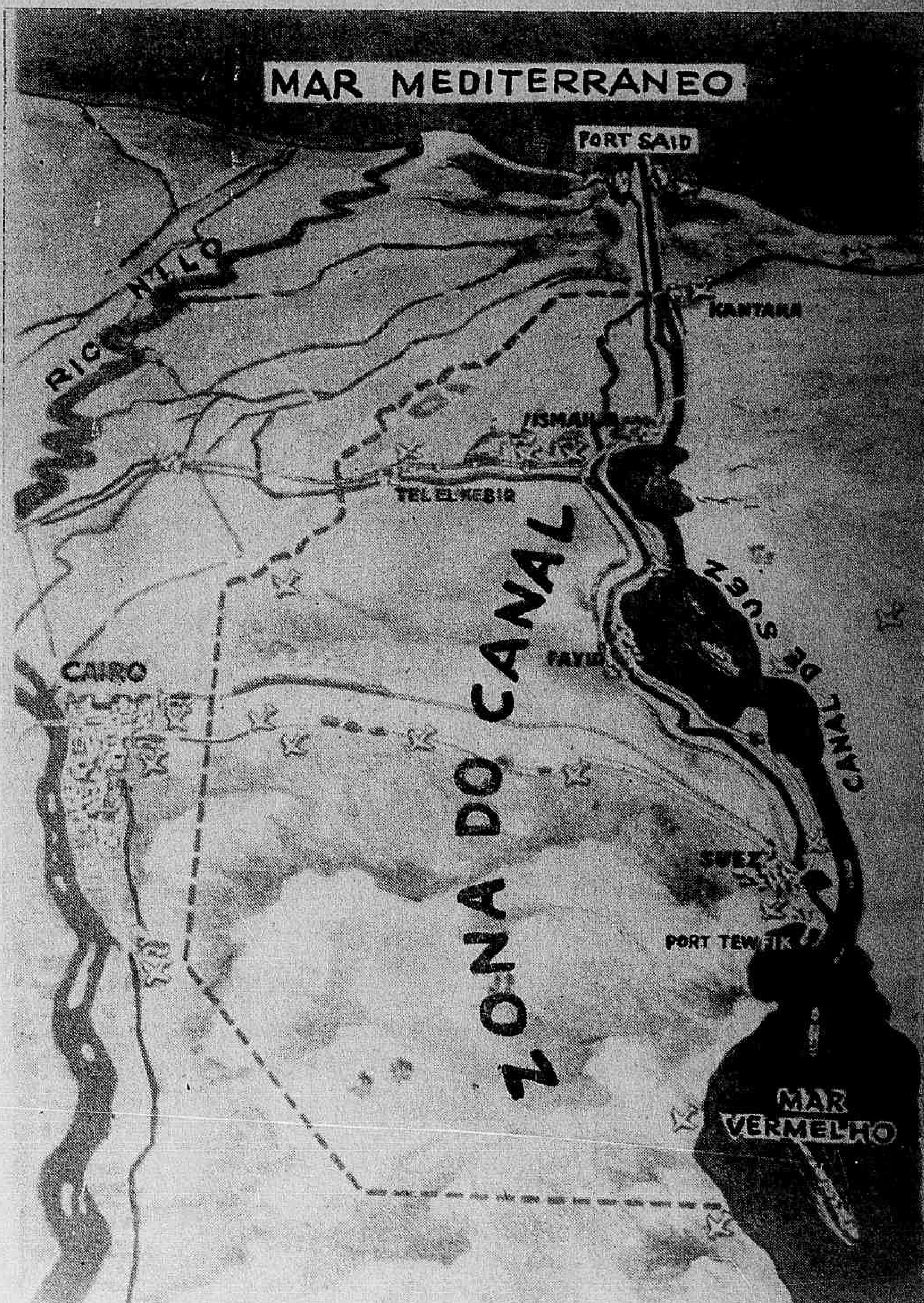
um "agent superieur". A companhia conta com 32 diretores, dos quais 16 (incluindo o presidente, Monsieur François Charles-Roux) são franceses, nove são inglêses (inclusive três, nomeados pelo govêrno britânico), um é holandês, um é americano e cinco são egípcios.

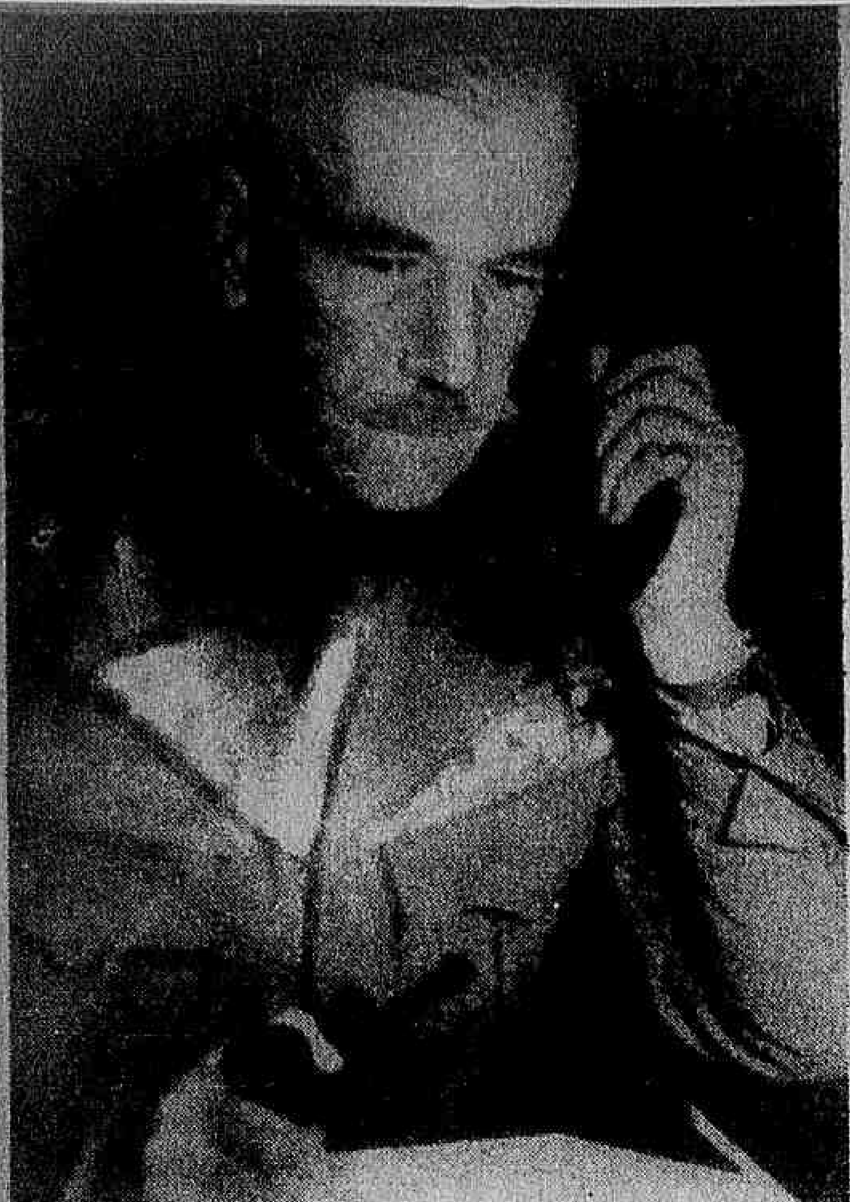
A companhia, como organização distinta da Inglaterra, tem tido suas próprias dificuldades com o Egito. Por mais de 80 anos, os egípcios têm desejado a inteira possessão do Canal. As relações entre a **Rue d'Astorg** e o **Cairo** podem ser melhor descritas como uma mistura de polida boa-vizinhança e ignorância estudada.



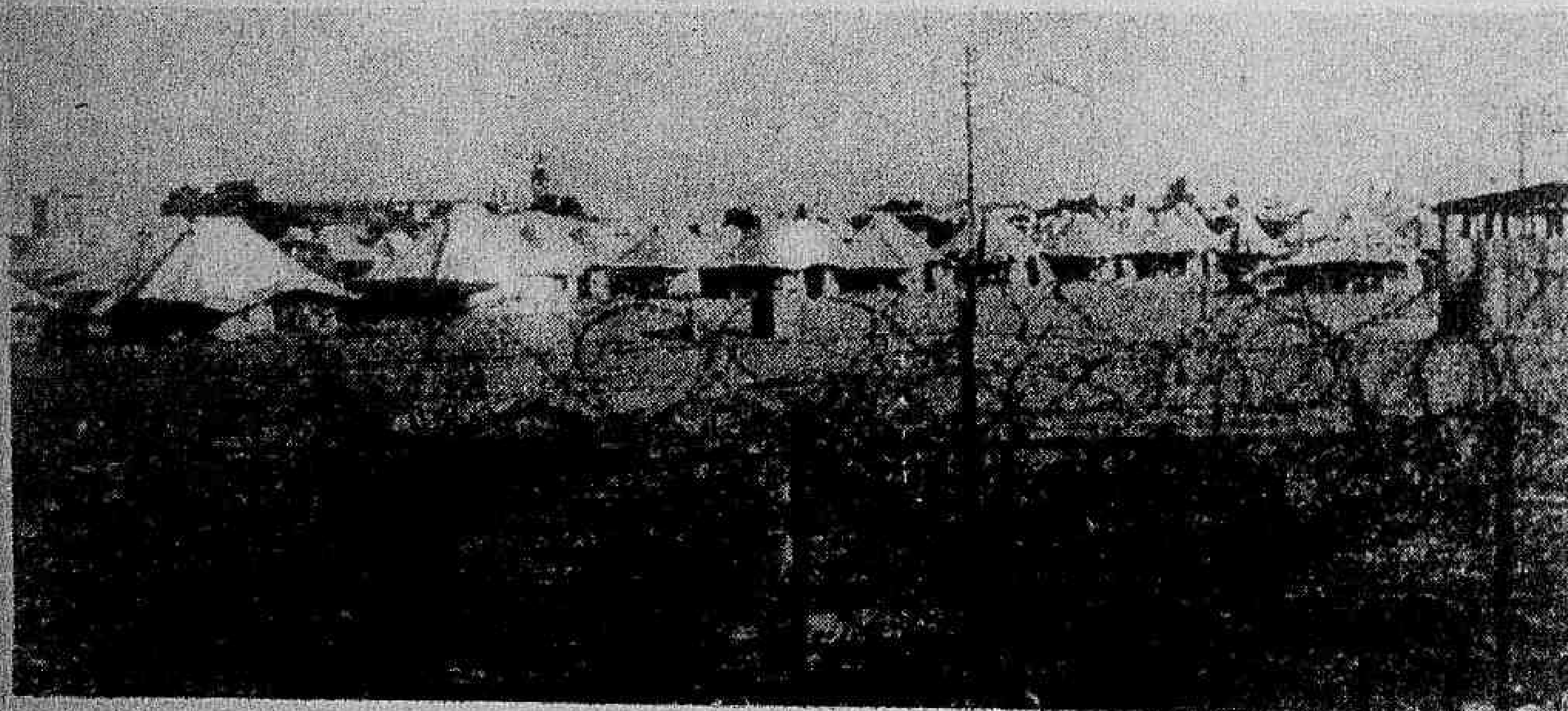
No remoto ano de 1909, por exemplo, a companhia pediu ao Egito que lhe concedesse uma prorrogação de 40 anos, no arrendamento de 99 anos que havia feito — isto numa época em que estava sendo gasto muito dinheiro em melhoramentos e no alargamento do Canal. O govêrno do Cairo estava propenso a concordar com tal pedido, mas os elementos fanáticos fizeram uma campanha violenta contra a companhia, sendo o projeto denegado no Parlamento egípcio. A companhia não mais tentou obter uma revisão no arrendamento que lhe fôra feito, mas, com o correr dos anos, tem continuado a inverter dinheiro, de um modo mais louvável, e os melhoramentos assim conseguidos reverterão ao Egito, de acôrdo com a concessão, em 17 de novembro de 1968 — dentro de 15 anos, portanto. Ainda no ano passado, milhões estavam sendo gastos na escavação de uma nova passagem na parte central do Canal.

Os sucessivos governos egípcios não têm acedido jamais em discutir o futuro do Canal de Suez com qualquer outra potência, preferindo esperar pelo ano de 1968. Uma coisa, porém, ainda não foi compreendida totalmente. De acôrdo com a concessão obtida por Ferdinand de Lesseps, apenas o Canal, **e não o equipamento,** reverterá à propriedade do Egito. As rêdes, os tirantes, as bombas e as estações hidráulicas, pontes e produtos empregados na manutenção e conservação do material, atingindo a um total de milhões, terão que ser comprados pelo Egito,





General Sir Brian Robertson, comandante-em-chefe das Fôrças Terrestres do Oriente Médio, cujo quartel-general está situado na Zona do Canal.



Um dos campos permanentes das fôrças inglêsas, próximo a Fayid; milhares de tendas do exército, assentadas em alicerces de concreto, são encontradas no deserto, entre Port-Said e Suez. São as residências provisórias de oitenta mil soldados britânicos.



Alguns dos canhões existentes na região. Em diversos pontos daquela zona podem ser encontradas grandes quantidadee de material bélico, que ali foi acumulado durante a guerra. A zona do Canal constitui um importante centro de defesa do Oriente-Médio.

se não forem removidos pela companhia.

Mas, se não mostram disposição para discutir o futuro do Canal, os egípcios se encontram extremamente ansiosos e interessados na atual administração do mesmo. Periòdicamente, aquêle país tem feito pressão sôbre a companhia, para admitir maior número de egípcios no seu quadro de 775 técnicos. Finalmente, há dois anos, a companhia concordou em aumentar o número de diretores egípcios de dois para cinco e, eventualmente, para sete, em detrimento das cotas francesa e inglêsa. Em adição a isto, a companhia concordou em recrutar mais egípcios como pilotos e técnicos, e em pagar ao Egito sete por cento dos recebimentos anuais, os quais, em 1952, por exemplo, montaram a 26 730 000 libras.

TRÁFEGO VITAL

Apesar dos seus altos e baixos através dos anos, a palavra Suez é ainda sinônimo de bons negócios. Há poucos meses, o fechamento da refinaria de Abadan e a abertura da nova linha de condutos Trans-Arabiana, que leva diretamente o óleo desde o Gôlfo Persa até ao Mediterrâneo, deu a impressão de que iria diminuir a receita do Canal de Suez. Mas os dados estatísticos têm mostrado que, quase exatamente ao mesmo tempo, os campos de petróleo de Kuwait foram grandemente expandidos, isto compensando a tonelagem perdida em relação a outras fontes.

O tráfego de navios-tanques é vital para o Canal: soma 60 por cento da tonelagem total em trânsito entre Suez e Port-Said, e esta tonelagem não mais vem em pequenos navios dêsse tipo, mas em novas e gigantescas embarcações de 20 a 30 mil toneladas. Atualmente (fato verdadeiramente curioso), o tráfego de gasolina, que, durante muito tempo, foi feito sòmente num sentido (do sul para o norte) tomou incremento também no outro sentido. Desde o "caso de Abadan", as refinarias européias têm enviado petróleo para a Ásia!

Em 1952, 12 170 navios, totalizando mais de 86 milhões de toneladas transportadas passaram pelo Canal de Suez, sendo que 4 200 (33 por cento do total) de bandeira inglêsa o que ilustra a importância do Canal para o mundo e para a Inglaterra.

Os navios britânicos superam em larga escala o número dos de outras nações, vindo em segundo lugar a Noruega, com 16 por cento, e, em terceiro, a França; incidentalmente, 75 navios russos cruzaram o Canal, em 1952.

Desde a sua abertura, o Canal de Suez tem sido "a chave'' para a Índia e para a cadeia de possessões da Comunidade Britânica. E', agora, uma das principais artérias do mundo livre, tanto no que diz respeito ao comércio, quanto à defesa da soberania das nações ocidentais. A preocupação britânica com respeito a êsse ângulo vem de muito longe. O **Drang Nach Osten**, do Kaiser Guilherme II, e, vinte anos depois, os exércitos de Hitler, exigiram um severo policiamento do Canal, durante as duas grandes guerras.

Mas o início dêsse policiamento, por parte da Inglaterra,

vem do ano de 1882, quando um aventureiro militar egípcio, o Pachá Arabi, confiscou as propriedades britânicas e francesas no Cairo e em Alexandria, tentando, a seguir, apossar-se do Canal. Enquanto os franceses procuravam resolver a questão diplomàticamente, um exército inglês, sob o comando do General Sir Garnet Wolseley, desembarcou em Alexandria, ocupou o Cairo e avançou para o Canal. As tropas inglêsas alcançaram Ismailia 24 horas antes das de Arbi, e o Canal de Suez continuou aberto.

A partir daí, a Grã-Bretanha foi, tàcitamente, reconhecida como "a defensora da Zona do Canal'' e, em 1888, um tratado foi assinado em Constantinopla, dêle fazendo parte a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha, a Áustria, a Itália, a Rússia, a Espanha, a Turquia e a Holanda, e no qual ficava assegurado que "O Canal Marítimo de Suez será sempre conservado livre e aberto, tanto em tempo de guerra como de paz, a todos os navios mercantes ou de guerra, sem distinção de bandeira. O Canal não deverá ser submetido jamais ao regime de bloqueio.''

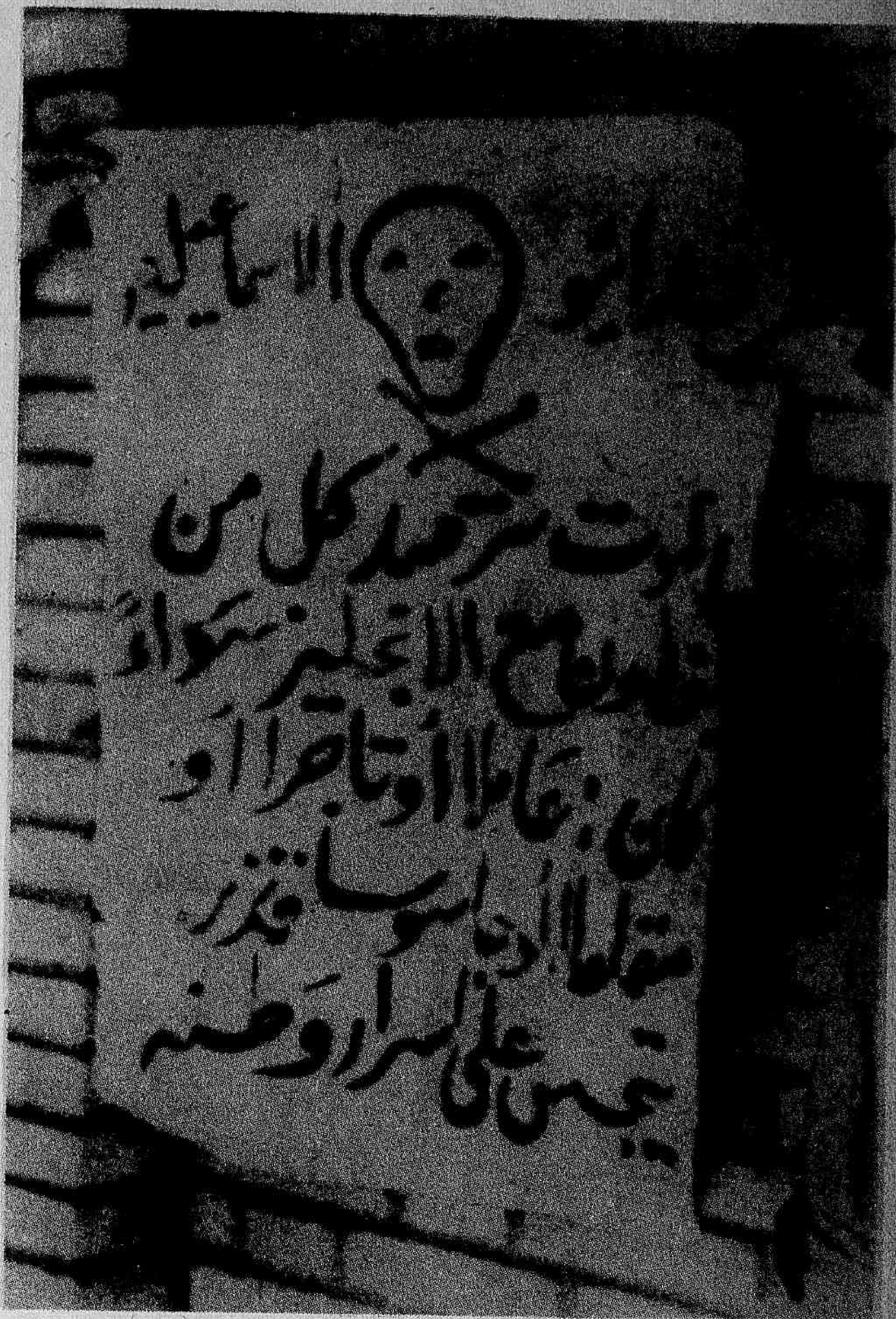
RESPONSABILIDADE BRITÂNICA

E assim as coisas permaneceram por três décadas. Durante a Primeira Grande Guerra o Canal foi defendido contra os turcos, travando-se uma batalha em suas proximidades. Em 1936, o Egito foi unificado pelo Rei Fuad. Pelo famoso Tratado Anglo-Egípcio daquele ano, assinado por Eden e o líder Wafdista Pachá Mohammed Nahas, o Egito passou a ser um país independente, tanto **de direito** como **de fato.** Os administradores egípcios ficaram incumbidos de tôdas as tarefas até então afetas aos supervisores britânicos. No entanto, a proteção ao Canal deveria continuar sendo uma responsabilidade da Inglaterra, enquanto durasse o Tratado — 20 anos.

O artigo 8 dessa Convenção diz o seguinte: "Em vista de ser o Canal de Suez, parte integrante do Egito, um meio universal de comunicação entre as diferentes partes do Império Britânico, Sua Majestade, o Rei do Egito, até uma época em que, de acôrdo as Partes Contratantes, possa o Exército Egípcio assegurar, por seus próprios recursos, a liberdade e a completa segurança de navegação no Canal, autoriza Sua Majestade, o Rei e Imperador a manter fôrças britânicas no território egípcio, nas vizinhanças do Canal, na Zona especificada no Anexo a êste artigo.''

"Até uma época em que...''

Esta é a causa de todo o desacôrdo atualmente existente entre o Egito e a Inglaterra. Até que um novo Tratado seja assinado, as tropas britânicas, pela letra da lei, devem permanecer na Zona do Canal, pelo menos até o ano de 1956.



"Morte para quem auxiliar os inglêses"! Êste cartaz foi colocado numa parede pelos nacionalistas egípcios, como um aviso para os seus compatriotas menos exaltados.

Mesmo então, sendo a súbita evacuação das tropas um meio insatisfatório de assegurar a futura segurança do Canal, a Inglaterra deseja que o Egito lhe apresente seus próprios planos de defesa, para o momento em que tomar a si a responsabilidade que atualmente diz respeito à Grã-Bretanha. No

ano passado, em acôrdo com os Estados Unidos, a Inglaterra ofereceu ao Egito uma parte igual nos conselhos de defesa do Oriente-Médio.

Isto foi recusado, da mesma forma que tôdas as demais ofertas britânicas a respeito do Canal. Em Novembro de 1951, o Egito denunciou unilateralmente o Tratado, na esperança de que a Grã-Bretanha tomasse uma decisão apressada a respeito, o que não aconteceu.

Assim, em meio a uma população hostil, atormentados pelo tempo, pelo deserto e pelo aborrecimento, milhares de soldados britânicos se mantêm atualmente na Zona do Canal de Suez.

E qual é essa "Zona"?

Imaginem um vasto areal de **praia britânica**, tendo, de um lado, as águas azuis do Canal, e, de outro, uma imensa extensão de areia, quase ilimitada, numa extensão de inúmeras milhas. Terão, assim, uma boa visão da Zona do Canal. Desde Port-Said, no norte, até além de Suez, ao sul, compreende 70 milhas em comprimento e, do Canal pròpriamente dito abrange cêrca de 50 milhas, na direção do Cairo e do rico delta do Nilo, aproximando-se dêle sem porém haver junção: é uma espécie de "bairro egípcio", isolado e vazio. Caracteriza-se pelo calor, pela monotonia, a sêca e a melancolia. No entanto, não é prejudicial à saúde humana.

Com exceção da parte próxima ao Canal de Água Doce (tão suja, aliás, que são necessários 37 processos de filtragem especial para torná-la potável), a Zona do Canal é tôda deserta. Existem poucas aldeias, centros comerciais das atividades do Oriente-Médio, como Port-Said e Suez, e o centro de discórdia, que é Ismailia. E existem ainda tendas militares, verdadeiras cidades formadas por êsses agrupamentos e plantadas permanentemente sôbre fundações de concreto, tendo encanamento de água e eletricidade. Ao sul de Ismailia ainda há Moascar, o mais velho de todos êsses redutos humanos.

Para o oeste, no centro do deserto, em Tel-el-Kebir, está situado um dos maiores centros de suprimento do mundo — tem 17 milhas de circunferência e suas avenidas são patrulhadas dia e noite. Novamente para o sul, próxima ao Grande Lago, está Fayid, uma cidade-militar, também formada de tendas e barracas, de garagens e firmas de concertos, construídas em grande escala pelos prisioneiros de guerra germânicos e italianos, entre 1940 e 1945.

AMPLO SISTEMA DE DEFESA

Fayid é o quartel-general das Fôrças Terrestres do Oriente-Médio e é, também, a residência do General Sir Brian Robertson Comandante-em-chefe das mesmas. E' o centro nevrálgico de todo o sistema de defesa britânico no Leste, que se estende desde Chipre, ao norte, até ao extremo sul da África Oriental.

Existem ali doze campos de aviação, diversos campos de treinamento e instalações secretas do Exército e da Real Fôrça Aérea. Em tôda esta região, separada das poucas cidades ao longo do Canal, não existem mais do que algumas centenas de civis egípcios. Desde que o Egito denunciou o Tratado, os nacionais não mais auxiliam na manutenção e direção da Zona do Canal e, assim, os técnicos e engenheiros britânicos dirigem as estações hidráulicas, os centros de filtração da água, as estradas de ferro e as docas. Mulheres do Corpo Real de Auxiliares Femininas estão encarregadas dos serviços de escritório e dos serviços leves. Os homens estão sempre nos campos, treinando, observando, patrulhando e fazendo os serviços pesados. Durante todo o dia, as viaturas de diversos tipos ziguezagueam através do deserto, cobrindo tôda a extensa Zona do Canal, pois a Inglaterra e o mundo livre têm muito que proteger. As instalações da Zona do Canal e o equipamento ali existente são estimados num valor de 500 milhões de libras!

TAREFA VITAL

A Zona do Canal é um recanto ideal para se passar um feriado. Uma noite na areia junto ao mar, é o sonho de muita gente, especialmente se o sol brilha durante todo o dia. No entanto, para as tropas que chegam a passar de 18 meses a dois anos naquela região, isto tem sido como um pesadelo. Daí os soldados britânicos procurarem obter o maior confôrto naquele local.

Assim, para cada pequeno campo, existe um "Naafi" bem aparelhado; existem tantos cinemas, que há uma real possibilidade de assistir um programa diferente, duas vêzes por semana. Existem, também, tanques de natação, cafés, jornais e até concertos. Os soldados podem montar, velejar nos Lagos ou tomar banhos de sol.

Existem bairros para residência de suas famílias e centros de divertimento organizados pelas espôsas dos oficiais e soldados. Assim, a vida lá não se afigura tão má, para nós, até que saibamos que ali existem oitenta mil soldados, vivendo num verdadeiro cercado, com um fundo arenoso, tendo setenta milhas de comprimento por cinqüenta de largura, sem horizonte, sem locais para compras e poucas possibilidades de avistar alguém que não esteja com a farda das fôrças militares britânicas.

Sua tarefa é extremamente vital e não pode ser interrompida, pois, se o Canal de Suez ficasse impedido, o mundo livre perderia a sua metade oriental.

★

DAS TRÊS **principais pirâmides do Egito, a de Menkerá é a menor, porém a mais rica. A antecâmara onde foi sepultado o faraó é hermèticamente fechada por três portas de granito e ouro.**

★

A ESTÁTUA de Buda Moribundo, na entrada do templo de Wat Po, em Bangkok, capital do Sião, é uma das mais fabulosas riquezas do mundo. É tôda de ouro tendo os pés embutidos em madrepérola.

NO FUTURO COMEREMOS FLÔRES

Talvez, dentro de alguns anos mais, as estufas sejam as despensas, onde os merceeiros guardam suas provisões, em substituição das câmaras frigoríficas, enquanto esperam a ocasião de levá-las ao mercado.

A ROSA
PRATO DE LUXO DE AMANHÃ

J. DE LAS CUEVAS

A imprensa acaba de publicar duas notícias que nos pareceram bastante curiosas. Uma, que o libanês Abrahão Touroda comeu sete quilos de rosas; melhor seria dizer: sete quilos de pétalas de rosas, regadas e condimentadas com azeite, numa caçarola de barro; e outra, que o holandês Laurentshohn tem vivido os últimos doze anos, alimentando-se ùnicamente com flores, que ingere cruas ou polvilhadas com açúcar, quando o fabuloso "menu" floral lhe parece um tanto fraco. A verdade é que um e outro estão encantados com êsse regime alimentício, e confessam a quem quiser ouvir que o segrêdo de sua boa saúde, e de sua invejável juventude, está na bondade de seus alimentos, nas pétalas suavíssimas e fragrantes, que penetram pela garganta com deliciosa sensação, que é como "uma injeção perpétua de vida".

Recordemos também que o "cocktail" que ganhou o primeiro prêmio em Paris, na competição internacional, organizada em 1951, foi apresentado, ante o assombro geral, com pétalas de violetas flutuando sôbre álcool!

A continuar assim, vamos ter que considerar as flores de maneira muito diferente. Somos cada vez mais bôcas a comer, neste mundo, e as flores, além de dar inteira satisfação à vista e ao olfato, vão agradar também ao paladar. Por isso, para o futuro, profetizamos estranhas e surpreendentes alterações no quadro geral de nossos alimentos. Há tempos, já o famoso dr. Tadasu Saiko, diretor do "Instituto Imperial de Investigações Sôbre Nutrição", no Japão, referindo-se às "coisas que ainda não se comem", assinalou as partes mais comestíveis de algumas desconhecidas plantas nipônicas. E, por exemplo, nessas recomendações, insistiu sôbre os valores nutritivos dos brotos do bambu, indicando também receitas, baseadas em outras plantas, que podem servir para sopas, fritadas com arroz, etc., principalmente no inverno, em virtude da grande quantidade de vitamina A, que contêm. Nesse sentido escreveu páginas e páginas, dedicadas a destacar os valores comestíveis do bulbo do lírio, assim como da raiz, das fôlhas e da própria flor da humilde violeta, as quais, sêcas e encerradas em vidros,



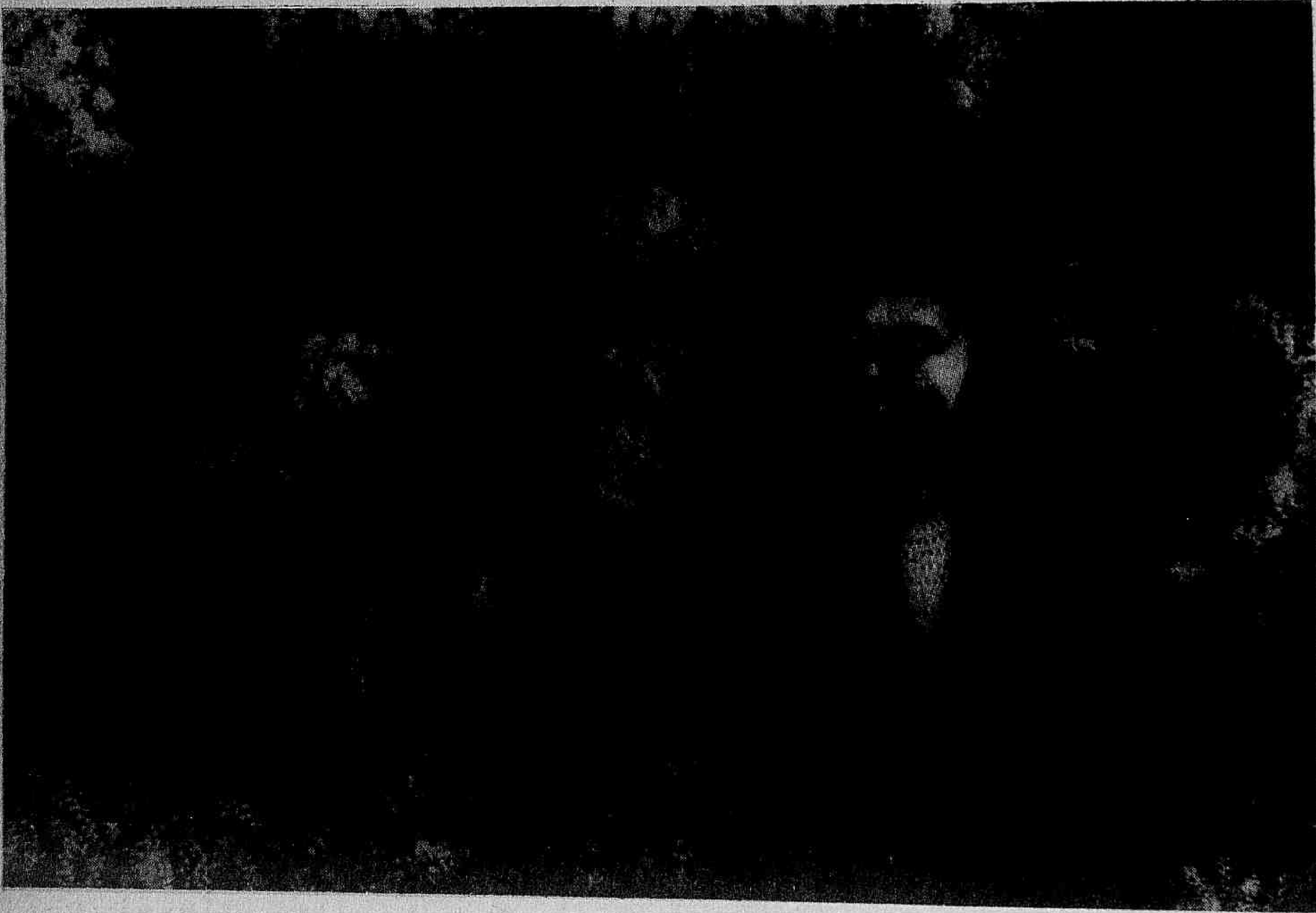


A maravilhosa rosa-chá nunca teve nome tão apropriado como agora, quando nos servirá, uma vez fanada a sua beleza, de delicioso manjar para o nosso lanche. Frias e frágeis as flores da "Phemansica angulate" serão enfeite e guloseima para um finíssimo banquete floral, em que os pratos serão obras de arte perfumadas.

adquirem um sabor que "lembra o do bife". Também as dálias, depois de cozinhadas, servem como cataplasma e como alimento. "Principalmente as vacas (escreveu Mclaren, na revista "La Hacienda", de junho de 1932) são doidas por dálias!" Da mesma forma (que tristeza!) os cravos, os jacintos, as tulipas, os narcisos, etc., são digeríveis e caso não venha, depressa, a distribuição normal de carne, essas flores serão aproveitadas largamente em tôdas as mesas.

Por um momento, pensamos nas imensas possibilidades que nos oferece a química — **de cuja idade apenas pisamos o limiar** — na opinião de Mr. Robert Aries, de Chicago, que vaticina uma verdadeira revolução na civilização humana, como uma espécie de renascimento insuspeitado, dentro de cinco ou seis anos, no máximo.

Hoje, que cobrimos o corpo fabricadas a base de petró- humano com roupas sintéticas, leo — não inflamáveis, impermeáveis e não enrugáveis — podemos falar com mais segurança — como falou um professor francês da Universidade de Lille — do aproveitamento da madeira das árvores da África como carne nutritiva e reparadora, após um processo em que as suas proteínas se transformam em fibras. Da mesma forma, não mais estranhamos que, mediante simples bombardeios radioativos e cultivos absolutamente novos, raízes de flores, que são delgadas miúdas como cabelos, adquiram pêso e forma



As donas de casa irão às chácaras de flores, como hoje vão aos mercadinhos e açougues em busca do "filet".

inusitada; que as pétalas engrossem e fiquem pesadas e carnudas.

Ou a crise de alimentação encontra outra saída ou veremos fábricas que entrarão a produzir manteiga de flores e conservas de flores prensadas, como marmelada e geléia. E tomaremos chá... de **rosa-chá**, acompanhado de biscoitos de pastas florais. E teremos adegas de vinho de rosas, como hoje temos para o **champagne**, guardando ainda, em nossa despensa, delicadas lingüiças de flores, flores enlatadas para o caso de surgir alguma inesperada visita.

Então a nossa mesa terá o perfume dos jardins e os "açougues" serão agradáveis ao olfato como são as sopas de flores...

Porque, inversamente àquele milagre, que transformou o pão em flor, estamos agora empenhados em converter a flor em pão.



Os açougues se transformarão em casas de flores e uma dúzia de rosas servirá para sobremesa nos dias de grande jantar de cerimônia. Mas custarão uma fortuna, principalmente com o tabelamento (que virá, fatalmente).



Receitas antigas e Curiosas — A rosa já foi transformada em deliciosos "sorvetes", **capazes de conservar** — conforme lemos num tratado de "Segredos de Artes e Ofícios", de princípios do século XIX — **em tôda a sua integridade, os princípios das flores e dos frutos do verão** — mas é necessário que se "tenha cuidado com a água", pois que com excesso dela (hoje nunca há excesso de água!) os sorvetes "não sairiam tão bonitos e saborosos".

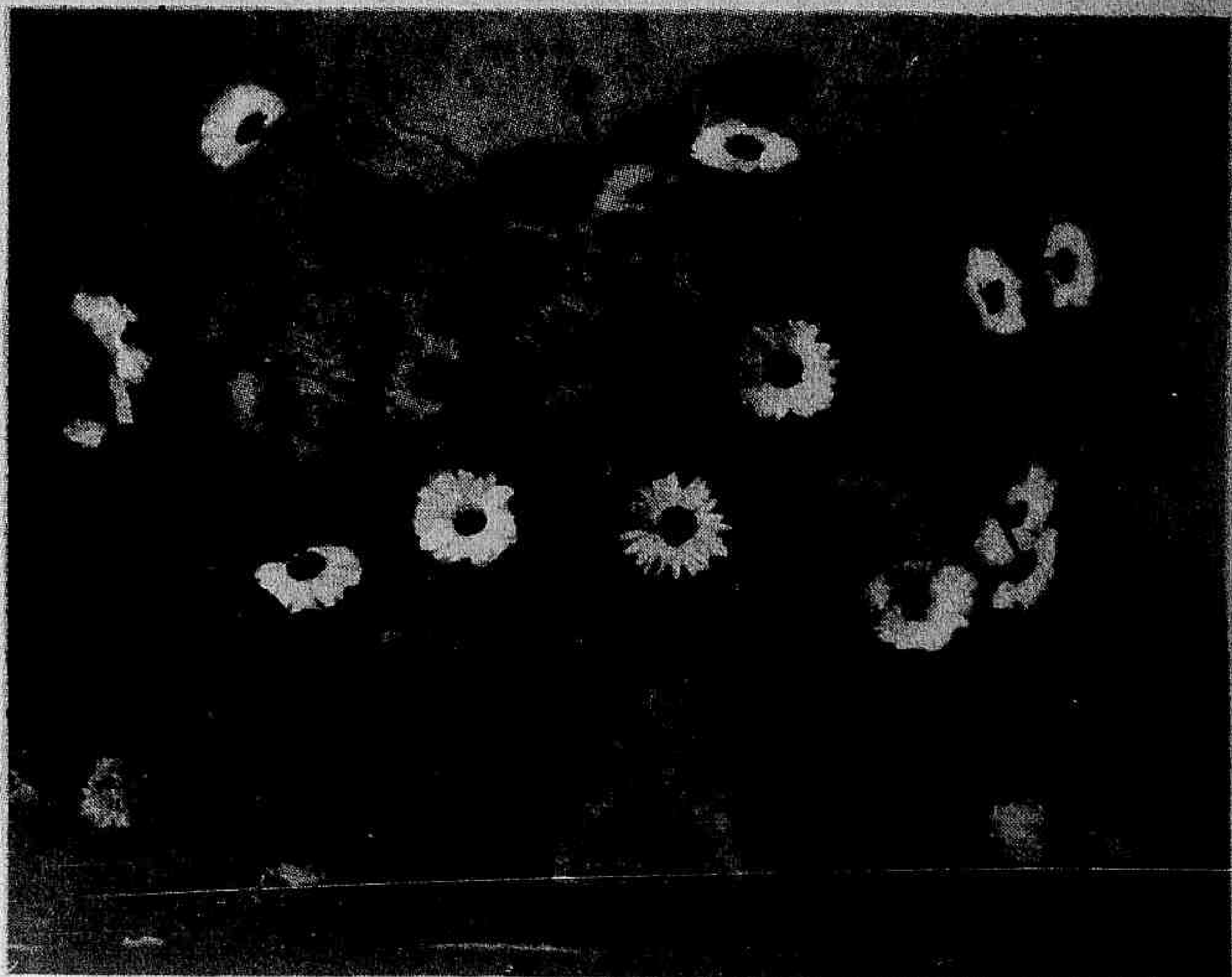
Segundo as "receitas", para a fabricação dos licores de rosas, violetas e jasmins, "é preciso obter flores" bem alimentadas e enxutas", nunca depois de **molhadas**. Quando "em sua primeira vegetação" têm que estar "perfeitamente amadurecidas e até mesmo quase emurchecidas".

Não devemos esquecer que na China comiam as pétalas da rosa em mel, "segundo receita conseguida em Paris", há uns setenta anos, por uma dama inglêsa, "branca e fina como a porcelana".

Essa receita ainda hoje comove o leitor. Segundo parece, as rosas eram escolhidas **bem abertas, ao alvorecer, ainda sudorosas de rocio**... Então suas pétalas eram arrancadas uma a uma e batidas em massa de farinha e ovos. Depois, eram separadas pequenas porções dessa pasta, e logo submergidas em azeite fervente. Dali essas porções saíam "inchadas como pastéis" e êstes, quando feitos com habilidade, "conservam a côr da rosa".

Como curiosidade, transcrevemos o comentário de uma revista espanhola sôbre essas frituras fortemente perfumadas.

"À primeira vista parece um contra-senso des-



Um quadro como, por exemplo, "Flores do Campo", de Lucília Fraga, que vemos ao lado, despertará grande apetite...

tinar as flores às delícias do paladar. Mas, na realidade, é um progresso poder desfrutar do seu aroma com um outro sentido a mais...".

★

A Rosa como manjar — Nesse aspeto, a rosa nutritiva, a rosa domesticada para o nosso capricho de "gourmet", teria que ser tratada de maneira a dar mais e mais vêzes, anualmente. Porque vai ser preciso produzir muito, para atender à fome dos que seguirem o exemplo do libanês Tourcda... Por isso mesmo, deixemos, por um instante, passear a nossa imaginação esfomeada por aquêles imensos bosques persas de roseiras de Schira — o paraíso para o poeta Hafis! — pelos setenta e quatro mil, duzentos e dezesseis hectares de terra negra búlgara, dedicada exclusivamente a plantações de rosas, para delas ser extraída a essência (um hectare proporciona três milhões de flores, três a quatro mil quilos de pétalas de rosas e, resumindo: apenas um quilo de essência!) ou com "o milhão de roseiras, que, como um colar de sangue, acariciavam o pescoço romântico de Paris".

No entanto, mais vale que consultemos essas páginas curiosas, nas quais nos aconselham métodos a seguir, para tornar mais intenso o perfume da rosa (segundo o cavalheiro Taglini, plantando um alho ao pé da roseira) e dar-lhe côres variadas, verde, amarelo, etc., semeando certos preparados. Tudo terá que ser observado minuciosamente, a fim de preparar êsses maravilhosos banquetes florais, com **hors d'oeuvre** de orquídeas e sobremesas de jasmins e azaléias... Nosso paladar depressa há de tornar-se exigente, não olhando preço quando uma determinada flor nos fizer tremer, não mais as narinas, mas os lábios!

Na Roma inundada de rosas vermelhas de Fayum e de Pestum, para ali levadas pelos "trirremes", que cruzavam perfumando o Mediterrâneo, houve quem gastasse — escreve Duruy — quatro milhões de sestércios em rosas, para embalsamar o ar morno de um festim! O imperador romano, Heliogábalo, dormia num leito de rosas e cobria-se com um manto de violetas vivas. E não conseguia conciliar o sono quando pressentia que, em seu colchão de flores, se havia enrugado, simplesmente, a pétala de uma rosa!

No século passado foi muito comentado que a condêssa de Pourtalé, para adornar de flores o seu palácio, invertesse cêrca de oitenta mil francos. Vinte e cinco mil francos presenteou em camélias o príncipe de Sagran a uma linda criatura de suas preferências; tudo isso, é claro, quando o franco era... **um franco.** Por uma orquídea "odontoglossum" chegaram a pagar, na Alemanha, oito mil marcos (quando o marco era moeda forte) e com isso a flor passou a custar oito vêzes o preço de um diamante de igual pêso.

A venda de flores representa, para a Holanda, cerca de sessenta milhões de florins, anualmente. E funciona, às mil maravilhas, uma organização mundial, a "Interflora", que permite enviar flores, em poucas horas, ao mais distante lugar da terra, com passe livre sôbre as fronteiras e os mares.

Simplesmente, com isso só, queremos dar uma idéia da importância da flor... **quando apenas nos contentamos com o seu perfume!** Mas adiante, ao passar a ser **a rainha da nossa cozinha**, não sabemos onde chegará a flor, tornada inapreciável manjar para o homem.

★

A carne saborosa das flores — O triste em tudo isso é que, chegada a hora de comermos a flor, talvez passemos a considerá-la como o que, no fundo, é realmente: um animal delicioso, cheio de vida e, justamente por essa impressão de vitalidade, nos consideremos mais intimamente ligados, mais presos a ela, como agora ocorre com os pássaros.

Por outro lado, o considerar a flor, a planta, como animal imóvel, cravado na terra, vai ganhando terreno, como base fundamental de tôda a Botânica. E os que assim não acreditem devem ler a dissertação de Unger, pronunciada nada menos que em 1835, com o seguinte título revelador: **A Planta no Momento de Converter-se em Animal".** Ou, se preferirem, o capítulo intitulado "A Planta Como Animal", de R. H. Francé, que se aprofunda sôbre a idéia, com estas palavras: **"As plantas são pequenos animais encerrados em caixetas de madeira".** Porque aquela diferença de Lineu — **"o animal sente, a planta não"** — está hoje completamente desmoralizada. A planta sente totalmente — e poderíamos apontar, com muita razão, a sua "fome", o seu "zêlo pela cria", o seu "instinto de defesa", fechando suas fauces florais, como faz a flor de Sumatra (o bulbo da Polinésia tem oito aguilhões, capazes de matar, um só dêles, um cavalo); poderíamos também apontar o seu **pranto de sangue**, como os capulos da árvore "toranqum", as "esponjas ruburosas", com seus movimentos flexíveis e silenciosos, a que Juxley chamou de "movimentos de leopardo". Poderíamos, ainda, falar de suas **vozes**, porque há flores que são verdadeiras cantoras, tal como a "Alocusia Cantatrix", que canta como um rouxinol "quando é acariciada na garganta".

Finalmente, há flores que cheiram a carne, a carne que se queima (a flor da assafétida) e a carne podre, como a parasita "Kafflesia Arboldii", cheiro de que se vale para atrair os moscardos, de que se alimenta. E também há as orquídeas que imitam a forma e a côr da aranha, da abelha e da vespa; e, ainda, uma flor, que, por sua forma, é chamada "flor do caranguejo".

Caminharemos, assim, por nossos jardins, em busca e captura da flor mais apetitosa, tal como fazem hoje as abelhas em suas visitas pontualmente cronometradas, penetrando nelas **"decididas, sem vacilar, como gente que vai a um negócio certo e determinado"** — segundo se lê num livro deliciosamente escrito: "A Vida das Flores", de Jean Dantin.

Além de tudo, para êsse porvir floral, vivemos numa espécie de paraíso. Lineu, surpreendido com a riqueza e a variedade de flores encontradas no mundo, confessou que jamais imaginara fôssem tantas.

OS antigos cronistas gregos revelaram que no Templo de Apolo, em Atenas, havia uma colossal estátua do deus, pesando mais de cem toneladas.

Nos mais importantes festivais religiosos, êsse gigantesco monumento podia elevar-se muitos metros no ar, passear sôbre a cabeça dos seus receiosos adoradores e voltar, vagarosamente, para seu grande pedestal de granito.

Arqueologistas e estudantes da história têm quebrado a cabeça sem conseguir saber como era conseguido êsse prodígio de levitação.

— "A conclusão mais lógica — declara Claude Morency, em sua obra "Ciência dos Antigos" — é que eram duas as estátuas, uma de pedra, que se mantinha permanente no pedestal de granito, podendo ser tocada e examinada pelos que desejassem comprovar que era mesmo de pedra.

A outra estátua era de papelão, pintada hàbilmente para que aparentasse ser de pedra, e contendo gás natural, como o hidrogênio, que torna os objetos mais pesados tão leves como o ar ambiente, assim realizando-se o **milagre** tão desejado pelos espertos sacerdotes.

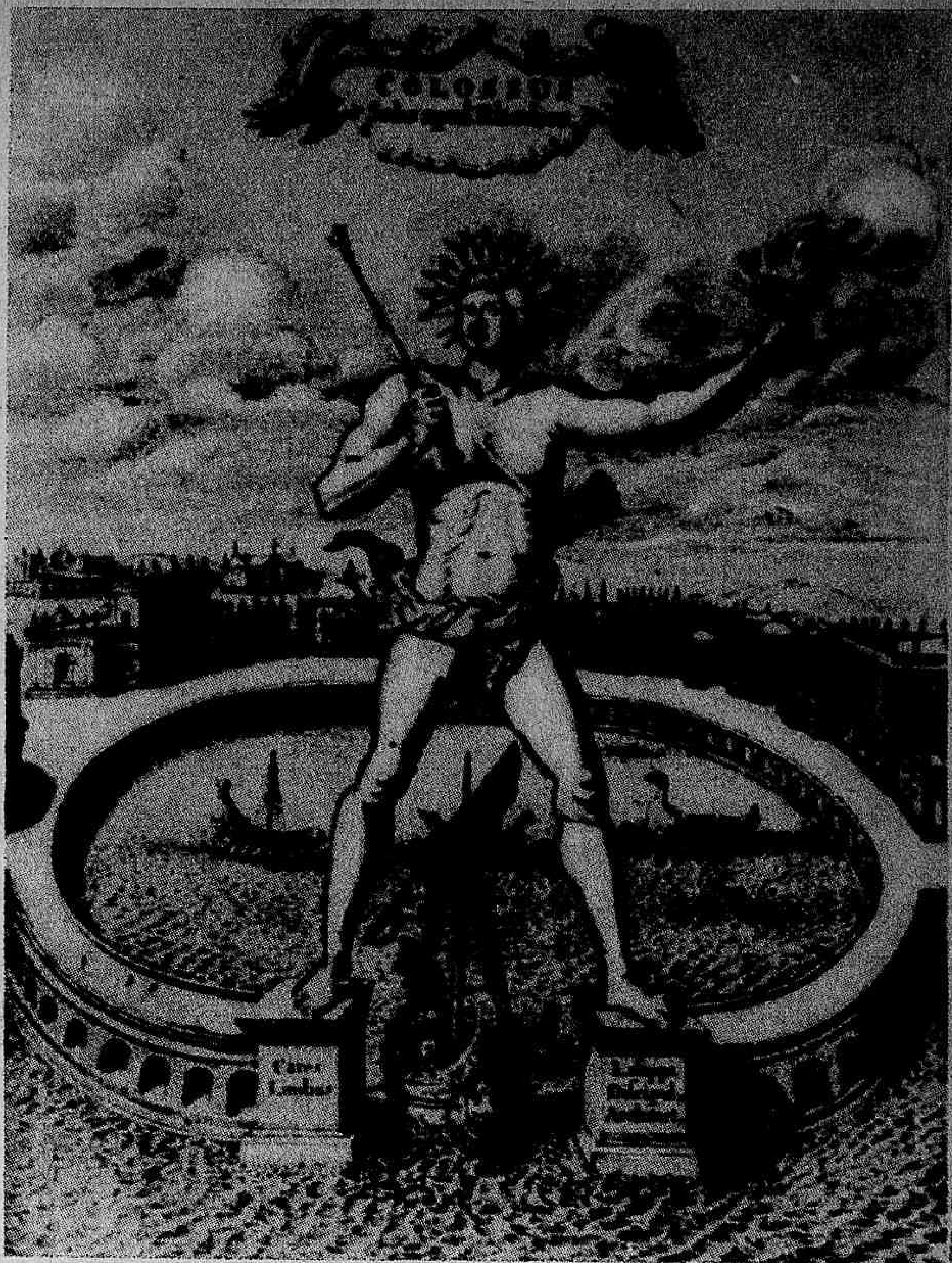
"Manobrar essa espécie de balão havia de ser coisa fácil, usando-se cordéis de tonalidade especial, que os tornava invisíveis no tempo pouco iluminado."

Não se sabe, porém, até hoje, qual o processo realmente usado para fazer a estátua de Apolo passear pelo interior do templo, para assombro dos seus adoradores. Somos forçados a ficar no terreno das hipóteses. Entretanto, se a teoria de C. Morency é correta, os antigos Gregos (alguns sacerdotes, pelo menos) conheceram e aplicaram o princípio do balão, dois mil anos antes da construção e ensaio, por Estêvão e José Montfgolfier, do primeiro balão cheio de ar quente que, segundo nos conta a história, ocorreu em 1783.

Mais espantoso ainda é que a antiga história de muitos povos relata, com detalhes, os êxitos da ascensão "de balões e outras máquinas voadoras". E essas histórias datam do ano 400 antes de Cristo.

★

Teriam os antigos alcançado uma ciência extraordinária, que se perdeu há milhares de anos e que, só muito recentemente, começamos a reconquistar, reagindo nesse sentido depois da idade medieval, também conhecida como "Idade das Trevas"? Era essa ciência — de algum modo superior à que conhecemos?



O "Colossus", de Rodes, uma das Sete Maravilhas do mundo antigo, difìcilmente poderia ser reconstruído nas mesmas dimensões, hoje.

A ESPANTOSA CIÊNCIA DO MUNDO ANTIGO

Vamos examinar alguns fatos de caráter um tanto fantástico e que nos chegaram de inúmeras fontes — tanto antigas quanto modernas — e, principalmente, à luz de recentes descobrimentos arqueológicos.

Na versão original — não cortada — das **Mil e Uma Noites** (também chamadas **Noites da Arábia)** está a descrição de um curioso e mágico aparelho óptico.

Consistia de um tubo "não maior que um palmo de comprimento, com três centímetros de diâmetro e tendo um vidro especial, fechando uma de suas extremidades".

Se alguém olhasse por êsse tubo, podia ver, miraculosamente, "tudo o que desejasse" — **independentemente de uma vastíssima distância!** Por um momento, podemos pensar que era a

perfeita revelação de um telescópio! Mas o telescópio — segundo nos afirma a história — não foi inventado antes de 1609, quando foi usado pelo genial astrônomo Galileu.

No entanto... "Os antigos foram os inventores do telescópio!" — eis o que afirma o grande sábio francês Buffon, em sua **Histoire Naturelle des Mineraux**.

Se isso é verdade, poderá — talvez — explicar muitos mistérios; entre êles o da espantosa exatidão dos velhíssimos sistemas de computar o calendário, predizer os eclipses e outros fenômenos astronômicos, com antecipação de muitos anos; da mesma forma, explica o espantoso fato das classes mais instruídas — em geral a dos sacerdotes — conhecerem muitos detalhes astronômicos, inclusive que a terra era redonda, qual o seu diâmetro e pêso.

Muitas hipóteses foram emitidas, tôdas indicando que êsses extraordinários conhecimentos — dos quais encontramos muitos vestígios — tiveram origem na espetacular civilização da Atlântida, que, segundo Platão, foi submergida nas águas do Atlântico no correr de uma indescritível convulsão da natureza, há uns onze mil anos!

Muitos acreditam que a civilização dos Atlantis era mais "grandiosa e adiantada que a nossa", conhecendo, entre outras coisas, a fôrça atômica e as viagens interplanetárias.

Outras conjeturas descrevem a Atlântida como um "povo de cultura avançada, exercendo um domínio benigno sôbre o resto do mundo, por meio de seus embaixadores, emissários, governadores e outros representantes na Ásia, África e América do Sul.

Quando a Atlântida mergulhou, irremediàvelmente, nas águas do oceano, êsses poucos Atlantis ficaram permanentemente exilados de sua ilha-continente; e, gradualmente, o conhecimento que tinham das coisas e das ciências foi esquecido, perdendo-se também.

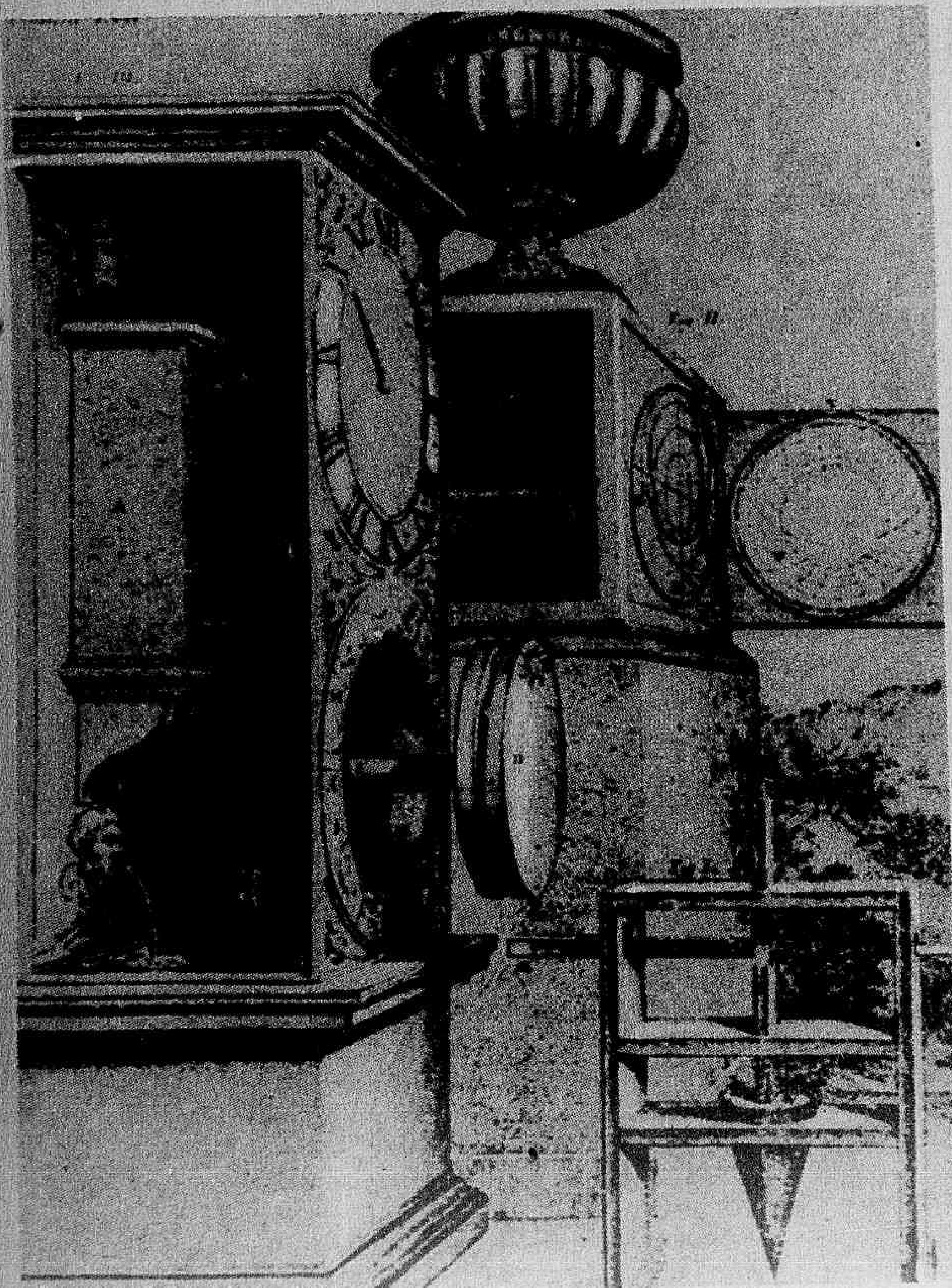
Sómente uma coisa não ficou perdida. **Realmente** — e de maneira muito estranha — **o "mito" da Atlântida persistiu, jamais esquecido e jamais contestado!**

Se a existência da Atlântida foi real, pode resolver, por sua vez, muitos enigmas, principalmente **porque motivos os antigos hieroglifos egípcios e mayas são idênticos** e **a lenda azteca do Quetzacoatl é encontrada em tôdas as ilhas dos mares ocidentais**...

Muitas das informações sôbre os Atlantis nos chegaram através dos sacerdotes pagãos da antiguidade, todos cuidando de fortalecer a fé e impressionando o povo com "milagres" variados em favor de seus falsos deuses. Um dêsses milagres é descrito por



Não se sabe, ainda hoje, como pude



A maquinária encontrada em antigas ruínas, de caráter extremamente científico, revela o avanço da técnica e do conhecimento científico dos antigos.



ram os antigos cortar tão excelentemente as pedras que usaram para a construção de pirâmides e grandiosos templos. O segrêdo está hoje perdido.

Damascius, historiador grego: — "No correr de certas cerimônias — escreveu êle — aparecia na perede do templo uma difusa mancha de luz, que se concentrava pouco a pouco, até assumir uma aparência facial divina ou sobrenatural, severa de aspeto, mas com um toque de gentileza, muito agradável ao olhar..."

Como isso era conseguido, não podemos saber com certeza. Podia ser feito por meio de um jôgo de espelhos e luzes, cuja intensidade podia ser variada.

Os antigos conheciam, sem dúvida, as regras da refração e conversão da luz, desde época muito afastada; conseguiram, mesmo, construir complicados espelhos de aço ou ferro extraordinàriamente polidos.

Segundo Tzetzes, descrevendo a destruição da esquadra de Marcelo, no sítio de Siracusa, em 212, antes de Cristo, "... quando a esquadra de Marcelo estava ainda fora do alcance das flechas, o velho Arquimedes manejou um espelho hexagonal, que já havia preparado para a circunstância, colocado na distância apropriada de outros espelhos menores, embora do mesmo estilo, movendo-se em tôdas as direções, em eixos engenhosos; assim colocados diretamente sob os raios solares e dirigidos para a frota romana, não tardaram a reduzí-la a cinzas.

Uma das mais impressionantes **ilusões** realizadas pelos antigos — e geralmente reservada para os governantes ou chefes militares, em ligação com as revelações dos oráculos — era colocar o soberano numa cadeira diante de um longo, estreito e sombrio corredor de pedra. Diziam-lhe que assumisse uma atitude de meditação, fitando ininterruptamente o corredor. Se os deuses se mostrassem favoráveis, certamente êle teria uma "visão".

Algumas vêzes, para aumentar sua susceptibilidade e induzí-lo a sonhar, apelavam para uma ligeira forma de anestesia, recorrendo à ajuda de um gás como ácido nitroso (mais tarde usado pelos dentistas nas extrações) que era introduzido por orifícios dissimulados no solo, justamente sob a cadeira do soberano. Porque os antigos eram químicos admiráveis!

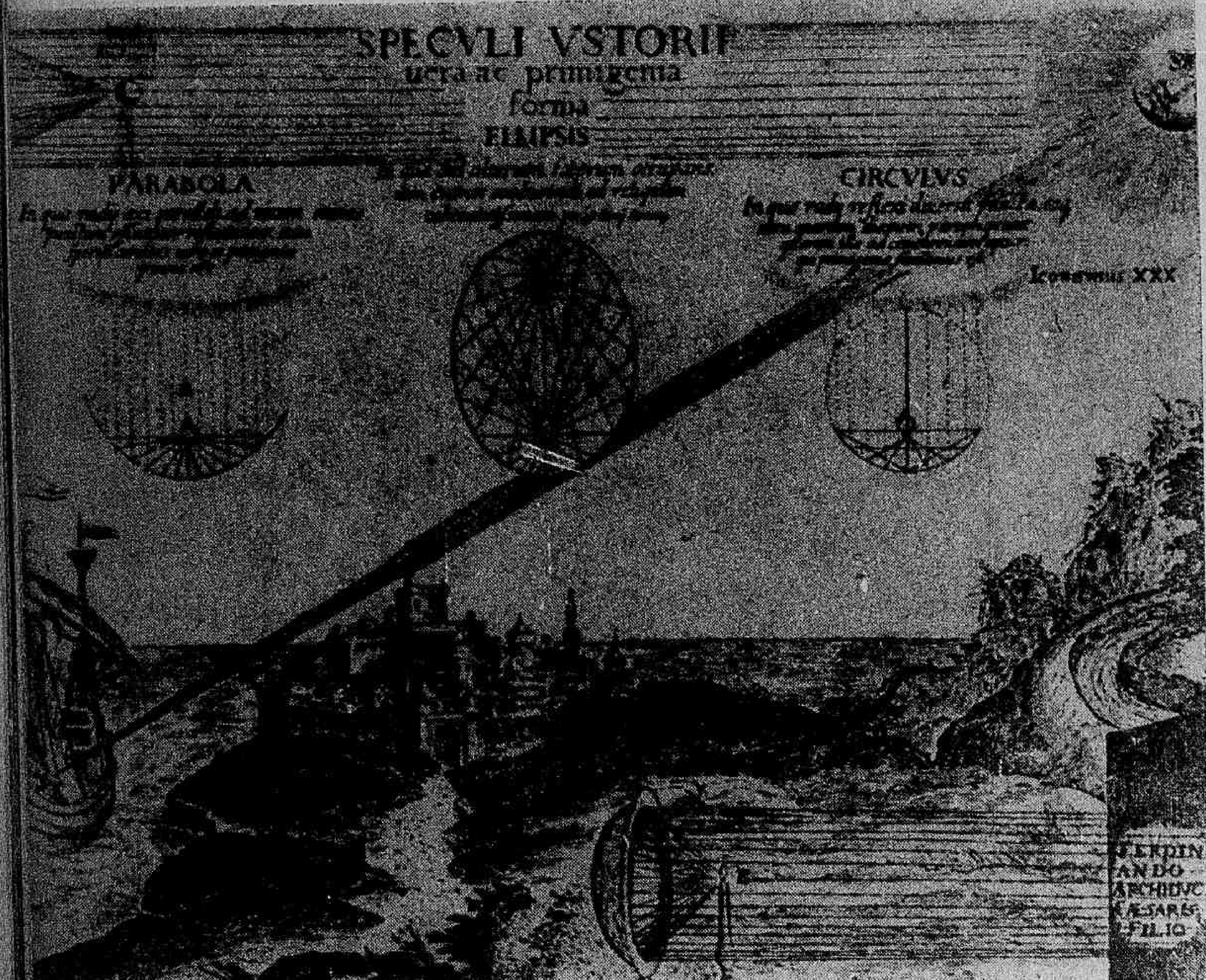
Gradualmente, uma forma indecisa começava a aparecer no fundo do corredor, ganhando mais detalhes e claridade. Depois, aproximava-se como se caminhasse no ar... Chegando mais para perto do "consulente", falava (o que era conseguido por meio do ventriloquismo, no que os antigos, principalmente os sacerdotes, eram **ases** ou por meio de tubos acústicos, com saída para a muralha de pedra) sempre num sentido favorável aos desígnios dos chefes religiosos.

No caso do real consulente esticar um braço, tentando tocar a aparição, suas mãos passavam através da mesma, como se se tratasse de algum fantasma. Algumas vêzes, recuava para o fundo do corredor, vagarosamente, até desaparecer completamente. Podia, também, passar "através do

consulente", desaparecendo imediatamente atrás dêle.



Tais aparições eram conseguidas — segundo Sir David Brwester nos indica numa de suas obras sôbre o tema — pelo uso de espelhos côncavos e iluminação apropriada. Os sacerdotes preparam dois corredores, ambos longos e estreitos, colocados lado a lado, separados por uma parede. O consulente olhava para um dêles, no fim do qual estava um dos espelhos. O espelho, no outro corredor, era colocado na extremidade oposta, em geral muitos metros atrás do consulente e apartado de sua vista por reposteiros. O corredor, oculto ao seu olhar direto, naturalmente, podia estar iluminado, desde que



Em 212, antes de Cristo, Arquimedes usou o calor solar para destruir a esquadra romana, inimiga, que cercava Siracusa. Para tanto, empregou vários espelhos em estudadas posições.

o chão, as parades e o teto fôssem perfeitamente negros e nada refletissem. Nessas condições, um homem caminhando pelo segundo corredor, na direção do espelho, apareceria ao "consulente", no outro corredor, como se caminhasse ao seu encontro!

Encontramos centenas de referências a outros "milagres", que eram largamente empregados através de todo o Oriente-Médio, e todos baseados na "moderna" ciência.

Um homem era conduzido para um quarto pequeno e completamente escuro, onde recebia instrução para olhar para o teto. Então, no teto e com tôdas as côres, a vista da rua ou do pátio exterior surgia em todos os detalhes, como um filme em tecnicolor da atualidade. A imagem tinha, geralmente, as suas dimensões reduzidas para um quinto do tamanho original.

Êsse, naturalmente, era um milagre baseado no princípio da "câmara escura" da moderna fotografia.

Na parede do quarto escuro (igual à câmara de qualquer máquina fotográfica) havia um pequenino orifício, pelo qual penetrava a luz, refletida por um espelho exterior, que se projetava finalmente no teto.

Por meio de efeitos de luz, semelhantes aos já descritos, a diabólica feiticeira Circe, por exemplo, podia "transformar" homens em animais, "queimar" indivíduos em "terríveis labaredas", sem causar qualquer dano físico aos mesmos e realizar uma multidão de outras "ilusões", que aumentaram o seu poder.



Ídolos que se moviam e falavam eram comuns no mundo antigo. Segundo escreveu o cronista grego Asklépios, em 275, antes de Cristo: "... algumas estátuas viviam realmente, possuindo consciência, respirando e executando inúmeros misteres, podendo também ler o futuro..."

Entre essas imagens animadas, havia uma virgem de ouro, no telhado de um grande templo do Delhi; essa deusa podia "falar" por meio de um mecanismo musical, conservado em segrêdo, e que simulava perfeitamente a voz humana. Em Lesbos havia uma "cabeça falante" que pronunciava oráculos.

Sua voz era produzida por um mecanismo de som, pôsto em ação pelo simples calor dos primeiros raios do sol.

A imagem de Amen-Ra, em Siwa — que disse a Alexandre, o Grande, ser êle um deus, quando visitou o templo em 331, antes de Cristo, com isso encorajando o grande caudilho a praticar as maiores loucuras na tentativa de dominar todo o mundo conhecido, falava, movia a cabeça, braços e mãos, além de poder alterar

as expressões faciais. O mecanismo de tudo isso era muito engenhoso.

Tudo o que descrevemos vem, de maneira indiscutível, confirmar que os antigos conheciam os recursos dos contrapesos, da fôrça hidráulica e dos elevadores, que usavam fartamente.

Appolonius, em sua visita à Índia, foi levado a visitar um templo cujo chão, aparentemente de pedra, ondulava como se fôsse atacado por um tremor de terra.

Naturalmente, tratava-se de um falso chão, que podia ser removido ao fim de cada demonstração.

Provàvelmente, construído de madeira, era operado por pistões hidráulicos.

Os arqueologistas sabem, atualmente, que outro chão igual assombrava os visitantes do templo de Cerces, em Eleusis.



Por êsses e outros recursos semelhantes, os antigos sacerdotes pagãos convenciam o povo do alto poder dos deuses que pretendiam representar, assim êles próprios dominando o mundo conhecido por milhares e milhares de anos.

Alguns de seus segredos continuam inexplicáveis nos dias que correm.

Por exemplo, ignora-se por que meios as pedras exteriores da Grande Pirâmide de Gizeh — algumas pesando cêrca de novecentas toneladas — puderam ser cortadas absolutamente iguais ou, quando muito, com uma diferença de 1/200 de polegada!

— "Sòmente um mecanismo, agindo como o empregado pelos lapidadores de diamantes, poderia realizar um tal trabalho" — segundo a opinião de muitos e destacados engenheiros de hoje.

Por que razão a Grande Pirâmide (a maior estrutura feita pelo homem em todo o mundo, até hoje) foi a primeira e a mais perfeita de tôdas as pirâmides construídas, parecendo as demais simples cópias?

Terá sido ela — segundo conjeturam alguns — **o último monumento construído: pelos próprios Atlantis?**

O que está absolutamente provado é que a Grande Pirâmide se ergue no exato ponto de equilíbrio de tôda a terra distribuída no globo — e isto prova que seus construtores tinham perfeita noção de geografia global!

Quanto à matemática dêsses prodigiosos construtores, tem ela, na Grande Pirâmide, um problema insolúvel, mesmo para os modernos matemáticos, que têm insistido sempre e, após cálculos que os deixam quase loucos, terminam confessando a própria incapacidade! (Leiam **"O Quebra-Cabeça da Grande Pirâmide"** — Eu Sei Tudo de fevereiro de 1953).

De qualquer maneira, já sabemos, hoje, que os antigos possuíam uma ciência tão grande como a nossa — ou, talvez, superior à nossa!

Boa parte dessa ciência pode ser recuperada. Quanta está ainda por reencontrar — ou reconstruir?



Os antigos conheciam bem a astronomia. Teriam os desaparecidos Atlantis conhecido também a energia atômica?



BÍBLIAS REVELADORAS

ARNOLD Lingo e Marvin Law, ambos de dezessete anos e estudantes na Bible School, de Colorado Swing, decidiram, em 26 de setembro de 1951, que, embora muito instrutivo, o estudo da Bíblia não era lá muito divertido e êles queriam distração e novas emoções. Assim, uma bela tarde, terminada a aula, saíram a caminhar, afastando-se da escola vários quarteirões, sempre com a bíblia sob um braço. Um pouco além, num mesmo êxtase, pararam, à beira da calçada, diante de um "Buick" de luxo. Segundos depois estavam instalados no interior do veículo. Não havia chave do motor, o que não significou dificuldade para Arnold Lingo, que ràpidamente conseguiu fazer uma ligação direta.

Pouco depois de meia-noite estavam em La Junta, cêrca de 15 quilômetros distante; não havia mais gasolina nem dinheiro para comprá-la. De comum acôrdo dirigiram o veículo para um pôsto de reabastecimento, onde foram atendidos pelo sonolento encarregado, Bill Coffman.

Law pediu que enchesse o taque e verificasse a situação do óleo. Lingo desceu do veículo, "para esticar as pernas" — conforme anunciou — e no momento em que Coffman se curvava, para examinar o óleo, sentiu nas costas o que acreditou ser a ponta do cano de um revólver.

Coffman não tentou discutir, e poucos minutos depois Lingo e Law rumavam para Kansas a 120 quilômetros por hora. Agora, tinham 108 dólares e 95 nos bolsos e Lingo ainda carregava o pedaço de ferro que usara como se fôsse o cano de um revólver.

No dia seguinte tinham revólveres de verdade, comprados em Tribune (Kansas)... e mais dinheiro. Em Siracusa, saquearam outro pôsto de abastecimento (desta vez armados realmente) e dali saíram com mais 176.90.

Eram 8 horas quando chegaram a Goodland, conhecida como a cidade do bife e do petróleo. A rua principal estava fartamente iluminada e cheia de gente. Lingo dirigiu o automóvel para o mais luxuoso restaurante da cidade.

Os que ali se achavam abriram a bôca, estupefatos e indagando se os tempos de Jesse James ou dos irmãos Dalton tinham voltado. Dois rapazes, os rostos cobertos com lenços, haviam invadido o restaurante, empunhando revólveres e ordenando que todos continuassem sentados. Fred Mott, o caixa, e Lilly Friend, a encarregada dos chapéus, que se achavam junto da caixa registradora, receberam de Lingo a ordem de recuar até à parede, enquanto o salteador se apossava de todo o dinheiro ali existente. A seguir Mott e Lilly Friend foram levados para o automóvel.

Quase que numa só corrida atingiram o Nebraska, onde Lingo e Law decidiram que o automóvel estava quente demais — e seus captados constituíam carga perigosa. Por isso obrigaram suas vítimas a descer numa estrada deserta, abandonaram o "Buick" e roubaram outro automóvel, agora um "Pontiac", em Bird City.

Na manhã seguinte entravam em Shelton, em Nebraska. Encostaram o "Pontiac" numa esquina e penetraram num restaurante, para comer alguma coisa, antes de apanhar o ônibus para North Dakota e a fronteira canadense.

Não viram quando um homem magro e alto, Bill Shaukes, sheriff, penetrou no restaurante, dois ou três passos atrás dêles.

— Tenham juízo e fiquem quietinhos! — foi logo dizendo Shaukes. — Não quero apertar o gatilho. Vocês são Arnold Lingo e Marvin Law, hein?

— Como pôde saber isso? — perguntou Lingo, empalidecendo.

— Vocês não foram nada inteligentes carregando aquelas bíblias desde que iniciaram a série de crimes! — explicou Shaukes. — O "Buick" roubado em Colorado Springs foi encontrado... e as Bíblias lá estavam, com os nomes de vocês, endereço, etc.: O "Bureau de Investigações", de Kansas, logo forneceu tôdas as indicações e a descrição de ambos, tratando de alertar tôda uma vasta zona. Por isso eu aqui estava a esperá-los que aparecessem!"

Em 13 de outubro, Arnold Lingo foi sentenciado a doze anos em um Estado e a cinco em outro, para serem cumpridas sucessivamente. Marvin Law foi sentenciado a duas penas de quatro anos, cada uma, devendo cumpri-las, também, sucessivamente, nos dois Estados.

(Episódio Real)

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

"No entanto, perseguiam-nos. As águas, naquele ponto, eram bastante caudalosas. Com a vista, procurei uma embarcação, mas Henrique, sem afrouxar a marcha e sempre comigo nos braços, lançou-se no meio da corrente. Imediatamente, notei que aquilo, para êle, era uma brincadeira. Com uma das mãos ergueu-me acima da sua cabeça e, com a outra, fendia as águas do rio. Dali a alguns segundos encontrávamo-nos na margem oposta.

"No outro lado, os nossos inimigos consultavam-se.

—"Vão procurar o vau — disse Henrique. — Ainda corremos perigo!

"E apertava-me de encontro ao peito, procurando aquecer-me, porque eu estava molhada e tremia de frio. Dali a instantes ouvimos o galope de cavalos, na outra margem. O meu amigo não se enganara: os nossos perseguidores procuravam, de fato, maneira de atravessar o rio e de nos apanhar. Calculavam que não lhes poderíamos escapar por muito tempo.

"Quando o ruído do galope se perdeu ao longe, Henrique lançou-se de novo à água e atravessou o rio em linha reta.

"— Eis-nos a salvo, Aurora! — exclamou, ao pôr o pé no mesmo ponto onde, da primeira vez, se lançara à água. — Agora vou tratar de te secar e de curar o meu ferimento.

"— Ah! Bem me parecia que estava ferido!

"— Não tem importância!... Vamos!

"E dirigiu-se de novo para a casa, onde havíamos sido atraiçoados.

"Mulher e marido riam e conversavam no rés-do-chão, diante de um bom fogo. Lançar por terra o dono da casa, e amarrá-lo, juntamente com a mulher, foi para Henrique obra de um momento.

"— Calem-se! Mereciam a morte! — disse o meu generoso amigo, quando êles principiaram a soltar grandes gritos, supondo que iam ser assassinados. — E' êste anjo quem os salva!

"E passou a mão pelos meus cabelos úmidos.

"Quis ajudá-lo a tratar-se. Estava ferido no ombro e sangrava muito, devido aos esforços que fizera correndo e nadando. Enquanto os meus vestidos secavam, envolveu-me na sua capa, que deixara esquecida no quarto, na pressa da

---

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, onde estão as muralhas do castelo de Caylus-Tarrides. Ali, em 1699, o marquês, viúvo, retirou-se com sua filha Aurora, a quem obrigou a viver uma vida de reclusão, conforme tinha sido a da sua própria espôsa, o que lhe valeu o sobrenome de Caylus-Ferrôlho. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, um dos mais brilhantes jovens senhores da França, cansado da vida dissipada que levava em Paris, foi repousar em suas terras, no Jurançon e, recuperando as fôrças, foi caçar no vale do Luron, onde não tardou a se enamorar de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor "avançara muito" às escondidas do velho Caylus. Quatro anos depois, Nevers já não habitava mais no Jurançon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês pretendia casar a filha. Gonzaga possuía dois grandes amigos. Um era Felipe de Bourbon, duque de Chartres, sobrinho de Luís XV, mais tarde duque de Orelans e Regente de França. O outro era Felipe de Lorena, duque de Nevers. Na côrte eram chamados "os 3 Felipes", devido à grande amizade que os unia. Eis porque o marquês o desejava para genro, pois, além de boas relações, Gonzaga era herdeiro de Nevers, por ser êste solteiro. E, mais ainda, ninguém esperava que Nevers vivesse muitos anos, com a vida que levava. Numa tarde de outono de 1699, numa estalagem não distante do Castelo, reúnem-se duas dezenas de espadachins, homens de origem duvidosa, cheios de ambição, mas bôlsa sempre vazia e que, por isso mesmo, viviam alugando a espada para "serviços inconfessáveis". Todos sabem o que vão fazer: atacar e matar Nevers, para dar a Gonzaga a fortuna de que tanto necessitava. O intermediário é Peyrolles, factotum do príncipe, covarde, embora boa espada também. Entre os "bravos" que vão fazer o serviço estão Cocardasse e Passepoil, dois inseparáveis amigos, que têm um só ídolo na vida: o jovem Cavalheiro Henrique de Lagardère, a quem ensinaram a pegar numa espada, e que hoje era insuperável com uma na mão! Pouco depois, estando os espadachins cercando um pequeno pagem, descoberto junto dos fossos do castelo, são interrompidos por um novo personagem que os deita a todos no chão. E' Lagardère, que vinha defender o menino, seu servidor. Todos baixam a cabeça e Lagardère relata, então, estar viajando para o exílio, após ter matado um nobre em duelo, mas que, antes de deixar a França, precisa cruzar a espada com... Nevers! A notícia alvoroça a todos os espadachins que, a seguir, vislumbrando mais facilidade para o seu serviço, propõem ajudar Lagardère a liquidar Nevers. A revolta do cavalheiro é terrível e imediatamente enxota a todos êles do local, dizendo que os considerava indignos de usar uma espada e, depois, sabendo que ali estavam para massacrar Nevers, exproba-lhes o procedimento. Oito contra um! Depois que se retiram, Lagardère vê chegar dois homens. Um é Peyrolles e o outro o príncipe Gonzaga. Chamam pelos capangas e julgando que Lagardère era um dêles explica ao companheiro que "tudo estava preparado", mas infelizmente não pudera obter as fôlhas do registro de casamento, pois as mesmas tinham sido arrancadas do registro da igreja. Depois de morto Nevers, e de desposar Aurora de Caylus, teria tôda a fortuna da sua vítima com a apresentação do registro de nascimento da menina, embora a esta desse um fim prematuro. Pouco depois retiram-se, a janela é aberta e Lagardère, fingindo ser Nevers, recebe de Aurora a filha e uma caixa contendo a fôlha do registro, arrancada do registro da paróquia, para evitar que fôsse roubada por seus inimigos. Pouco depois surge Nevers e logo deseja duelar com Lagardère, sem notar que êste tem a criança nos braços. Porém o seu adversário tudo revela do que ocorreu e do que ainda está para ser consumado. E afirma que estará ao seu lado

fuga. Fiz umas ligaduras e vendei-lhe a ferida.

"— Curaste-me; já não me dói nada! — disse êle.

"O homem e a mulher pareciam mortos... Não diziam uma palavra!

"Então, Henrique subiu ao quarto, foi buscar a nossa bagagem e, cêrca de três da manhã, saímos daquela casa, montados numa velha mula que Henrique comprou ao proprietário.

"Quando já íamos saindo, Henrique falou ainda:

"— Se êsses senhores voltarem, dêem-lhes cumprimentos do cavalheiro Lagardère e digam-lhes: "Deus protege a órfã! Lagardère, agora, não pode preocupar-se com os senhores, mas há de soar a hora da vingança!"

"Ao escurecer, chegamos a uma aldeola, onde descansamos um pouco e, em seguida, partimos para Burgos, através das montanhas. Henrique desejava afastar-se definitivamente da fronteira francesa. Pelo visto, os seus inimigos eram franceses. Só tencionava parar em Madrid.

"Não pode fazer uma pequena idéia de quanto é delicioso viajar por essas formosas terras de Espanha. Ali, tudo é pitoresco: as montanhas, os campos, os rios, os vales e os seus caminhos parecem poéticas criações da fantasia; o céu é tão lindo como fragrantes são as flores!

"Uma tarde, caminhávamos em direção a Segóvia, montados na mesma mula e sem guia.

"O caminho era lindíssimo.

"O sol principiava a ocultar-se por detrás da serra e, em todo o horizonte, tanto quanto os nossos olhos alcançavam, não se via uma casa, uma cabana, nem nada que se assemelhasse a uma pousada onde se pudesse passar a noite.

"Pouco a pouco as sombras estendiam os seus véus invisíveis pelo céu. Cada vez eram mais raros os transeuntes pela estrada. Aproximava-se a hora dos maus encontros, mas não para nós, felizmente... Pelo contrário, nesse dia tivemos oportunidade para praticar uma boa ação.

"A estrada passava sôbre um precipício e, mesmo à beira do abismo, estava uma menina dormindo. Foi então que encontrei a minha Flor, a querida ciganinha, a minha primeira e única amiga!

"Há muito tempo que estamos separadas; no entanto, tenho certeza de que ela ainda se lembra de mim. Dois ou três dias depois da nossa chegada a Paris, estava eu sòzinha, na sala do rés-do-chão. De súbito, ouvi um grito na rua e julguei reconhecer a voz de Flor. Passava uma carruagem, uma carruagem enorme, de viagem, mas sem brasão. Levava as cortinas corridas. Com certeza me enganara... No entanto, dêsse dia em diante, muita vez tenho estado à janela, na esperança de ver a silhueta de Flor... mas... nada!... Estou louca!... Sim, por que motivo estaria Flor em Paris?...

"Fui, então, minha mãe, a primeira a ver a criança. Supliquei a Henrique que

---

contra os assassinos. De fato, trava-se a batalha e, apesar de se defenderem como leões, Nevers é morto, pelas costas, por Gonzaga que, vendo as coisas mal paradas, assim agiu, como covarde que era. Mas nada podem contra Lagardère que, com a criança nos braços, abre caminho e consegue fugir, tendo ainda ferido Gonzaga numa das mãos. Passam os anos, morre Luís XIV e, sendo o futuro Luís XV muito criança, coube a regência a Felipe de Orleans. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga, que agora desfrutava da imensa fortuna de Nevers. Ambicioso, Gonzaga resolvera abrir um banco nos jardins do seu palácio, vendendo, a pêso de ouro, bancas menores aos que quisessem especular. Entre os que chegam estão dois velhos conhecidos. Cocardasse e Passepoil, que viveram sempre fugindo do seu ídolo, temendo a sua vingança, pois dêle tinham ouvido dizer que matara alguns dos que haviam tomado parte no assassinato de Nevers. No leilão das bancas surge um corcunda recheado de dinheiro, que compra o que restava para vender: a casa de um cão. O seu nome é Ésopo, que tem oportunidade de ver Gonzaga contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, como seus espadachins, enquanto aguarda a chegada de Faenza e Saldanha, outros dois que tinham ajudado a matar Nevers e que agora tinham títulos de nobreza, graças à proteção de Gonzaga. O príncipe de Gonzaga tinha planos ainda mais vastos. Conseguira uma substituta para Aurora de Nevers! Conseguira arranjar uma jovem espanhola, que pretendia apresentar à viúva de Nevers como sua filha, Aurora. Peyrolles tudo arranjara e agora ia buscar a mocinha para a levar a Gonzaga. Em caminho, porém, descobre Faenza e Saldanha, mortos, caídos numa ruela, com um feio ferimento no meio da fronte. O golpe de Nevers! Levada, afinal, à presença de Gonzaga, êste convence a pobre moça de que ela é Aurora de Nevers, herdeira de um grande título e de uma das maiores fortunas da França.

A espanhola, cujo verdadeiro nome era D. Flor, declara que êsse era o nome de uma mocinha da sua idade, e que conhecera tempos antes, na Espanha. Vira-a, até, mais recentemente, em Paris! Sim, à rua de Chantre! Pouco depois, Peyrolles vem trazer a notícia da morte de Faenza e Saldanha... e como morreram. Trêmulo de mêdo, Gonzaga se prepara para a reunião de família, que trataria da sucessão de sua grande vítima, do duque de Nevers! Ah! Se até lá pudesse deitar mão à verdadeira Aurora! A reunião é presidida pelo regente de França, na qualidade de primo e maior amigo de Nevers. Gonzaga, após um discurso muito hábil, em que procura destacar o seu esfôrço no sentido de restituir a filha de Nevers à desolada viúva, manda introduzir na sala a inocente Dona Flor, que não é recebida com entusiasmo por Aurora de Caylus, que acaba afirmando não reconhecer em Dona Cruz a filha Aurora de Nevers. Isto porque alguém, que não via, falou, por trás do reposteiro: "Aqui estou!" e, a seguir, com assombro do próprio Gonzaga, anuncia que irá ao baile do Regente (pois ali a voz misteriosa prometera mostrar-lhe a filha). Pouco depois, Peyrolles informa a seu amo que Lagardère está em Paris e, como prova, anuncia a morte da Faenza e Saldanha, marcados pelo "bote de Nevers". Gonzaga manda Cocardasse e Passepoil ao enderêço de Aurora, fornecido ingênuamente por Dona Cruz, e para atrair Aurora junta um bilhete, assinado "Lagardère", que o corcunda se prontifica, imediatamente, a "falsificar", alegando que conheceu muito bem o espadachim. Faz ainda mais: pede um salvo conduto ao príncipe, prometendo entregar o documento a Lagardère, atraindo-o, assim, a uma armadilha. No enderêço, Aurora aguardava a chegada de seu amigo e sonhava diante das páginas do seu "Diário", em que descrevia o que fôra a sua vida em companhia de Lagardère, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde chegava a sua memória.

fizesse parar a mula, saltei para o chão e fui ajoelhar junto da pobrezinha. Era uma cigana, pouco mais ou menos da minha idade, e extraordinàriamente linda.

"Não sei por que, mas senti logo vontade de beijá-la. A minha carícia despertou-a. Retribuiu-me o beijo e sorriu mas, ao ver Henrique, assustou-se.

"— Nada receie — disse eu — é o meu amigo, o meu querido pai, que muito a amará se eu também a amar. Como se chama?

"— Flor. E você?

"— Aurora.

"A minha amiga sorriu.

"Henrique fazia-nos sinal para nos aproximarmos; Flor pôs a mão sôbre o peito e disse:

"— Tenho tanta fome!

"Vi-a empalidecer e amparei-a com os meus braços. Henrique apeou-se e Flor contou que, desde o dia anterior, nada comera. Henrique deu-lhe um bocado do pão que nos restava e um pouco de vinho.

"A minha amiguinha comeu e bebeu àvidamente. Depois principiou a olhar para nós com tôda a atenção.

"— Por que não terei eu também alguém que me estime e de quem seja muito amiga? — murmurou como se falasse consigo mesma.

"E beijou a mão de Henrique.

"— Obrigada, cavaleiro — acrescentou — é muito gentil e bondoso. Mas, por favor, não me deixe esta noite sòzinha, aqui na estrada!

Henrique hesitou. Os ciganos são muito perigosos pela sua astúcia. Aquela criança abandonada podia ser um laço; mas eu tanto supliquei que, por fim, consentiu que a ciganinha seguisse na nossa companhia.

"Enquanto caminhávamos, Flor contou a sua história. Pertencia a um bando de ciganos que ia de Léon para Madrid. Na manhã anterior — não recordo por que — os quadrilheiros da Santa Inquisição tinham perseguido o bando e Flor, assustada, escondeu-se entre as sarças, enquanto os companheiros fugiam.

"Uma vez passado o perigo, Flor quis reunir-se aos seus, mas por mais que andasse e corresse não os encontrou. Aquêles a quem perguntava pelos companheiros atiravam-lhe pedras, e uns bandidos — por ela não ser batizada — roubaram-lhe os brincos e um colar de pérolas falsas.

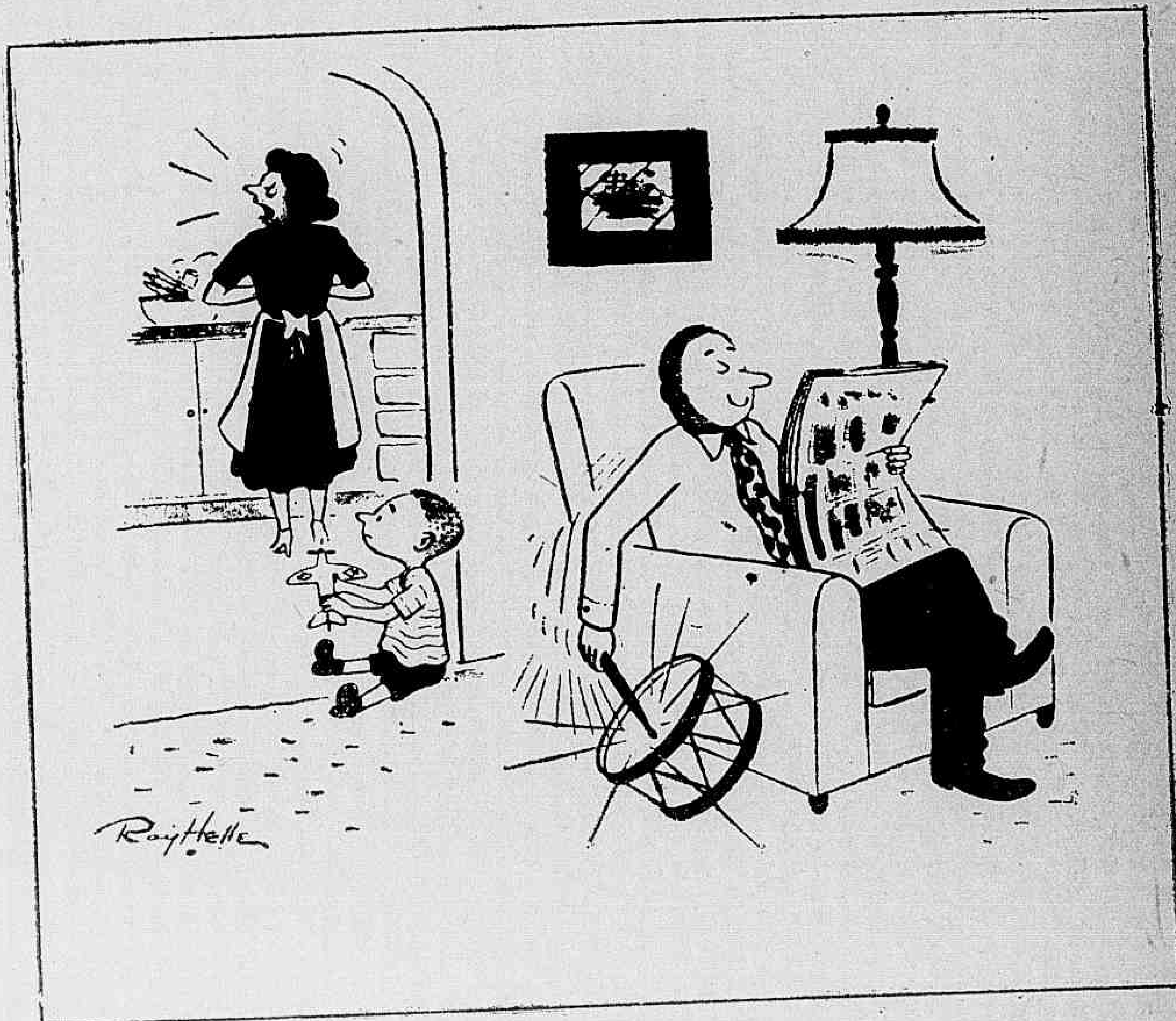
"Desceu a noite. Exausta, Flor dormiu em cima de um monte de feno. Felizmente, quem dorme... janta! A pobre Flor nada comera. No dia seguinte, continuou a andar todo o dia sem meter na bôca o mais leve alimento. De quando em quando encontrava na estrada vestígios de sandálias egípcias e isso animava-a.

"Nas suas viagens, os ciganos sempre têm um ponto de reunião entre o local da partida e o do destino. Flor sabia onde podia encontrar os seus; mas era longe... muito longe, numa garganta do monte Balodrón, situado em frente do Escurial, a sete ou oito léguas de Madrid.

"Era o nosso caminho; obtive de Henrique a promessa de acompanharmos Flor até lá. Com ela reparti, entretanto, o meu leito, o meu pão e os cuidados do meu bom amigo.

"Desde aquêle dia a formosa Flor foi nossa companheira e o caminho se fêz menos monótono. Era alegre como eu e muito mais viva; sabia cantar e dançar. Distraiu-nos contando as proezas de seus irmãos, os ciganos.

"Durante oito dias caminhou sempre conosco. Quando avistamos a montanha onde devíamos encontrar os companheiros da minha amiga e separarmo-nos dela, fiquei triste. Acostumara-me a vê-la e a



— Paulinho! Como pode o paizinho ouvir o que eu falo com você batendo assim êsse tambor?

ouví-la e queria-lhe como a uma irmãzinha.

"O céu estava coberto de nuvens escuras, precursoras de tormenta; fazia um calor insuportável. Dali a momentos principiaram a cair grossas gôtas de chuva e espargiu-se um forte aroma de terra molhada. Henrique tinha a sua capa, debaixo da qual nos abrigamos ambas. A nossa mula caminhava dificilmente no meio de uma chuva torrencial, sacudindo tristemente as orelhas.

"Flor prometera-nos a mais cordial hospitalidade em nome dos seus companheiros.

"As nuvens se amontoavam no céu. A linha do horizonte para o ocaso parecia um caos de sombras mescladas de reflexos purpúreos. A luz arroxeada de um relâmpago era a única que, a intervalos, nos mostrava o caminho. Os trovões ribombavam, repetidos pelo eco das montanhas, de tal maneira que a nossa pobre cavalgadura estremecia.

"Henrique não era homem que se assustasse, e nós duas, debaixo do abrigo flutuante que nos cobria, continuávamos a conversar tranqüilamente, confiadas na sua proteção.

"— E' estranho! — exclamei de súbito. — A luz dos relâmpagos faz-me ver coisas extraordinárias! Pareceu-me ver agora, em cima daquele monte, a figura de dois homens.

"Henrique olhou para o ponto que eu lhe indicava.

"— Não vejo nada! — disse.

"— Já lá não estão! — pronunciou Flor em voz baixa.

"— Estavam ali realmente dois homens? — perguntou Henrique.

"Senti certo terror, que aumentou com a resposta da minha amiguinha.

"— Dois, não — replicou ela — dez pelo menos!

"— Armados? — voltou Henrique a perguntar.

"— Sim.

"— São os teus companheiros ?

"— Não.

"— Sabes se nos têm seguido?

"— Desde ontem de manhã que andam à nossa volta...

"Henrique olhou para Flor com desconfiança e eu própria não pude evitar que uma suspeita me atravessasse o cérebro.

"— Por que não nos avisou? — perguntou Henrique.

"— Supus, primeiro, que fôssem pacíficos viajantes. Além disso, seguiam um caminho que se dirige para o poente, coisa habitual nos fidalgos da terra, pois só o povo, em geral, prefere estradas novas Desde que entramos no monte inspiraram-me desconfiança. Nada disse, porque iam adiante de nós e se internavam por sítios onde nos era muito difícil ir ao encontro dêles.

"E Flor explicou, então, que o caminho por onde êles seguiam, pouco freqüentado pela maior parte dos viajantes, por ser perigoso, se dirigia para o norte do monte Balandrón, enquanto nós seguíamos pelo que se dirigia ao Sul, à medida que nos aproximávamos dos vales. No entanto, os dois caminhos confluíam em determinado ponto, muito para além do acampamento dos ciganos.

"Ao fim de certo tempo, deixamos de ver as figuras negras recortadas no fundo escarlate do céu. A montanha parecia deserta, tanto quanto a vista alcançava, e só se ouvia o ruído do vento, agitando as árvores mais altas.

XXIII

FLOR SE SERVE DE UM "ENCANTO" PARA NOS SALVAR

"Chegou a noite e não tornamos a lembrar dos nossos espiões desconhecidos. Estavam separados de nós por enormes penhascos e desfiladeiros intransponíveis.

"Tôda a nossa atenção estava concentrada na pobre mula, à qual cada vez custava mais transpor os obstáculos do caminho. Um formoso espetáculo se oferecia ante os nossos olhos.

"Já era noite fechada, quando um grito de alegria, de Flor, nos anunciou o fim do nosso penar. Diante dos nossos olhos tínhamos um espetáculo maravilhoso.

"Havia alguns minutos que caminhávamos entre dois montes, cujas formas escuras nos ocultavam o horizonte e só permitiam ver uma faixa do céu.

"A chuva cessara. O vento Noroeste, varrendo as nuvens, deixou o céu límpido e sempre mais brilhante depois da tempestade, iluminando-o a lua com a sua argêntea luz.

"Ao desembocar do desfiladeiro, encontramo-nos diante de uma espécie de vale, rodeado de montanhas. A lua, que iluminava as cristas dos montes, deixava o vale envolvido na penumbra. Em frente do estreito que acabávamos de deixar, abria-se outro que parecia continuação do primeiro. Entre ambos, o vale parecia uma depressão imensa, ocasionada por uma enorme comoção do solo. Uma grande fogueira iluminava aquêle local e ao redor do fogo viam-se homens e mulheres sentados. Eram os ciganos.

"Mal saímos do desfiladeiro, deram imediatamente pela nossa presença.

"Essa raça estranha e nômade tem os sentidos apurados de uma forma extraordinária. Imediatamente se destacaram dois homens, cada um por seu lado, enquanto os outros continuaram tranqüilamente estendidos junto da fogueira.

"Logo que Flor viu as duas silhuetas soltou um grito especial. Os dois homens pararam e, a um segundo grito, voltaram

a ocupar o seu pôsto junto do fogo, de onde ainda estávamos longe. Então, pareceu-me ver duas sombras negras por detrás do círculo formado pelos ciganos; no entanto, julguei aquilo uma ilusão e não disse nada. Oxalá tivesse falado!

"Apareceu-nos um homem, com uma espingarda na mão, que, agarrando a nossa mula pela rédea, deu-nos a voz de alto, num idioma que não percebemos. Flor respondeu-lhe na mesma língua.

"— Sejam bem-vindos! — disse então o homem da espingarda. — Dar-lhe-emos pão e sal, visto ser a nossa irmã quem os trouxe para junto de nós.

"Os ciganos gozam fama de fidalgos, sob o ponto-de-vista de hospitalidade. Os mais sanguinários respeitam, como coisa sagrada, os seus hóspedes.

"Assim, uma vez que nos recebiam, nada tínhamos a recear, segundo a crença geral. Aproximamo-nos sem desconfiança e acolheram-nos com carinho. Flor acercou-se respeitosamente do chefe. Êste levantou-se e ofereceu, cerimoniosamente, um copo de vinho a Henrique, que o bebeu. Tomamos lugar no circulo em redor da fogueira e uma cigana começou a bailar e a cantar, segundo costumavam.

"Ao cabo de dez minutos, Henrique, rouco e desfigurado, gritou:

"— Miseráveis! Que beberagem me deram?

"Quis erguer-se, mas caiu pesadamente no solo. Senti que o coração se me paralisava. Henrique lutava, em vão, contra uma sonolência que não podia vencer.

"As pálpebras, embora contra-vontade, fechavam-se.

Os ciganos riam, em silêncio, em redor do fogo. Por detrás de nós apereceram várias sombras: eram cinco ou seis embuçados, que encobriam o rosto sob as amplas abas do chapéu. Não eram ciganos. Quando Henrique deixou de se mover, julguei-o morto e pedi fervorosamente a Deus que também me tirasse a vida.

"Um dos recém-chegados atirou com uma bôlsa cheia de dinheiro para o meio do círculo formado pelos ciganos.

"— Terminado o assunto terão o dôbro! — disse.

"Não reconheci a voz do homem.

"O chefe dos ciganos respondeu:

"— Para isso é necessário tempo e distância... doze horas e doze milhas. A morte não pode ser dada nem no mesmo local, nem no mesmo dia da hospitalidade.

"— Tudo isso são parvoices! — respondeu o desconhecido, encolhendo os ombros. — Façam o que se combinou ou então deixem-nos agir!

"E ao mesmo tempo avançou para Henrique, que estava estendido no chão. O cigano colocou-se diante dêle e repetiu:

"— Enquanto não decorrerem doze horas e não estivermos à distância de doze milhas, defenderemos o nosso hóspede de tôda a gente... até mesmo do rei!

"Extraordinária fé!... Estranha honra!.. Todos os ciganos se colocaram em volta de Henrique.

"Entretanto, Flor murmurou ao meu ouvido:

"— Ou os salvo a ambos, ou morro!



"... Era cêrca de meia noite. Deitaram-me sôbre um saco de musgo sêco, na mesma tenda do chefe, que dormia, não muito longe de mim, e aos pés de quem se encontrava um cigano, deitado como um cão, roncando tranqüilamente. Eu ignorava por completo para onde haviam levado Henrique e estava sob a vigilância de uma cigana, que se encostou ao meu ombro, e, para maior precaução, tinha uma das minhas mãos entre as suas.

"Lá fora, ouviam-se os passos de duas sentinelas. Não consegui dormir e, precisamente quando as minhas reflexões



— Você chegou tarde. Eu já estou morto!

eram mais tristes, ouvi um pequeno ruído vindo da entrada da tenda. Voltei-me para ver o que seria, mas êste simples movimento fêz com que a minha carcereira abrisse os olhos. Não vi nada e o barulho cessou. No entanto, dali a pouco ouvia apenas os passos de uma sentinela... Ao fim de um quarto de hora, a outra sentinela também deixou de passear e reinou um silêncio absoluto em volta da tenda.

"Vi, então, oscilar o pano que cobria a entrada; depois, ergueu-se lentamente e surgiu o rostinho alerta e inteligente de Flor. Fêz-me um pequeno sinal com a cabeça. Não tinha mêdo... o corpo ágil e flexível passou pela abertura e logo que chegou junto de mim, disse:

"— O mais difícil está feito!

"Nesse instante, porém, não pude reprimir um movimento de alegria e a cigana despertou novamente. Flor conservou-se imóvel durante uns dois ou três minutos, com o dedo sôbre os lábios, e a minha guardiã adormeceu outra vez. Entretanto, eu pensava:

"— Seria preciso ser fada para me desembaraçar da minha carcereira.

"Tinha razão, mas Flor era uma fada. Dirigiu-se para a manta onde dormia o chefe e, colocando-se diante dêle, olhou-o fixamente. A respiração do homem tornou-se mais suave. Em seguida, Flor tocou-lhe os temporais com os dedos. As pálpebras do chefe cerraram-se por completo. Depois olhou para mim. Seus olhos brilhavam intensamente:

"— Um já foi dominado! — afirmou.

"O cigano continuava a dormir, aos pés do chefe. A um olhar de Flor, deixou de ressonar, pouco a pouco as pernas se estenderam e ficou como morto.

"— Dois! — disse Flor.

"Restava apenas a minha carcereira.

"Com ela, Flor adotou mais precauções. Aproximou-se muito lentamente, olhando-a sempre, como uma serpente que pretende fascinar um pássaro. Quando se encontrou perto dela, estendeu a mão e ergueu-a à altura dos olhos da cinaga, a quem eu senti estremecer. Em dado momento, fêz esforços para se erguer, mas Flor disse-lhe:

"— Não quero!

"A velha soltou um profundo suspiro.

"A mão de Flor desceu lentamente da cabeça até ao estomago, como se quisesse infiltrar-lhe nas veias um fluido misterioso. Eu própria sentia, através do corpo da cigana, a influência estranha dêsse fluido. As minhas pálpebras queriam cerrar-se, mas Flor ordenou-me:

"— Não durmas!

"E as sombras, que andavam já em redor dos meus olhos, desapareceram. Eu, porém, julgava sonhar.

"A mão de Flor ergueu-se, passou outra vez pela fronte da cigana e deteve-se entre os olhos. A velha sucumbiu. Flor, grave, muito direita, fêz ainda mais alguns movimentos com a mão e ao cabo de uns dois ou três minutos, aproximou-se e a sua mãozinha pareceu aspergir sôbre a cabeça da cigana.

"— Dormes, Mabel? — perguntou, baixinho.

"— Sim, durmo... — respondeu a velha.

"A minha primeira impressão foi de que tudo aquilo era uma comedia.

"Antes de entrarmos no acampamento, Flor guardara alguns dos meus cabelos e dos de Henrique e colocara-os num pequeno medalhão que levava ao pescoço. Abriu a medalha e colocou os cabelos de Henrique na mão da cigana.

"— Quero saber onde êle se encontra...

"A velha agitou-se. Receei vê-la despertar.

"— Quero saber onde êle está! Ouves, Mabel? — interrogou de novo.

"— Ouvi... ando à procura... Mas que lugar é êste? Uma gruta? Um subterrâneo?... Tiraram-lhe a capa e o casaco. Ah! — exclamou estremecendo. — Já sei... é um túmulo!

"Senti o sangue gelar-se nas veias.

"— Mas ainda vive? — perguntou Flor.

"— Vive — respondeu Mabel. — Está dormindo.

"— E onde é o túmulo?

"— Ao Norte do campo. Foi ali que enterraram o velho Hadji, há dois anos. O homem tem a cabeça encostada aos ossos de Hadji.

"— Quero ir a êsse túmulo — disse Flor.

"— Dirija-se ao Norte. Entre as duas primeiras rochas que encontrar, há um subterrâneo. Levante a pedra e desça dois degraus.

"— E que hei de fazer para o despertar?

"— Tem o seu punhal.

"— Vamos! — disse-me Flor.

"E, sem a menor precaução, afastou a cabeça da cigana, que caiu sôbre o saco de ervas. Saímos da tenda. Em redor da fogueira, que principiava a extinguir-se, havia um grupo de ciganos, dormindo. Flor pegou numa lâmpada que resguardou com a dobra da manta e, designando uma tenda que se via ao longe, disse-me:

"— Ali é que estão os seus inimigos!... Os homens que queriam assassinar Henrique!...

"Dirigimo-nos para o Norte e, a caminho, Flor pediu-me para desprender três pequenos cavalos, que estavam presos às árvores, pois os ciganos nunca se servem de mulas.

"Ao cabo de alguns instantes, encontramo-nos junto da gruta. Descemos os três degraus e, com grande esfôrço, conseguimos levantar a pedra, por detrás da qual vimos, com o auxílio da lâmpada,

o corpo de Henrique, meio despido, mergulhado num sono de morte, deitado no chão úmido, com a cabeça encostada a um esqueleto humano. Precipitei-me para êle e chamei-o. Nada!

"Flor estava por detrás de nós.

"— Gosta muito dêle, Aurora?

"— Desperte-o!... Em nome de Deus, desperte-o! — exclamei.

"Depois de ter colocado a lâmpada no chão, Flor pegou-lhe nas mãos.

"— O meu poder de nada serve agora — disse Flor. — Bebeu um narcótico muito forte e dormirá até um ferro em brasa lhe tocar as palmas das mãos e as plantas dos pés.

"— Um ferro em brasa! — repeti, sem compreender.

"— Mas, depressa! — acrescentou Flor. — Agora arrisco a minha vida, tal como vós ambos!

"E, ao mesmo tempo, tirou da bainha da saia um punhal com o cabo de osso.

"— Descálce-o! — ordenou-me.

"Obedeci maquinalmente, mas estava tão nervosa que não conseguia desapertar as sandálias. A minha mão tremia.

"— Depressa! Depressa! — repetia Flor.

"E, ao mesmo tempo, à luz da lâmpada, tornou rubra a ponta do punhal, que aplicou na palma da mão de Henrique. Repetiu a mesma operação na outra mão e o meu amigo não fêz o menor movimento.

"— Agora na planta dos pés! — exclamou Flor. — Depressa! E' preciso sentir as quatro dores ao mesmo tempo!

E, enquanto aplicava a lâmina em brasa aos pés de Henrique, Flor entoava um cântico estranho.

"De súbito, os lábios de Henrique crisparam-se.

"— Eu devia-lhe isto — disse Flor, ao ver que êle despertava — e a você também, Aurora, pois, sem a vossa ajuda, teria morrido de fome. Se não fôsse eu, também não teriam seguido por êste caminho. Involuntàriamente, fi-los cair nesta emboscada.

"No instante em que Henrique reabriu os olhos, os meus lábios estavam sôbre a sua fronte. Olhou em redor e parecia assombrado. Sorriu tristemente para nós e, quando o seu olhar avistou o esqueleto do velho Hadji, prosseguiu no seu tom sério e frio:

— Oh!... aqui está o companheiro que tinham escolhido para mim... Daqui a um mês estávamos ambos iguais!

"— A caminho! — exclamou Flor. — E' preciso estarmos fora da montanha antes do nascer do sol!

"Henrique pusera-se de pé. Os cavalos dos ciganos aguardavam-nos à saída da gruta. Flor serviu-nos de guia, por conhecer perfeitamente o lugar e, à luz da lua, principiamos a nossa caminhada. Quando o sol nasceu estávamos defronte do Escurial e, à noite, chegamos a Madrid.

"Eu estava radiante porque se combinara que Flor ficaria conosco. Depois do seu procedimento, não podia voltar a reunir-se aos seus irmãos. Henrique disse-me:

"— Aurora, de hoje em diante terás uma irmã!

"Tudo correu muito bem durante um mês. Flor quis seguir a religião cristã e foi batizada, na igreja da Encarnação, com o nome de Maria de la Santa-Cruz.

"Uma bela manhã, porém, apareceu-nos vestida com o seu antigo traje de cigana e Henrique disse-lhe, sorrindo:

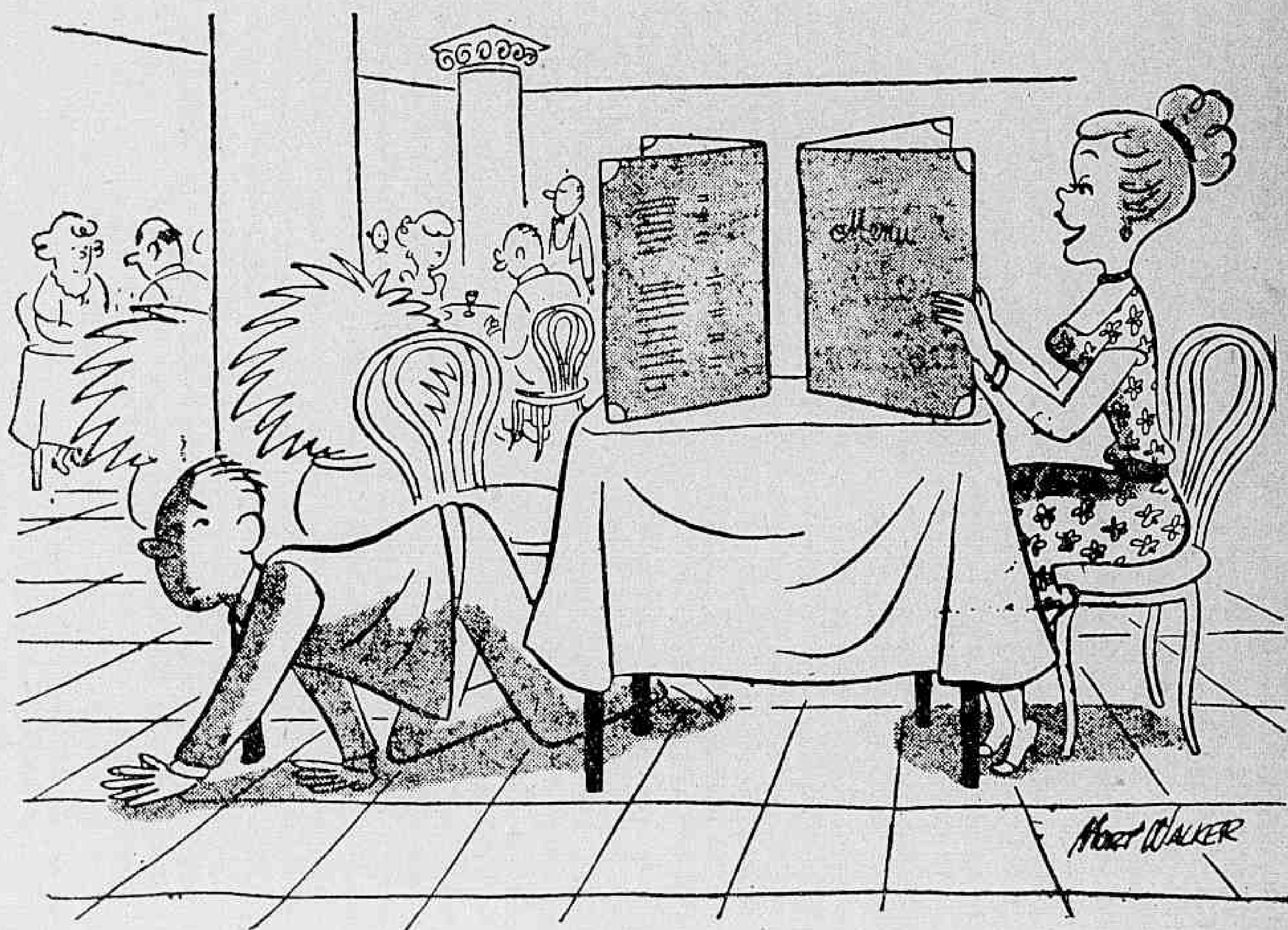
"— Gentil passarinho: vais levantar vôo?

"Eu, no entanto, principiei a chorar, minha mãe, porque já estimava sinceramente a minha querida Flor!

"Quando ela me beijou, as lágrimas vieram-lhe também aos olhos, mas aquilo era mais forte do que a sua vontade. Partiu, prometendo voltar em breve!... Infelizmente, nessa noite, vi-a na Planza Santa, no meio de um grupo de gente do povo. Dançava ao som de um tambor...

"Víviamos, então, numa ruazinha de aparência modesta, cujas traseiras davam para lindos e vastos jardins.

"Gozávamos de um relativo bem-estar, pois Henrique ganhava bastante dinheiro, porque se empregara logo num dos melhores cinzeladores de Madrid.



— Hum, que fome tenho! Acho que vou começar com ostras, depois um pombinho, depois...

"Aquêle tempo foi, para mim, um período de calma e de felicidade. Flor visitava-nos pela manhã. . .conversávamos. . . Tinha pena de não continuar a viver conosco, mas, quando eu lhe propus voltar, fugiu, rindo.

"Uma vez, Henrique disse-me:

"— Aurora, esta pequena não é a amiga de que necessitas!

"Não sei o que se passou, mas Flor espaçou as suas visitas. Tornámo-nos mais frias... Quando Henrique me falou, o meu coração obedeceu. As coisas e as pessoas de que êle não gosta deixam de me interessar.

"E' assim, não é verdade, minha mãe, que devemos amar?

"Pobre e querida Flor!... Se eu a tornasse a encontrar, tenho a impressão de que não poderia deixar de lhe cair nos braços!...

"E agora vou dizer-lhe uma coisa, minha mãe querida: uma coisa que precedeu a partida do meu amigo. Sim... Henrique ia deixar-me, eu ficaria só e estaria muito tempo sem vê-lo. Foi uma separação de dois anos!...

"Sabia que Henrique estava juntando dinheiro para empreender uma viagem: devia visitar a Alemanha e a Itália. Só a França lhe estava interdita e eu ignorava o motivo por quê. No entanto, a razão desta viagem também era um segrêdo para mim.

"Um dia em que Henrique saíra de manhã, segundo o seu costume, entrei no quarto dêle para arrumá-lo. Tinha a secretária aberta, uma secretária cuja chave trazia sempre consigo. Em cima da secretária estava um maço de papéis metidos num envelope, já amarelecido pelo tempo, onde se viam dois selos iguais, com brasões, e uma palavra em latim: *Adsum*. O meu professor, a quem pedi a tradução da palavra, respondeu-me: *Aqui estou!*

"Era a frase que êle pronunciara enquanto se defendia dos meus raptores!

"O envelope tinha ainda um terceiro sêlo, que devia pertencer a uma igreja ou capela. Já vira êstes papéis uma vez: no dia em que fugíramos daquela casa à beira do rio, ao deixarmos Pamplona. Fôra para reaver êste precioso envelope que Henrique quis voltar à herdade. Quando o encontrou intato, o rosto resplandeceu de alegria! Junto à sobrecarta, onde coisa alguma estava escrita, existia uma espécie de lista, feita recentemente. Procedi mal... li-a! Mas, eu tinha tanta vontade de saber por que razão o meu amigo Henrique me deixava!... A lista, no entanto, só continha nomes e moradas. Eram nomes de pessoas que eu não conhecia, mas tratava-se, com certeza, de pessoas com quem Henrique precisava falar durante a sua viagem.

"A lista era como segue:

"1 — Capitão Lorrain — Nápoles
"2 — Staupitz — Nuremberg
"3 — Pinto — Turim
"4 — O Matador — Glasgow
"5 — Joel de Jugan — Morlaix
"6 — Faenza — Paris
"7 — Saldanha — Paris

"Depois havia ainda os números 8 e 9, que não tinham nenhum nome a seguir.

XXIV

AURORA SE PREOCUPA COM UM JOVEM MARQUÊS

"Agora vou confiar-lhe, querida mãe, tudo quanto se relaciona com esta lista.

"Quando Henrique regressou da sua viagem, decorridos dois anos, tornei a ver a lista. Havia nomes já riscados — o nome daqueles a quem êle vira — com certeza. Em compensação, já havia dois outros nomes a preencher as linhas em branco.

"O capitão Lorrain desaparecera; era o n. 1. O n. 2, Staupitz, tinha um grande traço, o mesmo sucedendo com Pinto, o Matador, e Joel de Jugan. Eram cinco traços a tinta vermelha. Faenza e Saldanha continuavam intatos. O número 8 tinha o nome de Peyrolles e o número 9 o de Gonzaga; ambos dados como residentes em Paris.

"... Estive dois anos sem o ver, minha mãe! Que fêz êle durante êste tempo?... E qual a razão por que a sua maneira de proceder foi sempre, para mim, um mistério?

"Durante a sua ausência, estive no convento da Encarnação e, apesar de as religiosas serem para mim duma bondade extraordinária, não conseguiam consolar-me. Tôda a minha alegria desaparecera... já não sabia rir, nem cantar!

"Oh! Mas quando êle regressou, tive a recompensa de todo o meu sofrimento! Terminara o martírio e o meu pai, o meu protetor, estava de novo junto de mim! Não há palavras que possam descrever a minha alegria!

"Ao beijar-me, olhou para mim e fiquei surpreendida com a expressão do seu rosto.

"— Já está uma mocinha, Aurora — disse-me — nunca pensei vir encontrá-la tão linda!

"Então eu era bonita? Pelo menos, aos olhos dêle, parecia...

"Tinha dezessete anos quando Henrique me disse isto.. Nunca supus poder experimentar tanta satisfação ao saber que era bonita...

"Nesse mesmo dia saí do convento da Encarnação e voltamos para a nossa antiga casa, onde encontrei algumas modificações.

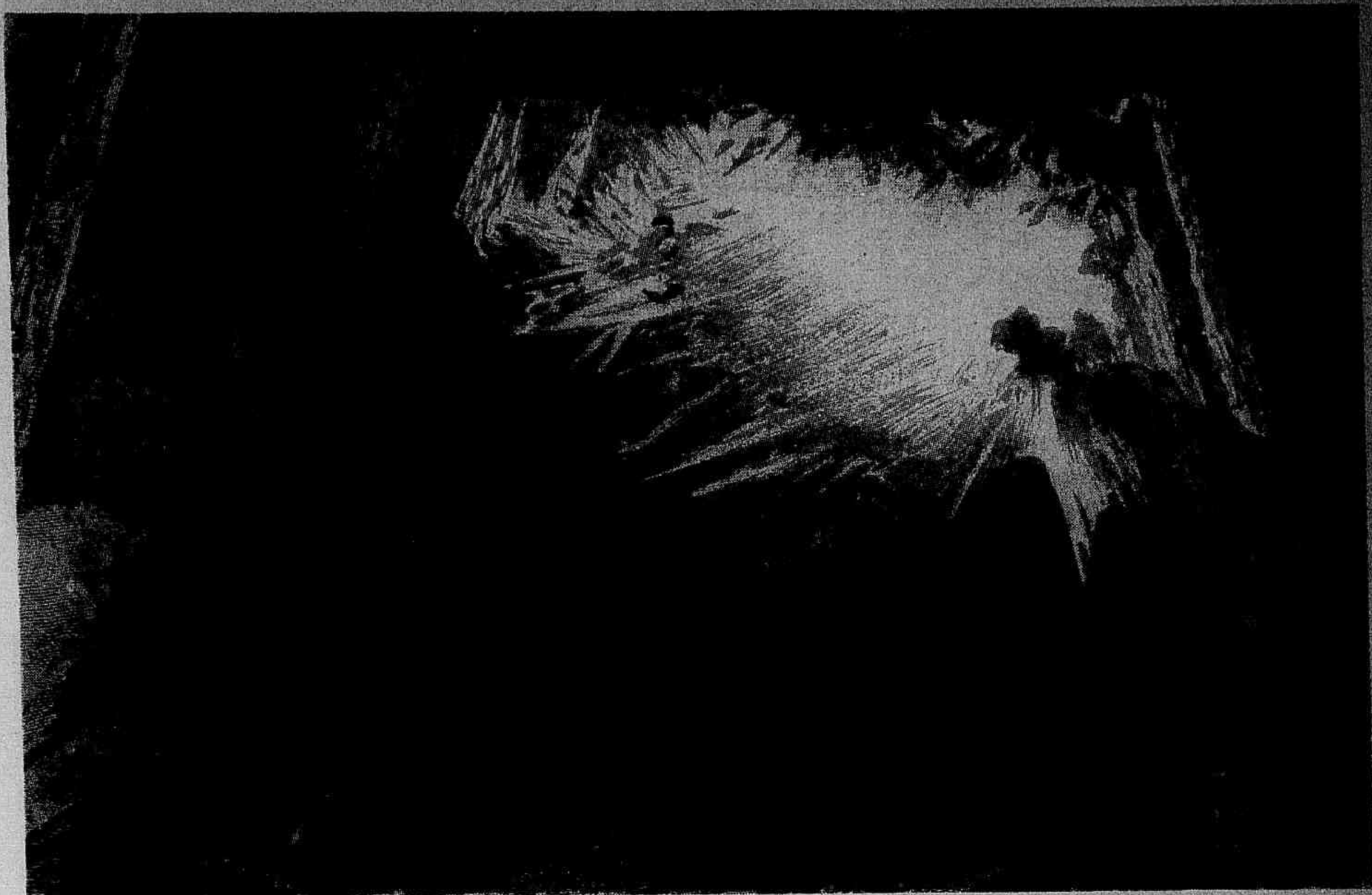
(Cont. no próximo número)



PUVIS DE CHAVANNES
(1824-1898)

Decapitação de São João Batista (Paris — Propriedade particular)

Puvis de Chavannes pintou poucos quadros de cavalete. Sempre afirmou que "a finalidade da pintura é dar vida às paredes. Num quadro, não é possível pintar nada maior que um palmo". A primeira parte de sua afirmação foi posta em prática, pelo artista, criando a pintura monumental; a segunda parte foi também confirmada, porque todos os seus quadros são sempre maiores do que os comuns, não podendo, por isso mesmo, ser considerados *exatamente* como quadros de cavalete, no estrito sentido do vocábulo. Nos curtos momentos (raríssimos) em que não pintava muralhas, Puvis de Chavannes, especialmente em sua primeira juventude, resignava-se a pintar em cavalete, mas sempre em telas de dimensões mais vastas, de modo que era como se pintasse sôbre uma parede imaginária. E' o caso do presente quadro, exposto no "Salon" parisiense de 1870, quando o pintor, com quarenta e seis anos de idade, havia chegado ao ponto mais elevado da sua arte. O novo edifício do Museu de Picardia, em Amiens, já exibia orgulhosamente o mural Ave Picardia Nutrix, exemplo solene de pintura monumental, tendo já, antes, no Palácio de Longchamps, em Marselha, demonstrado como entendia a pintura histórica, de caráter monumental. Porém a obra maior, base eterna de sua glória, são trabalhos executados posteriormente a 1870 e são as pinturas do Panteon, da Sorbonne e do Hôtel de Ville, em Paris, assim como a do Palácio das Artes, em Lyon. O quadro que apresentamos (em comemoração do sacrifício do santo, em 29 do mês corrente) é assunto dos mais comuns, mas tratado de modo efetivamente diverso. Ao primeiro exame, a composição parece carecer de vida e movimento. Porém logo se compreende que o artista preferiu renunciar ao efeito imediato, para obter efeito mais nobre e durável. No fervor afanoso do moderno realismo, a pintura de Puvis de Chavannes é como um oásis de quietude arcádica. Sempre teve como máxima que a pintura mural exige calma. simplicidade, clareza e composição lógica e ordenada, com figuras de beleza ideal, vestidas simplesmente, sem grande capricho ou obediência histórica. Não quis jamais saber do impressionismo, mantendo-se fiel ao culto da linha perfeita, avivada por um colorido claro-sombrio. Tudo isso é notado no quadro, que foi muitas vêzes reproduzido quase como um problema da arte de Puvis de Chavannes. Na figura do Batista, a expressão do martírio atinge o sublime. Uma ressalva poderia ser feita à figura de Salomé, impassível e quase alheia à composição e que, por isso mesmo, não parece digna do pincel do mestre, que criou não poucas das mais belas figuras femininas de todos os tempos.



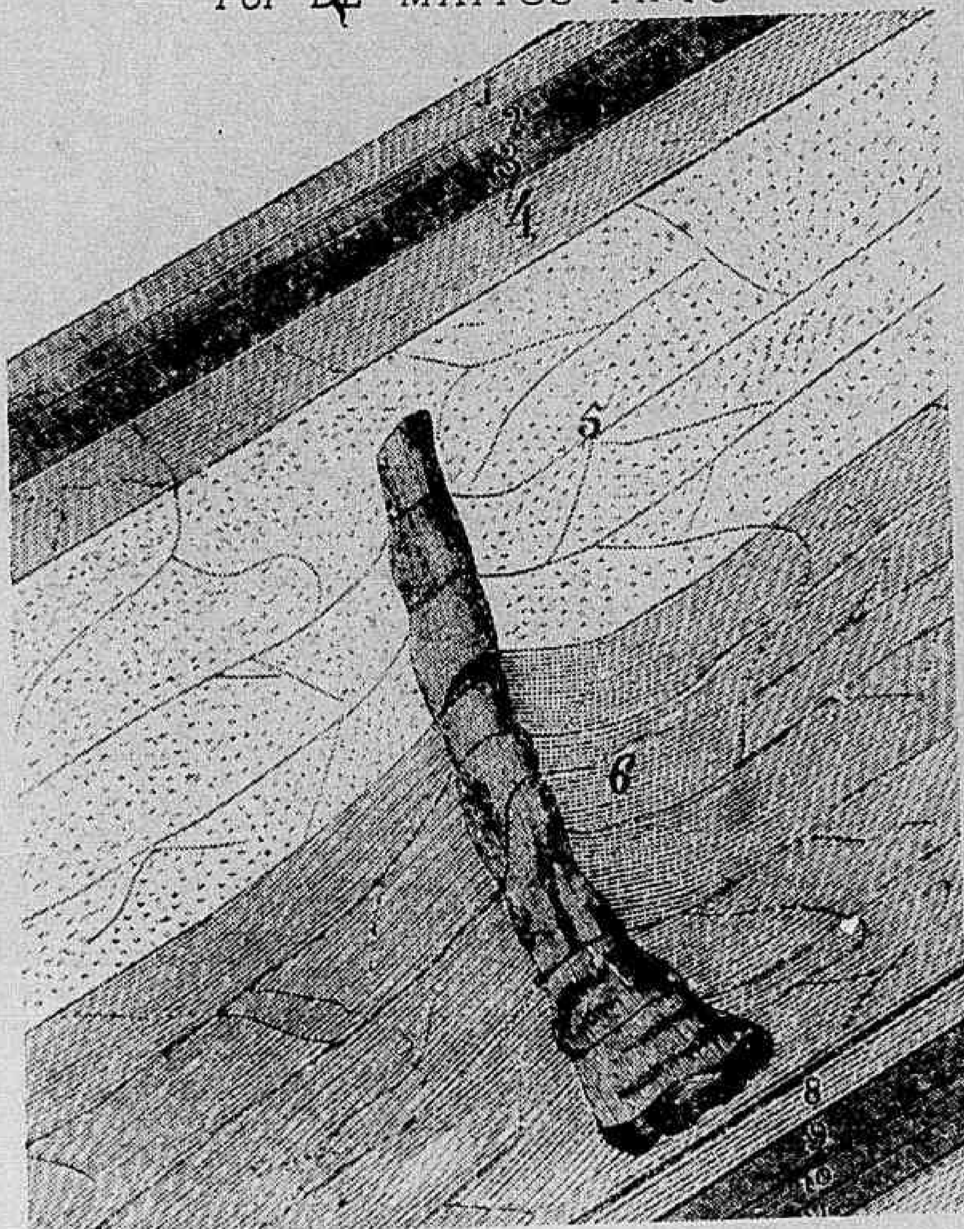
Explosão de grisu numa hulheira, provocando mortes e desabamento das galerias subterrâneas.

A HULHA — TÚMULO DOS MILÊNIOS PERDIDOS

RARAMENTE refletimos sôbre a influência das épocas pre-históricas no curso da civilização industrial e dos inventos modernos. O homem se julga a criatura por excelência da natureza e sempre se esquece de que suas obras materiais, os seus empreendimentos mecânicos e o próprio progresso dependem menos do seu famoso livre-arbítrio, do que de fatôres remotos e paleontológicos, para os quais nada contribuiu, nem podia colaborar. A sua expansão civilizadora se apresentaria totalmente diversa, se outros fenômenos houvessem convulsionado a vida íntima da Terra. As usinas metalúrgicas e as fundições, que amoldam os minérios, extraem o ferro e manipulam o aço, constroem turbinas, fabricam máquinas, lançam transatlânticos, arregimentam filas de canhões e modelam locomotivas, só existem, hoje, porque houve no passado ante-

AS ÉPOCAS PRE-HISTÓRICAS MODELARAM A CIVILIZAÇÃO INDUSTRIAL

Por DE MATTOS PINTO



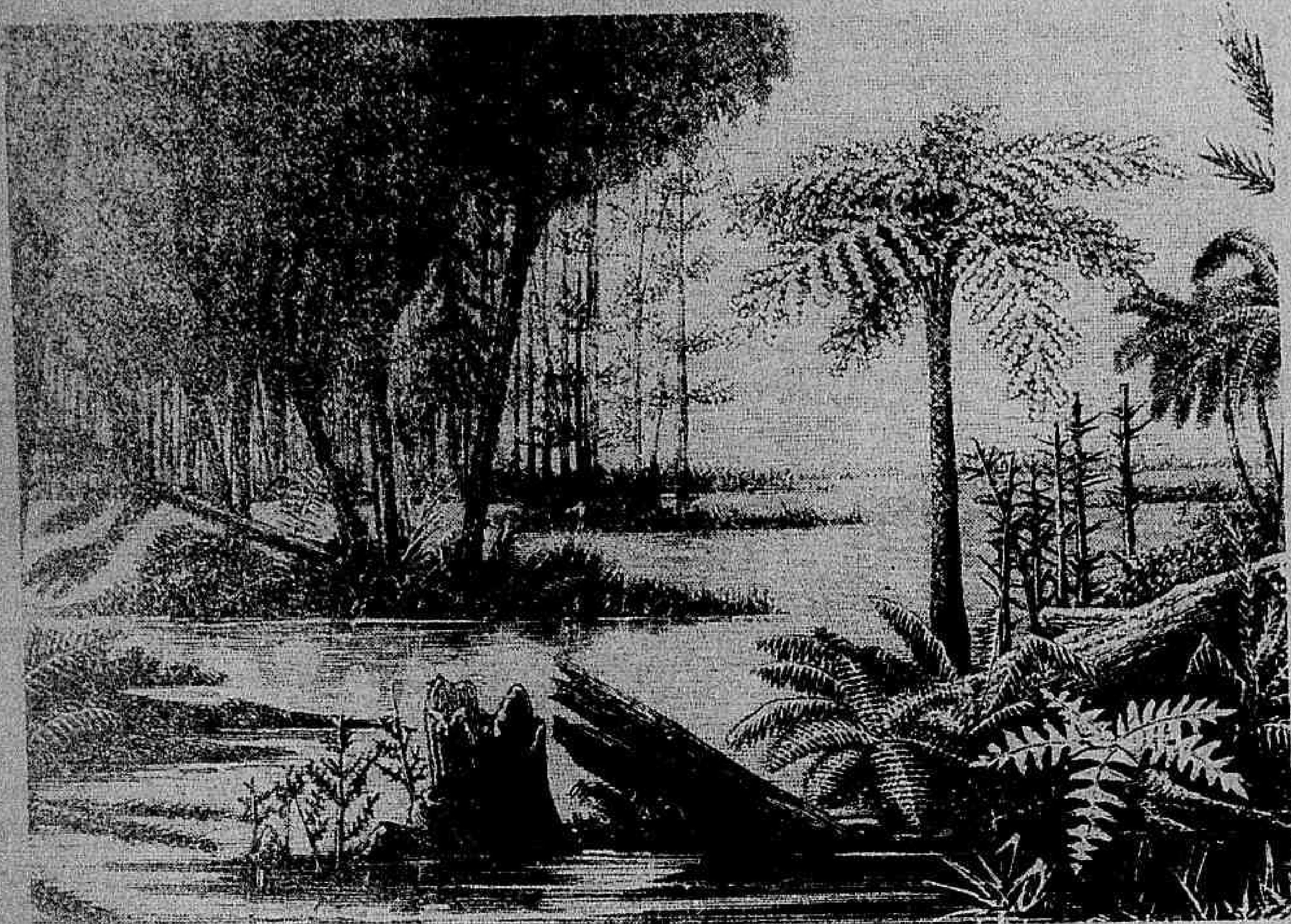
Árvore fóssil encontrada a duzentos e dezessete metros de profundidade, em minas de carvão mineral, comprovando a origem vegetal dêsse combustível.

diluviano do globo, a Época Hulheira. Durante milhões de anos, a natureza produziu e acumulou o carvão mineral, sem pensar na sua futura utilidade para a indústria humana. E durante centenas de séculos, o homem filosofou e sua filosofia ignorou a hulha, a alma econômica do progresso. Todos aquêles que admiram a invenção de James Watt, a máquina a vapor, deveriam meditar sôbre o mistério do seu combustível. E deveriam ficar estupefatos com os milênios perdidos na formação da época carbonífera, uma das maravilhas da criação natural.

DEPOIS DO RESFRIAMENTO DA CROSTA TERRESTRE

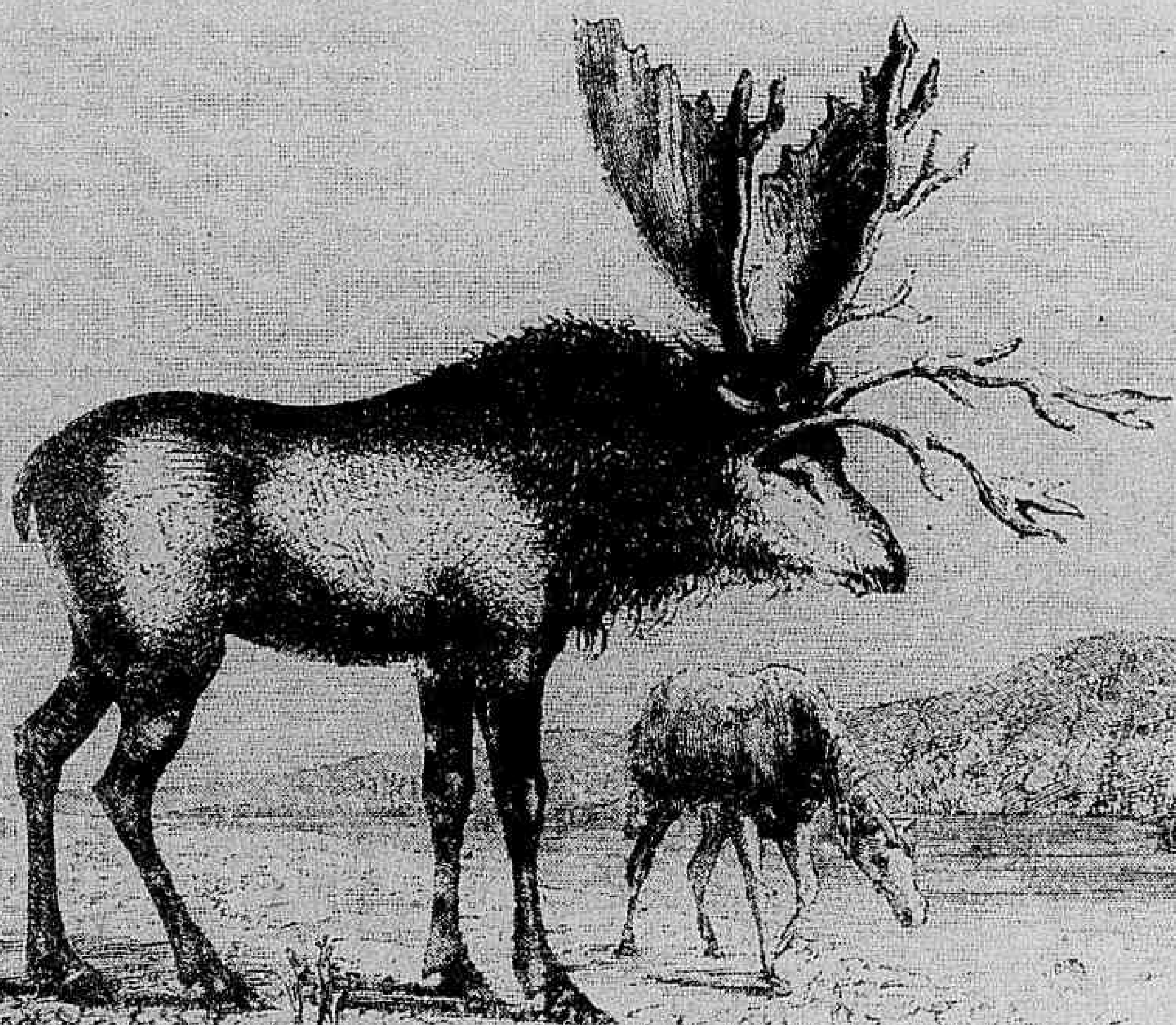
Em presença de uma mina de florestas hulhificadas, o operário indaga supersticioso das suas origens e o naturalista investiga as leis da sua formação. Ambos satis-

fazem, por meios dessemelhantes, o irresistível desejo de saciar a curiosidade e ânsia do conhecimento universal. A questão da hulha e da sua natureza geológica, não se restringe a um



Paisagem do ciclo hulheiro, quando as matas nasciam em terras alagadiças, que se afundavam e fermentavam, com as suas bactérias, as árvores em decomposição, ao mesmo tempo que o ácido carbônico se depositava nos resíduos vegetais.

tema pitoresco, mais ou menos imaginoso. Problema complexo e possante, abrange uma das fases mais agudas do planêta, na sua evolução sísmica, através dos milênios pre-históricos. Depois do resfriamento, formada a crosta terrestre e quando a temperatura das rochas permitiu a formação dos oceanos, aparecidos os primeiros continentes, gerados os primeiros organismos, florescentes as enormes matas primitivas, passaram-se fatos imensos, cujos efeitos ainda hoje sentimos, pela sua influência na atividade economica dos povos. Que significam essas massas negras de minério, que animam sôbre os trilhos as toneladas ululantes das locomotivas? Figuram o passado ciclópico da Terra, movendo pela energia térmica os tempos modernos. Geològicamente, tentou o geólogo inglês Henry Thomas de la Bèche dividir o solo carbonífero em duas espécies, o terreno hulheiro e o terreno antraxífero. O primeiro se caracteriza pela exclusiva presença da hulha e o segundo se distingue pela antracite. Embora haja alguma cousa de exato nessa sumária classificação, muito longe fica de expor a variedade das camadas carboníferas. Quando se examina um bloco de hulha, verifica-se a existência de linhas paralelas, representando as estratificações. O carvão de pedra abre-se fàcilmente por essas linhas naturais. Por isso mesmo, o biólogo Thomas Henry Huxley comparou as suas faces a um livro paleontológico, cujas páginas encerram a história de um dos mais grandiosos ciclos do globo. Nelas, o geólogo lê e procura interpretar o texto natural, que explica o mistério das florestas sepultadas e carbonizadas. Sabemos, depois de Alexandre Brongniart e de Georges Louis Leclerc Buffon, que nas formações hulhíferas existem vegetais e conchas de água doce, como de água-marinha, bem como peixes e insetos. Prova essa descoberta, que êsses terrenos viveram na superfície antes de constituírem camadas do subsolo. Submetido à análise microscópica, percebem-se, no carvão mineral, tecidos de feitio tetraédicos, talos de algas-marinhas, substâncias nìtidamente lenhosas, fôlhas e caules fragmentados e fibras de vegetais inexistentes na flora atual da Terra. Se no sul da Inglaterra, as minas acham-se isentas de fósseis marinhos, o mesmo não ocorre com as formações do norte, onde se fazem notar êsses sedimentos. Livre de resíduos de origem oceânica, a hulha da parte central da França elaborou-se em terrenos lacustres, em áreas alagadiças, onde as matas submergiram sob a invasão de águas deslocadas por movimentos sísmicos, ou por chu-

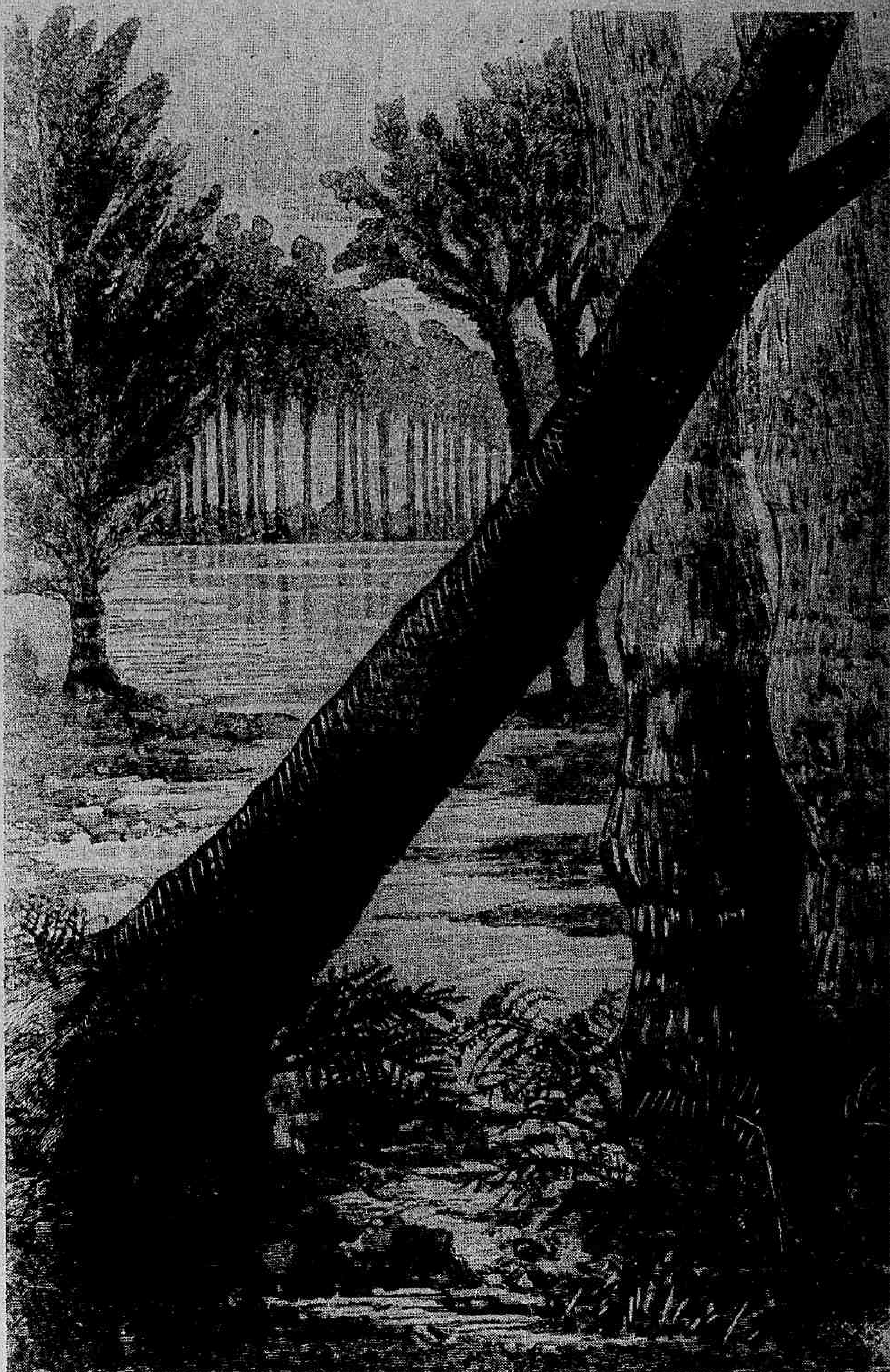


Só depois do ciclo carbonífero, apareceram os grandes animais e as aves, pois a atmosfera carregada de carbono impossibilitava a respiração dos mamíferos. A gravura representa o "Sivaterium", que viveu nos tempos pliocênicos, época pre-histórica em que se rasgou o Estreito de Gibraltar.

vas diluvianas. Em certas zonas da Escócia, como nas margens do Forth, notaram-se camadas repletas de coprolitos, excrementos de natureza fóssil, dejeções petrificadas de milhares de Ictic-sauros e de outros grandes animais marinhos, que viveram no segundo período geológico da formação do nosso planêta. Tôdas essas circunstâncias iluminam algumas sombras do mistério da hulha, mas exigem novos esclarecimentos, outras pesquisas mais vastas, para que a inteligência do homem contemporâneo possa reconstruir, enfim, os ciclos perdidos da Terra, numa fase planetária em que os trogloditas ainda não haviam aparecido.

O IMPERIALISMO ECONÔMICO DEPENDE DA VIDA PRIMITIVA

Acontecimentos geológicos, transcorridos no curso dos milênios perdidos, prosseguem influindo sôbre as características industriais dos tempos modernos. O gênio inventivo da humanidade forja as suas maravilhas mecânicas sôbre materiais geológicos, formados entre as primeiras convulsões do globo. A superioridade da Inglaterra, êsse imperialismo comercial que invadiu todos os continentes e criou o maior império da história, só rivalizado pela conquista da civilização romana, vem ùnicamente das suas bacias hulhíferas e das suas minas de ferro. Porque na Inglaterra, por uma felicidade geológica, o ferro e a hulha se alternam em bancadas sucessivas. Talvez pareça incrível aos estrategistas navais, mas a marinha britânica vive de fenômenos pre-históricos, movimentados antes da aparição do homem. Numa época infinitamente recuada, lagunas e pântanos inundavam o solo inglês com os seus aluviões e com a sua exuberante vegetação. As balamitas e as boníferas vicejavam ao sol incandescente, cuja temperatura mal podemos avaliar. E o mesmo se passava na França, em cuja mina de Treuil, na bacia de Saint-Etienne, verificou o geólogo e mineralogista Alexandre Brongniart a existência de árvores fossilizadas, entre outros materiais carbonizados. Os depósitos se acumularam uns sôbre os outros, com intervalos de espaço e de tempo. A variedade e a complexidade regem o fenômeno da formação das bancadas de hulha. Há veios que medem um metro de espessura, outros ocupam, porém, vinte, trinta e cinqüenta metros. E não faltam mesmo as camadas, que se prolongam por cem metros de profundidade. Nas bacias hulheiras autoctônicas, a carbonização operou-se nas florestas locais, sendo êsse tipo de mina comum nos subsolos da Alemanha, França, Bél-



Durante o período hulheiro, florestas gigantescas vicejaram em terrenos pantanosos, cujo fundo se abatia arrastando as árvores. Formavam-se novas capas sedimentares e outras matas floresciam, submergindo para dar nascimento a nova floresta. A hulha representa os vegetais sepultados e petrificados pelo carbono, durante épocas imensas do mundo pre-histórico.



Para alimentar o ardente fogo dos grandes fornos siderúrgicos, o homem rasgou as entranhas da terra pela natureza nos tempos antediluvianos. Nessa rude batalha industrial, perfura galerias e luta contra

gica. O mesmo se observa no território inglês, onde já imperou o clima tórrido nos tempos prehistóricos. Nas bacias aloctônicas, descobrem-se uma flora diferente das demais espécies vegetais, significando que o material hulhificado veio sob a enxurrada das águas, de rios ou de chuvas torrenciais. Depósitos de argila e de rochas separam as acumulações do carvão mineral, demonstrando assim as fases sedimentares. Quando uma camada de hulha se interrompe e segue-se um banco de terreno comum, estéril de veias carboníferas, de grés e de xisto, para depois se encontrar outra bacia hulheira, o geólogo reconstitui o drama sísmico dessa interrupção pelo seguinte processo: — a água invadiu e sepultou uma floresta durante séculos e acumulou sôbre a mesma os resíduos da enxurrada antediluviana. Devido a deslocamentos subterrâneos, os fundos de pântanos e lagunas baixavam de nível, recebendo outra capa sedimentar. Outra mata cresceu novamente e mais uma vez o terreno submergiu com tôda a sua vegetação tropical, sucedendo-se os ciclos de sedimentos e de hulheiras durante séculos. Observam alguns mineralogistas que as formações carboníferas se acham situadas, muitas vêzes, em vales e planícies cercados por cadeias de montanhas, limitadas por rochas antigas. Nesses espaços operou-se nos tempos primitivos, rápida e intensa concentração de escórias vegetais, cobertas pelos aluviões. Cada mina manifesta, sob uma fisionomia geral, bem conhecida pelos engenheiros, aspectos particulares da área geográfica, de imensa variedade para ser classificada sob um só rótulo. Nesse período de esplendor vegetal, a crosta terrestre se convulsionava freqüentemente, soerguiam-se montanhas e rasgavam-se vales, rios caudalosos transbordavam em fúrias tremendas, jogados fora dos seus leitos informes por terremotos locais ou generalizados, que coincidiam com a carbonização da vida vegetal. A indústria moderna trabalha sôbre os destroços dêsses cataclismos e queima, em seus fornos, milhares de florestas petrificadas durante os milênios perdidos.

A NATUREZA OPEROU PRODÍGIOS NA CRIAÇÃO DAS BACIAS HULHEIRAS

A geologia da hulha confunde o mineralogista com as suas insondáveis leis e seus fatos prehistóricos. Na bacia de Saint-Etienne fica a mina de Reveaux, cuja mataria oferece o fenômeno de ignição espontânea. O geólogo Amédée Burat examinou-a e analisou os vapores, bem como as emanações de amoníaco.

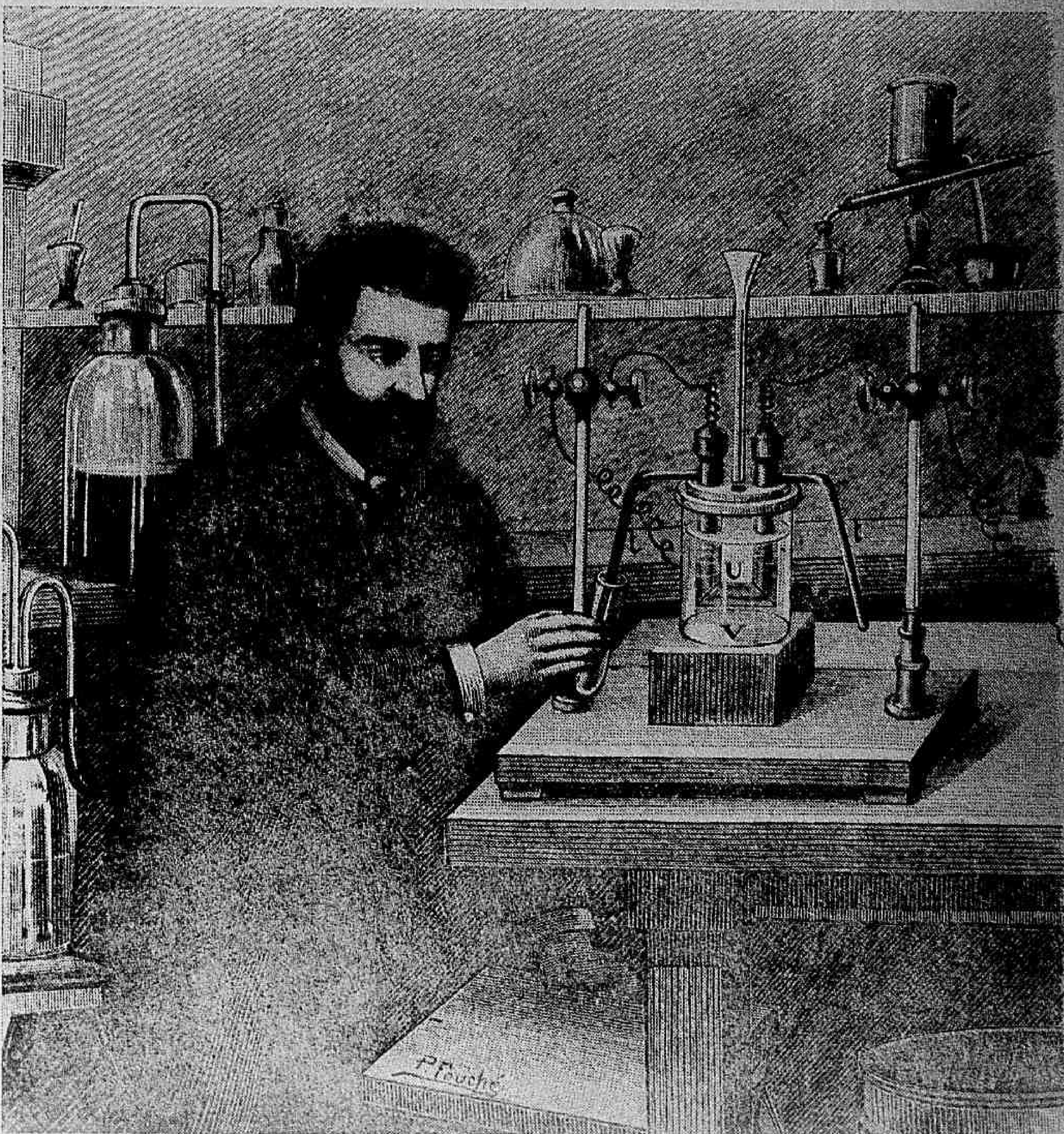


e utiliza o carvão fóssil, acumulado os desabamentos subterrâneos.

Também o naturalista Buffon, que introduziu o sentimento da arte na história natural, visitou, no Departamento de Saône-et-Loire, a mina de Montchanin, cuja combustão revestia-se de certa originalidade. Tratava-se de uma massa de combustível, que os engenheiros exploravam em três camadas. A parte central ardia inexplicàvelmente, numa largura de oitenta metros e numa extensão de duzentos metros. Ninguém sabia explicar a inflamação espontânea do veio carbonífero. Buffon admitiu, pela decomposição do sulfureto de ferro, a incandescência das minas de Revaux, Montchanin e Sarrebruck. O fato contribuiu para robustecer a idéia de que a hulha, atualmente considerada um mineral, possui uma origem orgânica, essencialmente vegetal. O carvão de pedra nasceu com a decomposição das plantas primitivas. Em defesa dessa teoria existem várias comprovantes geológicas. Na região de Balgray, na Inglaterra, descobriu Goppert, em 1824, volumosos troncos de árvores fósseis. Mais seis árvores encontraram depois, nas mesmas condições, entre os anos de 1837 e 1840, no terreno carbonífero de Lancashire. As explorações das minas de Newcastle verificaram a existência de trinta exemplares de sigilárias, gênero de árvore fóssil, cuja descoberta se deve a Adolphe Théodore Brongniart, que se especializou nos estudos de paleontologia botânica e publicou a "História dos Vegetais Fósseis". Novas descobertas, em 1844, assinalaram em Parkfield Colliery, numa camada de hulha, sessenta e três troncos de árvores com as suas raízes. Dêsses troncos, alguns mediam três metros de circunferência e nove metros de extensão. A mina francesa de Treuil caracteriza-se pela posição dos vegetais, sepultados no sentido vertical, como se o terreno houvesse cedido sob a pressão de movimentos sísmicos. Fatos semelhantes impressionaram Wood e Henry de La Bèche, nas suas viagens por Killingworth. Fenômeno de terrenos sedimentares, o carvão mineral não aparece em solo como as terras da Suécia, que se compõem de rochas cristalinas e ígneas.. Entre um veio e outro veio de hulha, transcorreu um período de repouso, indicado pelos tapêtes argilosos. E fica-se admirado em saber que os depósitos carboniferos no País de Gales chegam a cinco mil metros de espessura. A natureza operou prodígios na criação da hulha e os esforços da geologia, para reconstruir a sua época, ressente-se da dificuldade em reproduzir as condições muito dessemelhantes, que reinaram no solo e no clima da Terra.

DE ONDE VEM O CARVÃO MINERAL?

As antigas suposições sôbre a matéria carbonífera nada valem mais, porque a química chegou a resultados definitivos. Qui-

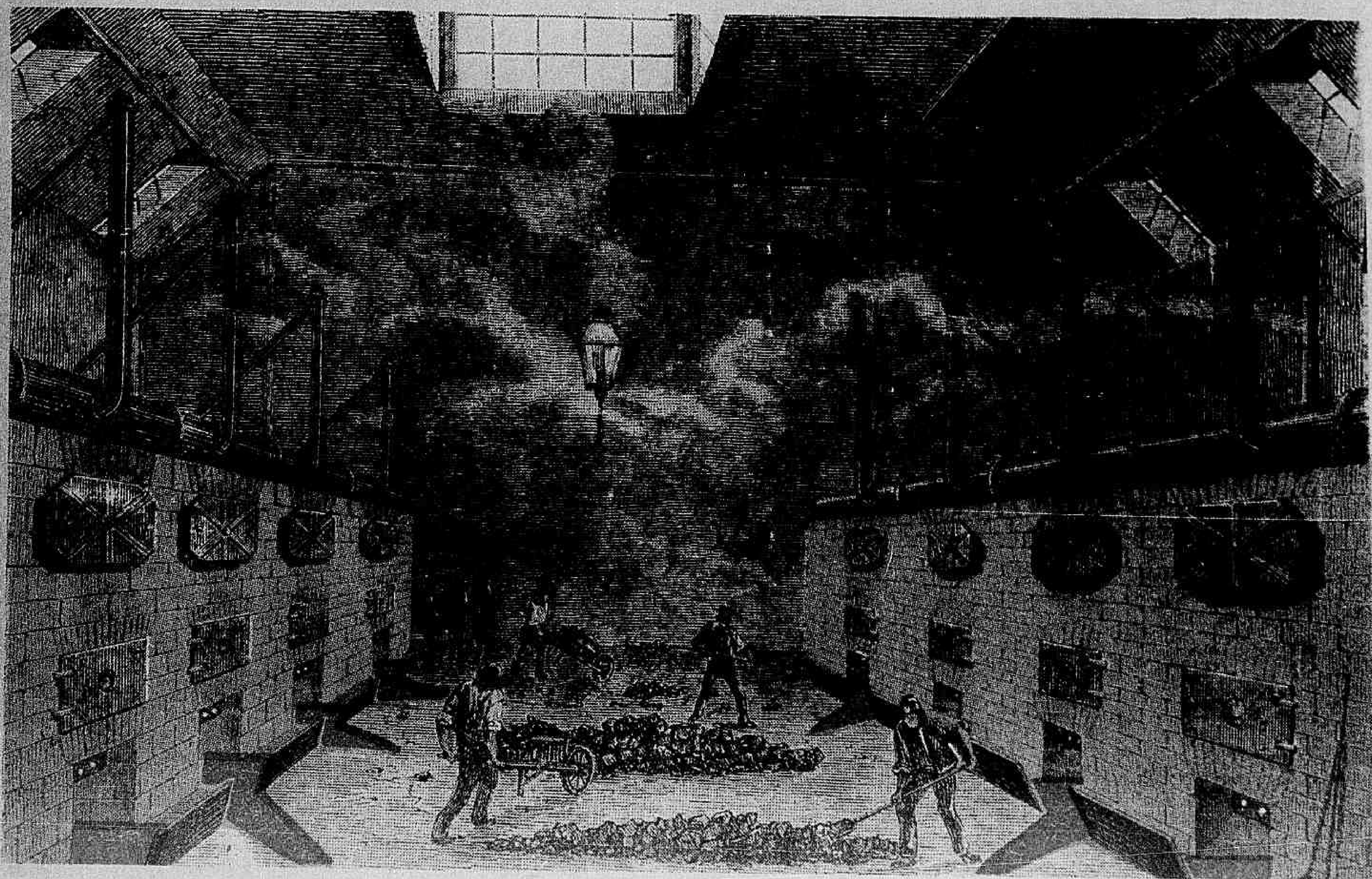


Nas mãos dos químicos, a hulha se transformou numa substância prodigiosa, de que se extraem alcatrão, óleos, vernizes, gás de iluminação, gasolina, amoníaco, fornecendo ainda material para as modernas substâncias plásticas

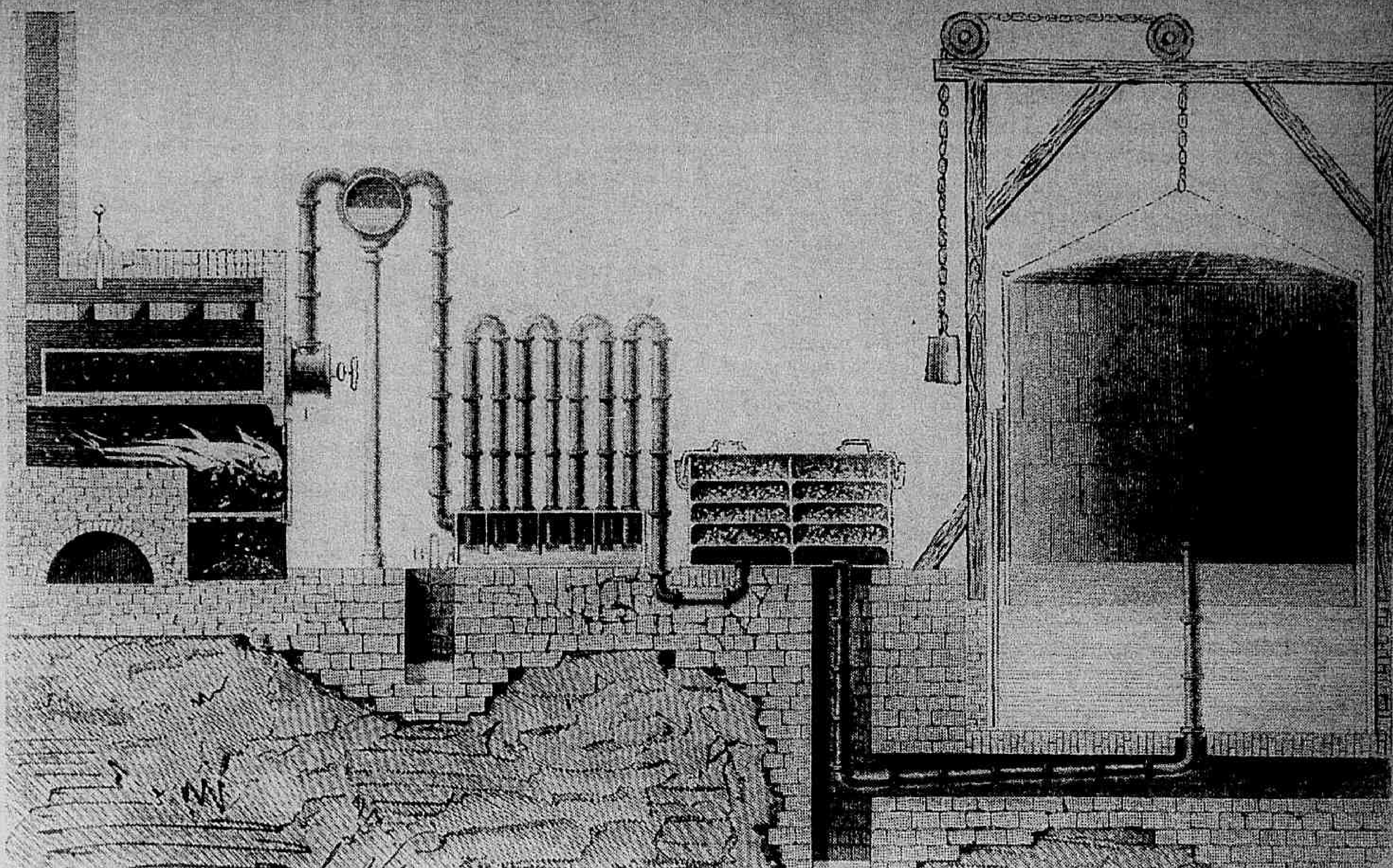
seram atribuir ao carvão mineral uma origem celeste e meteórica. Inventaram que o carbono cristalizado caiu sôbre o globo em formação, sob a forma de diamantes e de hulha. Contra essa teoria levantam-se argumentos muito sérios, como a justaposição em camadas, que indica o processo sedimentar. Veio depois a hipótese ígnea e lacustre, pela qual davam o vulcanismo como a verdadeira causa. O fogo central expeliu vapores e gases, sobressaindo o ácido carbônico, que se depositou no fundo dos pantanais e das terras alagadiças da idade primitiva. Outro sistema de idéias explicou o nascimento da antracite e da grafite em quatro fases espetaculares. Uma flora tropical, rica e forte, floresciа na época primária e informe. Colossais inundações, espécies de dilúvios periódicos, submergiam as matas no subsolo. O fogo central entrava em ação, distilava as árvores e carbonizava fôlhas, troncos, ramos e raízes. Houve uma desoxigenação e uma desidrogenação das massas vegetais, provocadas pela fermentação microbiana nos pantanais pre-históricos, combinadas com as revoluções geológicas, que precederam ao desenvolvimento das terras firmes atuais, deslocando enormes volumes de carbono. Os abalos sísmicos e os levantamentos da crosta terrestre deformaram a posição das minas, tornando-as irregulares. Tanto John Hawkshaw, como Charles Lyell e John William Dawson inclinam-se pela origem vegetal da hulha, proveniente da decomposição das matérias orgânicas. Cada veio hulhífero representa uma floresta sepultada, depois fermentada e petrificada pelo carbono com os seus ramos e suas fôlhas, suas raízes e seus troncos. O período carbonífero não passou ràpidamente como um espetáculo catastrófico. Ciclo moroso e multimilenar, obedeceu a leis diversas, a acidentes topográficos e sísmicos das regiões continentais do mundo antediluviano. E a prova de que houve intervalos seculares, fases imensas de repouso incompreensível para a mentalidade humana, entre as primeiras e as últimas carbonizações, encontra-se na diferença de qualidade dos carvões minerais. As terras hulheiras variam intensamente nas suas disposições. Na Silésia existem mais de trinta bancadas dessemelhantes de hulha, ao passo que se elevam a quarenta tipos nas regiões de Newcastle e de Fléau. Na zona de Liège, há cerca de oitenta e cinco veios de hulheiras diversas, num mesmo território. E há distritos onde as diferenças orgânicas acusam mais de cem características. Em virtude dessas particularidades, a origem do minério combustível exige uma teoria mais minuciosa e mais completa.

A CARBONIZAÇÃO DAS MATAS ANTEDILUVIANAS

Para compreender a carbonização das matas antediluvianas, necessitamos de recuar ao mundo primitivo e ao meio físico, em que cresciam as equisetáceas e os licopódios em dimensões anormais. O clima, extremamente úmido e imensamente cálido, facilitou, durante a época hulheira, a expansão ciclópica das árvores. As matas vicejavam em terrenos frouxos, móveis e transbordantes, sem leitos formados, e varridos pelas águas torrenciais. No curso dos tempos, as florestas ruíam espantosamente, afundavam nos pântanos e novos sedimentos se sobrepunham como uma capa. Uma nova terra firme se for-



...a produtora de gás para iluminação e aquecimento das cozinhas domésticas, onde a hulha sofre a ação do calor e entra em decomposição química, desprendendo o gás.



Conjunto das operações relativas à produção do gás para aquecimento doméstico. Submetido à ação do calor, o carvão mineral solta o gás, que atravessa diversas serpentinas para limpeza, sendo acumulado num tanque para distribuição comercial.

mava sôbre as águas, dando lugar à outra vegetação, exuberante e poderosa como a primeira. As areias e o limo constituíam nova crosta, pronta a receber novos germens do mundo vegetal e animal. Um fato se impõe claramente, no meio das circunstâncias da evolução do globo. Se o nível dos terrenos não se modificasse, por outros aluviões e outras superfícies sedimentares, nunca se poderia explicar as bacias carboníferas da Gales do Sul e da Nova Escócia, que alcançam cinco mil metros de espessura. Só demoradas e repetidas modificações geológicas poderiam justificar tal fenômeno. Muito se discutiu, para saber qual dos dois fatôres mais trabalhou no sepultamento das florestas antediluvianas: se a debilidade da crosta que cedeu e se abismou com o pêso da massa vegetal, ou os gigantescos transbordamentos fluviais, que cobriam os pântanos, ou ainda contrações centrais da Terra. Para a estrutura das bancadas hulheiras situadas entre vales, cercadas de montanhas, reconhece-se que as mesmas se constituíam de lagunas, em volta das quais prosperava a vegetação tropical. Torrenciais e diluvianas inundações arrastavam, para o fundo dos vales, as escórias vegetais, galhos, moles de fôlhas, troncos partidos e mesmo árvores inteiras. Depois, a erosão produzia a derrocada das margens das lagunas, as terras impelidas pelas caudais se amontoavam sôbre os vegetais mergulhados. Dêsse modo, constituíram os reservatórios de fetos, calamitas e palmeiras. Sob a dupla ação do calor central e da temperatura solar, o solo ardia provocando reações físico-químicas. As coníferas, os licopódios e as sigilarias, que a análise nota no carvão de tôdas as partes do mundo, demonstram a homogeneidade da vegetação e do clima, nas diversas latitudes. Viveu a Terra, na fase da hulhificação das matas, uma situação meteorológica e atmosférica que muito diverge do estado atual.

AS IDADES IMENSURÁVEIS DO MUNDO GEOLÓGICO

A composição da atmosfera influiu, consideràvelmente, no fenômeno carbonífero. Revelaram as experiências de laboratório, que a madeira, submetida à pressão e ao calor, não se transfigura em substância análoga ao carvão mineral. Fatôres que não agem mais, intervieram no seu misterioso desenvolvimento. Nesses dias embrionários, o fogo central aquecia a crosta terrestre, precipitava a evaporação rápida das águas, excitando a vegetação e multiplicando o seu volume. Reinava um clima mais do que tórrido, porém muito úmido, pelo excesso de chuvas e de pântanos. Modificações bacterianas atuaram sôbre as matas sepultadas nas águas pantanosas, fermentando os troncos, as fôlhas e raízes, produzindo gases. A hulhificação apareceu com a decomposição dos resíduos da flora prehistórica, que submergia nos terrenos alagadiços. Não faltam dados materiais, que comprovam a existência de um estado climatérico, bem ativo e calorífico. Os paleontologistas descobriram que o polipeiro fóssil "Lithostrotion", comum às latitudes da Europa e dos Estados Unidos, viveu, durante o ciclo hulheiro, na zona territorial do Polo Ártico. Isso evidencia a rea-

lidade de um mar tropical, banhando terras quentes e cobertas de vegetais volumosos, no lugar onde hoje vemos o gélido Oceano Ártico. A existência de plantas carboníferas idênticas àquelas de origem européia, em territórios da África, Spitzberg, América e China, afirma que a temperatura do planêta gozava de uniformidade. E, por conseguinte, nada mais anticientífico do que comparar a decomposição das árvores contemporâneas, com a fermentação subaérea dos vegetais antediluvianos, na época da predominância do carbono. A descoberta de plantas hulheiras na vizinhança do Polo, a setenta e quatro graus de latitude, garante definitivamente o fato de que um só clima imperava sôbre a Terra. A quantidade de luz e de calor, recebida pela matéria orgânica, criava outras formas de vida sôbre um solo móvel, em incessante transformação de nível. Os animais dotados de órgãos respiratórios não podiam subsistir antes do ciclo hulheiro e não apareceram durante a carbonização da flora terrestre.

Um fato particular e notável feriu o espírito dos paleontologistas. Os tempos da hulhificação desconheceram a existência dos pássaros e dos outros animais de respiração aérea. Por que não apareceram as aves nessa fase espantosa da natureza? A atmosfera, impregnada de carbono, não permitia a vida dos sêres que respiram ao ar livre. Com a produção orgânica da hulha, o carbono saiu da atmosfera e concentrou-se nas plantas. O ar purificado vai preparar o nascimento de outras espécies vegetais e animais. Asseveram os paleontologistas que uma floresta espêssa só fornece um centímetro de hulha. E calculam que uma espessura de carvão mineral de cinqüenta metros, exigiu uma massa compacta de vegetais vinte vêzes mais alta, ou seja um quilômetro de matas sepultadas, que se reduziram progressivamente a cinqüenta metros de hulha. Calculou o biologista inglês Thomas Henry Huxley que vinte metros de espessura de carvão fóssil consumiram vinte e cinco mil anos. O naturalista e geólogo suíço Oswaldo Heer avaliou, também, que uma camada de treze metros de hulha levou para se constituir cêrca de quinze mil a vinte mil anos. Imaginou Edward Hull que as minas do País de Gales exigiram seiscentos e quarenta mil anos de formação. Concluiu o químico alemão Karl Gustav Bischof que, entre o princípio e o fim do ciclo hulheiro, transcorreram nove milhões de anos. Sôbre a veracidade dessas cifras colossais, os argumentos se arregimentam a favor e contra. Concebamos, por um golpe de imaginação, essas fantásticas florestas que nasciam, cresciam, expandiam-se, chegavam à maturidade e viviam anos e séculos, para descerem ao seio da Terra. Representemos os sedimentos que se amontoam, as novas matas que vicejam e que submergem, fermentam e se carbonizam. O ciclo se repetiu centenas de vêzes por tempos indefinidos. A cronologia humana não pode acompanhar, com as suas medidas, as épocas imensuráveis da natureza.



ÊSTE MUNDO LOUCO

Por JOSÉ SCHORR



FIAU! — Pode um espectador de teatro escarnecer de um "show" que não lhe agrade? *Sim*, responde um dos tribunais de justiça do Estado de Connecticut, nos Estados Unidos. Assim como lhe é legalmente permitido aplaudir um espetáculo, pode também, demonstrar seu desagrado por esta ou aquela representação.

TEATRO OU CANIL? — Se um cão penetra num teatro e morde um dos espectadores, deve a administração do teatro pagar qualquer reparação à vítima? *Não* — afirmou o tribunal da Carolina do Sul. Não sendo possível encontrar nos arquivos de jurisprudência um caso semelhante, de alguém que tenha processado uma casa de espetáculos por ter sido mordido por um cão, quando assistindo a uma função, decidiu a referida côrte o seguinte: *a*) cães não freqüentam teatros; *b*) quando o fazem, são animais dóceis e de bom comportamento; *c*) se cismam de morder, os cidadãos sofrem a mordida em silêncio, para evitar a humilhação decorrente. Ficou estabelecido, assim, que o perigo não é tão grande e freqüente que requeira a presença de um vigia especial, durante cada função.

CUIDADO BONITÕES! — Pode o pai de uma menor tentar matar o homem que procura fugir com a mesma? *Sim*, afirma a Suprema Côrte da Carolina do Sul. O pai tem o direito de impedir o rapto ou a fuga de sua filha, empregando para isso todos os meios que puder, diante das circunstâncias.

... E: CUIDADO BONITONAS! — Deve um colête para senhora ser vestido pelo pescoço ou pelas pernas? Naturalmente que pelas pernas, decidiram cinco juízes da Côrte de Apelação de New York, quando tiveram que decidir sôbre o pedido de reparação feito por uma senhora, que teve o pescoço deslocado ao tentar vestir um dêsses complementos da beleza feminina... pela cabeça!

O REI QUE TROCOU O TRONO POR UM AMOR

O QUE NÃO DISSE O DUQUE DE WINDSOR

IV — EDUARDO IGNORAVA O QUE O AMEAÇAVA

EM LONDRES, os boatos se multiplicam e cochicha-se mesmo nos corredores de Buckingham Palace e nos arredores de Downing Street n. 10.

Muitos não esqueceram o que disse, certa vez, o arcebispo de Canterbury: "No caso de uma pessoa casada se separar, por meio do divórcio, de um homem — ou mulher — ainda em vida, não poderá casar na igreja."

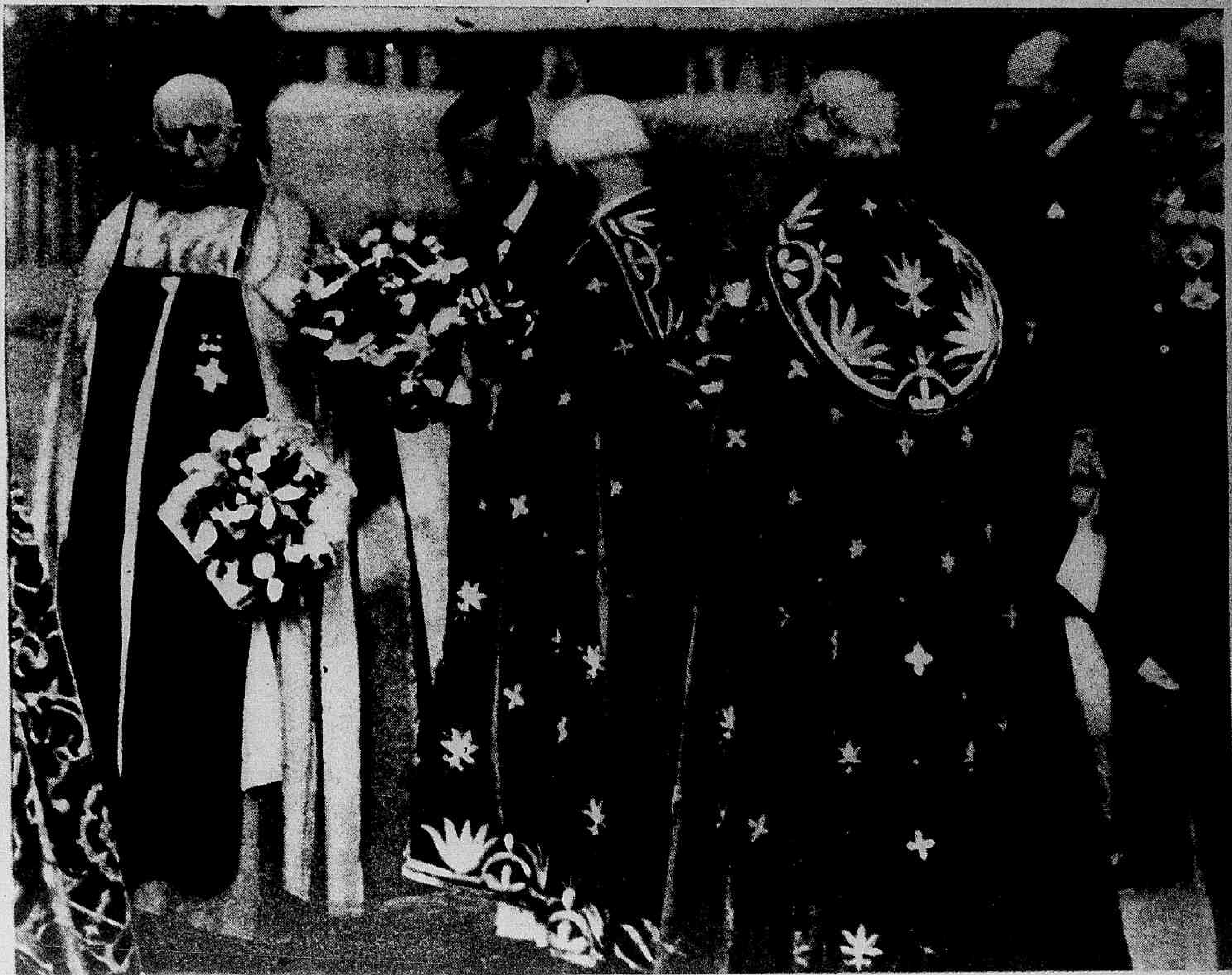
Todos os que recordavam essas palavras, pensavam em Mme. Simpson e murmuravam que nada indicava haver o arcebispo mudado de idéia.

Por sua vez, a posição da rainha Mary, então "rainha-mãe", era absolutamente nítida. Já em 1934 não havia convidado Mme. Simpson para o casamento do Duque de Kent, embora seu filho mais velho tivesse insistido nesse sentido; depois, mostrara-se um pouco ofendido, quando o Príncipe de Gales levou a norte-americana, em sua companhia, à recepção oferecida após o jantar oficial.

Na côrte, *oficialmente*, ignoram tudo.

No entanto, no Outono, quando — conforme a tradição — Eduardo se dirigiu para o castelo de Balmoral, na Escócia, o Duque de York e sua espôsa foram convidados, assim como Mme. Simpson. A êsse tempo, artigos indiscretos, em certos jornais dos Estados Unidos, afirmavam que os melhores aposentos do castelo tinham sido reservados para Mme. Simpson e não — como de hábito — para os membros da família real.

Apesar de tudo, continuaram, na côrte, a recusar acreditar no "irreparável": esperavam que o jovem rei fizesse um casamento *de acôrdo com o seu sangue* e



O jovem rei não tardaria a sofrer o ataque frontal do seu vizinho, o arcebispo de Canterbury

a sua posição. Todavia, as coisas estão mais avançadas do que julgam, mesmo os mais pessimistas. A norte-americana está tratando de conseguir o divórcio!



Pessoalmente, Mme. Simpson vai alugar uma casa no 16 de Cumberland Terrace. Para poder sair de casa, ela faz sinais luminosos, para chamar a sua Buick preta, que avança a tôda velocidade, e na qual ela penetra, desaparecendo, de cabeça voltada para baixo, para evitar ser fotografada, o que não impede os repórteres de acompanhá-la, à espreita de algum descuido para conseguir uma boa chapa.



Mme. Simpson recebe cartas de ameaça, que são entregues à Scotland Yard. Nelas, seus inimigos escrevem: *"Cuidado! Poderá sofrer o que sofreram as outras amantes dos reis!"* Ou: *"Há 200 anos, sabiam como tratá-la. Infelizmente, hoje, êsses métodos foram esquecidos; por isso, devo cumprir o meu dever de patriota e matá-la!"*

A fim de despertar o mínimo de curiosidade, o processo de divórcio foi transferido de Londres para a cidadezinha de Ipswick; esfôrço inútil, pois a imprensa logo descobre a fuga do processo e uma multidão de jornalistas, de tôdas as nacionalidades, invade a modesta localidade.



A duqueza de Windsor, em "toilette" de cerimônia, quando foi apresentada à côrte.

Mme. Simpson ficou instalada na aldeia de Rushmere, a poucos quilômetros de Ipswick. O rei se encontra no castelo de Sandringham, onde se aborrece mortalmente. E' absolutamente impossível ao soberano permanecer afastado de sua amiga, mesmo por alguns dias. Para matar o tempo, organiza uma festa reservada aos "gentlemen" do lugar — a qual dura tôda uma noite.

Pela manhã, muito cedo, quando os convidados se dirigem à caça, êle parte, ar decidido, em seu automóvel, sem dizer onde vai. Seus secretários e servidores só ficam tranqüilos quando um dêles tem a lembrança de telefonar para Rushmere e de lá informam que o rei chegou e está bem.



Numerosas personalidades importantes da Inglaterra são fatalistas. Não vêem o que poderia impedir o rei de legalizar suas relações com Mme. Simpson. Só receiam uma exceção: o presidente do Conselho, *Baldwin!*

Quando é informado do próximo divórcio dos Simpson, decide-se a agir.

Solicita uma audiência ao rei. Essa primeira entrevista é realizada em 19 de outubro. Pouco mais tarde, no Parlamento, Baldwin fará uma declaração:

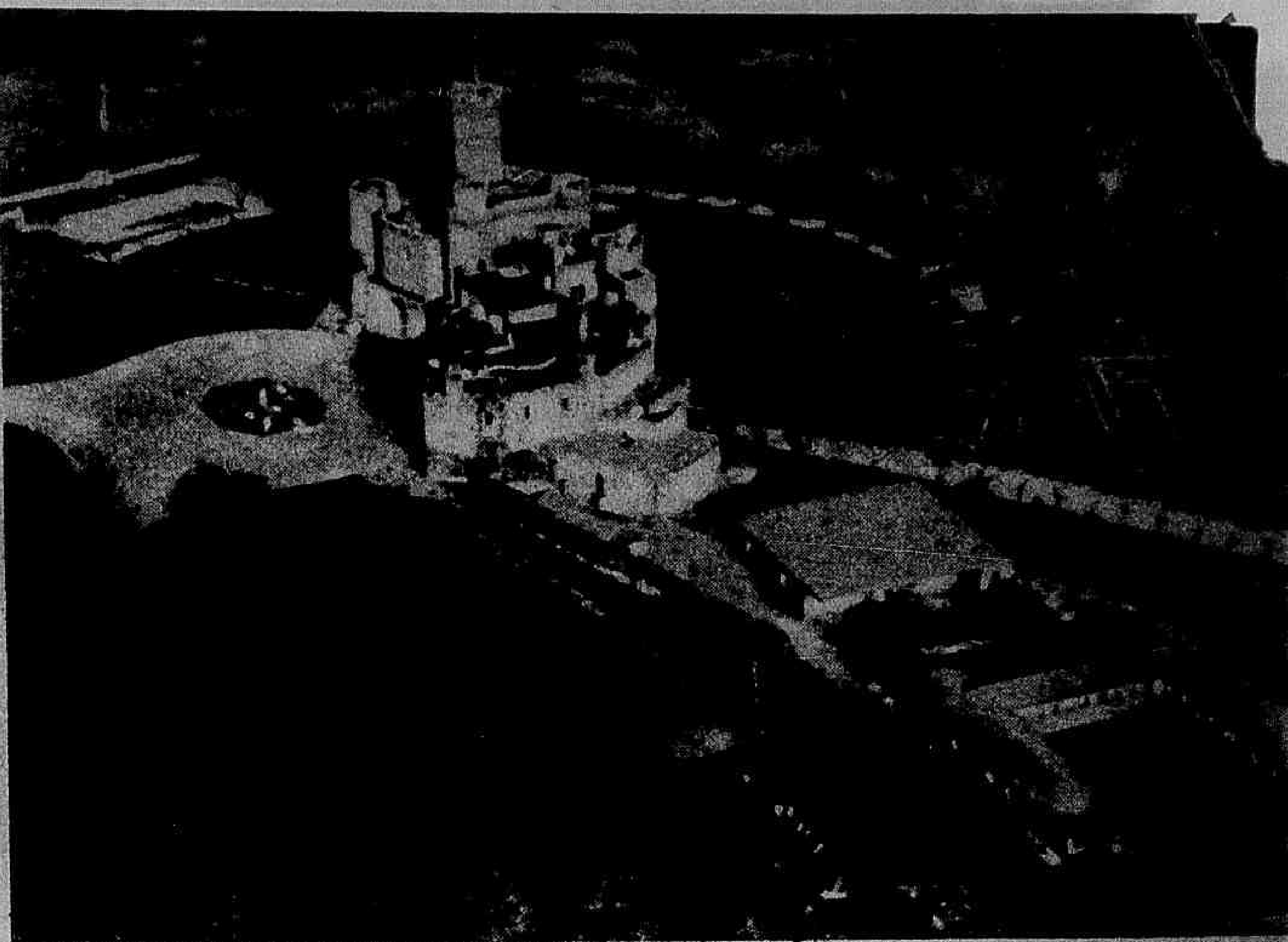
— *"Jamais o rei demonstrou ter ficado ofendido ou sequer surpreendido com o que tive ocasião de dizer naquela entrevista."*

Baldwin descreveu o péssimo efeito que os artigos relativos ao caso Simpson terão sôbre os habitantes do Império. Previne, roga... O rei tudo ouve e, finalmente, agradece ao seu primeiro ministro por sua franqueza. Baldwin, entretanto, não se contenta com falar ao rei. De retôrno a Londres, tenta persuadir os redatores-chefes dos jornais, dizendo-lhes que seria preferível para o país não abordar um tal assunto. Apela para seu patriotismo e para a sua honra. Todos prometem nada publicar e, realmente, cumprem a promessa!

O processo de divórcio é concluído em 27 de outubro. Poucas pessoas foram ad-



O homem por quem surgiu o escândalo: o bispo de Bradford foi, de fato, o primeiro a lançar a notícia.



Fort Belvedere, a 40 quilômetros de Londres, foi a residência preferida de Eduardo VIII. Foi ali que êle assinou o ato de abdicação e decidiu ligar a sua sorte à da mulher que amava.

mitidas na sala de audiências. Os setenta jornalistas presentes devem esperar do lado de fora.

O processo foi um simples gracejo, como é geralmente o caso. Mme. Simpson pedira divórcio, acusando seu marido de infidelidade! Os fatos teriam tido início em 1934, "quando êle se ausentou várias noites do domicílio conjugal".

Após uma hora e dez minutos de debates, o juiz concede o divórcio pedido por Mme. Simpson.

Até aí, nem uma palavra na imprensa britânica, embora a imprensa norte-americana continue a acumular indiscrições mais ou menos fantasiosas. No entanto, numa certa manhã, a "bomba" explode.

William Randolph Hearts, o rei da imprensa, que passou o Outono em seu castelo, na Inglaterra, tendo mantido estreito contato com o rei, após uma longa conferência com Sir Geoffrey Thomas (que foi durante quinze anos secretário particular de Eduardo), decide publicar em todos os jornais a seguinte nota: *"Dentro de poucos dias, Mme. Simpson, de Baltimore, terá obtido seu divórcio e, cêrca de oito meses mais tarde, desposará o rei Eduardo VIII, da Inglaterra.*

"Os amigos mais íntimos do rei Eduardo declaram, com absoluta certeza, que o rei adora Mme. Simpson e que, imediatamente após a cerimônia da coroação, serão realizados os esponsais.

"O rei Eduardo considera essa solução como a única lógica e a melhor.

"O rei, de fato, opina que quando um rei da Inglaterra se alia, pelo casamento, com as famílias reais do continente Europeu, pode provocar complicações relativamente aos "avatars" dessas casas reais. Acredita, além do mais, que hoje seria absurdo conservar a tradição dos casamentos entre as casas reais.

"Seu irmão, o duque de York, é muito feliz em sua vida conjugal, notando-se que casou com uma dama da pequena nobreza inglêsa. E o rei Eduardo VIII



O Duque de Windsor sempre foi apaixonado pelos esportes. Aqui o vemos, quando ainda Príncipe de Gales, no intervalo de uma partida de gôlfe.


Com o uniforme de Highlander.

está convencido de que o casamento, que tem a intenção de contrair, será igualmente muito feliz e contribuirá para atender aos seus mais caros desejos: reinar sôbre seu povo, de acôrdo com o interêsse geral. O mais importante, em sua opinião, será uma colaboração estreita entre a Inglaterra e os Estados Unidos para o bem da paz e do mundo inteiro.

"De qualquer maneira, a razão mais importante para êsse casamento com Mme. Simpson é o grande amor que lhe dedica. Por que um rei não teria o direito de desposar a mulher a quem ama?"

A situação internacional é das mais tensas. Na Espanha é a guerra civil, e tudo parece indicar que essa luta será levada para outras terras. Na Alemanha entraram a fabricar canhões. Na União Soviética, mais que nunca, reina o terror, crescendo o número de presos políticos e de trabalhadores-escravos. Na Abissínia, a guerra terminou. Na China reina o caos, esperando-se, para qualquer instante, a prisão de Tchang Kai Shek. Nos Estados Unidos, a campanha eleitoral atinge o seu clímax...



Todo o mundo concorda para dizer que uma tragédia histórica se prepara. Sòmente o rei ignora isso. Está muito vexado por ver esposta ao grande público a sua vida privada, porém ainda acredita que a opinião pública ficará tranqüila.

Se assim não acreditasse, não se mostraria tão feliz. Porque Eduardo VIII está muito feliz e isso êle exprime aos poucos amigos, com os quais passa todos os dias:

— "Sinto-me feliz, como jamais me senti em tôda a minha vida!"

Essas palavras serão repetidas, mais tarde, por seus íntimos.

Desde a sentença de divórcio dos Simpson, o presidente do Conselho, Baldwin, fica num estado que pode ser qualificado de alarmante. A etiquêta lhe proíbe pedir uma segunda audiência, a fim de obrigar o rei a tomar uma decisão. Podia, entretanto, solici-


Com o belo uniforme de coronel da Guarda Real (ainda Príncipe de Gales)

tar uma reunião do gabinete, a fim de ouvir a opinião de seus colegas.

Mas seria o próprio rei quem pediria uma segunda entrevista com o seu primeiro ministro.

Isso ocorreu em 16 de novembro, ou seja: quatro semanas após a primeira.

O assunto era, como Baldwin já esperava, o "caso Simpson". Entretanto, durante os cinco primeiros minutos da conversação, que durou cinqüenta e três, o nome dos Simpson não é pronunciado. Nem mesmo se fala de um possível casamento do rei da Inglaterra. Fala-se simplesmente de *um eventual casamento*. Não se trata de um certo monarca e de uma certa dama. Falam, porém, das conseqüências que um tal casamento poderia ter... isto é: *que a dama assim mencionada seria rainha*.

Eduardo, entretanto, não emite qualquer opinião. Assim, Baldwin se anima a levar o assunto mais longe. Fala de "certas considerações" e também do "preço" que o rei teria que pagar. Procura exemplos. O rei continua tranqüilo, deixando Baldwin falar e ouvindo pacientemente o seu discurso, que dura cêrca de um quarto de hora. A seguir, fala, por sua vez, e já agora não se trata mais de "um possível casamento", de "um certo monarca" com uma "certa" dama. Ao contrário, fala deliberadamente:

"Desejo desposar Mme. Simpson, e estou disposto a deixar o trono."

Mais tarde, Baldwin confessaria que, naquele instante, não estava absolutamente preparado para ouvir uma tal frase. Confessou também que as palavras do soberano o fulminaram como o raio. E o velho político, que se vira, centenas de vêzes, em situações bem difíceis, na Câmara dos Comuns, e que soubera normalizar as situações mais desagradáveis com embaixadores e outros diplomatas, pôde apenas murmurar:

— Sire! Esta é uma situação muito triste. Hoje, positivamente, não posso opinar a respeito.

E retirou-se.



No próximo número:

HITLER PROCURA SER AMÁVEL



JUVENTUDE CALUNIADA

Por DAVID A. SCHULMAN

OS mais velhos, inclinados a olhar com alarma para os hábitos da nova geração, sentir-se-ão mais tranqüilos quando souberem que, afinal de contas, o tempo das horas vagas da juventude não é tão mal empregado como se julga. Os relatórios, que estampamos abaixo, dão bem uma idéia do modo como pensa e age a nova geração.

Para auxiliar os adolescentes no combate à pressão social que os induz a beber, foi organizada na Universidade de Miami, E. U. A., a Juventude Aliada. Essa organização procura arrolar todos os estudantes que **têm a coragem de admitir sua não-atração pela bebida**.

Quatorze crianças das escolas de Pennsylvania participaram de uma voluntária "Dieta de Fome", passando uma semana a ingerir apenas um quarto das calorias usuais, consumidas pela média das crianças em idade escolar. O propósito dessa dieta era o de familiarizar o povo americano com a **dieta de fome** que a Europa vem suportando, desde a guerra, e o de conseguir maior auxílio dos Estados Unidos da América do Norte em favor dos países europeus.



Um novo curso do treinamento de direção para os futuros motoristas é oferecido para os jovens, numa das universidades mexicanas. O objetivo dêsse curso é promover a amizade entre os motoristas, ensinar a lidar com as diversas partes dos veículos e, finalmente, ensinar a guiar.

Os estudantes de quatro Faculdades de Paris apresentam semanalmente um programa de rádio destinado à juventude, intitulado: "A Juventude Olha para a Vida". Os próprios estudantes escrevem, produzem e dirigem os programas apresentados.

O Comité Filarmônico de Moços é uma organização de jovens estudantes de Fort Wayne, Indiana, entre dez e vinte anos, que se sentem interessados pelas atividades da orquestra filarmônica local. Os referidos jovens fazem anúncios, organizam programas e efetuam grande publicidade em tôrno de suas atividades.

"O Dia da Confraternização" é a realização anual de uma das Universidades inglêsas, que procura promover o fortalecimento da amizade e um maior espírito de cooperação entre os estudantes. Êstes são compelidos a abandonar seus grupos e "bandos", travando novos conhecimentos e obtendo mais alguns amigos.

ASSIM, OS CAVALOS CORREM



Os trotadores costumam abanar a cauda, enquanto "devoram" a raia. Mas, com isso, atrapalham a visão de seus condutores. Êste o motivo pelo qual muitos dêsses animais ficam com a cauda amarrada, durante a corrida.



SE o leitor pensa que os novos modelos de chapéus femininos constituem as mais fantásticas inovações, deveria, antes de firmar o seu ponto-de-vista, observar os métodos, verdadeiramente incríveis, utilizados pelos tratadores de cavalos de corridas nos EE. UU. Todos êsses estranhos recursos, que aqui serão explicados, são utilizados com um único fim: *o de obter maior rendimento do animal, durante as carreiras*.

As múltiplas e variadas peças que compõem o equipamento de corrida — quase tôdas ignoradas

"Botas" de borracha, em forma de sino, são utilizadas para proteção das pernas dos cavalos de corrida, especialmente os calcanhares.

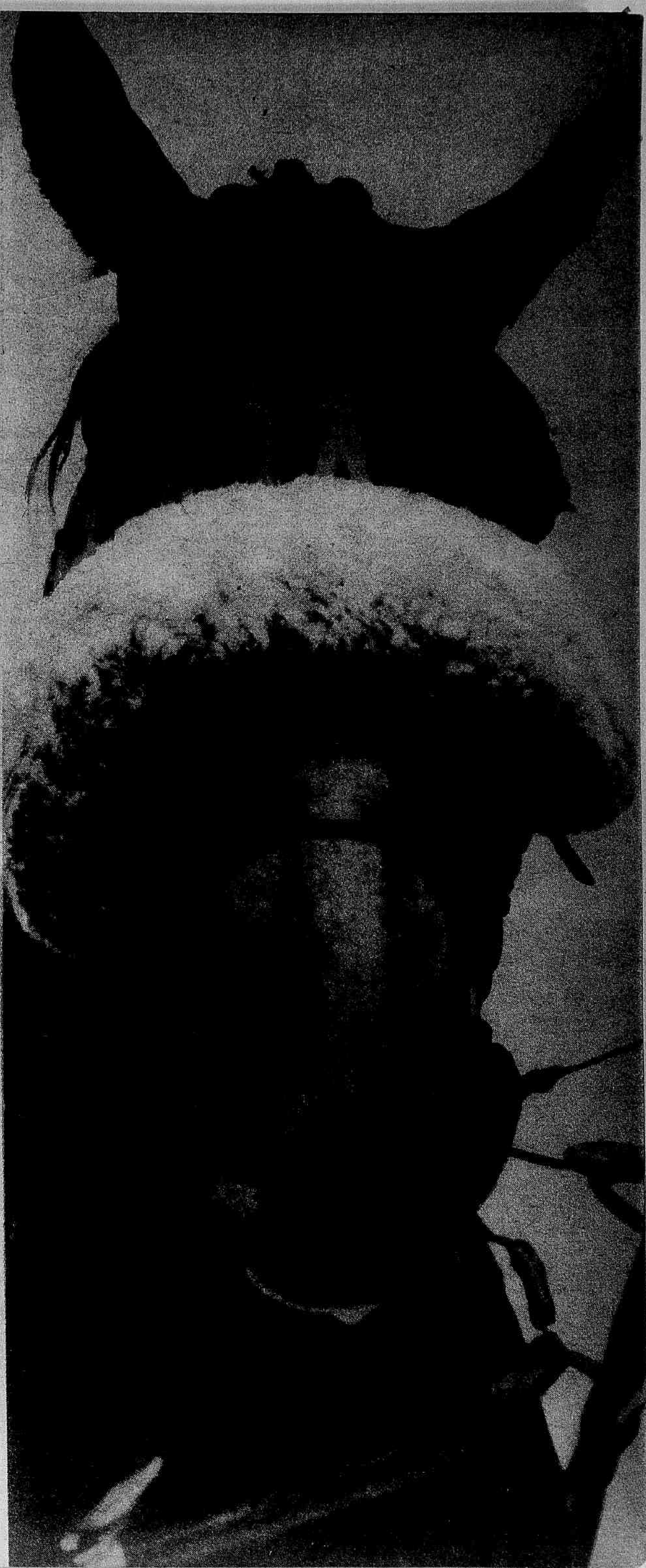
MAIS . . .



O pêso, adaptado ao casco do animal, ajuda-o a executar movimento mais uniforme das patas dianteiras, ao galopar.

pelos apostadores — representam papel importante na ação do cavalo, durante uma carreira.

Dentre êsses acessórios, essenciais ao desempenho do animal, sobressaem o freio e o bridão. Os diversos tipos dêsses elementos são adaptados às características de cada cavalo de corrida. Isto porque, quando tomando parte num páreo, alguns corredores têm a tendência de correr para a cêrca interna ou, ao contrário, de desgarrar para a cêrca externa; e êste vício custa ao proprietário, geralmente, *o prêmio que ganharia, não fôsse o contratempo sofrido pelo animal com êsse hábito prejudicial*. Há um tipo de freio ou de bridão (con-



Êste cavalo usa um rôlo de lã, pouco abaixo dos olhos, a fim de que não possa ver o solo; isto evita que o animal se assuste com as sombras projetadas na raia, durante a corrida.

forme a maior adaptabilidade do animal a um dos dois sistemas) destinado a evitar êsse contratempo. Se o cavalo tem a mania de se atirar para dentro, há, no freio, um dispositivo que comprime o maxilar, levando-o a correr em linha reta, para não sofrer incômoda pressão causada pelo pedaço de ferro. No caso do vício ser o oposto, o dispositivo está colocado do lado direito do aparelho controlador do animal. Nessas condições, é fácil, para o jóquei, forçar o cavalo a conservar a linha, evitando que alguns preciosos metros se percam durante o percurso. Outro artifício utilizado pelos treinadores, no sentido de evitar os movimentos bruscos dos cavalos de corridas, para dentro ou para fora, é o dos antolhos. No caso do animal ser *manhoso*, são utilizados antolhos para ambos os olhos, o que impede que o cavalo tenha visão lateral, durante a carreira. Estando sua visão restringida ao que lhe vem à frente, êle é levado a correr normalmente, sem cabecear ou tentar atirar-se para as cêrcas. Há, ainda, um tipo de antôlho, aplicado sòmente a um dos olhos do animal: o direito, se êle costuma atirar-se para fora; o esquerdo, se êle costuma correr para dentro. Um exemplo da eficiência dêste artifício é a vitória de *Whirlaway,* um dos melhores cavalos norte-americanos, no Derby de Kentucky. Como tivesse o vício de desgarrar, seu treinador aplicou-lhe um antôlho e, desta forma, o animal pôde render o máximo, triunfando magnificamente.



Protetores de borracha são freqüentemente colocados nos joelhos dos trotadores e dos cavalos de corrida, a fim de evitar que se machuquem nos esbarros com os adversários.

Uma outra utilidade dos antolhos é a de evitar o vício apresentado por alguns cavalos: uma vez na vanguarda, dotados como são, de visão lateral, êsses animais diminuem o ritmo do galope, esperando que os adversários se aproximem. Isto causa, como é natural, prejuízos ao dono do "cavalheiresco" animal. Os antolhos deixam, pois, que o cavalo enxergue sòmente o que tem à frente e, assim, o animal apresenta a mesma cadência no galope, variando sòmente de acôrdo com a solicitação de seu jóquei. Existem cavalos que, quando correm, raspam o casco da pata traseira na pata dianteira, isto ocasionando lesões que afetam seu potencial locomotor. Tal foi o caso de um puro-sangue que custou a fabulosa quantia de sessenta e seis mil dólares; ao ser dada a largada numa carreira em que estava inscrito, êle bateu com o casco de um dos traseiros no diateiro correspondente, ficando com os tendões ofendidos. E, assim como êste, poderíamos citar centenas de exemplos. A fim de evitar acidentes dessa natureza, são utilizados diversos tipos de protetores, tais como as "botas" para os calcanhares e os protetores laterais dos joelhos (êstes evitam que o animal seja "alcançado" pelos competidores, nos esbarros muito comuns durante a corrida).

As botas para os calcanhares e as botas em forma de sino, ambas de borracha, evitam que o animal raspe uma das patas na outra, com as conseqüentes escoriações, que daí advêm.

Um outro tipo de "bota" de borracha é colocado na parte posterior das patas dianteiras, no sentido de evitar que as patas traseiras sejam ofendidas por aquelas.

Alguns cavalos usam uma espécie de "babador", colocado sob o maxilar inferior, para que não mordam o próprio corpo. Isto, porque, alguns animais têm o hábito de infligir castigo a si mesmos, tentando morder a cauda ou as patas dianteiras. Outros gostam de coçar vigorosamente o "queixo" na paleta. Utilizam-se, também, protetores de couro, em forma de bandeja, colocados no pescoço do cavalo, impedindo-o de alcançar as patas com a cabeça. Dêste modo, os cavalos de corridas podem ser tratados com

linimentos ou pontas de fogo, sem que venham a morder as patas, quando estas começam a coçar, o que sempre ocorre posteriormente ao tratamento.

Alguns tratadores costumam colocar um pequeno rôlo de lã pouco acima das narinas dos cavalos, a fim de evitar que êstes possam fixar o olhar no solo, durante a corrida. Isto impede que se assustem com as sombras de seus competidores ou da cêrca, projetadas na raia. Podendo fixar o olhar sòmente no espaço que tem à frente, o animal rende muito mais, concentrando tôdas as fôrças num só objetivo — *correr*.

Para os cavalos "roncadores" ou atacados de "garrotilho" (doença que acarreta dificuldades respiratórias), utilizam os "entraineurs" um tubo de metal, introduzido na traquéia dos animais, para facilitar sua respiração.

Há, ainda, um outro artifício, adaptável ao freio. Trata-se de uma peça de metal que age como "contra-freio", tornando mais branda a pressão exercida sôbre o maxilar inferior do cavalo.

O uso dêsse "contra-freio" é, de fato, aconselhável, pois, comumente, com a pressão dolorosa que exerce *sob* a língua do equino, o freio acaba por cortar a membrana existente sob a mesma.

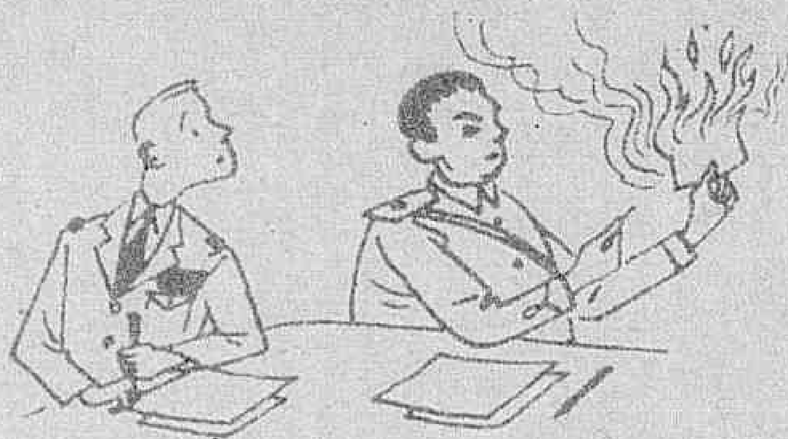
Como os jogadores de futebol, basquetebol e volibol, os cavalos de corridas utilizam, também, diversos tipos de protetores para as partes do corpo mais expostas aos acidentes. Desde as "tornozeleiras" (no caso, ligas) até as "joelheiras" e os "capacetes", os animais são cercados de cuidados especiais, a fim de que sua saúde permaneça sempre perfeita, e seu potencial locomotor continue a ser o mais eficiente possível.

Os "capacetes" protetores servem para impedir que os cavalos, em certos momentos de irritação, especialmente durante os embarques terrestres ou aéreos, batam com a cabeça no "box" em que são acomodados.

O que queremos deixar claro é que, embora êsses "adornos" pareçam ridículos aos apostadores, o certo é que, sem êles, suas *poules* e *acumuladas* iriam, muitas vêzes, por água abaixo...

★

CONFERÊNCIA DE PAZ



Agora que as longas conversações para a paz na Coréia parecem chegar a bom têrmo, podemos compreender melhor a anedota do oficial norte-americano, que, acidentalmente, ao cruzar uma perna, bateu com o pé num dos representantes do govêrno norte-coreano, sob a mesa de conferências. O americano imediatamente pediu:

— Queira desculpar.

O norte-coreano olhou para êle durante alguns segundos, sem dizer palavra. Em seguida, levantou-se da mesa e conferenciou com um dos seus companheiros. Após pequena discussão, foi chamado um mensageiro e êste, depois de receber longas instruções que lhe foram cochichadas, retirou-se.

A conferência prosseguiu. Uma hora depois, o mensageiro retornou com um bilhete, que entregou ao oficial norte-coreano que fôra atingido pelo biquinho do sapato do norte-americano.

O oficial leu a nota, voltou-se a seguir para o norte-americano e, com um sorriso amistoso, disse:

— Certamente!

Em seguida, acendendo um fósforo, queimou o bilhete.

★

UM CERTO rapaz, recém-chegado à cidade, procurava conquistar a amidade de um vizinho, figura de grande destaque social. Em vão procurou conseguir o seu intuito por meio de cumprimentos e sorrisos. O homem não respondia! Diante disso, o rapaz resolveu utilizar outros métodos: — uma noite, quando o referido cavalheiro dormia tranqüilamente, o jovem vizinho o arrancou da cama para pedir os seus sábios conselhos, alegando que tinha graves problemas a resolver e precisava da sua opinião. O outro, lisonjeado, fêz a vontade do rapaz. Conversaram longamente e tornaram-se amigos íntimos, o que fêz o rapaz deduzir que, algumas vêzes, é mais fácil ganhar amigos pedindo favores do que concedendo-os. Êsse jovem vizinho chamava-se Benjamin Franklin.

★

MAIS QUE SECRETÁRIA... — Perde um advogado a "decência" e "boa reputação" requeridas por sua profissão ao tentar beijar sua secretária? *Não!* — estabeleceu um dos tribunais do Estado do Missouri, porque essas condições requeridas pela qualidade de causídico dizem respeito apenas ao exercício da profissão e não à vida privada do mesmo.

QUEM SABE EXPLICAR?

(II) Por VALENTINE DYALL

OS MILAGRES DO DIÁCONO

O homem moço, com ligeiro sobressalto, libertou-se do torpor que a febre lhe causava, levantou a cabeça e viu um círculo de rostos graves em redor do seu leito — parentes, amigos chegados e companheiros.

Por um momento, ficou surpreendido, mas logo, em seguida, teve a noção de que ia morrer...

Uma das mulheres se ajoelhou, pousando a mão confortadora na frente do enfêrmo. Êle voltou o rosto pálido e contraído para ela, dizendo com voz fraca:

— É uma pena que eu morra tão cedo... Mal pude começar o meu trabalho...

— E' a vontade de Deus! — retrucou a mulher.

O rapaz deixou a cabeça pender para um lado, antes de prosseguir:

— Gostaria de saber se um homem pode continuar a trabalhar... no outro mundo. Se isso fôr possível, poderei terminar o meu, mesmo de lá!

O moribundo fechou os olhos e começou a rezar. De momento a momento, o tom sussurrante de sua voz enfraquecia e, finalmente, pronunciou um quase inaudível "Amen", após o que a vida fugiu do seu corpo.

O entêrro de François de Pâris, como era chamado o Diácono de Paris, de 37 anos, foi realizado com os acompanhantes percorrendo as ruas da capital francesa numa quente manhã de maio de 1727. Naquele conjunto podiam-se notar pessoas das mais diversas classes sociais: funcionários e oficiais da Casa Real, advogados, professôres, políticos e outros indivíduos de alta categoria caminhavam ao lado de simples operários ou mendigos; ricos homens de negócios e senhoras luxuosamente vestidas seguiam o cortejo fúnebre, misturados com homens e mulheres maltrapilhos e crianças descalças.

Aquêle era um espetáculo que só raramente podia ser visto na Cidade Luz. No entanto, entre as centenas de pessoas que seguiam o



...pareciam querer enterrar as rou

caixão, havia, apenas quatro ou conco membros da Igreja, e nenhum dêles usava os ornamentos de um cardeal ou bispo. Isto porque Pâris recenhecera a existência dos poderes de cura, e fôra um destacado Jansenista, liderando mesmo os ensinamentos de Cornelius Jansen, o holandês que idealizou e descobriu uma doutrina fatalista, a qual negava a liberdade da vontade humana.

SEGUIAM UM SANTO

Os líderes religiosos da França — e particularmente os poderes jesuítas — se opunham com energia a essa "heresia", que conseguira grande número de simpatizantes e propagandistas no seio de tôdas as classes e de todos os bairros de Paris.

O diácono rebelde, como a maioria dos santos da época, impusera a si mesmo muitas penitências e austeridades — notadamente jejuns que se estendiam por várias semanas.

Seus seguidores sabiam que fôra por algo mais do que a simples piedade que êle encurtara consideràvelmente a própria vida e consideravam-no agora como um verdadeiro santo. Ho-



pas no corpo dela, que, entretanto, nada parecia sentir..

mens e mulheres choravam livremente, no momento em que êle foi enterrado por trás do grande altar, na igreja de St. Médard, na extremidade norte da Avenida dos Gobelins.

Quando findou a lúgubre cerimônia, a congregação desfilou, ainda uma vez, diante da tumba. As esplêndidas coroas dos ricos eram dispostas sôbre a sepultura, ao lado dos simples ramalhetes de flores que os pobres ali depositavam.

Um menino, aleijado, inclinou-se para ofertar o seu tributo, seguro pelos braços do pai. Sùbitamente, com um grito rouco, desmaiou, ao mesmo tempo que se contorcia e dava pontapés, como se possuído por algum demônio.

Carregaram-no com rapidez para um dos lados da igreja. Por vários minutos, todo o seu corpo se sacudiu convulsamente, a cabeça balançou de um lado para outro, com os olhos rolando nas órbitas e a língua se movimentando sem cessar dentro da bôca, como se fôsse a de uma serpente prestes a dar o bote. E então, para espanto dos presentes, o menino se levantou, apoiando-se nos próprios pés, e começou a dançar, com lágrimas de alegria escorrendo pelo rostinho feliz. Sua perna direita, que, desde o nascimento do rapazinho, fôra inútil e como sêca, tornara-se forte, naqueles breves instantes, e sustentava agora o pêso do seu corpo, como se assim tivesse sido, desde a tenra infância.

O pai do menino não podia conter a sua alegria e o seu assombro, e gritava, voltando-se para todos os lados:

— O diácono pode estar morto, mas continua a operar milagres!

Algumas dezenas de observadores gravaram tais palavras, assim se iniciando um dos mais estranhos cultos na história do mundo... um culto que possuía misteriosos poderes, muitos semelhantes, sem dúvida, mas infinitamente mais surpreendentes do que o Ioguismo dos hindus.

Se não fôsse pelo grande número de evidências documentadas, deixadas por centenas de testemunhas, tôdas dignas de fé, não nos animaríamos a relatar os fantásticos acontecimentos que tiveram lugar no cemitério de St. Médard, entre os anos de 1727 e 1732 — quando foi fechado à visitação pública, por ordem das autoridades da metrópole.

Não podemos, portanto, recusar o testemunho de tôdas essas pessoas, a menos que não desejemos crer também nas afirmações daquelas que assistiram a Batalha de Waterloo ou a Revolução Francesa: **em qualquer dos três casos, tais afirmações constituem parte integrante da história da França!**

INCRÍVEL, PARA A ATUALIDADE

Hoje, o cemitério já não existe. Em seu lugar está um jardim público, dominado por uma famosa estátua de Barrau. O alegre chilrear dos pássaros, e os gritos alegres das crianças, que bricavam na grama, parecem apagar gradativamente as recordações deixadas pelas constantes romarias que ali se verificaram, com os cân[illegible]s frenéticos e as cerimônias estranhas reali[illegible]s no amplo pátio.

E' difícil acreditar que êste acolhedor e pacato recanto de Paris, pouco diferindo de uma dúzia de outros jardins públicos da cidade, pudesse ter sido palco de ritos estranhos e de demonstrações fora do comum, que mantiveram a maior parte da população num constante estado de terror, obrigando as autoridades a organizar uma "campanha contra a Magia Negra e os adeptos do diabo, de St. Médard". Mas, sem contestação, tal medida, tomada há 250 anos, representou o estabelecimento de um grande mistério que, até hoje, não foi satisfatòriamente explicado.

Nas seis semanas que se seguiram à morte do diácono, seu túmulo foi o principal centro de peregrinação de tôda a França, e o número dos seus visitantes e adoradores foi triplicado. De tôdas as províncias, os doentes e aleijados rumaram para St. Médard, com a esperança de alcançar a cura para os seus males e, pelas evidências colhidas sôbre acontecimentos considerados sobrenaturais, parece que poucos dêsses peregrinos foram desapontados...

As curas operadas em St. Médard foram de natureza mais dramática e espetacular do que as que atualmente ocorrem em Lourdes ou Fátima. Paris ficou entulhada de notícias a respeito de casos "miraculosos" — cânceres e tumores malignos que desapareciam sem ao menos deixar cicatrizes; cegueiras completas e permanentes que eram curadas como num golpe de mágica; membros deformados e paralisados que se tornavam sadios e úteis; sérias afecções, chagas e ferimentos permanentes, que desapareciam...

TEMOR SUPERSTICIOSO

As curas eram incompreensíveis, mas não eram tão desconcertantes como as demais atividades que tinham lugar no cemitério e nos aposentos dos fundos das casas que o circundavam. Diversas testemunhas informaram que Jansenistas, seguindo o exemplo do diácono falecido, quanto a "submissão física", estavam aptos a "transformar seus corpos em rocha, suportar qualquer espécie de tortura tornarem,-se invulneráveis à ação de lâminas ou adagas, permanecer em estranhas posições durante dias seguidos" e, em resumo, "viver sob condições as mais estranhas, em que outras pessoas morreriam, certamente."

Essas histórias, e os conseqüentes comentários, encheram os habitantes da cidade de um temor supersticioso: aquêles que viviam nas proximidades de St. Médard passaram a trancar e barricar suas portas e janelas, à noite, e enlevaram petições à igreja e às autoridades, para que condenassem os Jansenistas como "culpados de infame diabolismo".

Três anos após os funerais do diácono, a controvérsia em tôrno de tais acontecimentos alcançou um grau de verdadeiro delírio. Homens da côrte travaram verdadeiros duelos em tôrno da questão: "Pertencem os Jansenistas a Deus ou ao Diabo?" E, nas ruas, peregrinos e líderes Jansenistas eram atacados por adeptos dos jesuítas e por cidadãos histéricos "que temiam

o aparecimento do próprio Lucifer, de uma hora para outra, em plena Paris."

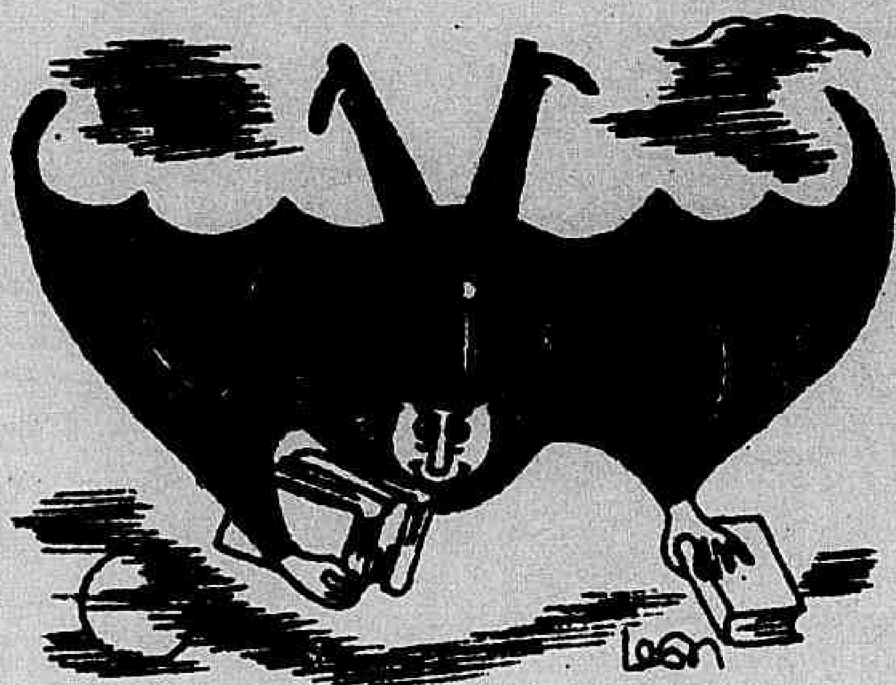
Certa noite, em setembro de 1731, dois homens conversavam sentados numa ante-sala da Sorbone, onde haviam estado em função das leis da sociedade. Ambos eram reconhecidamente capazes, dentro da profissão de advogado, e estavam próximos à meia-idade.

SUSPEITA DE FRAUDE

Monsieur Louis Adrien le Paige, advogado e filósofo, realizara um estudo dedicado e especial dos acontecimentos de St. Médard e estava convencido de que as curas e outras manifestações eram milagres de origem divina — não, como as autoridades jesuíticas sustentavam, o resultado de "possessão diabólica".

— "Os Jansenistas — insistia le Paige — eram dotados de poderes especiais, negados para o resto da Humanidade.

O outro homem, Monsieur Louis-Basille Carré de Montgeron, um magistrado, jamais visitara o cemitério, mas era bem conhecido como: anti-Jansenista. Por mais de um ano, fizera discursos e escrevera artigos que ridicularizavam as histórias de "milagres" e "invulnerabilidade". Sua mente esclarecida e prática não aceitava nem concebia "uma intervenção divina" ou a "magia negra", como a fôrça que dava origem a êsses contínuos e estarrecedores fenômenos: êle insistia em afirmar que uma fraude muito bem organizada era a verdadeira origem de todos êsses acontecimentos, e que os Jansenistas não possuíam poderes especiais, mas apenas "grande ingenuidade e uma habilidade altamente desenvolvida". Os dois homens discutiam eloqüentemente por mais de uma hora, sem chegar a um acôrdo em qualquer ponto.



— Não há senão um modo de ajustarmos isto, de uma vez por tôdas! — declarou le Paige, finalmente. — Venha comigo ao cemitério, amanhã, e veja com seus próprios olhos!

Montgeron deu uma palmadinha nas costas do seu interlocutor e respondeu, após uma gargalhada:

— De acôrdo, meu amigo. Mas advirto-o: pretendo desmascarar êsses embusteiros. Já tenho conseguido isso diversas vêzes, tanto em teatro quanto em feiras!

— Posso afirmar que êles não se recusarão a essas investigações! — tornou le Paige, confiante. — Eu tinha a mesma intenção, quando pela primeira vez visitei êsses Jansenianos.

Bem cedo, na manhã seguinte, 7 de setembro de 1731, ambos se encontraram, aparentando bom-humor, enquanto palestravam, descendo a Avenida dos Gobelins. Mas o sorriso de Montgeron desapareceu ràpidamente, quando transpôs com o amigo os portões do cemitério: seus olhos se abriram desmesuradamente, quando vislumbrou uma cena fantástica...

No centro do caminho principal, um homem idoso estava girando sôbre uma perna com grande velocidade, ao mesmo tempo que lia, em voz alta, um livro de devoções. As voltas que êle dava não pareciam causar-lhe qualquer inconveniência ou esfôrço físico, por menor que fôsse. Enquanto efetuava êsses volteios sôbre uma perna, a outra descrevia um largo círculo, tocando o solo, de espaço a espaço, para aumentar a velocidade...

— Ah! O pião humano! — anunciou le Paige.

— Diàriamente, êle executa êsses estranhos movimentos, no curso de uma hora. E' um destacado **convulsionista**. Como você deve saber, todos os bons Jansenistas têm **convulsões**.

Montgeron encolheu os ombros, enquanto dizia:

— Pobre velho! Tem tôdas as características de um lunático...

Le Paige apenas esboçou um sorriso, e adiantou-se ao companheiro, seguindo em direção ao local em que o "pião humano" girava.

Num pequeno quadrado calçado, ao lado da igreja, uma grande multidão estava reunida; próximos à mesma, diversos **convulsionistas** se entregavam aos exercícios "espirituais" — rolando pelo chão, dando enormes pulos, cambalhotas, girando os olhos nas órbitas, contraindo e descontraindo o abdome, inclinando o corpo para a frente e para trás, ao mesmo tempo que todo o seu corpo estremecia de modo convulso. Enquanto efetuavam êsses estranhos movimentos, outros faziam estranhos ruídos — gritando e assobiando, ladrando como cães ou cacarejando como galos. Um ou dois se equilibravam com os pés para cima e a cabeça de encontro ao chão, aparentemente num estado de transe.

NÃO SENTIA DORES

Um grupo de homens, altos e musculosos, emergiu da igreja, escoltando uma pequena figura vestida com uma capa cinzento-escuro.

— Esta **é Mademoiselle Gabrielle Moler** — informou le Paige. — Ela está imunizada contra dores ou ferimentos, pois se encontra sob a proteção divina. Portanto, não se alarme com o que ela fizer.

Os dois se juntaram à turba justamente quando a demonstração teve início.

Gabrielle Moler era mulher moça e atraente, de cêrca de dezesseis anos. Le Paige explicou que, desde tenra idade, ela se destacara por ser extremamente piedosa. Diversos magistrados, eclesiásticos proeminentes e até mesmo um bispo de Paris haviam testemunhado e afirmado os estranhos poderes de resistência de Gabrielle.

Nesse instante, ela se adiantou, com a cabeça inclinada, sorrindo modestamente. Livran-

revolução no seio da religião e da medicina. do-se da capa, deitou-se de costas exatamente no centro do quadrado pavimentado. Quatro homens se inclinaram sôbre a jovem fanática e, a um sinal desta, cada um dêles passou a inserir a ponta de uma espécie de lança na sua barriga, no local correspondente ao estômago. Montgeron soltou uma exclamação, quando viu que cada um dos quatro homens punha todo o seu pêso nessa operação!

— Vão matá-la! — gritou. Involuntàriamente, avançou para os homens, mas le Paige o agarrou pelo braço e apontou para o rosto de Gabrielle. Durante o tempo em que durava a estranha e cruel cerimônia, as suas feições pareciam iluminadas, e a expressão do belo rosto era a de suprema felicidade!

As lâminas penetravam através das suas vestes e pareciam introduzir-se no seu corpo, pelo menos cêrca de sete centímetros. Mas, quando foram retiradas, não havia qualquer sinal de sangue, e Gabrielle não aparentava haver sofrido alguma dor.

GRITOS DE "BRUXA"

Em seguida, as pontas de duas dessas lanças foram espetadas em sua garganta e tal era a pressão, que a cabeça de Mlle. Molér era forçada para trás, chegando o seu pescoço a formar um arco. Quando as lanças foram novamente retiradas, não havia marcas no local em que haviam sido enterradas!

As lanças foram substituídas por quatro pás de ferro, com as bordas extremamente afiadas — duas com lâminas inteiriças e duas com a forma curvilínea. Os quatro homens calcaram êsses instrumentos sôbre os seios da jovem, com tôda a fôrça de que eram capazes. No entanto, o corpo da jovem parecia feito de mármore, pois todos os esforços dos seus companheiros resultaram inúteis!

A essa altura do espetáculo, vários dos observadores viraram as costas e saíram a correr do cemitério, tomados de intenso terror. Ao mesmo tempo, bradavam, em altas vozes: — "Bruxa!" "Blásfema!". Em seguida, travou-se uma pequena luta, e alguns dos espectadores foram removidos à fôrça do local. Apesar disso, a demonstração continuou, sem um minuto sequer de interrupção.

Uma enorme barra de ferro foi apresentada, devendo ter mais de noventa centímetros de comprimento, e pesando cêrca de 22 quilos. Dois homens a levantaram bem alto, deixando-a cair sôbre o estômago de Gabrielle. Ao tocar-lhe o corpo a barra parecia haver batido contra um muro de pedra, pois o choque não produziu o menor efeito.

Os homens golpearam o seu corpo e braços com êsse instrumento e, então, outro assistente bateu no pescoço e nos ombros da jovem com uma pesada barra de ferro. Após 90 pancadas, ela continuava da mesma forma que no início do macabro espetáculo, sem apresentar qualquer lesão...

TUDO NÃO PASSOU DE MÁGICA

Ainda sorrindo, Gabrielle levantou e ficou de pé, com as costas de encontro à parede da igreja. Espectadores foram convidados a golpeá-la com uma outra barra de ferro, desta vez terminando numa ponta extremamente aguçada. Trinta ou quarenta vêzes, a barra foi vibrada contra o seu corpo. O vestido e o corpete foram rasgados pela ponta da barra, mas o seu enigmático sorriso continuou a iluminar-lhe as feições.

A esta altura, Montgeron olhava com admiração e incredulidade. Isto ultrapassara os limites de tudo o que êle já tivera oportunidade de ver em feiras ou casas de espetáculos! A resistência de Mlle. Molér, para a dor, era extremamente notável, mas a ausência de qualquer lesão ou marca sôbre a sua garganta ou braços nada tinha de mágico! Não havia a menor dúvida de que os assistentes e espectadores, que haviam tomado parte em tais cerimônias, haviam utilizado tôda a fôrça de que eram capazes. E Gabrielle parecia tão frágil! Tão delicada!

Mas outras demonstrações, ainda mais impressionantes, viriam logo a seguir...

Uma enorme pedra, pesando cêrca de 27 quilogramas, foi atirada sôbre o seu peito e abdome, vinte vêzes consecutivas! Alguns cavalheiros, agindo simultâneamente, procuraram ferí-la com as suas espadas. Aguçados fragmentos de granito foram colocados sôbre as costas de Gabrielle e um corpulento espectador foi convidado a caminhar sôbre os mesmos, triturando com os sapatos pedra e corpo. Mas tudo em vão, pois a jovem parecia não sentir o menor efeito!

Era de mais para Montgeron! Voltou as costas para o companheiro, e afastou-se a correr, sem que le Paige notasse.

Mas, às 12 horas do dia seguinte, justamente quando Gabrielle Molér estava iniciando outra dessas demonstrações, o advogado notou o seu companheiro em meio à multidão, cercado por um grupo de cidadãos influentes. Ao fim das demonstrações, le Paige se aproximou dêle.

— Como é, tem alguma prova de que isto tudo não passa de fraude? Ou qualquer outra explicação para êsses fatos?

Montgeron e seus companheiros se entreolharam e menearam a cabeça, negativamente.

— Parece impossível — murmurou o magistrado — e, no entanto, todos nós presenciamos essas demonstrações. E, o que é mais incrível, trouxemos um surdo-mudo conosco, esta manhã. Êle foi trazido aqui com um fim. E, agora, pela primeira vez em sua vida, é capaz de ouvir e emitir sons!

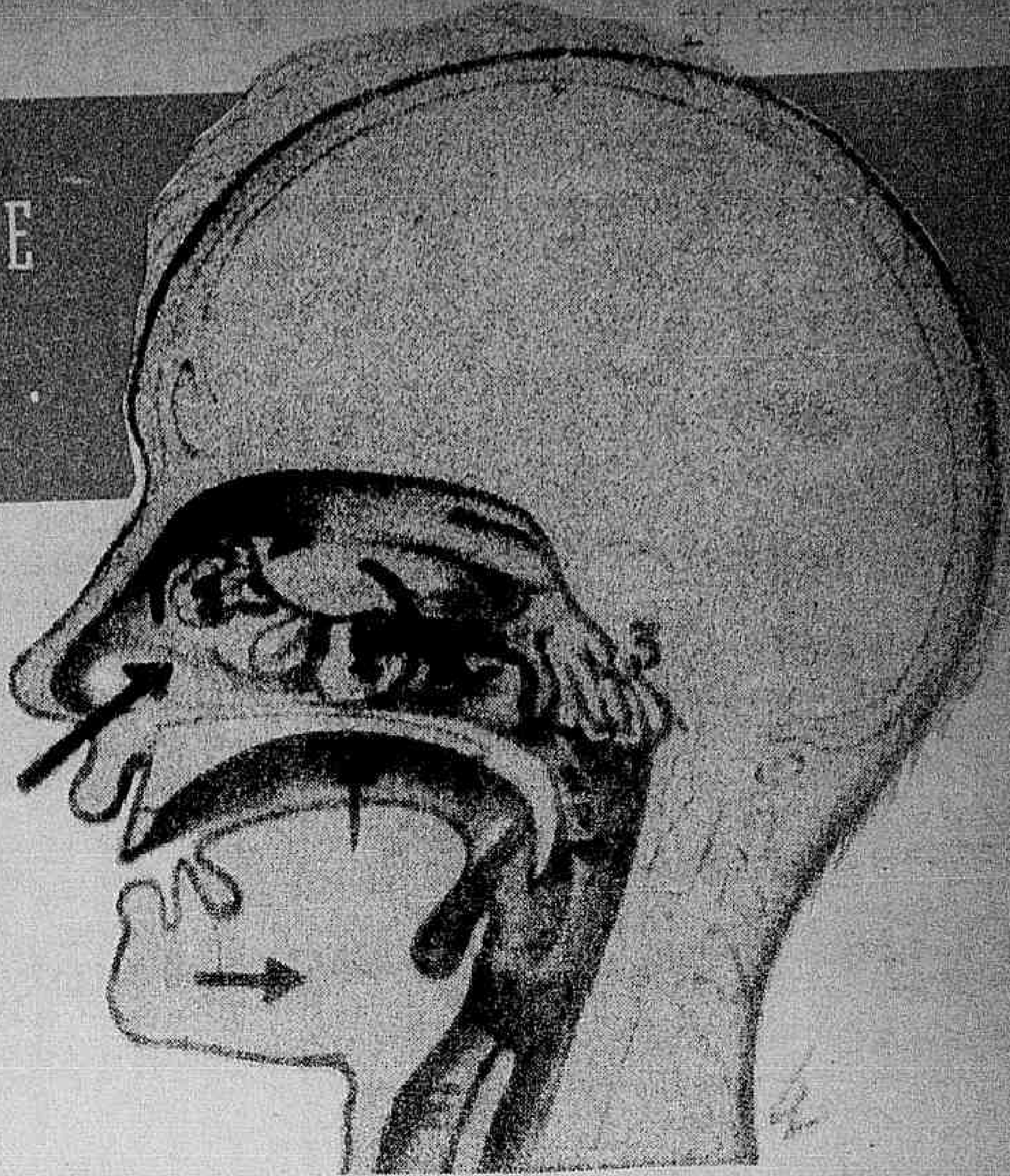
Le Paige tomou o braço do companheiro e levou-o para longe dos demais.

— Falei aos líderes dos **convulsionistas.** Êles o auxiliarão de bom grado a fazer uma investigação completa. Está interessado nisto?

— Certamente! — Montgeron levantou a cabeça, fitando o cemitério apinhado de gente. — O que está ocorrendo aqui poderá vir a salvar milhares de vidas... e efetuar uma verdadeira

(Cont. na pág. 116)

SE O SEU FILHO, LEITOR DORME DE BOCA ABERTA...



A causa mais freqüente de uma respiração defeituosa, na criança: em 1.º lugar — Polipo Mucoso; em 2.º — Polipo do Corneto Médio; em 3.º — Vegetações. O desenho explica por que a criança atacada dêsses males deve respirar com a bôca aberta. Ao mesmo tempo, passando entre a língua e o palato, o ar comprime êste último para cima, provocando deformações. A língua calca igualmente sôbre os dentes de baixo, vergando-os para a frente, enquanto que as raízes se inclinam para trás.

SE a criança dorme de bôca aberta... — Os pais dirão, simplesmente, que isso é um mau hábito, "um vício sem importância".

Muito bem. Mas, **se se** tratasse de um adulto, talvez tivessem razão — **em parte.** Entretanto, com referência à criança, **é preciso não esquecer** que ela está na idade em que **os hábitos** (bons ou maus) são contraídos. **Nessas** condições, se começa a respirar **pela bôca, significa que há um motivo para isso.**

Observemos a criança com mais atenção. Notaremos que, também durante o dia, ela conserva a bôca aberta, ligeiramente caída. Desde que corra um pouco, fica sem fôlego: rosto "afogueado", dando a impressão de sufocar.

Êsses fenômenos têm mais importância do que em geral se supõe, pois que têm uma repercussão sôbre tôda a vida da criança. Olhando-a de mais perto, verificaremos, realmente, uma série de perturbações mais ou menos acentuadas, que, tôdas, têm por origem essa insuficiência respiratória.

★

O tipo de criança que respira mal — Quando a criança respira insuficientemente, não tem já mais êsse ar sadio que gostamos de ver em nossos filhos ou filhas. Tem, em geral, o peito achatado, os músculos moles, os ombros como "cabide", apontados para a frente. Assume sempre posição defeituosa, em pé ou sentada, o ventre às vêzes projetado para a frente.

O próprio rosto da criança revela essa insuficiência. O nariz se afina, as faces se afundam, o maxilar superior avança sôbre o inferior. Se observarmos o fundo de sua bôca, verificaremos que a abóbada palatina é estreita e profunda. A voz, por sua vez, é surda, nasal e sem clareza.

★

A criança nunca está inteiramente bem! — Se a criança que respira mal não é, pròpriamente falando, uma criatura doente, nunca está — entretanto — **inteiramente bem**: fatiga-se mais fàcilmente que as outras, não revelando pertinácia ou entusiasmo para o trabalho ou o folguedo. Em geral fica entre os alunos mais atrasados da classe, embora a sua inteligência não revele inferioridade. Se, instigada pelos pais, tenta fazer um esfôrço, sente dor de cabeça, sendo obrigada a parar.

Dorme mal. O seu sono é agitado; sofre de pesadelos, os quais, algumas vêzes, são violentos, fazendo a criança despertar sobressaltada.

Também sofre constantemente de resfriados — seja que o apanhe com facilidade ou que arraste um resfriado crônico, que "não acaba nunca".

Todos êsses inconvenientes merecem que se busque a causa e que se lhe dê remédio.

As vegetações são, quase sempre, a causa — A insuficiência respiratória é sempre devida a um obstáculo. Entre êsses, as vegetações constituem o mais freqüente.

As vegetações, por seu volume, podem de fato obstruir parcialmente, ou mesmo totalmente, o fundo do nariz. Daí o fato da criança respirar pela bôca e a perturbação respiratória que se segue.

Mas, além do seu volume, as vegetações também podem estar infectadas, o que não é raro. E essa infecção se alia à simples obstrução, para provocar uma série de perturbações (dor de cabeça, fadiga, etc.).

A deformação do rosto, de que falamos um pouco acima, é explicada pela falta de desenvolvimento da cavidade nasal, provocando uma atração da abóbada do palato, que assim se encurva pouco a pouco.

Retirando as vegetações, suprime-se o obstáculo e, ao mesmo tempo, a dificuldade de respirar.

★

A opinião do dentista — Mas nem sempre a culpa cabe às vegetações. A insuficiência respiratória pode ser provocada por uma má-formação dos maxilares, datando do nascimento ou — no mínimo — dos primeiros anos de vida.

Se não se trata de hereditariedade, essa má formação pode ter sido provocada pela sucção do polegar. Poderá ocorrer, também, ulteriormente, por exemplo, quando a dentição é ele-

tuada de maneira defeituosa, **ou quando as cáries dos dentes de leite não foram tratadas.**

Essa má-formação consiste num estreitamento do maxilar superior, que torna o mesmo saliente, como o chamado "nariz de coelho", enquanto o maxilar inferior é mais largo e retraído. A deformação do maxilar superior acarreta uma diminuição considerável do volume das cavidades nasais, daí resultando uma insuficiência respiratória.

A criança deve então ser confiada ao dentista e, mais especialmente, à prótese dentária, que só ela poderá corrigir essa insuficiência! Os métodos modernos resolvem isso com relativa facilidade, mesmo em se tratando de crianças bastante crescidas — e até mesmo adultos.

★

Quando não há causa aparente — Ocorre, algumas vêzes, não existir vegetações nem má-formação dos maxilares. Nenhum obstáculo parece haver contra a respiração, e, no entanto, a criança respira mal.

Muitas vêzes, em tal caso, a criança teve vegetações e, depois de retiradas, conserva o hábito de respirar pela bôca.

Mas acontece também que a criança tem, por natureza, uma certa tendência para respirar insuficientemente: daí um desenvolvimento insuficiente dos músculos respiratórios, que, por sua vez, provoca uma diminuição da respiração, assim sucessivamente.

★

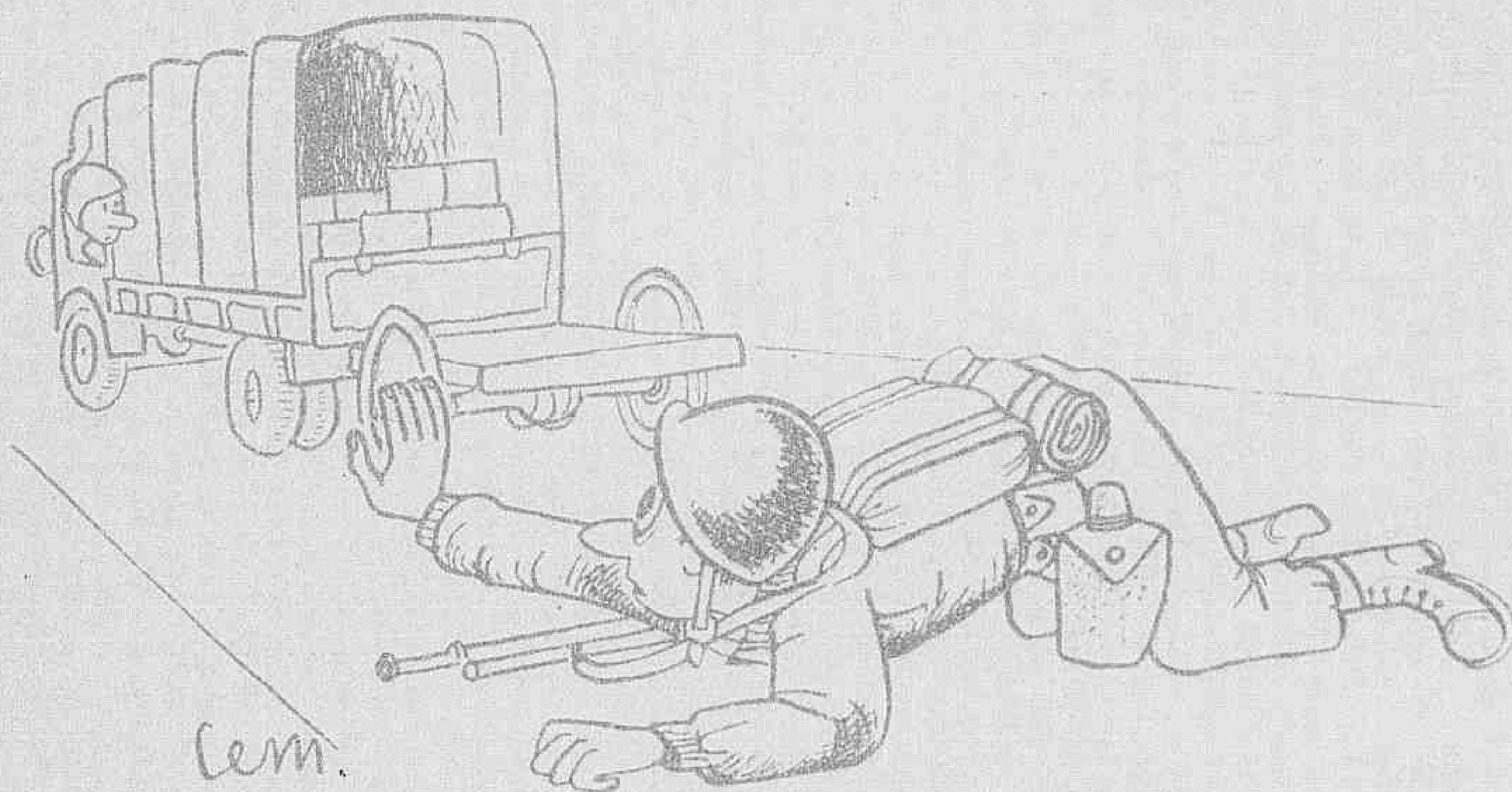
Só há um meio de sair dêsse círculo vicioso — praticar uma ginástica apropriada, geral, toráxica e respiratória. Esta, aliás, deveria ser associada à prótese dentária ou à ablação das vegetações, a fim de consolidar os resultados obtidos.

Portanto, se o seu filho respira mal, se dorme de bôca aberta, é conveniente um exame. Quanto mais cedo fôr iniciado o tratamento, mais depressa será anulada essa insuficiência respiratória e tôdas as perturbações conseqüentes. ....

★ ★

UMA ANEDOTA DOS TEMPOS DA GUERRA

INDO E VINDO



Dois pelotões do exército marchavam por uma das estradas principais do Estado de Missouri, onde o tráfego era intenso, dirigindo-se para um campo de exercícios. Um dos guias, de modo descuidado, abandonou sua posição, sendo derrubado por uma viatura que passava no momento. Uma extremidade do caminhão bateu levemente na mochila do soldado, derrubando-o, embora sem ferir. Mas o motorista, vendo o que acontecera pelo espelho retrovisor, deu uma freiada brusca e pôs a cabeça para fora, dando marcha-ré para socorrer o atropelado.

— Ei, companheiro! — gritou para o soldado, que continuava caído. — Acho melhor você ter cuidado!

— Ter cuidado? — gritou o guia, de modo rancoroso. — Que pretende você fazer agora? Passar por cima?

Maurice F. Langdon

★ ★

AUTOMÓVEL SABIDO — Em Toledo, o automóvel de Mrs. Margaret Cook teve um pneumático estourado, justamente sôbre o cruzamento de uma via-férrea... mas derrubou também um poste, o qual, tombando, fêz funcionar um grande sinal vermelho, que deteve o trem que se aproximava.

★ ★

FORA DE MODA... — Em Washington, os jornalistas designados para fazer a cobertura do noticiário, junto ao Departamento do Tesouro, acabam de solicitar uma nova máquina de somar para a sala que lhes é destinada, porque a que ali existe, instalada durante o govêrno Coolidge, soma sòmente até... milhões.

As viúvas são perigosas



Por
MIGNON G. EBERHART

UMA das minhas viúvas telefonou às treze horas, na sexta-feira; a outra telefonou às quinze horas, no mesmo dia. Ambas me convidavam, com urgência, para passar o fim de semana em sua casa de campo.

No entanto, nenhum dos dois era um convite social; cada uma delas informou que necessitava dos meus conselhos. (Na verdade, aquilo era um convite para a morte.)

E, de um modo literal, nenhuma delas era, tampouco, a **minha** viúva no consenso geralmente aceito. Eram as viúvas de Henry Briggs. Ambas, no entanto, tinham grande interêsse pela minha pessoa, pelo menos um interêsse de amizade, pois sou um banqueiro já bastante idoso e apto, portanto, a dar conselhos e fazer o papel de ama-sêca de duas viúvas, interessadas em investir parte da fortuna em inexistentes depósitos de urânio ou em poços vazios de petróleo. As duas senhoras Briggs tinham sido espôsas de Henry; uma, á primeira delas, Frances Briggs, não tornou a casar, após o divórcio; a outra, Eloise Briggs, foi a segunda espôsa e, portanto, era a **viúva oficial** de Henry. Êle era um dos meus clientes mais antigos. A casa de campo a que me referi, relativamente aos convites que me foram feitos, era a mesma e uma só, pois Henry legara aquela propriedade, em seu testamento, às duas mulheres.

Nessas condições, uma situação bastante delicada estava em vias de se formar. Foi assim, bastante contrariado e apreensivo, que apanhei o trem das dezessete e trinta para Stamford.

Embora Henry Briggs tenha sido um cliente do Banco por longo tempo, e, especialmente, durante o período da sua doença, e eu muito tivesse cuidado dos seus negócios, jamais tivera oportunidade de me avistar com qualquer de suas duas espôsas.

Não posso dizer que encarava tal evento com qualquer prazer. Não gosto de antecipar emoções ou imaginar acontecimentos. Mesmo assim, quando deixei o trem e olhei em redor, na ampla plataforma, fiquei a imaginar qual das duas me receberia primeiro, aborrecendo-me com os assuntos que a afligiam. Nenhuma delas apareceu. Em vez disso, apresentou-se um homem de rosto avermelhado, vestindo roupa do campo, perguntando de modo afável:

— Senhor Wickwire?

Fiz um meneio afirmativo com a cabeça. Êle estendeu a mão, tão vermelha quanto o seu rosto: tinha um ar jovial, enquanto os olhos, que eram azuis, denotavam certa frieza.

— Sou Al Muller — amigo de Henry. O automóvel está estacionado lá fora.

Respondi com um simples grunhido e segui o homem para fora da plataforma.

Êle colocou a minha mala dentro do automóvel e sentou diante do volante, com a respiração ligeiramente alterada.

— Estou hospedado na casa de campo — anunciou à guisa de explicação. — Julguei que pudesse ser de utilidade para as duas senhoras... Êle negociava comigo...

— Fêz muito bem — declarei.



Lançou-me um olhar estranho, enquanto prosseguia:

— Sim! Frances, a primeira espôsa, chegou na têrça-feira, à noite, por trem. Henry foi enterrado na tarde do mesmo dia, como o senhor deve recordar. Eloise, a segunda mulher, já estava aqui, naturalmente.

De um modo um tanto sêco, fiz minha primeira pergunta:

— E quando chegou... o senhor?

Êle deteve o veículo, para examinar com exagerado interêsse, um sinal na estrada. Depois, sem muita pressa, falou:

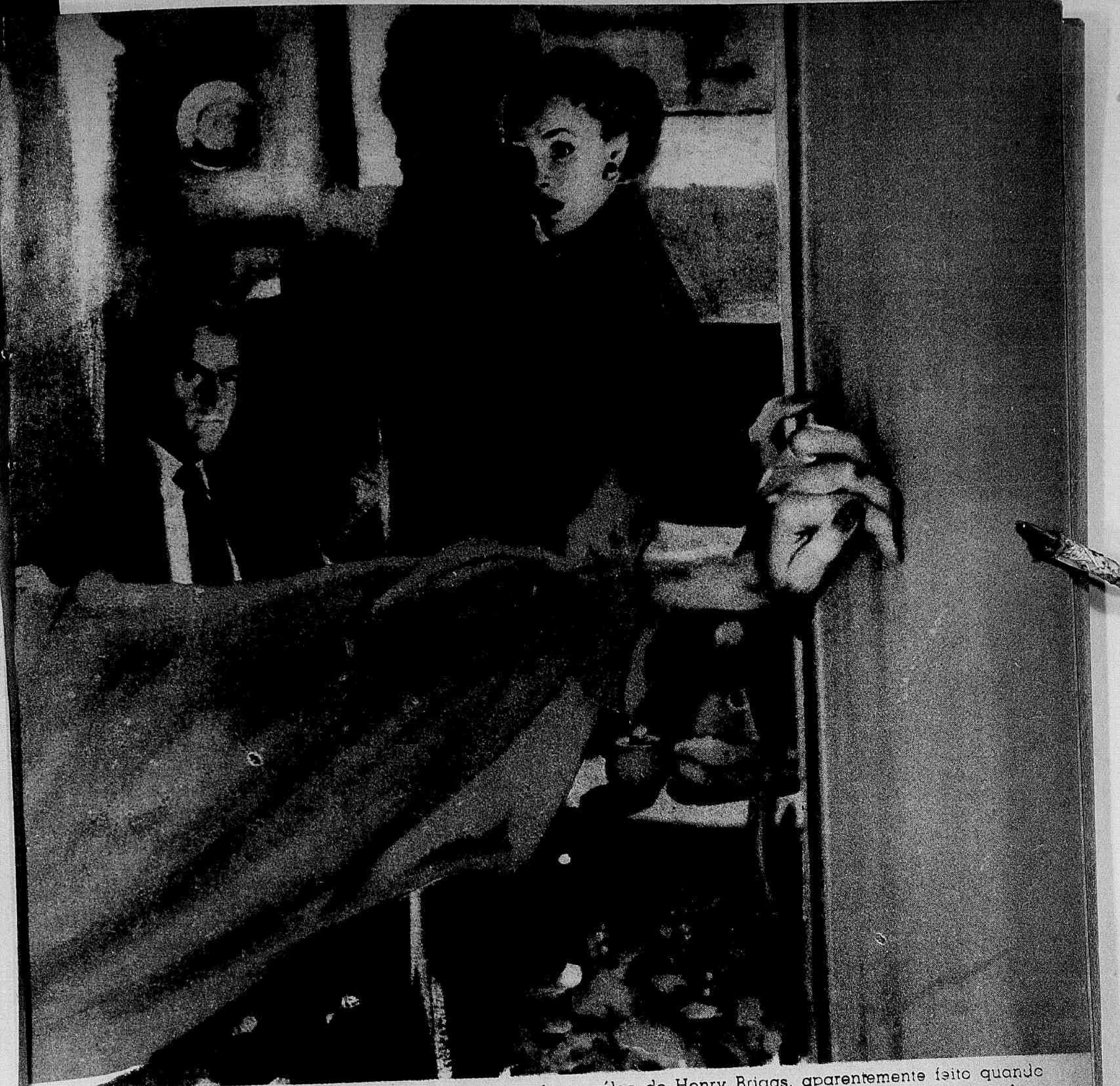
— Oh! Cheguei na têrça-feira, à noite, um pouco mais tarde... Achei que tinha esta obrigação em relação ao meu falecido amigo. Seria horrível, deixar a propriedade assim! Conhece alguma das espôsas do falecido?

Alguma coisa, no seu modo de olhar e falar, não me agradava. Disse-lhe que não tivera ainda êsse prazer.

— Elas são muito atraentes, como terá oportunidade de ver. E travam uma verdadeira batalha! Nenhuma pretende abdicar dos seus direitos. Saiba que, neste momento, eu não o invejo, sr. Wickwire!

— Quero deixar claro, desde já, que não sou um árbitro, entre as duas. Isto compete ao juiz e aos advogados — disse, falando de modo bastante frio, até mesmo para penetrar no âmago de Muller. O resto do trajeto foi cumprido em silêncio.

A casa e o terreno que a cercava mostraram ser bastante valiosos, quando lá chegamos. Haviam canteiros repletos de belas flores, "court" de tênis, piscina e outros atrativos, como soem haver nas mais confortáveis casas de campo. Aquilo representava, eu bem sabia, o todo das propriedades de Henry Briggs. Êle tivera uma renda bastante elevada, e soubera viver de acôrdo com ela. Eu fazia cálculos mentais acêrca do valor daquela propriedade, e dos impostos



que a deviam gravar, quando o veículo se deteve diante da entrada, ornada por colunas brancas.

Ali estavam duas mulheres, à espera; ambas avançaram para mim, cumprimentando-me efusivamente. E, quanto ao físico de ambas, dei razão a Muller. As duas eram moças, elegantes e extremamente sedutoras.

A mais jovem, a sra. Briggs "oficial", falou primeiro, estendendo a mão pesada de jóias e apresentando-me à primeira espôsa do falecido. Enquanto isso, Al Muller observava, com um sorriso estúpido no rosto vermelho, e um olhar penetrante. Logo em seguida, entramos na casa.

Uma empregada levou minha mala para o andar de cima. Uma bandeja com coquetéis foi servida, na ampla sala-de-estar. Era um aposento imponente, repleto de objetos que podem ser classificados como obras de arte e, dominando o ambiente, um enorme retrato a óleo de Henry Briggs, aparentemente feito quando êle ainda era muito moço, pelo menos cêrca de vinte anos antes da sua morte.

Eloise, a jovem sra. Briggs, no seu papel de anfitriã, fêz por agradar-me o mais possível, perguntando se eu me sentia confortável e qual a minha preferência em matéria de bebidas.

À luz suave dos "abat-jours", pude notar que as duas mulheres eram quase do mesmo tipo.

A primeira sra. Briggs, Frances, era mais magra, e de silhueta mais bem feita; tinha cabelos mais escuros e olhos azuis firmes e penetrantes. Trajava um vestido branco, de algodão, que não devia ter custado muito. Além do seu anel de casamento, não tinha qualquer outro tipo de jóia.

Eloise era linda, quase uma raridade, com pele de magnólia, bôca suave e rosada — uma figurinha que sugeria **luxo!** Seu vestido era também simples, mas até mesmo os meus olhos de celibatário perceberam que aquela era uma

simplicidade muito cara; no pulso ostentava um bracelete de diamantes.

Foi ainda Eloise quem, assumindo sua posição inquestionàvelmente correta de autoridade na casa, disse que, se eu concordasse, tanto ela quanto a outra sra. Briggs prefeririam adiar a discussão do assunto, que ali me trouxera, para a manhã seguinte. Concordei, dando expansão à minha sinceridade. Al Muller serviu outro **drinke**, enquanto as duas viúvas o observavam friamente. A criada que levara minha mala veio até a sala-de-estar, anunciando o jantar.

Além da figura jovial e palradora de Al Muller, a refeição foi realizada quietamente, como se fôsse apenas um jantar social. Nem uma das palavras que foram ditas, nem um dos gestos sugeriu que houvesse qualquer desavença entre as duas mulheres. Ambas se me afiguravam, pelo menos à primeira vista, duas perfeitas senhoras.

A noite passou depressa. Eloise mostrou-me o quarto que me fôra destinado.

— Espero que o senhor não se incomode por ter que descer para o café da manhã — disse ela. — As criadas moram na cidade e vão para casa tôdas as noites, após o jantar.

Respondi que isto não tinha importância e logo a seguir atalhei:

— A propósito, sra. Briggs, qual foi o motivo **exato** do convite que me fêz para vir aqui?

Ela hesitou por um segundo. Em seguida, aproximou-se de mim e a sua boquinha ostentava um sorriso provocante. Segurou um dos meus braços com ambas as mãos e respondeu:

— Porque **preciso** do seu auxílio!

Um magnífico odor de perfume me envolveu, quando ela se aproximou de mim. Seus olhos tinham um brilho estranho.

— Creio que o único auxílio que lhe posso prestar é aconselhá-la a colocar tôda a herança do seu marido nas mãos de um advogado.

A linda criatura soltou o meu braço e, com um olhar de enfado, disse:

— Naturalmente... Boa-noite, sr. Wickwire!

*

O ambiente estava muito calmo e muito agradável. Mas algo me dizia que tudo não ia bem, naquela casa. Tive que esperar um pouco, até que não mais se ouvisse qualquer rumor das pessoas que ali se encontravam, além de mim. Então, com o maior cuidado, desci as escadas e saí. Dirigi-me para a estrada, caminhando em direção à cidade. Era uma noite escura, com as nuvens encobrindo a lua.

A cidadezinha ainda se encontrava parcialmente iluminada, e a farmácia local tinha uma cabine telefônica.

Há certos tipos de informações fáceis de conseguir, para os banqueiros, pois êstes têm bastante prática em lidar com clientes de tôdas as classes e espécies. No entanto, como já era bastante tarde, levei algum tempo para conseguir o meu propósito.

Felizmente, para mim, como mais tarde narrarei, o rapaz do balcão me olhava com bastante interêsse, e comprei algumas revistas, além de tomar um refrêsco. Êle estava justamente dizendo que iria fechar a loja dentro de dez minutos, quando o meu telefonema interurbano, para New York, foi conseguido.

Quando deixei a farmácia, o rapaz apagou as luzes. Voltei para a casa que pertencera a Henry Briggs. Pareceu-me que a distância percorrida foi pequena, pois, imerso em meus pensamentos, logo cheguei diante do portão. Tive, então, uma grande surprêsa.

A casa estava tôda iluminada. Naquele momento, ouvi o ruído de veículos que se aproximavam, e tive o tempo exato de pular fora do caminho, enquanto o primeiro dos automóveis e motocicletas passavam por ali, detendo-se logo adiante. Em seguida, os demais também passaram por mim. Quando atravessei o jardim e cheguei à porta de entrada, inúmeras pessoas, habitantes da cidade próxima, e policiais, enchiam as salas da mansão. Numa delas, justamente a sala-de-estar, jazia Al Muller, **morto por um tiro de revólver!** Estava caído embaixo do grande retrato de Henry Briggs.

Encaminhei-me para lá, aos trancos com as demais pessoas, e passei por Eloise e Frances, que se encontravam no corredor, assustadas e pálidas.

O corpo de Al Muller jazia aparentemente no lugar em que tombara. Estava com as pernas muito abertas, com as roupas curiosas bastante amassadas, o paletó dando impressão, à primeira vista, de haver sido rebuscado. Próximo da sua mão direita, estava um revólver.

Já amanhecia quando a polícia se retirou. Ambas as sras. Briggs, exaustas e com os nervos abalados, subiram as escadas, quando o último carro policial desapareceu. Fiquei a observá-las, tentando adivinhar qual delas matara Al Muller.

Não que a polícia houvesse classificado aquela morte de homicídio. O inquérito fôra bem longe e as perguntas, em grande número; tomaram nossas impressões digitais. Ficou provado que a arma pertencera a Henry, o que era um indício importante. Mas, apesar de tudo, ninguém falara em homicídio.

Todos ouviram a minha história e, felizmente para mim, o rapaz da farmácia comprovou-a em todos os detalhes a que assistira. Em seguida, as duas espôsas de Henry Briggs deram conta de seus atos, e as duas histórias coincidiram: foram acordadas pelo tiro, haviam esperado alguns segundos, procurando atinar com o que podia ter ocorrido; chegaram ao corredor quase ao mesmo tempo e desceram juntas, encontrando o corpo de Al Muller.

Em seguida, telefonaram para a polícia. Procuraram por mim e verificaram que eu desaparecera. Chegaram a temer que eu tivesse sido vítima, da mesma forma que Muller, de algum ladrão, que ainda podia estar por perto. Quando lhes perguntaram se achavam que a morte de Henry poderia ter acabrunhado Muller a ponto de o levar ao suicídio, ambas pareceram duvidar de tal hipótese,

A morte de Muller, porém, não fôra suicídio. Fôra **homicídio!**

Mas eu não sabia qual das duas mulheres o matara. Esperei até que o ruído suave dos seus passos desaparecesse, no corredor do primeiro andar. Em seguida, voltei à sala-de-estar. O corpo de Muller já fôra removido, mas o aposento parecia estar ainda impregnado de tragédia, como se o morto ali continuasse.

A sala estava em desordem, com cadeiras postas de lado; o tapête em que o homem morrera, enrolado e colocado num canto; pequenas mesas e "abat-jours" espalhados de modo descuidado; até mesmo o quadro de Henry Briggs fôra remexido, estando ligeiramente tombado para um lado, na parede.

Por mim, não teria tocado no tapête mas, sendo um homem solteiro, e detestando a desordem, arrumei ligeiramente os móveis e objetos que guarneciam o aposento, ao mesmo tempo que inspecionava tudo. Claro estava que não esperava encontrar qualquer pista ou indício. Mas, havia a minha curiosidade. Finalmente, tratei de recolocar o grande quadro no lugar. Calculei que o ombro de alguém devia ter esbarrado no mesmo. Comparei a altura do meu próprio ombro com a borda inferior do quadro e, dada a diferença que ainda sobrava, cheguei à conclusão de que alguém afastara o quadro com a mão, pois não sou um homem de baixa estatura. Fiquei a olhar para Henry por alguns segundos. Em seguida, apanhei uma cadeira e nela subi para olhar por trás da tela.

Pouco tempo depois, tornei a endireitar o quadro, com cuidado, desci da cadeira, recoloquei-a no seu devido lugar, e nela sentei. Alguma coisa estava prestes a ocorrer, e fiquei aguardando.

Não posso dizer que a espera foi agradável. Torci para que não houvesse outra arma de fogo na casa. No silêncio que se fizera, pude ouvir distintamente o **tiquetaque** de um relógio, num dos aposentos do andar térreo. Era como se marcasse os poucos minutos que talvez me restassem. Não sou um homem corajoso e, por isso mesmo, quando ouvi os passos de uma das mulheres, no andar superior, provàvelmente se encaminhando para a escada, tive que fazer muito esfôrço para continuar sentado, aparentando uma calma displicente.

Ela devia ter julgado que a sala estava vazia, apesar da luz acesa, pois, ao aparecer na porta e ver-me sentado, susteve a respiração, levando as duas mãos à garganta, num movimento característico feminino. Era Frances, a primeira sra. Briggs.

Depois de pequena hesitação, encaminhou-se para mim, com o "negligée" envolvendo a sua figurinha encantadora. Seus lindos olhos brilhavam, quando falou:

— Não sabia que o senhor estava aqui. Vim para... olhar. Precisava ver se há qualquer coisa, algo que a polícia não tenha notado.

Repentinamente, noutro tom, afirmou:

— Sr. Wickwire, Eloise matou o pobre Al Muller!

Isto era, exatamente, o que eu já esperava. Uma acusaria a outra. A assassina, porque precisava ficar encoberta por uma mentira; a inocente, porque precisava mostrar a verdade.



Recuei, num salto brusco, para dar passagem ao automóvel da Polícia.

— Por quê? — perguntei.

Frances juntou as mãos, respondendo:

— Não sei o motivo. Mas deve girar em tôrno de dinheiro. Al Muller não era homem que viesse aqui apenas por um sentimento de solidariedade. **Êle queria qualquer coisa.**

— Por que solicitou a minha presença nesta casa, sra. Briggs?

— Porque Muller estava aqui — retrucou, sem pestanejar. — Eu não confiava nêle! Ia pedir ao senhor que **desse um jeito** de mandá-lo embora. Sei que Eloise o matou... porque eu não o fiz! E não havia mais ninguém na casa, além de nós quatro.

— Não fui eu! — disse Eloise, aparecendo repentinamente à entrada. — Portanto, **só pode ter sido você!**

Vestia um belo "negligée" branco, e empunhava uma pequena pistola.

Nunca fui dado a violências. Senti um arrepio percorrer-me a espinha. Entretanto, para o êxito do plano que idealizara, precisava agir de maneira a que as duas mulheres deixassem a sala, e, agora, o mais importante era tomar a pistola

de Eloise. Falei, então, procurando firmar a voz:

— Todos estamos cansados. Proponho que ambas se vistam... um pouco melhor, enquanto preparo uma ligeira refeição para nós.

E, voltando-me para Eloise, acrescentei:

— Acho melhor entregar-me essa arma. De quem é ela?

— Minha! Um dos presentes de Henry.

— E que pretendia fazer com ela?

Eloise fitou-me, com ar hesitante, depois respondeu:

— Não... não sei.

— Acho melhor eu mesmo ficar com ela! — declarei.

Eloise entregou-me a pistola, imediatamente, o que me deixou surpreendido e satisfeito, ao mesmo tempo. Foi, pois, com voz mais firme que anunciei:

— Bem, vou preparar nossa refeição.

Deixei a sala, encaminhando-me para a cozinha, após o pequeno corredor.

Dei bastante tempo a elas para que se vestissem e também para que a assassina pudesse voltar à sala de visitas e fizesse o que não tivera tempo de fazer, enquanto eu e a outra viúva ali havíamos estado. Em conseqüência, nervoso também, acabei por queimar as torradas que fazia, enquanto observava o relógio.

Logo depois de haver voltado à sala, ali apareceu Frances, trajando um costume de linho azul e, logo em seguida, Eloise, vestida de rosa.

Ambas tomaram o café sem pronunciar palavra e tive a impressão de que ali havia uma carga de dinamite, prestes a explodir. Falei, então, cautelosamente:

— Em vista das circunstâncias, sugiro que deixemos para depois o assunto para o qual fui chamado. Tenho, porém, um pedido a fazer... Como sabem, fui amigo de Henry durante muito tempo, e espero que me permitam levar êsse quadro, como recordação.

Os belos olhos de Eloise voltaram-se para mim, fitando-me sôbre a sua xícara. Depositou-a depois sôbre a mesa e levou um lenço aos olhos, dizendo:

— Naturalmente. Não sabia que o senhor admirava tanto o meu marido. Tenho outros retratos de Henry, e creio que êle gostaria de presentear o senhor com o quadro.

— Obrigado — retruquei, voltando-me para Frances, que se levantara da cadeira.

— Desculpe — disse ela. — Não posso concordar com o seu pedido. Não pretendo afirmar que ainda amava Henry quando êle encontrou você, Eloise. E, quando pediu divórcio, concordei sem mágoa. Mas, há algum tempo, quando Henry e eu éramos jovens, justamente na época em que o quadro foi feito, eu o amava! Desculpe, sr. Wickwire, mas desejo ficar com o quadro!

Agora, eu sabia o que fazer. Falei qualquer coisa a respeito de compreender os seus sentimentos, dei uma desculpa e saí.

Deixei a casa cautelosamente, pela porta dos fundos. Uma parreira se estendia dali até à garagem, e tratei de abrigar-me sob a mesma. Alcancei a garagem e estava abrindo a porta do automóvel, quando Eloise apareceu.

— Onde vai, sr. Wickwire?

— À polícia. Quer guiar? Não estou acostumado a êste tipo de veículo. Além disso, talvez seja mais seguro.

— Mais seguro! Quer dizer que ela... — Eloise interrompeu-se bruscamente e entrou no automóvel com rapidez.

— Tome o caminho dos fundos, para a estrada — pedi. — As árvores ali existentes dar-nos-ão maior proteção.

O sol já se elevava no firmamento, e a manhã se apresentava luminosa e bela mas, para alguém, aquela seria uma terrível manhã.

Eloise conhecia o caminho para a estação policial. Lá chegados, ela entrou comigo, e o jovem Tenente, que dirigira o inquérito na noite anterior, estava sentado à sua mesa, falando ao telefone. Lançou-nos um olhar e logo descansou o corpo no espaldar da cadeira. Notei que o seu revólver estava sôbre a mesa.

— Ia telefonar para lá dentro de alguns minutos. As impressões digitais da arma pertencem a Al Muller. Portanto, parece tratar-se de suicídio.

Está claro que podem ser colocadas impressões digitais numa arma, após a morte da pessoa, mas não procurei discutir êste ponto com o policial. Falei apenas:

— Creio que tenho uma forte evidência provando o contrário. Se o senhor revistar a casa onde Al Muller foi morto, encontrará um maço de notas promissórias, assinadas como garantia de empréstimos que Muller fêz. Tôdas elas estão assinadas por Henry Briggs, e as assinaturas são forjadas. E, nesse meio tempo — pigarreei, limpando a garganta — **queira ter a bondade de prender esta senhora, sob a acusação de...**

Não pude terminar o que dizia, pois Eloise foi muito rápida. De um salto, apoderou-se do revólver do tenente. Ouvi dois tiros... Um terceiro quebrou a vidraça da janela e, em seguida, o jovem policial conseguiu agarrá-la de jeito, pelos braços, impedindo que ela continuasse a disparar.

O Tenente soltou-a quando outros policiais entraram na sala. Então, saí de sob a mesa, onde me escondera, com a maior dignidade de que fui capaz. Uma vez tudo serenado, o Tenente continuou a falar, voltado para mim:

— Provàvelmente, as notas promissórias foram forjadas por ela, que pediu o dinheiro em nome do marido. Resta apenas achar êsses documentos, que devem estar escondidos com ela. Sargento! Mande revistar a prisioneira.

O policial estava com a razão. As notas promissórias haviam sido escritas com caligrafia feminina. Devo dizer que me senti aliviado ao vê-las. Eloise não tivera tempo nem oportunidade de as destruir, graças ao modo como eu agira.

De volta à casa que pertencera a Henry Briggs, após a conclusão de certas formalidades, tive uma pequena conversa com o Tenente e com Frances Briggs.

— Muller emprestou todo o dinheiro a ela, e deve ter feito isso julgando que estava empres-

tando a Henry Briggs, durante a doença do meu pobre amigo.

Concordei, com um meneio de cabeça, dizendo, por meu turno:

— Êle deve ter descoberto, desde o início, que as assinaturas eram forjadas. Após a morte de Henry, procurou...

— Procurou aproveitar-se do que sabia! — completou o Tenente. — Deve ter impôsto um preço muito alto, com o qual ela não concordou, e acabou por matá-lo. E, depois disso...

— Depois disso, teve que sair da sala às pressas; revistou os bolsos de Muller, retirou o pacote de notas promissórias e o escondeu por trás do quadro. Em seguida, gravou as impressões digitais de Muller na arma e foi para o andar superior pela escada dos fundos. Quando atingiu o patamar superior, Frances devia estar saindo do quarto, e as duas se encontraram!

— Mas como soube o senhor de tudo isso?

— Encontrei as promissórias. Não sabia qual das duas viúvas assassinara Muller, nem qual delas falsificara os documentos. Calculei, assim, que a assassina procuraria recuperar as mesmas. Dei-lhes bastante tempo, a fim de que a criminosa pudesse voltar ao esconderijo das promissórias e, finalmente, pedi para levar o quadro de Henry.

Fiz uma pequena pausa e prossegui:

— Eu sabia que a matadora não mais se importaria com o quadro, não desejando qualquer associação com o objeto por trás do qual escondera as notas causadoras do seu crime. Portanto, isto importaria numa prova de culpa e num esclarecimento para mim, de que as promissórias já haviam sido removidas. Eloise sentiu-se até satisfeita em livrar-se do quadro, mas a outra sra. Briggs não concordou — e apontei para Frances, que estava ao meu lado, naquele momento.

Tanto ela quanto o Tenente olhavam para mim com interêsse.

— Devo dizer-lhes também que tive bastante tempo para fazer um pequeno inquérito telefônico, em tôrno de Eloise. Ela estava usando jóias e vestia-se de modo dispendioso. Logo fiquei sabedor de que ela estava gastando mais do que Henry podia dar. Lembrem-se de que, como banqueiro e tendo-o entre os meus clientes mais antigos, eu não tinha dificuldade em descobrir isso. Portanto, de onde estaria tirando o dinheiro? E qual o motivo da presença de Muller na casa?

— Oh! — exclamou Frances.

O Tenente, porém, comentou, de modo inteligente:

— Mas o senhor devia ter uma evidência mais forte, pois isto não passava de suposição. Precisava de uma forte base para suspeitar...

Suspirei, concordando com o que êle dizia. Existe uma triste verdade, conhecida de todos os banqueiros. Expliquei:

— Quando uma pessoa deseja ver um banqueiro com urgência, isto significa que necessita de dinheiro. Frances Briggs tinha um motivo diferente para chamar-me. Mas Eloise...

— Ela, com certeza, queria fazer uma hipoteca, para poder pagar a Muller! — concluiu o Tenente. — Chegou a pedir algum empréstimo?

— Não **precisamente** — respondi.

Sùbitamente, o rosto do policial se iluminou num amplo sorriso, ao notar o tom em que eu falara.

— Compreendo. Mas o senhor não desejava correr qualquer risco... Isto é, não consentiu que ela o enfeitiçasse... apesar do encanto...

Deteve-se, corou, balbuciou uma desculpa e tentou deixar de sorrir.

— Oh, sr. Wickwire! — disse então Frances Briggs, inclinando-se para mim. — O senhor é um verdadeiro detective, e um homem muito corajoso!

Há muitas maneiras de uma viúva atraente tornar-se perigosa. Levantei-me num salto, dizendo que precisava voltar, urgentemente, para a cidade. E assim fiz.

Na semana seguinte, quando uma outra viúva pediu-me que fôsse à sua casa, em Long Island, mandei um de meus auxiliares em meu lugar.

★ ★

RESOLVA OS SEUS PROBLEMAS

CERTO dia fui comprar sapatos para os meus dois filhos e logo encontrei um par para o menor dêles. O tipo de sapatos que necessitava, para o outro, estava justamente nas mãos de uma outra freguesa, a qual notou o meu interêsse e necessidade de comprar, mas não demonstrou a menor boa-vontade em querer cedê-lo. Já conhecedora da "inimizade" feminina, comprei o primeiro par de sapatos e saí da loja, com ar indiferente, ficando, porém, à espreita, observando à distância. Logo que a outra freguesa fêz as suas compras e deixou o estabelecimento, regressei ao mesmo, certa de que iria encontrar o par de sapatos que necessitava para o meu filho. Com efeito, lá estava êle ainda sôbre o balcão!

MEYERBEER, o famoso compositor, não era muito dado a conceder autógrafos. Chegou até a negar um pedido que lhe fêz o diretor da Ópera de Paris, que desejava o autógrafo para ceder a um amigo. O diretor não desistiu e resolveu valer-se de um ardil para conseguir o seu intento. Pediu a um jornalista seu amigo que publicasse o seguinte anúncio: — "Amanhã, "Os Huguenotes", *música de Halevy*". — Ao ler o anúncio, Meyerbeer, indignado, escreveu ao jornalista um bilhete, mais ou menos nestes têrmos: — "Sou eu o compositor de "Os Huguenotes" e não Halevy!" O bilhete, com a assinatura do famoso músico, foi remetido imediatamente ao diretor da Ópera, que fêz entrega do mesmo ao seu amigo colecionador.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Na vergonhosa metamorfose por que está passando o português, entre nós, homens aliás muito instruídos, verdadeiros sábios em outras matérias, cometem crassos erros de linguagem". —— RUI BARBOSA

ANÁLISE SINTÁTICA

O conhecimento de análise sintática é indispensável à compreensão dos fenômenos referentes à estrutura do idioma. Assim como é impossível estudar fisiologia sem conhecer anatomia, também não se pode penetrar os segredos da construção fraseológica sem identificar os têrmos e sem estabelecer as relações entre as orações. Só escreve conscientemente quem sabe analisar.

Impõe-se, contudo, a uniformização da terminologia gramatical. Lamentàvelmente, cada autor, embora filiado a um sistema, usa denominações diversas, do que não raro se afasta o professor, na aula. E o resultado inevitável é a confusão e o desânimo, que por aí andam, perturbando os incipientes.

Não propugno, convém ressaltar, pela imposição de uma gramática ou de um método. Tal prática não se coadunaria com os princípios democráticos que devem nortear o ensino. Apenas recomendo a conveniência de uma só denominação para cada fenômeno gramatical. Demais, há construções sintáticas cuja análise varia conforme a interpretação; outras fogem aos esquemas gerais, constituindo construções ilógicas.

Em outubro de 1950, escrevi nesta seção:
"A gramática disciplina os fatos comuns da linguagem. Impossível, contudo, sujeitar esta às normas daquela, sob pena de nem sempre dizermos o que pensamos e o que sentimos, mas tão sòmente o que pudesse permitir a rígida estrutura léxico-sintática. E o estilo perderia as graças e os encantos.

A linguagem está em íntima conexão com o pensamento, cuja complexidade escapa a qualquer intuito normativo. Há jogos de idéias e de pensamentos, há reações intelectuais e afetivas sòmente traduzíveis por determinadas formas de linguagem. Com serem irregulares tais construções, nem por isso devemos condená-las, indispensáveis que se apresentam à fidelidade na expressão dos fatos psicológicos.

Muitos pretendem submeter essas frases aos esquemas clássicos da análise sintática. Êsse procedimento poderá levar a absurdos, a malabarismos gramaticais, sem resultados satisfatórios, porque estamos diante de construções ilógicas, avêssas a qualquer rigorismo gramatical.

Lembremo-nos de que a linguagem, à semelhança do espelho, deve refletir os pensamentos com fidelidade e nitidez. Deturparíamos o pensamento, se quiséssemos sujeitá-lo à meia dúzia de exrpessões abonadas pelos caturras."

CORRESPONDÊNCIA

M. B. (Estado do Rio) — Pergunta a função sintática de **branca** e **nevada**, na seguinte quadra:

"Branca, tôda nevada, ela aparece
No verde verdejante da floresta;
A Deus levanta fervorosa prece
No seio virginal da natureza em festa"

A expressão — **branca, tôda nevada** — funciona como predicativo subjetivo, eis que atribui estado ao sujeito, através do verbo. Trata-se de simples adjunto predicativo, e não de complemento predicativo, como seria, se o verbo fôsse **ser, estar, parecer, ficar, permanecer** ou **tornar-se**.

H. O. (Nesta) — Pergunta se há galicismo na construção: **êle vem de dizer a verdade**.

Há escritores que evitam o emprêgo de frases dêsse tipo — êle **vem de relatar** os acontecimentos, êle **vem de publicar** um livro — por causa da semelhança entre tal sintaxe e a da construção francesa correspondente. Não há, porém, galicismo no uso do verbo **vir** unido por preposição a qualquer infinitivo. Explica-se a semelhança existente pela origem comum do português e do francês, origem essa que, se estivesse na mente dos caturras, lhes daria fácil explicação para a coincidência de palavras e de formas nos dois idiomas, e que são por êles sumàriamente condenadas.

Exemplos clássicos:

"Frades virão vinte e sete
Que **vêm de furtar** melões."
Gil Vicente

"D'amor dos lusitanos incendidas,
Que **vem de descobrir** o novo mundo."
Camões

"Que **vinham de tomar** seu regabofe."
Filinto Elísio

"**Vindes de brigar?**"
Castilho

JOSÉ RICARDO NETO

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, Sir Charles Rossway e Lady Júlia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade da Kenia, na África Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de Lady Júlia, que via também, com grande desagrado, as relações, exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte, por Lady Júlia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir, à noite, apreciar a sua *toilette* de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que ao regressar de Bickingham Palace iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney que, em nome de Lady Júlia, pedira-lhe, e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de Lady Júlia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando agora completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o *chauffeur*, que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o *chauffeur*, derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o *chauffeur* chamar o Dr. Pargetter, médico da família e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no "fog". O Dr. Pargetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinado. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos, visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo chauffeur, vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais. Manderton, o inspetor-chefe, interroga os criados, o médico, rebusca a casa inteira, auxiliado por Dene, um jovem policial, especialmente encarregado das impressões digitais e que encontra pó-de-arroz diante do grande espelho da lareira. Tudo isso assusta cada vez mais Aline, que pensa apenas em Gerry.

— O golpe deve ter sido muito rude, Miss. Pobre Sr. Swete! Quem poderia esperar uma coisa assim? Lady Júlia disse que eu deixasse a senhorita repousar um pouco mais.

— Agora estou bem, Cox — disse Aline.

— Mas, então, Lady Júlia... já sabe?

— Sim, Miss. O Sr. Rodney — segundo me disse o mordomo — foi pessoalmente despertar Sir Charles, esta manhã. E foi Sir Charles quem relatou o drama a Lady Júlia.

— Como está ela, Cox?

— Oh, a senhorita conhece bem como ela é! Sempre valente e admirável! Tinha os olhos vermelhos, quando levei-lhe o chá, às oito horas; mas nada revelou de seus sentimentos.

Cox parou para assoar o nariz.

"Não foi o mesmo com a pobre cozinheira! A senhorita devia ter visto como a pobrezinha recebeu a notícia. Nunca vi um tal sentimento! Não que fôssemos, tôdas, aqui, simpatizantes de Mr. Swete. Um cavalheiro, naturalmente! E que nunca deixou de nos presentear, por ocasião do Natal. Confesso que também chorei, quando Giles contou... Mas, de qualquer maneira, espero continuar prestando meu serviço sem dar espetáculo. Que vestido deseja vestir, Miss?

— O que você quiser, Cox. Qualquer coisa que não seja clara. Meu *tailleur* prêto pode servir. Já souberam mais alguma coisa sôbre... Enfim: há alguma novidade sôbre Mayfair Row?

— Não posso informar, Miss — respondeu Cox, com a cabeça mergulhada no guarda-roupa. — A polícia está, neste momento, interrogando Sir Charles.

— A polícia?

— Sim. Um inspetor de Scotland Yard. Sir Charles acabava de mandar chamar a Sra. Sholto. Tive que ir despertá-la, pois ainda dormia...

— E onde se encontram Sir Charles e o Inspetor?

— Na biblioteca, segundo informou Mr. Murch.

— Lady Júlia está com êles?

— Não. Está no *boudoir*, com o Sr. Rodney. Poderia saber o que deseja para o *breakfast*, Miss?

— Algumas frutas, que você poderá deixar mesmo lá em baixo. E' inútil esperar por mim...

O homem de Scotland Yard em Frant House e Gerry chamada para ser interrogada!

Essa dupla notícia aborreceu Aline, enquanto se banhava e vestia, pesando sôbre seu coração como um presságio sinistro. O incidente do lenço voltava teimosa e desagradàvelmente ao seu espírito. Que teria descoberto o inspetor?

Não foi sem um certo receio que desceu, afinal, para a sala de jantar.

Ali encontrou apenas Mr. Murch. Um número do "Times" estava pousado ao lado do prato do secretário. Porém, êle não lia, nem comia. Olhava com ar perplexo, através da janela.

Aline apreciava bastante Mr. Murch. De certa forma, êle estava mais próximo dela que outra qualquer pessoa em Frant House. Não pertencia, pròpriamente, ao pequeno círculo, algo fechado, em que se moviam os Rossway; como ela própria, não passava de um hóspede, sendo o secretário de Lady Júlia. E aquêle era um ambiente um tanto enigmático para o estranho, uma espécie de micromosmo, com seus sobrenomes, suas fórmulas abreviativas, suas alusões obscuras, inteligíveis apenas para os *iniciados*. Desde o primeiro dia, Murch se instituíra no guia de Aline. Gentilmente, êle a guiava através das complicações do código mundano, traduzindo, também, locuções familiares e a gíria do prado de Eton, da brigada dos Guardas, dos clubes, das caçadas.

— Quando comecei a viver aqui — confiou êle, certa vez, a Aline — não sabia de que falavam. Tive que aprender. Poderá aprender, agora, comigo, Miss Innesmore.

Se, habitualmente, êle aparentava ser uma massa de energia mal dirigida, ao contrário, nessa brumosa manhã de maio, Aline ficou impressionada com o seu abatimento. Dir-se-ia, que havia caído em um estado letárgico. Quando ela entrou na sala, êle pareceu não notar a sua presença. Quando, em seguida, voltou o rosto para ela, fitou-a uns trinta segundos, observando os seus movimentos, enquanto se servia de chá, sem parecer compreender.

— Perdoe-me — disse êle, finalmente. — Não pude ainda...

Recostou-se na cadeira, com ar fatigado, antes de continuar:

— Estou aniquilado. Pobre... pobre rapaz! E para os desta casa, a senhorita também, que golpe terrível! Rodney contou-me tudo.

— Rodney foi admirável! — exclamou Aline, com entusiasmo.

— Mas é em Lady Júlia que estou pensando — continuou Mr. Murch. — Ela estimava muito o pobre Swete. Nem sei como Sir Charles teve coragem para lhe dizer o que aconteceu. E, para cúmulo, aí está êsse demônio de detective (Oh! Perdoe-me, Miss Innesmore)... que se apoderou de Sir Charles! *Eu desejava* — declarou êle — *trocar duas palavras com Mrs. Rossway... Creio que era uma grande amiga do assassinado!"* Que podia fazer Sir Charles? Mandou que eu procurasse Mrs. Sholto. Estava dormindo. Porém, antes de que ela pudesse descer, Lady Júlia foi informada do que ocorria. Logo me enviou Cox, para dizer: *"Previno o inspetor de que poderá falar com Mrs. Rossway dentro de meia hora, em presença de Lady Júlia!"*

Interrompeu-se para bater com o dedo na beirada da mesa.

— Eis como ela é! Não se curvará assim com facilidade a todos os absurdos da polícia.

Aline sentiu a garganta um pouco aliviada.

— Absurdos? Que quer dizer...?

Murch se agitou em sua cadeira:

— Entre nós — respondeu em voz baixa. — A polícia tem uma informação preciosa. O *chauffeur* de uma senhora argentina, que reside no quarteirão e cuja garagem fica, segundo parece, a uns cinqüenta metros da casa de Swete, do lado oposto ao das antigas cocheiras, um rapaz de nome Hall, declarou que, lá pelas nove horas, quando tratava de guardar o seu automóvel, viu um indivíduo ir e vir, sempre olhando para as janelas de Swete. Ao fim de algum tempo, êsse indivíduo penetrou na casa; Hall fechou a sua garagem, retirando-se pouco depois, sem ter visto o desconhecido reaparecer.

Aline, emocionada, pousou vivamente os talheres.

— Deve ser o mesmo homem que eu vi sair do apartamento, quase correndo!

— Sim. Deve ter sido êle mesmo.

— Mas, Murch, que tem isso a ver com Gerry?

— Nada; bem sabemos! Mas êsse inspetor procura sondar a vida privada de Swete e... Em suma: êle quer falar com Mrs. Sholto!

Para dissimular seu estado de ânimo, Aline levou a xícara aos lábios. Mas já Mr. Murch havia voltado a cabeça e, novamente acabrunhado, olhava, através das grades da janela, os telhados das casas fronteiras.

— E' um processo repugnante e uma maldade inútil que querem fazer com Gerry! — disse Aline, com tôda a coragem que pôde. — Mas Lady Júlia estará ao seu lado... e com Lady Júlia êsse detective não vai ser impertinente!

Murch respirou profundamente, antes de comentar:

— Ainda não compreendeu a situação, Miss Innesmore! Mrs. Sholto é incapaz de qualquer prudência em sua conduta. E, mais uma vez, é Lady Júlia quem tem que pensar... Tem tão grande orgulho da situação de Sir Charles e de pertencer, ela própria, à mais velha nobreza da Escócia! Deus sabe que a aristocracia inglêsa caiu muito em seu esplendor. Mas Lady Júlia jamais transigiu em seus princípios! Só reconhece o que é justo e injusto... O bem e o mal! Para ela, a nobreza não deve freqüentar as "boites" noturnas nem sentar, em troca de remuneração, nos

conselhos administrativos. Oh! Ela bem sabe a que a *noblesse oblige!* Seu orgulho é dêsses que morrem ou matam, antes de ceder. Conheço-o bem! Olhe um pouco em redor...

Mr. Much curvou o corpo para a frente. Seus olhos umedecidos pelas lágrimas, que o secretário continha com esfôrço, piscavam por trás das lentes dos óculos.

— Viu bem as coisas magníficas que estão nesta casa? Os quadros, os velhos móveis? Frant House não passava de um casarão vazio, quando Sir Charles a comprou, após a guerra. Os executores testamentários do último Lord Frant tinham vendido tudo. Deve saber que os retratos não são de antepassados de Sir Charles, cujo avô — circunstância até mesmo muito honrosa para êle — era um ferreiro do Warwickshire, mas sim dos avós de Lady Júlia. E sabe por que os objetos a que nos referimos se encontram na posse de Lady Júlia, quando deveriam, por direito, estar na residência do seu irmão, Lord Blaize? Vou contar. Foram entregues a Sir Charles em troca da pensão que êle paga a seu cunhado, a fim de o premunir contra qualquer infelicidade e poupar ao nome dos Blaize a nódoa de uma condenação por bancarrota... ou qualquer outra coisa ainda menos honorável. Deus sabe os milhares de libras que lhe tem custado aquêle *Saco Furado*, aquêle inútil! Mas Sir Charles não se queixa do que tem feito, pois conhece muito bem os sentimentos de Lady Júlia a êsse respeito. Talvez eu não devesse contar essas coisas, mas é a verdade pura!

O pobre homem juntou as mãos nervosamente, num gesto de desespêro.

— E aí está o pior, ainda! A publicidade! O escândalo! Desde cedo, esta manhã, tivemos dezenas de jornalistas nesta casa ou por telefone. Segundo Larking, Mayfair está cheia de repórteres e de fotógrafos. Minha pobre, pobre senhora! Que não daria eu para me interpor entre ela e êsse público curioso e ávido por descobrir baixezas.

Tamanha lealdade de Murch emocionou profundamente a Aline. No entanto, no entanto...

A l i n e pensava que Murch bem podia ter revelado, também, um pouco de simpatia por Gerry. Se havia alguém ameaçado nas atuais circunstâncias, êsse alguém era Gerry! A mocidade de Aline, a mocidade imperiosa e corajosa, própria de sua raça, faziam dela, instintivamente, uma aliada de Gerry. A geração a que pertencia essa mocidade do após-guerra, tão curiosamente precoce e rebelde, discernia, no orgulho de Gerry, em sua impaciência, boa dose de constrangimento, o espírito de um século destinado a soprar como um vento salubre sôbre as águas mortas da tradição.

Aline afastou os lábios da xícara. Todos êsses Rossway, juntos a seus Blaizes, pareciam fortes para defender seus próprios interêsses. Era Gerry quem talvez viesse a fraquejar. Era Gerry quem necessitava de amparo moral.

— "Certa ou errada — pensou ela nesse instante — ficarei do lado de Gerry!"

Um ruído de passos a sobressaltou. Voltou-se para ver o velho Larking, que se aproximava da mesa. Ordinàriamente, o velho mordomo tinha essa palidez amarela, própria da velhice. Hoje, porém, estava lívido e em seus olhos havia mêdo. Magro, calvo, com seu grande nariz encurvado, os lábios afilados, muito alto, o mordomo de Frant House lembrava um sacerdote dos Faraós ou dos Aztecas. Aline, depois de observá-lo, voltou o olhar para Mr. Murch, encolhido em sua cadeira, o queixo enterrado no peito magro, e pensou:

"— Tôda a casa está assim, esmagada. Até eu."

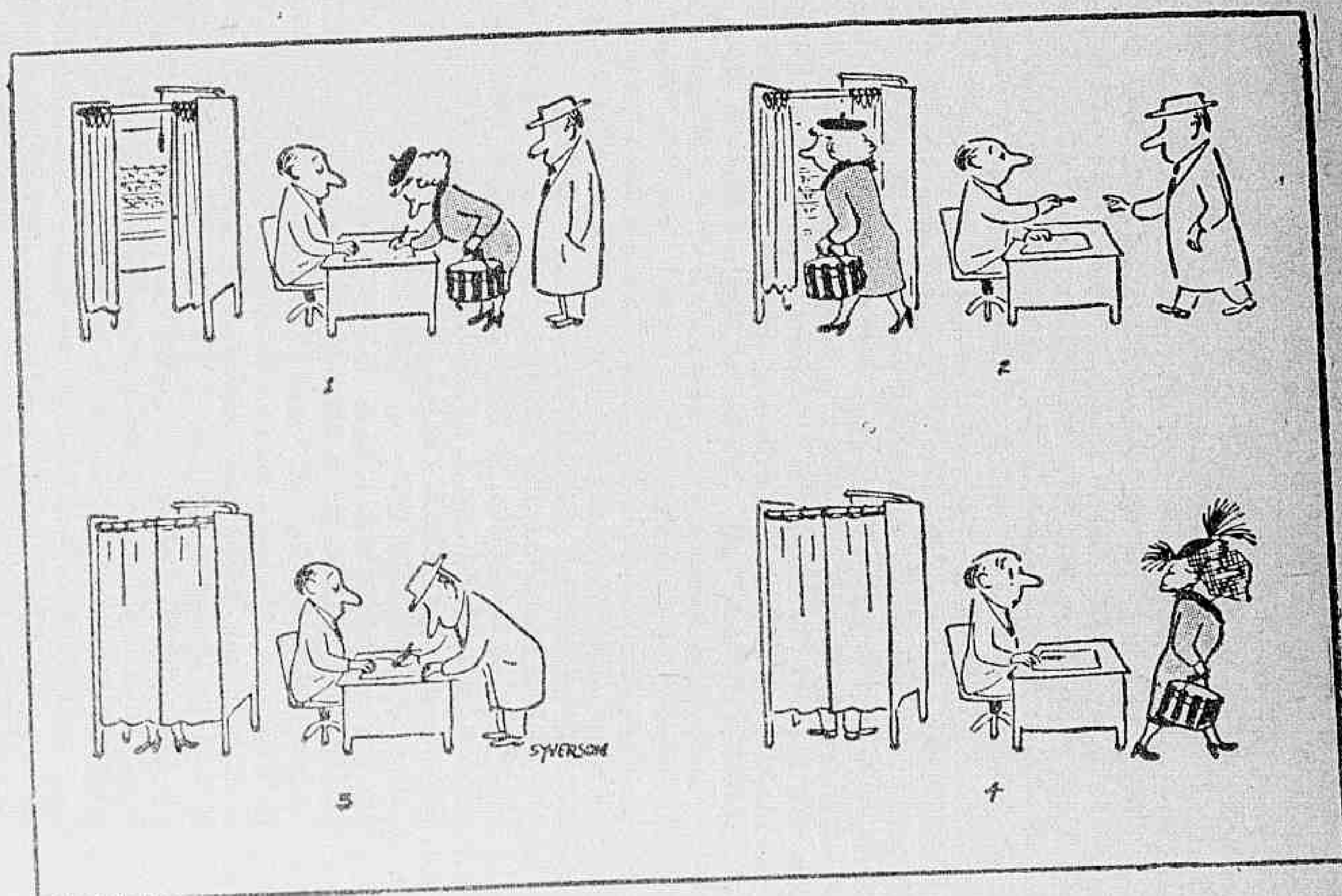
Larking anunciou a Mr. Murch que Sir Charles o solicitava. E acrescentou, voltando-se para Aline:

— Madame me encarregou de anunciar, Miss, que gostaria de recebê-la em seu *boudoir*, logo que terminasse o *breakfast*.

— O inspetor ainda está com Sir Charles, Larking? — perguntou a norte-americana, enquanto o velho secretário se retirava precipitadamente.

Aline fitou o velho mordomo, sondando os seus pensamentos, depois disse:

— O que aconteceu deve ter sido um rude golpe para você também, Larking.



— E' a verdade, Miss.

Dirigiu-se para a sineta da parede.

— Se já terminou, Miss Innesmore, vou chamar Frank para que retire a toalha.

Aline se levantou, um tanto bruscamente. Geralmente, Larking tinha prazer em conversar com ela. Esta manhã, porém, não parecia de humor comunicativo e, por isso, ela saiu da sala com a desagradável impressão de ter sido enxotada.

Capítulo XI

Lady Júlia

Se o dinheiro de Sir Charles havia preservado Frant House do destino que em Mayfair maculara a glória e o esplendor de tantas veneráveis residências, coubera a Lady Júlia, sòmente a ela, redourar o ar e as maneiras de uma época mais magnífica do que a nossa.

O pai de Lady Júlia e o velho Lord Frant haviam servido juntos na brigada dos guardas; e as portas de Frant House se abriam, muito largas, diante dela, quando, de sua casa familial, nas Highlands, vinha a Londres para a "temporada". Ela dormira nos quartos de então, sem confôrto e nus; dançara no salão de recepção; vira jogar, no velho *court* de tênis, o belo Eric Ivinghoe, morto, ainda moço, pela bala de um "salopard" *afridi*.

Contava quase vinte anos de casamento quando voltara a instalar-se em Frant House. Os tesouros dos Blaize, entre os quais passara a mocidade, a confirmaram no sentimento de se encontrar *em sua casa*. Na verdade, os retratos, o mobiliário Renascença, os cofres flamengos e mesmo a cadeira de espaldar, no *hall*, eram, como os Rossways, intrusos. Mas a velha residência acolheu êsses intrusos como hóspedes gratíssimos; reconhecia, aparentemente, que êles respeitavam a velha tradição e a continuavam.

Quando, atendendo ao apêlo de Lady Júlia, Aline penetrou no *boudoir* e viu sua querida amiga, graciosa e esbelta, tôda de prêto, de pé junto da janela, sentiu, como já sentira muitas vêzes, a que ponto Lady Júlia se harmonizava com o ambiente. O menor detalhe, ali, manifestava uma originalidade encantadora, um amor à beleza e às côres, um rigoroso senso das proporções. E êsse efeito maravilhoso não revelava qualquer esfôrço, *para ser total*... como Lady Júlia pessoalmente.

Aline parou um instante, no limiar, para contemplar a senhora de Frant House. A beleza de Lady Júlia não tinha idade, como seu espírito. Beleza mais de expressão que de traços fisionômicos e refletida na límpida inteligência do olhar. Fios prateados estriavam as ondas de seus cabelos escuros, que ela usava frouxamente atados na nuca. As modas não existiam para Lady Júlia. No entanto, ela parecia sempre perfeitamente vestida, nem obediente nem rebelada quanto à moda, mas um pouco fora dela. E sem parecer inquietar-se com regimes ou exercícios, conservava a linha ideal.

Havia uma espécie de indiferença trágica em sua atitude diante da janela, sôbre o bordo da qual repousava uma de suas mãos, finas e brancas, como as de uma adolescente. Mas o rosto, que voltou para Aline, estava sereno, embora no fundo dos olhos alguma coisa denunciasse a luta que ela sustentava para manter o domínio dos próprios nervos. Aline tomou-lhe a mão e, bruscamente, sufocada pelos soluços, enlaçou-a com os dois braços, apertando-a contra o peito.

— Querida... Querida Lady Júlia... — murmurou, com voz entrecortada — foi tudo tão terrível... Não sei o que dizer...

Sentiu sôbre os cabelos uma suave carícia.

— Não há nada a dizer, minha boa Aline. A vida é assim mesmo...

Depois, desprendendo-se, Lady Júlia apontou para uma cadeira.

— Senta ali, à minha frente, querida. Precisamos conversar.

Aline obedeceu e secou suas lágrimas. Lady Júlia foi sentar-se diante de sua escrivaninha, colocada perpendicularmente à janela. Para aline, aquêle *bureau* identificava mais a proprietária do que qualquer outra coisa no *boudoir*. Muitos objetos ali estavam acumulados, todos de propriedade particular de Lady Júlia; alguma recordação de sua vida elegante. Eram todos de prata ou com ornamento de prata, com armorial, sendo alguns com o seu brazão de família, outros com as suas iniciais de solteira. Sôbre a plataforma superior do móvel estavam alinhados vários retratos em molduras iguais, também de prata.

Quem visse, a essa hora, Lady Júlia passear o olhar sôbre os objetos espalhados à sua frente, diria que ela envolvia, num só olhar, todo o seu passado. Havia ali uma fotografia colorida do seu pai em uniforme vermelho, radiante de alegria, sôbre o medonho gorro de peles dos *Scots Guards*; um casal majestoso, do tempo de sua mocidade nas Highlands; um grande retrato de Eric Ivinghoe vestindo o uniforme da *Guarda Real*, com a couraça e as agulhetas; uma miniatura de um menino de cabelos encacheados: Sholto ou Rodney — segundo Aline imaginava. Havia, também, uma cabeça de Sir Charles, feita a *crayon*.

— Antes de tudo — disse, finalmente, Lady Júlia — desejo salientar que sentimos muito, Aline querida, Sir Charles e eu, ter vindo essa cruel provação perturbar a sua feliz permanência na nossa casa.

— Querida Lady Júlia...

Porém Lady Júlia prosseguiu, sem se deixar interromper:

— Bem sei que não devemos temer qualquer censura de você...

Fêz uma pausa. Seus dedos se crisparam ligeiramente. Depois prosseguiu:

— O destino é implacável e não tem qualquer consideração, mesmo com os inocentes... Mas, sinto que lhe devemos desculpas. E, agora...

Aline tentou protestar, porém Lady Júlia a deteve:

— E' o seguinte: Rodney contou-me tudo, sem *nada* esconder do que aconteceu na noite de ontem.

As faces de Aline queimaram.

— Realmente, agi como uma tôla e reconheço o meu êrro — disse ela. — Não pensava que...

Lady Júlia afagou-lhe o braço, carinhosamente.

— Não se preocupe com isso. Nunca merecemos censura. *Ninguém desta casa!* Receio, porém, que Gerry tenha que se censurar de alguma leviandade. Estive com ela, que quase nada falou, porque, naturalmente, ainda está sob a emoção do drama doloroso. Barry era homem realmente encantador... e talvez tenha havido mesmo, entre êles, algum ligeiro flêrte. Todos nesta casa tinham grande afeição por êle; e, se Gerry se mostrou um tanto leviana, é preciso que nos tenha todos do seu lado, para a defender. Entendeu bem?

— Sim, Lady Júlia — disse Aline, cheia de tristeza, porque pensava no lenço.

— Por isso queria pedir... Queria que evitasse falar do drama... Talvez tenha que depor no inquérito... Creio mesmo que isso seja inevitável. Mas, terminado o inquérito, pretendo levá-la comigo e Gerry, para uma boa temporada de repouso em nossa propriedade de Broadleat. Enquanto isso, por favor, evite sair de casa, a fim de livrar-se dos homens da imprensa... compreende?

— Sem dúvida, Lady Júlia.

A porta foi aberta, nesse instante, e Rodney entrou vivamente.

— Oh! Você já está de pé, Aline?

Ao falar, observava-a com olhos risonhos.

— Como passou a noite?

— Não muito mal, Rod.

Rodney se voltou, então, para Lady Júlia.

— O inspetor já se retirou. Telefonaram para êle, solicitando a sua presença na residência de Barry. Mas vai voltar! Quer falar com Gerry — e também com você, Aline!

— Eu sei — informou Lady Júlia. — Êle já me havia informado. Onde está o seu pai?

— Cohen, o sócio de Barry, telefonou das "Galerias Goya". Estava sem saber o que fazer. Chass, não querendo recebê-lo aqui em casa, preferiu ir ao encontro dêle, em Regent Street. Além do mais, já está farto, o pobre Chass...

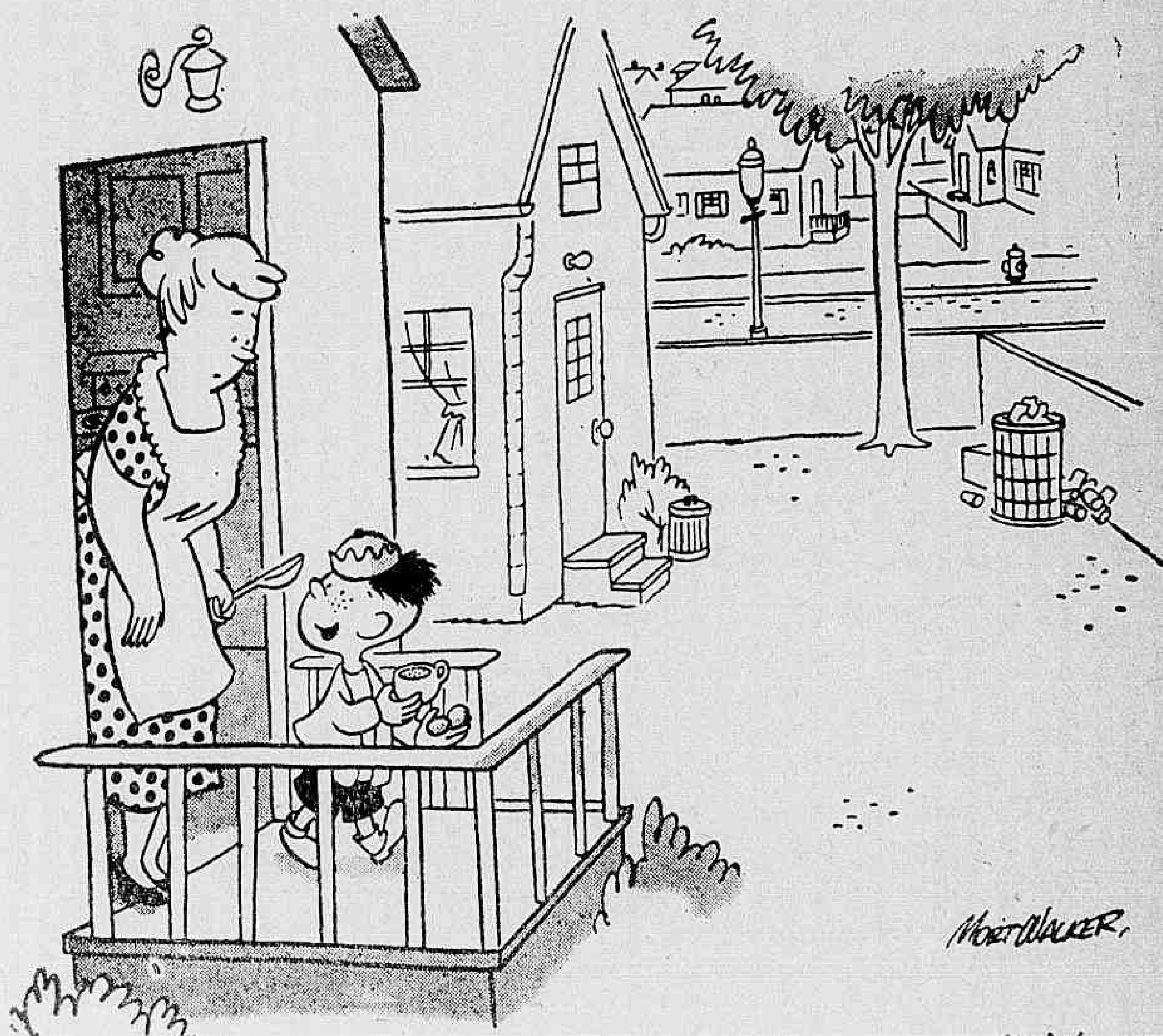
— De quê?

— Dêsse inspetor, que queria, a todo custo, ser informado sôbre as relações femininas de Barry! E, ainda por cima, teve o topete de implicar Gerry, de alguma forma, no drama. Provàvelmente, a vizinhança andou batendo com a língua nos dentes...

— Também sei tudo isso — disse Lady Júlia. Murch já me havia contado...

— Aline sabe tanto quanto eu — disse Rodney, insistente — como a minha cunhada gostava do pobre Barry. Mas a polícia nada tem que ver com isso! O que lhe compete é procurar o homem que Aline viu sair, correndo, do apartamento. Sabe, a propósito dêsse indivíduo, que um *chauffeur* confirmou as declarações de Aline?

— Murch também disse isso. E que declarou o inspetor a respeito?



— Obrigado, D. Sofia. Mamãe mandou dizer que restituirá o açúcar quando estiver mais barato.

Rodney desatou a rir:

— Oh! O que êle pensa a respeito não disse, é claro !

O telefone chamou, com um surdo tilintar. Com ar fatigado, Lady Júlia atendeu.

— Sim. Êle pode subir, Larking. E previna Mrs. Sholto.

A seguir, voltou-se para Aline.

— Depressa, minha filha! E' o inspetor, que volta. Trate de passar um pouco de pó-de-arroz sôbre os olhos, pois não desejo que êsse policial note que estivemos chorando.

E, como Aline se levantasse, abraçou-a ternamente.

— E agora, Rod, cuidemos de Gerry.

Sua voz era ardente e firme. Aline, que a ouviu do quarto vizinho, não conteve um arrepio de admiração. Evidentemente, onde estivesse em jôgo os interêsses de um membro qualquer da família, Lady Júlia não era mulher que desse ouvidos aos seus sentimentos pessoais.

Capítulo XII

Primeiro contato

Voltando ao *boudoir*, Aline teve a impressão imediata de um acanhamento no temível personagem de Scotland Yard. De pé, diante de Lady Júlia, Manderton tinha o chapéu na mão crispada; seu rosto pletórico tinha uma coloração mais sombria e havia em seus olhos um vago, muito vago, brilho de bravata. No entanto, Lady Júlia, com as pontas dos dedos firmadas nos dois braços da poltrona, dizia em voz baixa e gelada:

— Isto, senhor, é para Mrs. Rossway, como de resto para todos nós, uma severa provação. Desejaria que minha nora permanecesse deitada e em repouso o dia todo. Mas, dado que o senhor manifestou o desejo de se avistar com ela, permiti que se levantasse.

Voltando-se, nesse instante, avistou Aline.

— Aqui está, enquanto a esperamos, Miss Innesmore... caso o senhor julgue necessário perguntar-lhe qualquer coisa.

— Obrigado, senhora.

Manderton tossiu e, com um ligeiro sinal de cabeça, significou à norte-americana que a reconhecia.

— Miss Innesmore — disse êle com sua voz profunda — êsse homem, que viu, na noite de ontem, sair da residência do Sr. Swete, acredita, creio, que êle tinha um boné?

— Exatamente.

— Não seria um chapéu? Um chapéu tirolês, verde-claro, por exemplo?

Aline olhou nervosamente para Lady Júlia. O belo rosto imóvel tinha a inalterável serenidade do mármore.

— Não... Não creio que fôsse um tirolês — arriscou ela.

— Nem mesmo um chapéu de fêltro comum, Miss?

Aline refletiu um segundo.

— Não. Era mesmo um boné, tenho certeza!

— Erraria eu, opinando que êsse homem era pequenino de corpo, moreno e de aspecto elegante?

A interrogada refletiu mais demoradamente.

— Não foi essa a minha impressão — disse, finalmente, com um decidido movimento de cabeça. — Pareceu-me, antes, ser homem bem alto, e não muito moço...

Manderton pareceu querer apanhar Aline de surprêsa, perguntando com voz mais forte:

— Tem algum motivo para dizer isso?

— Sim. Refleti muito, desde então. Êsse homem, embora caminhasse apressado, parecia mover-se com algum esfôrço, como... como alguém que não tem o hábito de correr.

— Como... Sir Charles, por exemplo?

— Sim. Ou o almirante Freeman. Ou êsse médico que estêve em casa de Mr. Swete. Além do mais, usava um sobretudo, e não creio que um homem moço se lembrasse de usar um agasalho assim em noite tão amena.

— A menos que vestisse casaca — interrompeu Rodney.

O inspetor se inclinou, sem comentário. Depois, voltando-se para Lady Júlia:

— Se não me engano, a senhora e os membros da sua família eram muito íntimos do morto?

Os olhos de Lady Júlia tinham, nesse momento, uma expressão trágica.

— Mr. Swete — replicou ela — tinha poucos amigos familiares. Por assim dizer, éramos nós os seus únicos amigos íntimos.

— Em suma, todos os desta casa e Mr. Swete estavam sempre de visita... ou aqui, ou na casa dêle?

— Exatamente.

— Mrs. Rossway, particularmente, segundo penso.

Um sorriso encantador enterneceu os traços fisionômicos de Lady Júlia.

— Talvez meus filhos abusassem um pouco da boa acolhida que estavam sempre seguros de encontrar na residência de Mr. Swete.

O inspetor não prosseguiu de imediato. Visìvelmente, seu silêncio era voluntário. Depois:

— A julgar pelo que dizem os vizinhos, Mrs. Rossway costumava visitar Mr. Swete em horas tardias...

Seus olhos inquiridores procuraram os olhos de Lady Júlia. Sua curiosidade, entretanto, não pareceu perturbá-la.

— Ah! A mocidade de hoje não se deixa mais governar como a nossa! — declarou ela, com um sorriso tranqüilo.

— Os costumes convencionais não têm grande importância, segundo receio muito, para a minha nora. Que quer o senhor? E' assim a nova geração!

Manderton enrolava o chapéu entre os dedos.

— Saberia a senhora, por acaso, se Mrs. Rossway foi visitar Mr. Swete a uma hora qualquer, ontem?

— Tenho a certeza que não — respondeu, apressadamente, Lady Júlia. — Mrs. Rossway, depois da ópera, foi cear com amigos...

— Quanto à senhora mesma, não acredito...?

Ela deu ao rosto uma expressão glacial, ao anunciar:

— Eu estava na côrte, com Miss Innesmore.

— Quer dizer... Nenhuma das senhoras de Frant House visitou o Sr. Swete, depois do jantar?

— Não... até o momento em que Miss Innesmore foi à casa de Mr. Swete, em companhia de meu filho, para lhe mostrar a *toilette* com que foi apresentada a Suas Majestades. Aliás, creio eu, esta é uma questão já absolutamente esclarecida. Ah! Aqui está Mrs. Rossway.

Enquanto se desenrolava êsse diálogo, Gerry entrara no *boudoir*. Estava vestida de prêto, muito simples e muito elegante, o rosto fresco e adorável, aureolado de ouro pálido; ao caminhar, deixava um rastro adorável de perfume suave. O olhar inimigo do inspetor a envolveu inteiramente. Porém, Gerry se manteve impassível. Abrira a bôlsa e afetava procurar um lenço. Aline teve a impressão de que os maxilares do inspetor se tornavam mais salientes, enquanto estudava a silhueta graciosa. A maneira astuciosa como o policial olhava em redor e o gesto lento com que abandonou o chapéu sôbre uma cadeira, tinham um pouco de ameaça.

— Gerry, minha querida — disse Lady Júlia — quero apresentar o inspetor Massingham...

— Manderton, senhora — retificou o policial.

— Manderton, é verdade. Êle deseja fazer uma ou duas perguntas a você...

Sentada sôbre uma alta banqueta de couro, diante da chaminé, Gerry esboçou um brusco erguer de ombros.

— Não a farei perder muito tempo, senhora — explicou o inspetor. — Desejaria, apenas, saber quando viu Mr. Swete pela última vez.

A resposta de Gerry foi imediata e curta.

— Ante-ontem.

— Onde?

— Aqui.

Depois de falar, Gerry lançou rápido olhar a Aline.

— Têrça-feira — disse Lady Júlia, com autoridade. — Mr. Swete tinha vindo jogar *bridge*. Você, Aline, tinha ido ao teatro com os Maxeter.

Manderton teria desconfiado de alguma tentativa de diversão? De qualquer maneira, para evitá-la, disse com voz completamente neutra:

— Não teria ido, por acaso, visitar Mr. Swete, ontem?

Gerry fêz um movimento de surprêsa, antes de dizer:

— Ontem, eu estava na ópera.

— Quer dizer, então... Não estêve na residência de Mr. Swete?

— Não.

— A que horas chegou ao teatro?

A pergunta pareceu surpreender a interrogada.

— A que horas cheguei ao teatro? — repetiu ela.

— Sim. E' o que desejo saber, senhora.

Gerry desatou a rir.

Palavra que não tenho a menor idéia — respondeu ela, olhando para os que a cercavam. — A que horas é costume ir ao teatro? — acrescentou, em tom descuidado.

Rodney riu, por sua vez.

— Creio que é melhor preveni-lo, inspetor, que não deve esperar de minha cunhada respostas exatas quanto a horário. Sua impontualidade tem sido motivo para inúmeros gracejos nesta casa.

— No entanto — disse o inspetor com exagerada amabilidade — Mrs. Rossway deve saber a que horas chegou ao Covent Garden.

— Na verdade, pensando melhor — disse Gerry, bruscamente — devo ter chegado bem a tempo... Ou o meu relógio estava adiantado ou...

Tornou a rir, mas o rosto do inspetor não perdeu sua severidade.



— A festa estêve um colosso! Estou doente como nunca!

— Em todo caso — prosseguiu ela — cheguei bem a tempo para ver o pano subir.

Seu olhar, desta vez, procurou Lady Júlia.

— Mal a senhora saiu com Aline, Mona telefonou... Deviam ser, portanto, oito horas e meia...

— Oito horas e vinte, no mínimo — respondeu Lady Júlia. — Sir Charles se impacientava, de sorte que partimos um pouco antes da hora.

A voz de baixo do inspetor cortou essa nova digressão.

— Então, a senhora saiu para a Ópera logo depois que o telefone chamou?

— Sim. Eu estava pronta...

O inspetor permaneceu calado, enquanto seus olhares pareciam medir o comprimento do tapête.

— E afirma que chegou a tempo de ver o pano subir? — perguntou repentinamente, apressado.

— Sim.

— Portanto... depois da *ouverture*?

Com essas palavras havia levantado a cabeça e fitava Gerry bem nos olhos.

— Eu ignorava que a "Tosca" tivesse uma *ouverture*! — respondeu Gerry, em tom cortante.

— A senhora não havia explicado que representavam a "Tosca"! — replicou Manderton, em tom glacial.

— Nem o senhor perguntou! — teimou Gerry, com o mesmo tom cortante.

Ao falar, voltou a cabeça para outro lado, aparentando enfado.

— Tem mais alguma coisa a perguntar? — falou a seguir, ao notar que o policial havia emudecido.

— Uma ou duas perguntas mais — replicou êle, impassível. — Onde se sentou, na Ópera?

— Numa frisa.

— Que número?

Ela riu, desta vez com alguma estridência.

— Se acredita que sei isso! Frisa de Mrs. Claude Harringay!

— Obrigado, senhora.

E, tendo anotado com o lápis no caderno, a voz antipática prosseguiu:

— A senhora ficou até o fim do espetáculo?

— Sim.

— Depois foi cear?

— Sim.

— E, a seguir, foi diretamente para a embaixada?

— Sim.

Sentia-se, nesses monossílabos, que Gerry se esforçava por manter a paciência. Mas não era menos visível que ela se exasperava.

— A que horas chegou a embaixada?

— Como é possível que o senhor queira...

Mas conteve-se imediatamente:

— Vamos ver se posso dizer... Oh! Creio que posso dizer a hora exata! Perguntei, ao chegar, se Miss Innesmore estava e o porteiro informou que não chegara ainda. Então, perguntei-lhe que horas eram: fiquei, assim, sabendo que eram onze horas e vinte e cinco minutos.

— A senhora não tem relógio?

— Sim. Tenho mesmo dois... Êste...

Exibiu o pulso delicado.

—... e um outro. Mas a verdade é que sempre esqueço de lhes dar corda.

Sorriu. Mas o inspetor conservou a fronte obstinadamente morosa.

— Da Ópera, como se dirigiu à embaixada?

— No automóvel de minha amiga.

— E essa sua amiga, por favor, como se chama?

Gerry corou ligeiramente.

— Mrs. Tom Bryce — respondeu ela, com voz que não se mostrava mais muito firme.

— Haveria algum inconveniente em me dizer onde ela reside?

Um lampejo de indignação surgiu nos olhos de Gerry.

— Julga o senhor muito necessário implicar minhas amigas nesta história?

— Minha pergunta é de pura forma, senhora. E então?

— Clive Court, Sloan Street — respondeu Gerry, sem amenidade.

O lápis anotava tudo. E o inspetor, com paciência inflexível, prosseguiu:

— Foi igualmente em automóvel que a senhora saiu daqui para o teatro?

— Sim. Mas não no automóvel da família. Lady Júlia necessitava dêle, para ir à côrte. Tomei um "táxi".

— Que vinha de onde?

— Isso o senhor perguntará ao mordomo, pois foi êle quem apanhou um, no pôsto da praça, creio eu. O detalhe é assim importante?

Em vão, Gerry procurava o sarcasmo. O inspetor não parecia ligar qualquer importância.

— A senhora estava com *toilette* de noite?

— Claro! Não acha que seria de muito mau-gôsto ir à ópera de roupa de lã?

Aline viu, nesse momento, as mãos de Lady Júlia, pousadas sôbre os joelhos, fazer um movimento involuntário. Por seu lado, Gerry colheu um olhar de sua sogra e ergueu os ombros, com ar de revolta.

— Perfeito — disse, tranqüilamente, Manderton.

E, logo a seguir, acrescentou:

— Que gênero de *manteau* a senhora usava?

Gerry olhava para a ponta dos próprios sapatos. Instantâneamente, levantou a cabeça. A palidez leitosa de seu rosto foi substituida pelo rubor da cólera.

— Por isso queria pedir... Queria que



E L I A N E   L A G E

Até fevereiro de 1950, Eliane não tinha pensado em ser atriz. Foi numa festa que Tom Payne conheceu Eliane e logo compreendeu que ali estava a intérprete ideal para Marina, de "Caiçara". Logo depois, Eliane entrava para o cinema, desempenhando o principal papel feminino do primeiro filme da Vera Cruz. Com apenas êste filme, em razão do êxito alcançado, seu nome se tornou conhecido em todo o país, e a nova estrêla nacional passou a receber volumosa correspondência de fãs. Um ano depois de "Caiçara", Eliane filmou "Ângela", vivendo o papel-título. A filmagem de "Ângela" foi feita em "locação", em Pelotas, no Rio Grande do Sul, e foi nessa cidade que a linda estrêla casou com o diretor do filme, Tom Payne. Em 1952 Eliane Lage foi eleita "Rainha do Cinema". Em "Sinhá Moça", da Vera Cruz, Eliane desempenhou, novamente, o papel-título, mais uma vez dirigida por Tom Payne. Êsse grande filme de época, desenrolado no fim do século passado, nos anos que precederam a Abolição da Escravatura, marca o ponto culminante da carreira da linda estrêla brasileira. Eliane Lage e Tom Payne moram em uma chácara. Eliane adora a vida do campo, em contato com a natureza, a terra, as plantas e os animais. Eliane nasceu no Rio de Janeiro, estudou na França e na Suiça. Fala correntemente inglês e francês. Nunca fêz teatro, nem mesmo amador. Gosta da vida que leva e sente-se muito feliz.



A pesquisa acima diz respeito aos átomos e quanto ao seu possível aproveitamento na indústria.

FUNÇÃO DECISIVA DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

ENTRE OUTROS, O INSTITUTO BATTELLE, DE OHIO, FAZ HISTÓRIA POR SUA MAGNÍFICA AJUDA AOS INDUSTRIAIS, QUE O JULGAM UMA BÊNÇÃO

JORGE LAYCOCK

UMA fundição do Estado norte-americano de Ohio projetava produzir um tipo especial de ferro fundido (para cozinhas, estufas e fornos) que não se deformasse em conseqüência do calor. Foram realizados os estudos necessários, dos quais se concluiu que ninguém sabia como fabricar um metal com tais características.

Julgam os leitores que o projeto foi abandonado? Não foi. Os dirigentes da companhia sabiam que, ali mesmo, na cidade de Columbus, em seu proprio Estado, existe um grande centro de investigações científicas, o Instituto Battelle, que se dedica, precisamente, à tentativa da resolução de tais problemas e, ao cabo de alguns meses, a referida fundição já estava em condições de oferecer aos seus clientes um novo tipo de ferro fundido que não se dobra nem se contrai. Por seu turno, a Sherwin-Williams Company se achava diante de outro problema: o DDT destruía, nas macieiras, as úteis "*Mariquitas*" ou "*Joaninhas*", mas deixava com vida os daninhos insetos com que aquelas se alimentam e isso representava uma tremenda ameaça para os horticultores. A mencionada emprêsa já lograra fabricar um inseticida capaz de resolver o problema, mas haviam surgido obstáculos insuperáveis para produzi-lo em escala comercial.

Como no caso anterior, o assunto foi submetido ao estudo do Instituto Battelle e, dêste modo, a "Sherwin-Williams" pôde colocar a venda um novo e poderoso inseticida, que trata as "Joaninhas" com o devido respeito, mas extermina sem piedade os prejudiciais pulgões, as brocas e outros animais daninhos.

Os dois casos acima mencionados são exemplos típicos entre os 2 500 problemas que o Instituto Battelle tem resolvido para a indústria, em seus 22



Um dos técnicos do Instituto examina diversas amostras, por ocasião de um estudo sôbre cerâmica.

anos de vida. Trata-se de uma instituição fundada com capital privado e sem propósitos de lucro. E' atualmente o maior entre os centros particulares de investigação científica nos Estados Unidos, e continua crescendo, dia a dia.



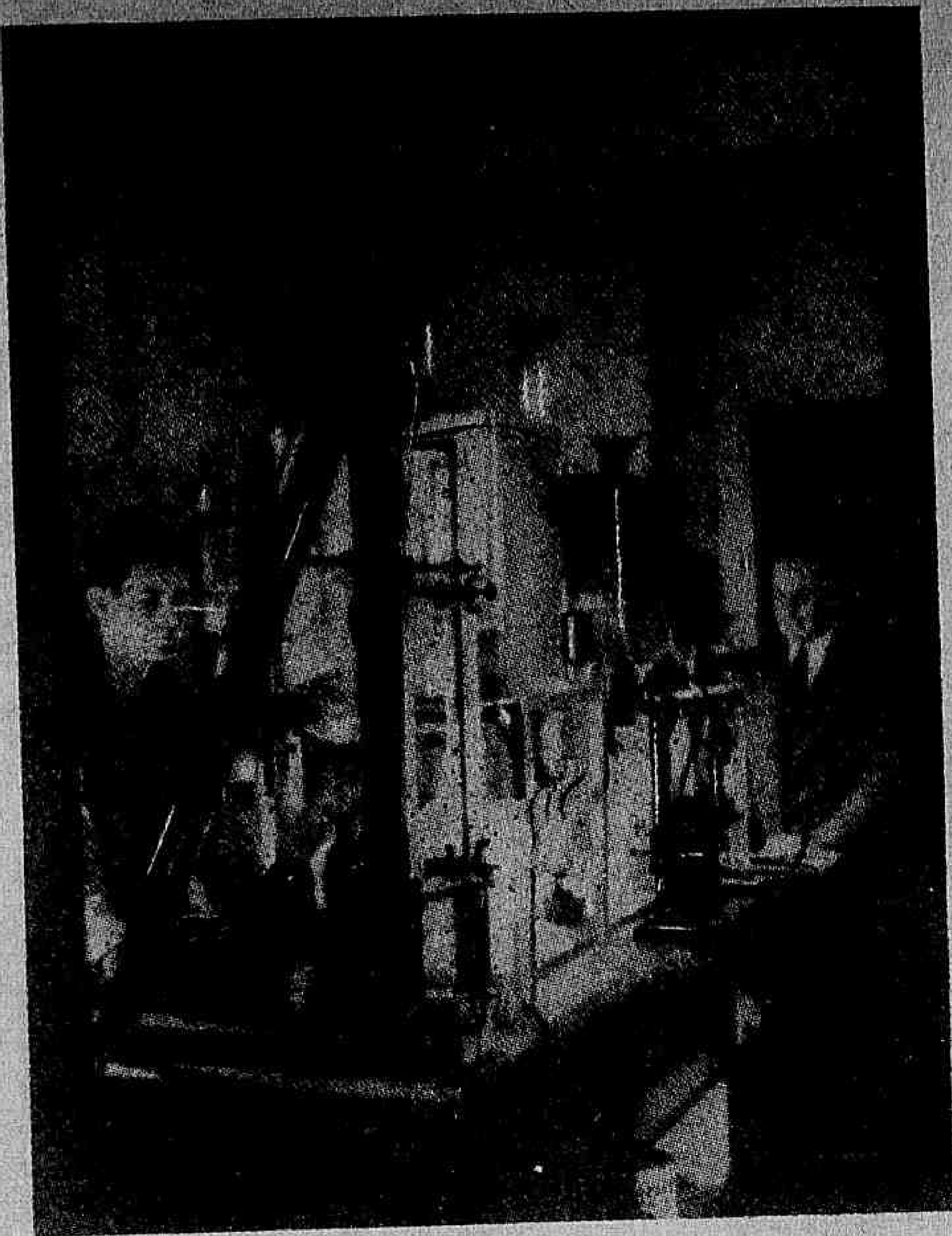
Por quatro vêzes, a partir do início da segunda guerra mundial, o famoso instituto teve que agregar novos edifícios às suas vastas instalações, com o fim de poder fazer frente, de forma eficaz, ao crescente volume de trabalho para a indústria privada e para o govêrno.

Conta êsse Instituto com um pessoal integrado por mais de 1 700 investigadores de primeira categoria, repartidos em 42 departamentos, e entregues ao estudo de problemas os mais variados. E' raro aquêle que não consegue resolver. Mencionaremos um outro exemplo, a fim de que os leitores tenham idéia mais clara de como trabalha a instituição:

Nas terras dos Estados de Texas e Novo México, havia necessidade de perfurar poços até mais de 3 000 metros de profundidade, para poder alcançar as jazidas petrolíferas. O número de fracassos, em tais tentativas, era superior ao de êxitos. Com triste freqüência a coluna de perfuração partia, o que representava a perda total do poço, com um prejuízo ascendendo a 100 000 dólares!

Em 1945 chegaram a Columbus dois representantes da Associação de Perfuradores e espuseram seu caso ao diretor do Instituto Battelle. Tinham esperanças de que o Instituto pudesse encontrar solução para aquêle grave problema e puseram à disposição do mesmo 20 000 dólares, para fazer frente aos gastos necessários a um ano de pesquisas.

Realizado um detido exame teórico dos diversos aspectos do problema, dois dos cientistas a serviço do Instituto — um dêles com grande experiência em metalurgia e também em sondas para perfuração de poços — se transportaram para o local dos acontecimentos. Passaram seis semanas nos campos petrolíferos, com o fim de estudar no terreno, de poço em poço, as possíveis causas dos contratempos sofridos. Comprovaram onde e como os tubos quebravam, os efeitos corrosivos da salmoura e as soluções empregadas na perfuração. Além disso, enviaram para o laboratório de Columbus fragmentos de tubos gretados, quebrados e corroídos, para que fôssem estudados com o maior cuidado. Com estas bases, ficaram em condições de formular uma teoria acêrca das causas de tais acidentes, a qual não tardaram em ratificar, mediante provas de caráter prático. Foi assim que o Instituto pôde aconselhar aos perfuradores do Texas a colocação de fortes colares de aço no extremo da coluna de perfuração, e que acrescentassem certas substâncias preventivas aos ácidos de perfura-



Um dos laboratórios do Instituto Battelle.

ção. Foi também aconselhado no próprio Instituto certo revestimento plástico para o interior da sonda de perfuração.

Os perfuradores seguiram os conselhos recebidos e puderam comprovar, com verdadeiro regozijo, que, de então em diante, era raro que os trabalhos de perfuração sofressem algum contratempo. Haviam encontrado solução para o seu problema, com o desembôlso de quantia muito inferior ao preço de um só dos fracassos que antes se verificavam com tanta freqüência.

Êstes trabalhos de investigação científica significam a conjugação de tôda uma série de fatôres e elementos de variada natureza. Kettering — o famoso inventor — definia êste tipo de investigação como o *esfôrço tendente a "averiguar o que temos que fazer quando não podemos continuar fazendo o que fazemos hoje."*

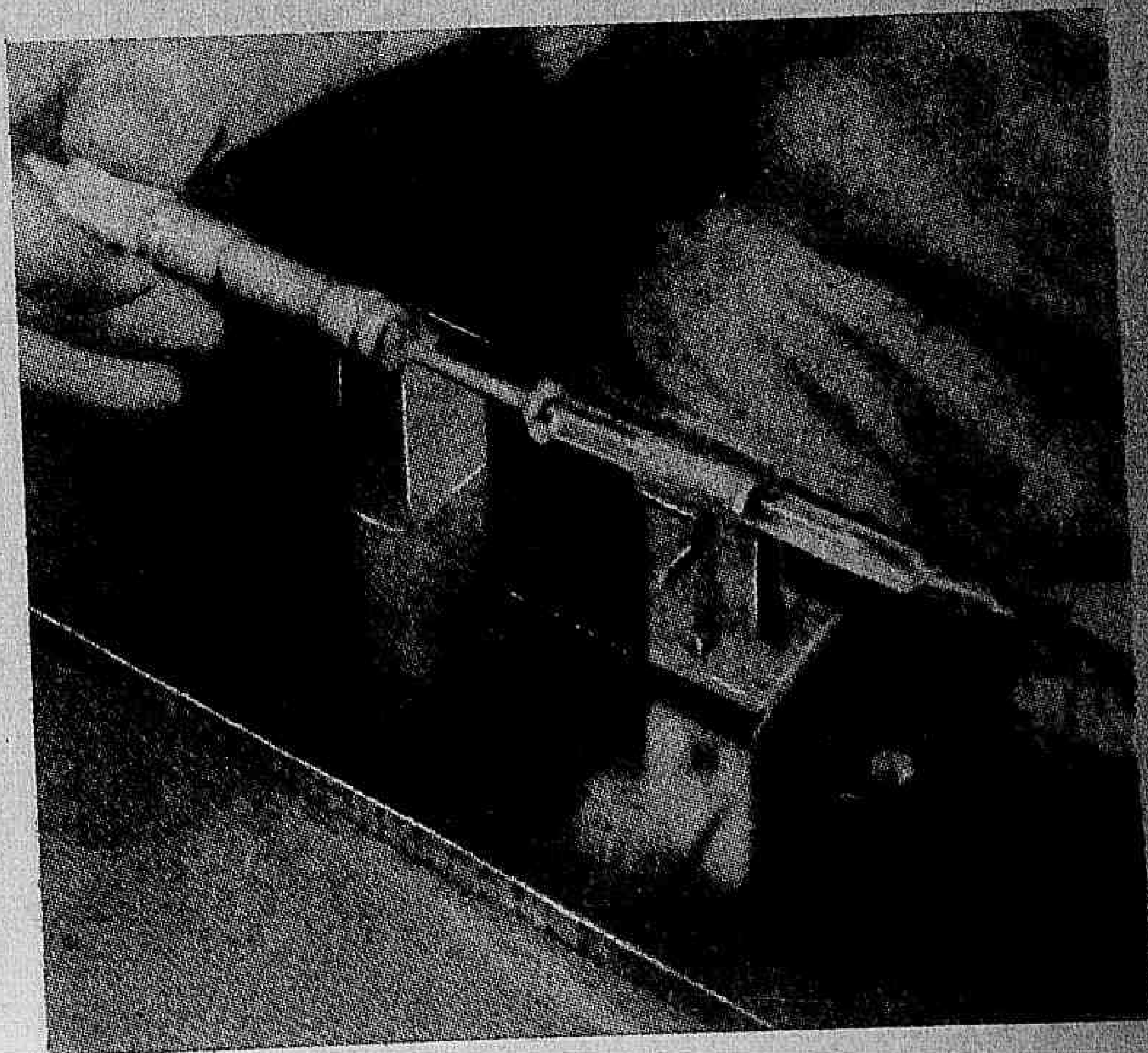
A todo industrial interessa aperfeiçoar seus produtos ou criar novos produtos. Para êle é indispensável conhecer a fundo os diversos fatôres que afetam seu problema particular. A isto se deve que seja maior, cada dia, o número de industriais que vêm recorrendo ao serviço de entidades da índole do Instituto Battelle, cujo único propósito é a investigação de tais fatôres.

Foi um jovem industrial do Estado de Ohio quem concebeu a idéia original de criar um grande centro de investigações científicas em Columbus. Chamava-se Gordon Battelle. Sua experiência em minas e fundições lhe permitiu poder apreciar a importância da investigação científica no campo da indústria. E durante o período de formação dessa idéia, passou de um a outro laboratório, com o fito de estudar os diversos métodos de investigação, enquanto ia concretizando gradativamente o seu projeto. O aspecto econômico não constituía problema, pois Battelle herdara uma das maiores fortunas da região.

Morreu aos 40 anos de idade e, em seu testamento, deixou fundos suficientes para a criação do centro de pesquisas com que havia sonhado. E o Instituto foi organizado, em 1929, com um grupo de 20 cientistas. Encabeçava o grupo o Dr. Horácio Gillett, que, por algum tempo, trabalhou ao lado de Edson. Como já ficou dito anteriormente, essa entidade não busca qualquer fim lucrativo. Realiza trabalhos de investigação científica por conta alheia, cobrando a quem as encomenda, sòmente o custo de tais pesquisas, e quaisquer novas patentes, que derivem da investigação respectiva, são feitas a favor de quem haja contratado a investigação.

O Instituto só aceita problemas que, na opinião dos seus técnicos, oferecem algumas probabilidades de que o seu estudo possa resultar remunerador para quem o patrocina. E um dêsses problemas, que cobriu em muitas vêzes o que custou sua solução, foi o que a indústria editôra de livros apresentou ao Instituto.

As casas editôras tinham que fazer frente a aluguer excessivo, em virtude do espaço que precisavam destinar, em suas instalações, à série de dispositivos necessários para a encadernação de um li-



Ensaiando os efeitos de um novo inseticida numa barata.

vro, já que era requerido um espaço de 24 horas entre uma e outra operação, para que secasse a cola empregada nessas operações.

Os representantes da referida indústria expuseram o problema ao Instituto Battelle. Os técnicos do mesmo trataram, a princípio, de encontrar algum tipo de cola que secasse com maior rapidez; depois, pensaram que seria preferível aperfeiçoar alguma substância adesiva suscetível de secar quase instantâneamente, com o que poderia ser processada a encadernação de livros em uma *linha de montagem*, como é feito nas fábricas de automóveis.

E, através de um prolongado trabalho de investigação, logrou o Instituto Battelle encontrar a substância que buscava: um material resinoso e adesivo, que derrete ao ser aquecido e que corresponde satisfatóriamente, em tôdas as provas, ao que dêle se espera. Graças a esta substância, custam menos os livros hoje editados nos Estados Unidos.

Uma grande parte da população se beneficia em conseqüência das soluções dadas a diversos problemas pela organização de que ora nos ocupamos. Citaremos, como exemplo, certa estufa de carvão que queima sua própria fumaça.

Atualmente, os homens de ciência de Battelle se acham empenhados em averiguar por que quebram os pratos. Ao contrário do que se poderia supor, interessa aos fabricantes de objetos de cerâmica que êste problema seja resolvido, e êles vêm provendo os fundos necessários para a realização dos estudos, dos quais pode resultar que passem à história essas múltiplas minúsculas tragédias, que na atualidade ocorrem quase diàriamente no interior das cozinhas.

Naturalmente, os produtos dessa indústria não são destinados exclusivamente à mesa de almôço. Têm outros usos variados e, no conceito dos técnicos de Battelle, é muito possível que se chegue a utilizá-los na fabricação de peças para motores de propulsão a jacto, uma vez que são mais rijos e resistem melhor ao calor do que muitos metais. Tampouco são êles afetados pelos agentes corrosivos. Se fôr possível averiguar o que determina a consistência quebradiça dêste tipo de material — o que, na verdade, é bem possível — os consumidores de produtos da indústria de cerâmica serão altamente beneficiados.

Quando a indústria de navegação recorreu à ajuda do Instituto Battelle, para resolver o *problema dos moluscos*, que obriga a colocação dos navios em diques secos, de tempos a tempos, com o fito de limpar o fundo dos cascos, os cientistas do Instituto idearam preparar um tipo especial de pintura, em cuja composição entraram substâncias químicas letais para os nocivos moluscos. A solução deixou felizes a todos, menos a êsses parasitas.

Também em Battelle os técnicos idealizaram um tipo especial de forração para as paredes à prova de som, para ser empregada em auditórios e salões teatrais, aperfeiçoando um processo para a fabricação de papel de palha, subproduto agrícola de escasso valor.

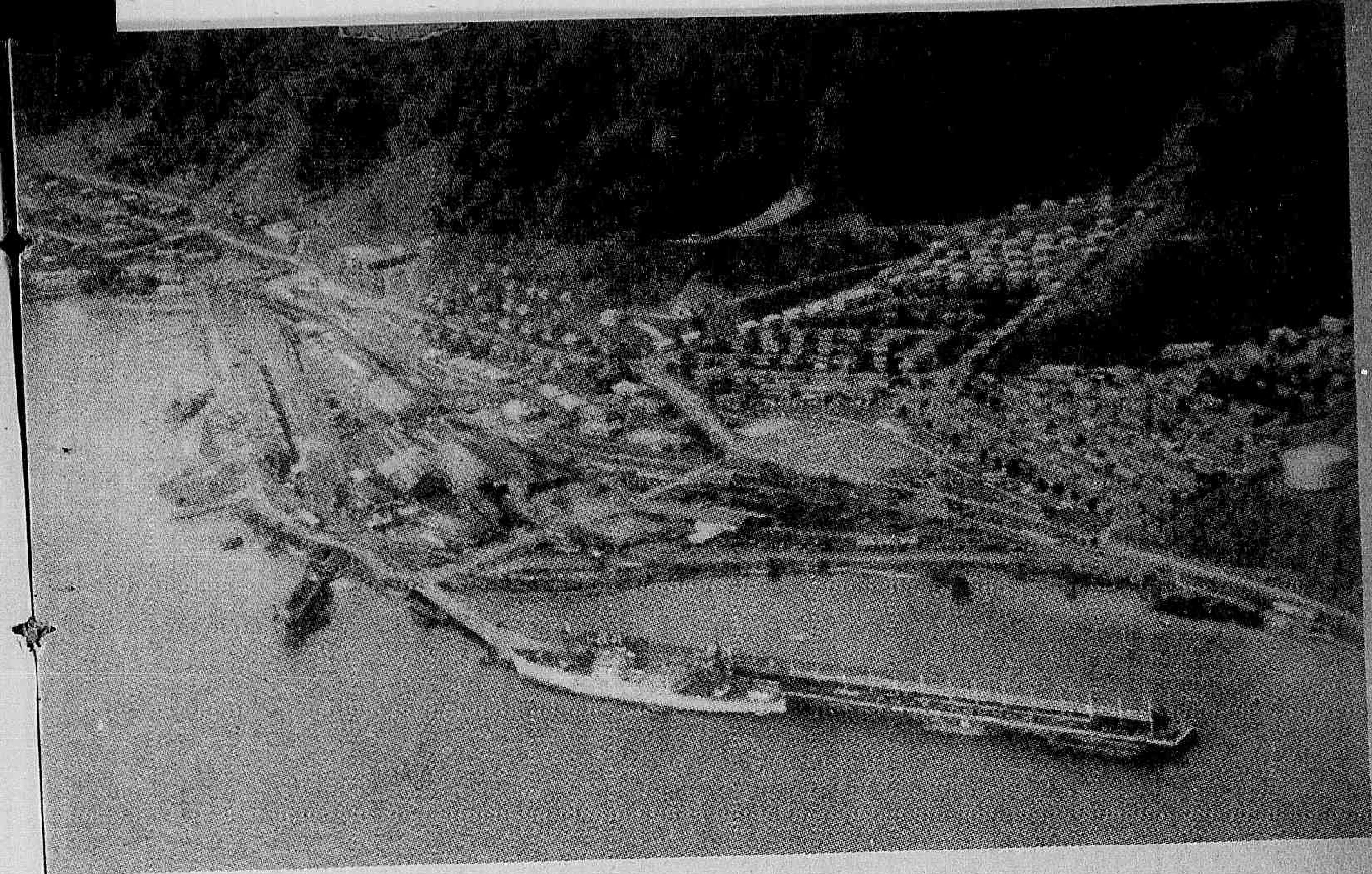
E se o Instituto constitui uma verdadeira bênção para a grande indústria, resulta às vêzes num verdadeiro *salva-vidas* para a pequena indústria, que não conta com recursos econômicos para ter laboratórios próprios. Graças a Battelle, as pequenas emprêsas industriais podem submeter seus problemas ao estudo de cientistas, dotados de extraordinária preparação e magnìficamente equipados, sem que tal estudo lhes custe mais do que é necessário em tempo e materiais requeridos para encontrar a solução do problema. A indústria já reconheceu o papel que êstes centros de investigação científica, a exemplo do Instituto Battelle, desempenham no campo industrial. Em 1951 foram proporcionadas, sòmente ao Instituto Battelle, tarefas cuja execução representou um desembôlso de mais de seis milhões de dólares. Há dez anos, o trabalho executado importou apenas em meio milhão de dólares. Progresso semelhante se observa em outros centros de pesquisas. Compreenderam os industriais que, da pesquisa científica depende o poder de incrementação da sua produção, com a conseqüente elevação do nível médio de vida.

Graças à pesquisa científica e a tecnologia, não haverá jamais a necessidade de fixar limites ao progresso industrial.



PRECAUÇÃO — Em Tampa, S. F. Guggenheimer obteve sentença favorável de divórcio quando se queixou de que sua espôsa o ameaçara de matar, incinerar e de juntar as suas cinzas a fertilizantes, que jogaria nos canteiros!

DEDÃO ERRADO — Não distante de Placervil le, Califórnia, Eric Launblad, fugitivo do cárcere, alcançou a estrada principal e conseguiu fazer parar um automóvel, para o qual exibiu o dedo, pedindo "carona". O "chauffeur" prontamente o recolheu... pois era um dos guardas da prisão.



Vista parcial aérea do cais de Golfito, Costa Rica, o pôrto de embarque da costa do Pacífico.

NOSSAS IRMÃS DA AMERICA

COSTA RICA

DESFRUTA DE UMA ECONOMIA DEMOCRÁTICA

JAIME SOLERA BENNETT

COSTA Rica, a mais meridional das repúblicas centro-americanas, limita ao N.O. com a República da Nicaragua e ao S.E. com a do Panamá. Suas costas estão banhadas pelos oceanos Atlântico e Pacífico, o que lhe dá grande vantagem, do ponto-de-vista do comércio internacional, porém sua superfície não passa de escassos 49 000 quilômetros quadrados e sua população total, segundo o censo de 1950, é apenas de 800 875 habitantes. Não obstante essa relativa pequenez, em seu seio se enraizou um regime institucional e sua economia é de índole democrática. Desde a sua independência, no ano de 1821, a propriedade se caracterizou por uma acentuada divisão entre os seus habitantes, e êsse fator, unido a outros muito valiosos, faz que cada costarriquense se sinta parte integrante e aceite sua parte de responsabilidade no desenvolvimento da economia nacional.

A população de Costa Rica está bem balanceada, porque há 49,93 por cento de homens e 50,07 por cento de mulheres e, além do mais, é pràticamente inexistente o problema indígena. O território costarriquense é montanhoso e, apesar de se encontrar no trópico, tem todos os climas. Essa vantagem fica contrabalançada pela dificuldade de construção de vias de comunicação, a que está ligado todo rápido progresso econômico. Não obstante essa dificuldade, nos últimos anos foi realizado um sério esfôrço para integrar à economia nacional zonas que tinham ùnicamente acesso por mar ou pelo ar, e as estatísticas vão demonstrando claramente como aumenta a produção e se vai ampliando o campo, não só para os costarriquenses, como para imigrantes, que já começam a procurar o país, nêle estabelecendo-se como agricultores. Como bom número de países latinoamericanos, Costa Rica depende, fundamentalmente, do cultivo do café. A *Meseta Central*, assento das principais cidades do país, e situada a uma altura de 2 000 metros, está plantada, em sua maior parte, de café, que se não é muito é, entretanto, de superior qualidade. A economia dêsse país está intimamente ligada a êsse produto, e a forma como estão distribuídas as plantações — e o número delas, são um bom reflexo da distribuição da riqueza, característica de Costa Rica. Existem 25 447 plantações, distribuí-

das entre 25 176 proprietários. Dêsse total, 83,63 por cento são proprietários de plantações menores de cinco alqueires e ùnicamente 1,22 por cento são donos de plantações maiores de 50 alqueires. Apesar dos preços atuais do café, a exportação da colheita produziu o ano passado 22 000 000 de dólares, quantia que



Uma das bandas sem fim utilizadas no embarque de banana, no pôrto de Golfito.

coincide com o valor das importações imprescindíveis.

Essa distribuição da propriedade, cujo principal exemplo é o antes citado, afeta, naturalmente, a eficiência da produção, porém essa desvantagem é amplamente compensada pela estabilidade de que o país desfruta e pelo interêsse revelado pelo que tem algo que ver com a correta marcha da coisa pública.

A segunda atividade agrícola do país é a banana, e o ano passado Costa Rica foi o principal país produtor no mundo. Essa atividade foi levada a cabo, principalmente, em Costa Rica, pela *United Fruit Company*, e suas plantações, na seção sul do país, são as que suprem essa produção tão considerável.

As novas experiências, iniciadas em Honduras, para combater a grave enfermidade "de Panamá", mediante a inundação de vastas áreas que, a seguir, são postas a sêco, permitiram pensar na utilização de grandes áreas na costa atlântica, que têm excelentes condições para o cultivo da banana, mas que foram abandonadas, devido às enfermidades, há já muitos anos.

O valor das exportações dessa fruta foi aproximadamente de 14 000 000 de dólares, no ano de 1952. Nessa quantia se inclui, também, o valor da fibra de abacá, produzida na costa atlântica e considerada como uma matéria-prima estratégica.

Segue, em importância, quanto à produção agrícola de exportação, o cacau, que é de excelente qualidade. Cultivado nas costas de clima tropical, produz uma receita de 2 500 000 dólares anuais. Nesse cultivo também encontramos uma acentuada divisão da propriedade, embora não tão grande como no do café.

Foi considerado importante estabelecer uma política de preços mínimos para produtos de consumo nacional, a qual é controlada por meio de uma agência governamental, o Conselho Nacional de Produção. Essa política produziu bons resultados porque, de país importador ocasional de grãos, Costa Rica deu seus primeiros passos na exportação de arroz, milho, feijões, etc., enviados ao Oriente-Médio e à Europa.

Embora a aludida política tenha determinado apreciáveis prejuizos ao "Conselho de Produção" (se o país considera que deve mantê-lo, embora seja à base de impostos ou sejam feitos ajustes necessários para que não seja aquela política ruinosa), poderá garantir preços estáveis para os consumidores e manterá, ao mesmo tempo, o interêsse dos que produzem.

O aumento de produção é evidente, se compararmos que, no período 1949-1950, foram colhidas 162 000 sacas de milho e, no de 1951-1952, 250 000 sacas. A mesma comparação poderia ser feita em relação aos feijões: de 725 000 sacas para 824 000; e quase o mesmo com o arroz: 411 000 quintais para 512 000.

Os países de economia de exportação, como Costa Rica, cuja principal fonte de receitas internacionais depende das alternativas dos preços de um só produto, devem, necessàriamente, por sua própria estabilidade, buscar outras fontes e, segundo parece, êsse país vai procurando essa solução com o gado. Bem podemos dizer que não há região dêsse pequeno território que não seja apropriada para determinada atividade pecuária.

Em poucos anos, de país importador de gado que era, pôde suprir suas necessidades e, potencialmente, poderia suprir em poucos anos a demanda de países vizinhos.

O preço da carne em Costa Rica é apreciàvelmente mais baixo que o internacional, o que significa um estímulo para que, uma vez atendidas as necessidades do país, se converta em um lucrativo negócio de exportação. Também nesse campo encontramos uma típica multiplicidade de empresários e proprietários.

Muitas outras atividades econômicas poderiam ser citadas, porém razões de espaço não nos permitem sequer mencioná-las. Unidas às citadas, dão ao costarriquense o mais alto índice de distribuição da renda nacional, *per capita*, registrada nessa região da América Latina.

Como país pequeno, a indústria tropeça com a falta de um mercado apropriado e sòmente nos últimos anos as iniciativas nesse campo começaram a ganhar fôrça.

O país não seguiu uma política protecionista radical e, por essa razão, apenas puderam subsistir as indústrias com uma estrutura econômica sólida e que utilizam, em sua maior parte, as matérias-primas nacionais.

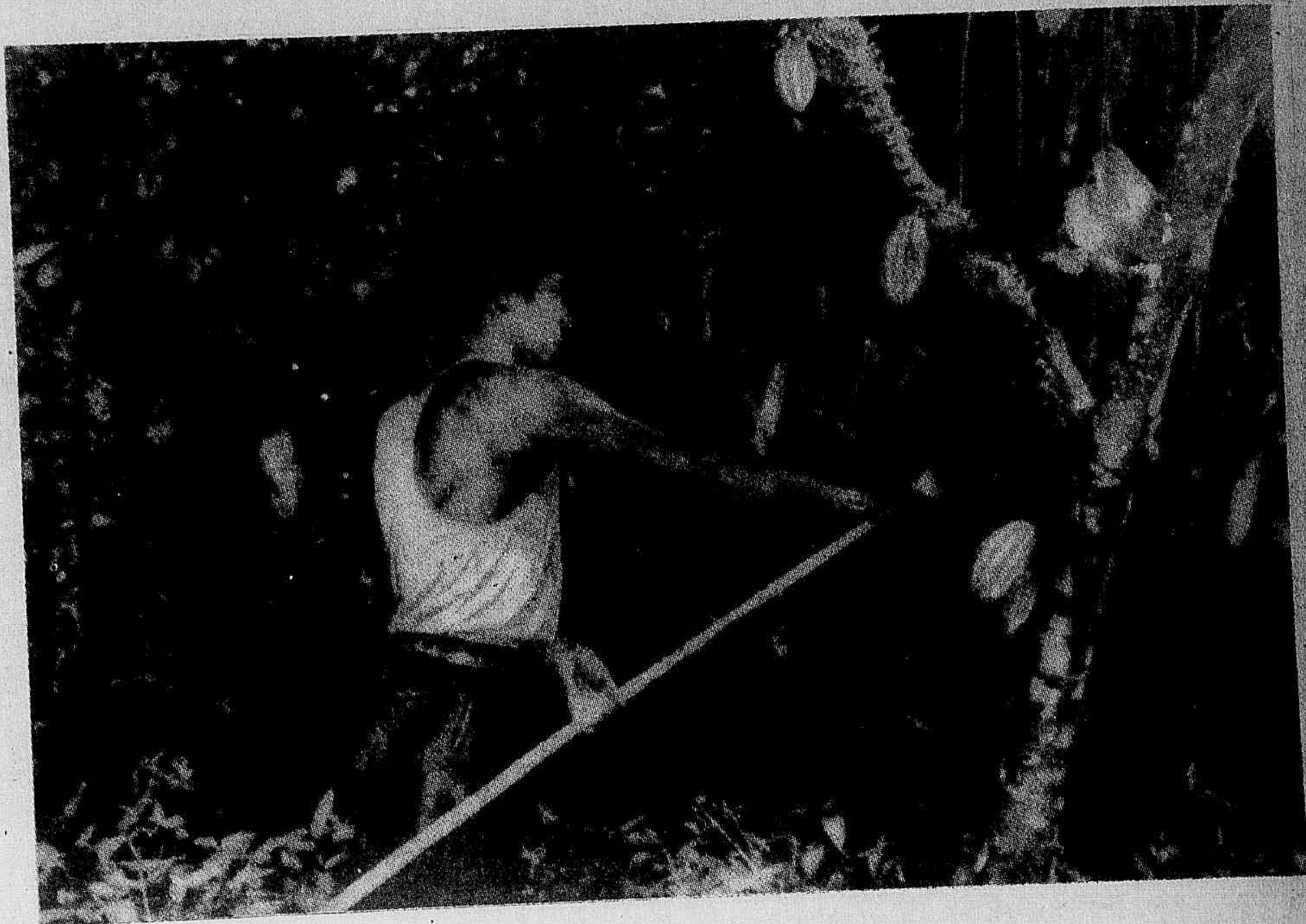
Embora a base cultural do costarriquense permita aspirar a melhoria econômica, essa falta de indústrias deteve um pouco a concentração urbana; porém o problema começa a surgir quando, na agricultura e para os planos de obras públicas, é notada a falta de braços.

A mineração jamais chegou a ser uma atividade vital no país, embora desde o tempo da colônia sejam exploradas minas de ouro e de outros metais.

Na verdade, essa exploração continua sendo secundária e Costa Rica continuará, por muitos anos, sendo um país tipicamente agrícola.

Só recentemente foram iniciadas as buscas do petróleo, havendo boas possibilidades de que seja o precioso líquido encontrado em suas entranhas.

Uma economia em expansão exige capital suficiente para seguir o seu ritmo acelerado; porém países novos, como



Colhendo cacau. Êsse produto ocupa o terceiro lugar em importância nas exportações de Costa Rica.

Costa Rica, que carecem de recursos nacionais acumulados por longo tempo, tem que usar arbítrios monetários para atender a essa demanda de capital.

Essa política, se não é executada com suficiente previsão, estudados e balanceados os múltiplos fatôres que integram a economia, pode provocar sérios descalabros e uma perda permanente no valor aquisitivo da moeda, com as conseqüências de ordem social conhecidas.

Com uma economia de exportação e com problemas de inflação monetária interna, Costa Rica sofreu, como a quase totalidade dos países latino-americanos, uma violenta queda em suas reservas internacionais e só depois de haver enfrentado essa situação com firmeza, mediante a eliminação de circulação inorgânica, por meio de impostos de importação *ad valorem* e com o decisivo auxílio do aumento do preço do café, pôde voltar a ser bastante satisfatória a posição do país no momento em que escrevemos estas linhas.

Como caso excepcional, a moeda nacional, que é o "colón", não perdeu poder aquisitivo e, nos últimos meses, o índice geral de preços acusa uma tendência para a baixa.

Em relação com êste problema das divisas, foi feita em Costa Rica uma experiência interessante, com bons resultados, ao ser reconhecida a existência de um mercado livre de câmbio, como modificação do sistema de completo contrôle, tão generalizado nesses países, obtendo-se uma estabilização muito satisfatória no mercado e baixando-se o tipo de câmbio, com o dólar de 9,20 a 6,65.

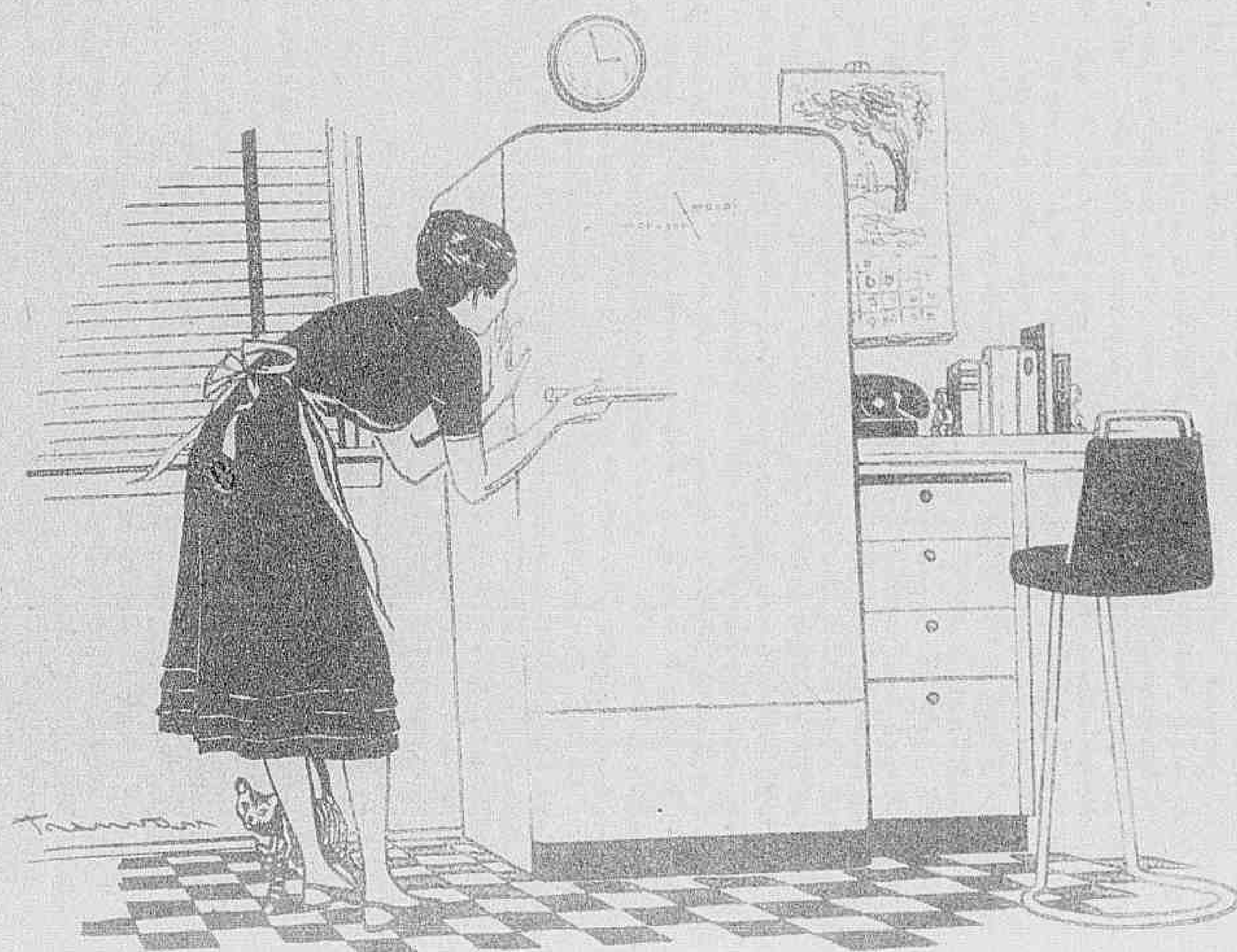
Prosseguem, no entanto, com um mercado oficial de câmbio, cujo tipo de conversão com o dólar é de 5,67 "colóns" para as importações vitais e venda das exportações.

A dívida pública bonificada diminuiu, de 1949 a esta parte, de 203 000 000 de "colóns" para 145 000 000 e o país está capacitado a efetuar o reinício de seu serviço de pagamento da dívida externa, mediante uma ordenada política fiscal, que teve por resultado o fechamento dos três últimos orçamentos anuais com *superavit* superior a 20 000 000 de "colóns" em cada um dêles, sôbre uma despesa calculada em 150 000 000.

Sem um mercado de capitais, o crédito tem que ser obtido principalmente das instituições bancárias, que foram nacionalizadas em 1948, embora já então existisse o Banco Nacional de Costa Rica, como instituição emissora e banco comercial, ao mesmo tempo. A criação do Banco Central, em 1950, com tôdas as características próprias de uma instituição dessa classe, modificou fundamentalmente a organização bancária do país, permitindo aos bancos atender às necessidades sempre maiores de crédito, porém sem descuidar da estabilidade do valor do "colón".

* *

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?



MINHA mãe tem a incurável mania de poupar dinheiro. Vive a inventar dores de cabeça, no sentido de economizar. A **última**, então, foi realmente ridícula! Mas quem se atreveria a discutir com ela? Vivia, ùltimamente, preocupadíssima... porque não podia ter a certeza de que a lâmpada interior da nossa geladeira apagava mesmo ou continuava acesa e gastando eletricidade — e dinheiro! — inùtilmente. Afinal, tendo recebido — por simples coincidência — uma conta de luz um pouco mais alta, decidiu que descobriria, de qualquer forma, o que ocorria por trás da porta da geladeira. Mas, é claro, não tinha meio de fechar a porta... e ver o interior da geladeira. E já estava resolvida a apelar para um eletricista, a fim de conhecer a verdade, quando relatou o seu problema ao leiteiro, um acerta manhã e logo êle resolveu o "assunto" em três segundos, em troca de nada. Pode o leitor dizer como se arranjou o leiteiro? **(Resposta na página n.º 116).**

LIVROS DE BÔLSO

MAIS LIVROS POR MENOS DINHEIRO

Uma estupenda coleção de livrinhos, que são os melhores que existem para aprender em poucos dias, e poder falar, qualquer destes idiomas. Espero que ficará maravilhado.

YES SIR! Inglês sem Mestre — Edwards — Nº 32 — 12,00

Aprenda Espanhol em quadrinhos — Nº 31 — 12,00

45 Lições Italiano sem Mestre — Nº 24 — 12,00

45 Lições de Francês sem Mestre — Nº 25 — 12,00

Alemão sem Mestre — Nº 30 — 12,00

Crime e Castigo — Dostoievski — Nº 207 — 10,00

O Retrato de Dorian Gray — Wilde — Nº 187 — 15,00

Mulher Nua — Nº 148 — 15,00

O Conde de Monte Cristo — Alexandre Dumas — Nº 206 — 10,00

As Amantes do Imperador

A Arte e a Técnica do Beijo — Nº 93 — 15,00

Regras para Vencer na Vida — Nº 182 — 15,00

Vigor Sexual — Coleção Educação e Saúde — Nº 6 — 20,00

As Chaves Ocultas do Poder — Nº 11 — 15,00

O livro das Mágicas — Nº 68 — 10,00

Instalações Elétricas — Nº 38 — 60,00
Livro de grossura muito maior que os usuais. Com 450 ilustrações e inúmeras tabelas. É o mais prático que existe.

Luciola — José de Alencar — Nº 239 — 10,00

Método de Datilografia — prático e rápido — Nº 96 — 15,00

Cenas de Amor dos melhores romances — Anna Karenina, O Astor, Madame Bovary, Naná, Emile Zola, A Dumas — Nº 81 — 10,00

Técnica e Prática Sexual — Nº 2 — 20,00
Obra notável, que trata à luz da ciência, dos mais importantes problemas da vida.

Senhora — José de Alencar — Nº 241 — 10,00

A Conquista Amorosa

Como Ler os Pensamentos — Nº 13 — 15,00
Ensina com métodos práticos. Cada um pode atingir boa capacidade de ler pensamentos e adivinhar coisas.

Anedotas

Tenha Sangue Frio — Nº 214 — 15,00

Jiu-Jitsu sem Mestre — Nº 129 — 15,00

Métodos para Hipnotizar — Nº 147 — 15,00
Ensina diversas técnicas para que as pessoas possam escolher o melhor sistema.

Guia do Mecânico de Automóvel — Nº 188 — 15,00

Fala e Escreve corretamente a tua língua — Luiz A. P. Victoria — Regras práticas de português — A Crase. O Emprêgo do pronome lhe. Pronomes de tratamento. Colocação — Nº 27 — 15,00

LIVROS ÚTEIS

INGLÊS PARA AS AMERICAS
Por professores do Instituto Brasil-Estados Unidos. N. 52 - 20,00

FRASES PARA CORRESPONDENCIA COMERCIAL INGLESA
Livro muito prático com frases classificadas. N. 56 - 20,00

PEQUENAS BIOGRAFIAS DE GRANDES ESCRITORES
N. 128 - 15,00

PENSAMENTOS SÔBRE O AMOR
Stendhal — N. 19 - 15,00

ENCICLOPÉDIA INDUSTRIAL OCULTISTA
Filtros Mágicos - Varinha Mágica — Mágica de Amor, influências. Talismãs. Aguas Medicinais. N. 10 - 15,00

DICIONARIO MODERNO DE SEXO E AMOR
Um livro científico, Curioso e Diferente. Interessantíssimo. Em ordem alfabética se encontram explicações pormenorizadas sôbre cada assunto. Desde o adultério e o Beijo até o Travesti e os Vampiros. N. 7 - 15,00



RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 25 — RUA DO OUVIDOR, 150 - e - RUA MEXICO, 128 - 1. Sobreloja 3

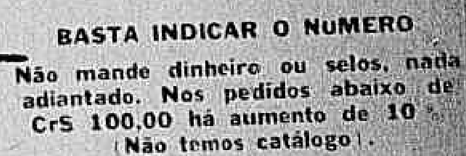
SÃO PAULO: R. CONSELHEIRO CRISPINIANO, 403

BELO HORIZONTE: RUA DA BAHIA, 884

INTERIOR
PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL, ENVIANDO SEU PEDIDO PELO TALÃO A DIREITA, ENDEREÇANDO-O SOMENTE PARA O RIO DE JANEIRO.

Editora GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 6 - C - RIO
Peço enviar pelo Reembolso Postal, os livros, cujos números, indico abaixo:

. . . .



BASTA INDICAR O NUMERO
Não mande dinheiro ou selos, nada adiantado. Nos pedidos abaixo de CrS 100,00 há aumento de 10 %. (Não temos catálogo).

NOME. . .

RUA. . . .

LOCALIDADE. . . .

ESTADO. . . .

SAM permaneceu quieto por mais alguns segundos, fingindo dormir, enquanto a aldeia ficava de novo animada, ao voltarem as mulheres índias de suas compras. Com que rapidez se efetuara a mudança! O silêncio que reinava desapareceu, como por encanto.

Dois meses antes, o jovem índio estava no colégio, estudando e pensando do mesmo modo que os seus colegas e amigos brancos. E agora, êle voltava a ser um índio, de acôrdo com a tradicional vida nômade dos **Crees**, que procuravam as regiões mais quentes, exatamente nos locais onde seus antepassados haviam seguido os rastros dos búfalos.

As mulheres acenderam fogueiras e, logo, o cheiro de comida encheu o ar. Os cavalos, que pastavam próximo, relincharam, com a esperança de receber uma ração de aveia. Ouviu-se o ruído característico de carroças rolando sôbre as pedras que atapetavam o solo e também o surdo som de tambores e canções, indicando que um grupo de selvagens se aproximava do acampamento. As mulheres se entreolharam, com um ar de curiosidade, enquanto os homens ficavam atentos. Circundando uma pequena rocha que tornava estreita a passagem, três carroças índias se detiveram. Os **Crees** se levantaram, dando as boas-vindas aos seus irmãos.

Sam, Ôlho-de-Águia, ainda deitado, resolveu, afinal, ir olhar de perto os recém-chegados, justamente no momento em que sua mãe, julgando que êle ainda dormisse, gritou-lhe:

— Levanta, preguiçoso! Vai querer ficar dormindo o dia todo?

Sua irmãzinha entrou correndo na tenda, atirando contra êle um velho **mocassin**, e riu muito quando êle gritou, ao ser atingido pelas sandálias. Sam, Ôlho-de-Águia, saiu da tenda e piscou os olhos, ofuscado pela claridade. Seu pai e os demais homens idosos da tribo conversavam com os recém-chegados; êstes eram **Wood-Crees**, segundo Sam pôde verificar pela aparência de seus **mocassins**. Êstes indicavam que êles deviam ser da região montanhosa do oeste e, assim, logo despertaram o interêsse dos **Crees**. Sam gostaria de fazer várias perguntas a respeito da caça naquelas montanhas, mas o momento não era apropriado. Encaminhou-se, então, para o riacho próximo, a fim de lavar o rosto.

Uma jovem índia estava a encher um balde no riacho. Sam não lhe deu a mínima atenção, pois seu intuito era refrescar o corpo com a água. Ali ficou, durante alguns minutos, a encher as mãos em concha, deixando que a água escorresse por sua cabeça e dorso.

— Está com mêdo de mergulhar? — perguntou a jovem índia em tom de mofa.

Passando as mãos sôbre os olhos e o rosto, à guisa de toalha, Sam encarou a indiazinha e, imediatamente, imaginou que estava cego, ao se encaminhar para o riacho, pois não notara que sua irmã de raça possuía um belo par de olhos, brilhantes e claros, que seu rosto era encantador e o sorriso qualquer coisa de inimaginável. E, sem dúvida, muito mais bonita do que qualquer das jovens mulheres do campo a que êle próprio pertencia. Sam, Ôlho-de-Águia ficou contente ao perceber que ela não usava o adôrno característico das mulheres casadas.

Sorriu para ela e, com uma pancadinha na água,

DE VOLTA



Sam vestiu as melhores roupas que possuía, dêsse conjunto

lançou borrifadas na direção da sua linda desafiante. Ela fêz a mesma manobra, e a água veio cair sôbre o rosto do rapaz, cegando-o por alguns segundos.

— Você veio das montanhas? — perguntou êle.

Ela moveu a cabeça, afirmativamente. Depois detalhou: — Do Campo Sundra, a leste dos montes cobertos de neve. Viemos para as cam-

pinas para visitar a feira dos homens brancos, que está instalada lá embaixo, no vale.

— Os homens de sua família costumam caçar nas montanhas? — perguntou êle, abruptamente.

— Sim, pois vivemos da venda de peles e couros.

Sam sorriu, satisfeito, dizendo em seguida:

— Isto é o que pretendo fazer, quando o inverno chegar! Minha gente é do Campo de Índios

algum tempo em nosso vale. — Tendo falado, ela se afastou, apressadamente, com o balde a deitar água, cheio como estava.

Sam ficou a olhar o belo vulto da **indiazinha**, com um olhar que exprimia algo mais que curiosidade...

Durante o jantar, enquanto sua família se reunia em redor do fogo, o rapaz falou com o pai a respeito dos **Wood Crees**.

ÀS MONTANHAS

Novela de KERRY WOOD



constando a bela camisa de pele de gamo, presente de sua mãe, ao retornar da escola.

— Êles contaram histórias de caçadas ao senhor?

— Sim; informaram que lá caçam coiotes, martas, linces, rapôsas brancas e vermelhas. Há, também, um tipo de marta, cuja pele alcança altos preços. As doninhas e os esquilos abundam, e há ainda ursos pretos e cinzentos, além de alguns leões das montanhas, que são abatidos a tiros. Os nossos irmãos me chamaram a atenção para os **glotões**, que, embora em pequeno número, arruínam o trabalho de um mês, se conseguem achar uma linha de armadilhas.

Sam fêz um movimento afirmativo com a cabeça, para significar que compreendia o que seu pai lhe dizia.

Porém sua mãe balançou a cabeça, em sinal de reprovação, falando a seguir:

— Você está encorajando o rapaz a nos deixar, mal êle voltou da escola? Quem fará a comida para êle? Quem acenderá o fogo, quando êle voltar da caçada? Meu filho, o que seu pai disse não é bom para jovens inexperientes como você!

Labuma, onde plantamos trigo. No entanto, gosto de viver numa região repleta de enormes árvores. Neste inverno, deixarei minha família para ir caçar nas montanhas.

— E' um bom modo de vida — respondeu ela.

Depois de falar, corou, como se tivesse feito uma sugestão velada. Recobrando-se ràpidamente, prosseguiu: — Fale com meu pai a respeito dêsse seu intento, e talvez êle o convide para passar

O velho "Ôlho-de-Águia" riu mansamente e atalhou:

— O nosso amigo Urso Enfeitado contou que cada caçador tem uma boa tenda como habitação, com três ou quatro pequenas tendas de emergência, ao longo da linha de armadilhas.

E, na tenda principal, Sam, os caçadores costumam deixar... a espôsa.

A esta altura, o velho "Ôlho-de-Águia" tornou a rir.

— A comida é muito mal cozinhada e o inverno muito triste, quando um caçador está só!

A gorda espôsa de Ôlho-de-Águia pigarreou com fôrça e os irmãos menores soltaram gritinhos de zombaria, enquanto Sam, corando, pensava na jovem indiazinha das montanhas, que conhecera naquele mesmo dia.

Terminado o jantar, caminhou, disfarçadamente, para a tenda, baixou a lona que servia de porta e vestiu as melhores roupas que possuía, dêsse conjunto constando a bela camisa de pele de gamo que sua mãe havia feito, como um presente pelo seu retôrno da escola. Em seguida, desenterrou seu pequeno cofre, dêle retirando três ou quatro notas amarrotadas. Com êsse dinheiro no bôlso, Sam deixou a tenda, para pôr em prática o plano que tinha em mente.

Desamarrou seu cavalo, um "pony" ligeiro, montou, e dirigiu-se para o local onde os índios recém-chegados haviam levantado suas tendas. Ali, fêz o animal empinar por duas vêzes. Todos os olhares convergiam para êle, inclusive o de Tula (era êsse o nome da índia por quem êle se sentia atraído). Com um olhar de desafio, o jovem Sam gritou para o índio que se encontrava mais próximo:

— Escolha um cavalo, entre os que estão amarrados na corda-tronco, e venha apostar uma corrida!

Nenhum índio recusa um desafio para apostar corrida. Seu eventual adversário levantou-se ràpidamente e colocou a "cabeçada" num dos animais que se encontravam amarrados. Sam olhou para o cavalo, que fôra escolhido pelo outro, e sorriu com ar de satisfação. O animal tinha o peito forte e largo; era o tipo de animal afeito às longas jornadas. As patas, no entanto, eram pesadas, e as canelas largas, não podendo, de forma alguma, concorrer com o "pony" de Sam, de canelas finas e patas leves, peculiares aos animais ligeiros. Embora tivesse vindo preparado para apostar dinheiro, Sam resolveu falar, para fazer maior figura:

— Apostaremos os cavalos!

O índio das montanhas, que era filho de Urso Enfeitado, hesitou, do que se aproveitou Sam para gritar:

— Teu sangue é fraco; peculiar aos medrosos!

O outro levantou a cabeça, instintivamente, ao ouvir o insulto, e respondeu:

— Eu apostarei!

O confiante "Ôlho-de-Águia" sorriu interiormente, dirigindo o olhar para Tula, que corou como caqui maduro.

— Esperem! — gritou o velho "Ôlho-de-Águia", repentinamente. — Urso Enfeitado, com sua permissão, direi uma palavra aos nossos filhos. Êles cansarão os cavalos, se correrem agora; e, além disso, há, aqui, pouco espaço para uma boa carreira. No entanto, todos sabem que, amanhã à tarde, teremos uma corrida de grandes proporções, na pista da feira dos brancos, lá embaixo, no vale. Deixemos, portanto, êste desafio para amanhã. Os dois rapazes tomarão parte na corrida e, independente do resultado da grande carreira, o que chegar na frente do outro será declarado vencedor.



— Muito bem dito — concordou o outro chefe. — Esfrie um pouco o seu sangue, meu filho, e aceite a sugestão de seu pai!

Sam e o adversário concordaram com um movimento de cabeça, e os dois "Ôlho-de-Águia" se retiraram.

★

Sam mal pôde dormir, pensando no grande feito que iria realizar. Afinal, cansado de tanto imaginar cenas vitoriosas, adormeceu.

Quando acordou, o sol já ia alto, e sua mãe preparava o almôço. Após dar de comer ao seu cavalo, Sam tratou de inspecionar a "cabeçada", verificando também se as patas do animal estavam em boas condições.

Após o almôço, tiveram início os preparativos do acampamento, para a grande corrida que seria realizada, algumas horas depois.

Tudo preparado, a multidão se encaminhou para o prado, que ficava algumas dezenas de metros abaixo da elevação em que fôra instalado o acampamento dos índios. Os que iam tomar parte na carreira seguiram à frente, montados em seus cavalos, enquanto as crianças os acompanhavam de perto, aos pulos e gritos. Enquanto os demais homens da tribo procuravam demonstrar um ar de calma, as mulheres conversavam e riam.

A feira dos homens brancos fôra armada duas noites antes e, agora, era grande o número de pessoas, brancas e bronzeadas, que ali se encontravam. Homens, com chapéus à moda do Oeste, arengavam, falando maravilhas do homem que engolia espadas, do equilibrista que se encontrava no interior de uma grande tenda de lona, e do domador de feras; estas urravam constantemente, como se industriadas para chamar a atenção do público. Enfim, o aspeto da feira era igual ao de todos os parques de diversões, tão conhecidos por todos nós. As matronas índias e as crianças tomavam sorvete, enquanto os maridos e pais peles-vermelhas preferiam comer milho verde.

Após muitos minutos de diversões, ouviram-se clarins, indicando que a corrida ia ter início. Homens vendiam programas e, nêles, a corrida dos índios figurava em quarto lugar, após a prova de rodeio, a corrida de carroças, e a carreira dos homens brancos.

Depois das duas primeiras provas, os índios se dirigiram ao estábulo, onde haviam guar-

dado aos cavalos, a fim de aguardar o início da prova. O pai de Sam veio auxiliá-lo nos preparativos que, aliás, eram muito simples. Todos discutiam a respeito de apostas e, à última hora, ainda eram feitos vários desafios.

Os Wood Crees utilizavam selas pesadas, do estilo "Santo Antônio", ao passo que os **Crees**, do campo vizinho, usavam simples panos atirados ao dorso do animal.

A voz do "speaker se fez ouvir:

— Vai ter início a terceira prova. Pede-se aos índios que se dirijam ao portão principal, onde aguardarão a partida para a quarta carreira.

Os peles-vermelhas, já montados, trotaram em direção ao local que lhes fôra indicado. Um tiro foi disparado e logo se ouviu o ruído característico do tropel de cavalos. Cêrca de um minuto depois, a multidão gritava, ensurdecedoramente, instigando seus favoritos. O locutor tornou a chamar os índios.

Sam cavalgava ao lado do oitavo cavaleiro. Passaram em frente do público, dirigindo-se para a linha de partida, e êle pôde notar o interêsse que seu cavalo despertava.

Ao passar pelo grupo de mulheres índias, que se postara separado dos demais peles-vermelhas, pôde ver a mão de Tula a acenar para êle. Novamente sentiu aquela sensação estranha que o assaltava, desde que conhecera a bela índia.

Foram anotados e anunciados os nomes dos concorrentes, sendo distribuído um número para cada um, correspondendo à posição na saída. A Sam, afortunadamente, coube o número dois. O jovem índio, lançando um olhar aos concorrentes, divisou o filho de Urso Enfeitado com o número cinco.

— Façam uma boa corrida, falou o juiz de partidas. — Sigam a cêrca de cordas, contornando-a numa volta fechada; os três primeiros colocados deverão dirigir-se ao pavilhão dos juízes, a fim de lhes ser feita entrega dos prêmios. A saída será dada com um tiro de revólver!

Sam experimentou seu animal, e cerrou as rédeas, pronto para a largada.

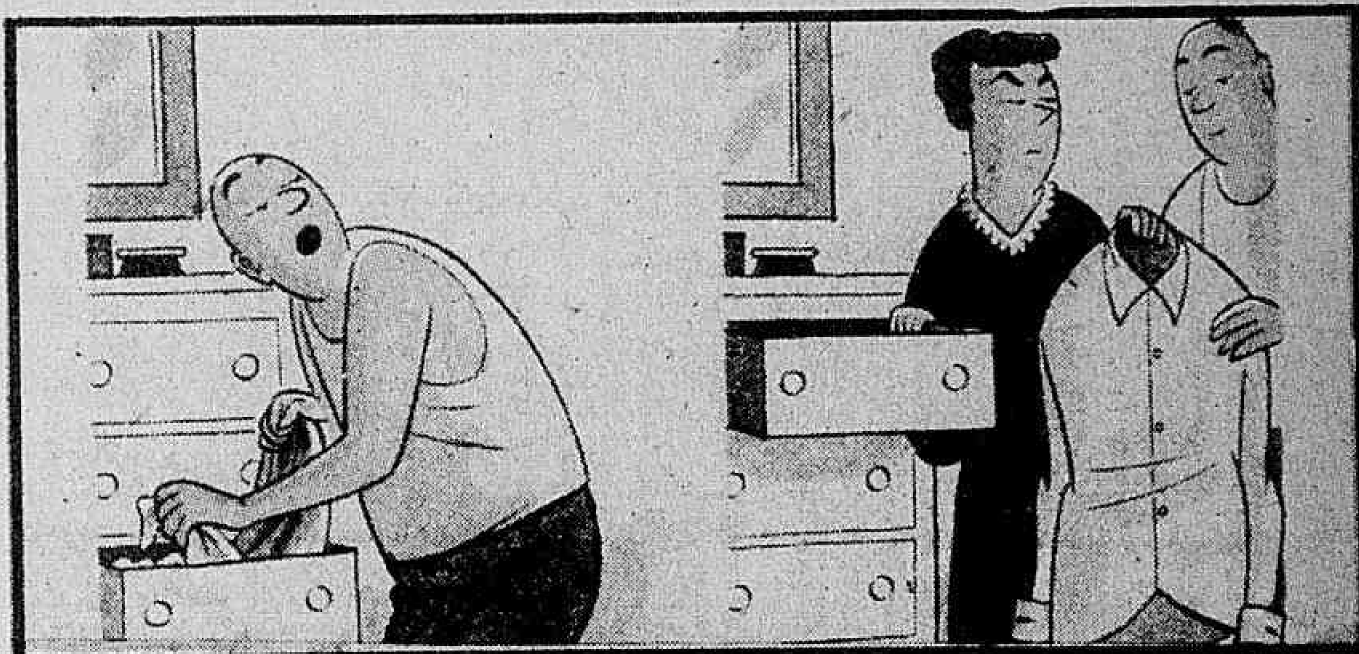
O número cinco estava tendo dificuldades em conter seu "pony", que se mostrava assustado com o barulho da multidão. Tudo pronto, um tiro se fêz ouvir.

ELA "GUARDA" TUDO NO DEVIDO LUGAR

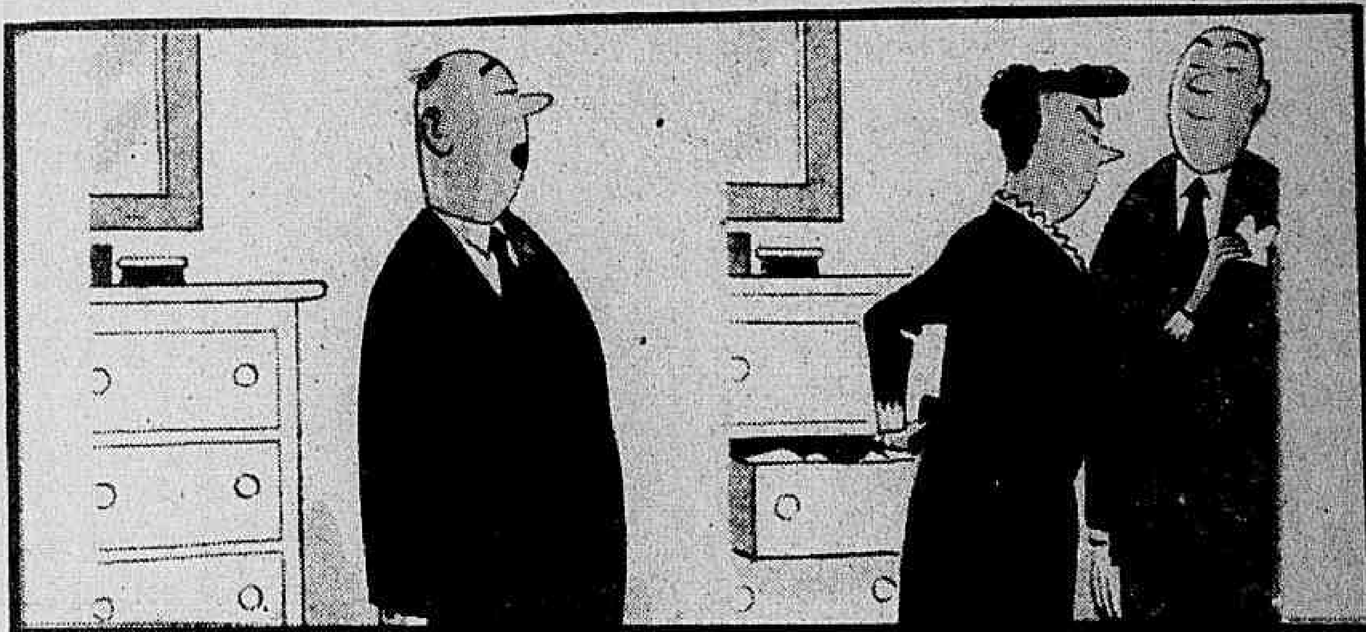
Por TON TOBIN



Onde estão minhas meias?



— Onde está minha camisa amarela?



— Onde estão os lenços?



— Onde está a minha carteira?

Sam comprimiu o ventre do seu cavalo com os calcanhares, sentindo que êle se atirava para a frente. Na primeira curva, já Sam vinha à frente, procurando conservar a linha um, mantendo-se quase grudado à corda que servia de cêrca, a fim de não desgarrar e perder terreno. Ouvia a multidão gritando frenèticamente, mas não dava atenção ao seu entusiasmo. Procurava destacar-se dos demais concorrentes. Tinham diante de si, agora, a última curva; cavalo e cavaleiro contornaram-na, perdendo algum terreno com o desgarro ocasionado pela velocidade. Isto não foi impecilho, no entanto, para que o valente "pony" conservasse cêrca de quatro corpos de luz sôbre o segundo colocado. Estavam já na reta final, e a risca branca que indicava a chegada se fêz notar no solo coberto de areia. A vinte metros da chegada, Sam olhou para trás, divisando o filho de Urso Enfeitado em terceiro lugar, a uns oito corpos. Os gritos da multidão eram, agora, ensurdecedores e Sam, após cruzar a linha de sentença, relaxou a pressão das pernas, deixando que o animal caminhasse a passo alguns metros, a fim de se recuperar do esfôrço dispendido. Voltou, então, enquanto a multidão o aclamava. Em seguida, a trote, seguiu para o pavilhão dos juízes.

Ali, fêz o cavalo empinar duas vêzes, como sempre o acostumara. A multidão recebeu-o com palmas. Um dos juízes estendeu-lhe um saquinho contendo três notas de cinco dólares. O "speaker" anunciou pelo microfone:

— "Sam-Ôlho-de-Águia", o vencedor!

Novas palmas, novos gritos de alegria.

De volta ao estábulo, Urso Enfeitado já o esperava, segurando as rédeas do cavalo que chegara em terceiro lugar, enquanto seu filho estava de pé ao seu lado.

— Você ganhou um bom cavalo — falou o **Wood Cree**.

O jovem Sam moveu a cabeça em sinal de assentimento. Respondeu em seguida:

— Não quero o cavalo! Minha aposta foi feita apenas no sentido de conseguir a amizade do senhor e de sua família. O animal ficará em muito boas mãos, se continuar a pertencer ao seu filho.

Urso Enfeitado olhou-o bondosamente, enquanto um sorriso brotava nos lábios do índio das montanhas, que tão brilhantemente conseguira o terceiro lugar na corrida.

— **Hai!** — exclamou o velho índio, levantando um braço. — Reina, então, a amizade entre as nossas famílias!

Após alguns segundos de silêncio, o pele-vermelha tornou a falar:

— Se quiser uma tenda nas montanhas, no próximo inverno, mandarei armá-la para você, com o maior prazer!

— Muito obrigado, mas tenho algum dinheiro economizado justamente para isso. No entanto, necessitarei de amigos, já nas montanhas, longe de minha gente; e precisarei também de algo mais. Tenho um cobertor, mas preciso de alguém para partilhá-lo!

O velho "Ôlho-de-Águia", que se aproximara, parando ao lado do filho, riu satisfeito e, dirigindo-se a Urso Enfeitado, falou:

— Parece que meu filho já se tornou um homem perfeito. Que tal o estratagema dêle? Creio que devemos recompensá-lo com a união de nossas famílias.

— Estou orgulhoso do pedido! Sam poderá fazer sua escolha esta noite!

O jovem Sam mal podia contar a alegria, ao voltar para o acampamento. Horas depois, todos já haviam retornado, e os fogos começavam a brilhar no acampamento, enquanto todos comentavam os acontecimentos da tarde. A mãe de Ôlho-de-Águia, sabedora de sua intenção de casar, correra até ao local em que se encontravam as mulheres **Wood Cree**, a fim de saber alguma coisa a respeito das filhas de Urso Enfeitado. Enquanto isto, o velho "Ôlho-de-Águia" espalhava a notícia de tenda em tenda, de grupo em grupo.

Enquanto o jantar era preparado, as três filhas de Urso Enfeitado eram adornadas condignamente, para que o jovem Sam pudesse escolher uma delas como espôsa. Uma vez convenientemente vestidas para a cerimônia, passaram a fazer uma fogueira, distinta das demais, que serviria para aquecer o novo chefe de família que naquela noite apareceria.

Finalmente, teve início a cerimônia. A mais velha das três irmãs trouxe a comida, que preparara no intervalo entre a corrida e a cerimônia, até à fogueira isolada, na qual Sam se achava sentado. Como êste não fizesse menção de aceitar as oferendas, ela retornou à tenda de seus pais.

Em seguida, veio a segunda filha de Urso Enfeitado, sorrindo, com o prato contendo iguarias numa das mãos; ela parecia achar graça das tradições observadas entre os peles-vermelhas. Mais uma vez, o rapaz recusou as oferendas.

Finalmente, a filha mais nova do índio das montanhas, a bela Tula, encaminhou-se para a fogueira, ao pé da qual Sam estava sentado, trazendo a comida que havia preparado. Os olhos da jovem brilharam de satisfação, quando o índio se levantou, aceitando a comida que ela oferecia. Em seguida, ambos se sentaram e Sam começou a comer. Isto terminou a cerimônia, e os mais idosos antecederam os mais jovens, nos votos de felicidade e na oferta de presentes. As crianças passaram a cantar, dançando em tôrno das fogueiras e até mesmo os cães começaram a ladrar, como a sentir o excitamento que se apossara daquela gente.

O jovem "Sam-Ôlho-de-Águia", contente com tudo o que lhe ocorrera, desde a volta da escola, enlaçou a bela índia, como a antever os bons momentos de felicidade que ambos teriam, quando o grupo de Tula voltasse para as montanhas.

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM JUNHO DE 1953

1 — SEGUNDA-FEIRA — A rainha Elizabeth II concede condecorações, distinguindo principalmente os súditos que trabalharam para o brilho da festa da coroação. — O observatório Meteorológico de Londres prognostica mau tempo para o dia da coroação. ★ Em Tóquio, noticia-se que o presidente sul-coreano também aceitaria o armistício nos têrmos propostos, se os Estados Unidos se comprometessem a garantir a segurança de seu país. ★ Chega a Lisboa o cruzador "Almirante Barroso". ★ O embaixador Gilberto Amado é eleito vice-presidente da Comissão Jurídica Internacional da O.N.U. ★ O ministro das Relações Exteriores oferece, no Palácio Itamarati, um almôço aos embaixadores Moniz e Aragão, Castelo Branco Clark, Mário Castelo Branco e Oscar Correia, aposentados por limite de idade. ★ Em reunião realizada na sede da A.B.I., é instalada a II Semana de Estudos dos Problemas do Menor.

2 — TÊRÇA-FEIRA — Transcorrem com extraordinário brilho as solenidades da coroação da rainha Elizabeth II. ★ A cerimônia da coroação, procedida na Abadia de Westminster pelo arcebispo de Canterbury, é assistida por cêrca de 8 mil pessoas, com a presença de representações de todos os países do mundo. ★ O desfile de regresso ao Palácio de Buckingham é assistido por uma multidão calculada em 400 mil pessoas. ★ Não estêve presente o Duque de Windsor, tio de Elizabeth II. ★ O sr. Foster Dulles, em sua visita ao Oriente-Próximo e à Ásia do Sul, declara que os Estados Unidos devem dar maior atenção àquelas regiões. ★ O sr. Adlai Stevenson, líder democrata, atualmente em visita ao Cairo, declara confiar numa solução pacífica da disputa anglo-egípcia. ★ Rejeitado o novo recurso interposto em favor do casal Rosemberg, acusado de fornecer documentos secretos à Rússia. ★ É marcada a data de 18 do corrente para a execução do referido casal. ★ O primeiro ministro Churchill pede o adiamento da instalação da Conferência entre os chefes dos governos da Inglaterra, França e Estados Unidos, a realizar-se no mês corrente nas Bermudas. ★ Prosseguem em São Paulo os trabalhos da I Reunião Plenária da Indústria. ★ Em Campinas, continuam as atividades do Seminário Latino-Americano, sôbre Problemas da Terra.

3 — QUARTA-FEIRA — Um magnífico colar de águas-marinhas e diamantes, com brincos iguais, é levado ao Palácio de Buckingham, pelo chefe da delegação brasileira aos festejos da coroação e pelo embaixador do Brasil, tendo sido recebido, em nome de Sua Majestade, pelo Lord Camareiro, Lord Scarborough. ★ A rainha Elizabeth II percorre os bairros pobres da zona nordeste de Londres, para começar a série de tarefas que deverá executar até o fim do verão. ★ O primeiro ministro Alcide De Gasperi adverte o eleitorado italiano de que, se as fôrças da coligação de quatro partidos não triunfarem nas eleições gerais de domingo, a Itália poderia ver-se ante a ameaça de uma guerra civil. ★ O presidente Eisenhower promete liderar a luta contra a entrada da China Comunista para a Organização das Nações Unidas, ainda que isso venha a prejudicar as possibilidades de trégua na Coréia. ★ Sob a presidência do sr. Winston Churchill, inaugura-se em Londres a Conferência da Comunidade Britânica, que examinará, durante seis dias, a situação internacional, em face da nova posição da União Soviética. ★ O embaixador do Brasil em Buenos Aires, sr.

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-3

Batista Luzardo, mantém prolongada conferência com o chanceler argentino, sr. Remorino, a respeito da execução do acôrdo comercial recentemente firmado entre os dois países. ★ O presidente da República assina decretos designando embaixadores do Brasil nos Países Baixos e em El Salvador, respectivamente, os srs. José Roberto de Macedo Soares e Décio Martins Coimbra.



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.

b) — Resgate por antecipação;

c) — Resgate por falecimento;

d) — Dividendos ou bonificações anuais;

e) — Seguros contra acidentes pessoais;

f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;

g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;

h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.

Agências e Sucursais em todos os Estados

TELEFONE: 43-3475

4 — QUINTA-FEIRA — Os círculos autorizados consideram assegurado o acôrdo para cessação da luta na Coréia. ★ Todavia, o presidente sul-coreano, sr. Syngmann Rhee, declara que o seu govêrno assinaria o armistício ùnicamente porque a isso era forçado pelos Estados Unidos. ★ A nova soberana britânica apresenta suas despedidas às delegações estrangeiras, numa brilhante recepção realizada no Palácio de Buckingham. ★ Patrulhas de enormes contingentes policiais são mobilizadas, para prevenir qualquer perturbação da ordem por motivo do pleito de amanhã, considerado decisivo para os destinos do mundo ocidental ★ Os comunistas, embora sem maiores possibilidades de vitória, antecipam, pela voz de Togliatti, que, se vencerem, revogarão o Pacto do Atlântico e todos os acordos de ajuda econômica e militar com os Estados Unidos. ★ Certas restrições impostas às relações entre os Estados Unidos e a Tchecoslováquia, pelo govêrno norte-americano, são levantadas, em consequência da libertação do jornalista William Oatis pelas autoridades tchecas.

5 — SEXTA-FEIRA — A Abadia de Westminster, onde se deu a coroação, é reaberta à visitação pública, para apreciação, por parte dos londrinos e forasteiros, da rica ornamentação, especialmente preparada para aquela cerimônia. ★ O presidente Auriol convida o sr. Georges Bidault a formar o novo gabinete francês. ★ Em discurso pronunciado na Universidade de Haverford, Estado de Pensilvânia, Sir. Gladwyn Jebb, chefe da delegação britânica às Nações Unidas, declara que não via como se opor à admissão da China Comunista, quando se aceitava a presença da União Soviética na organização internacional. ★ A Côrte de Apelação de Nova York recusa retardar a execução dos espiões atômicos, o casal Rosemberg, que continua marcada para 18 do corrente. ★ Encerram-se os trabalhos da II Semana de Estudos dos Problemas do Menor. ★ O presidente da República assina decreto designando a delegação brasileira à VII Assembléia da Organização da Aviação Civil Internacional.

6 — SÁBADO — Depois de consultar os diferentes partidos, o sr. George Bidault aceita a incumbência de formar o novo Gabinete francês. ★ Novos apelos do advogado do casal Rosemberg, no sentido de evitar a execução dos condenados à morte. De vários governos da Europa chegam à Casa Branca apelos no sentido de ser poupada a vida dos condenados. ★ Conflitos entre a Policia e operários, na zona oriental de Berlim. ★ Prossegue com grande entusiasmo a campanha eleitoral em tôda a Itália, não se registrando, apesar de tudo, os esperados conflitos, embora com as provocações dos comunistas. ★ O presidente Syngman Rhee continua a opor tenaz resistência à assinatura do armistício com os comunistas. ★ O ministro da Marinha da Argentina anuncia o propósito de seu país de estabelecer novas bases na Antártida. ★ Ligeiros tremores de terra em tôda a região norte da Turquia. ★ Recrudesce a campanha antibritânica, no Egito, em cuja zona do Canal os inglêses, apressadamente, reforçam as suas linhas de defesa.

7 — DOMINGO — Noticia-se que foi assinado um acôrdo, entre comunistas e aliados, a respeito da repatriação dos prisioneiros de guerra, adiantando-se que com isso estava livre o caminho para a conclusão do armistício na Coréia. A fixação da "linha de trégua" será o problema mais sério a vencer-se nas negociações finais. ★ A pedido do govêrno francês, é adiada a Conferência dos Chanceleres dos países da Comunidade Européia. ★ A Comissão Parlamentar das Atividades Antiamericanas resolve investigar o passado político do sr. Ralph Bunche. ★ A Rússia, em prosseguimento à sua ofensiva de paz, vai restabelecer o tráfego turístico com o Ocidente. ★ Os soviéticos suprimem medidas de contrôle em sua zona de ocupação na Áustria.

8 — SEGUNDA-FEIRA — O Gabinete sul-coreano apóia a decisão do presidente Syngman Rhee, de prosseguir na luta até a unificação da Coréia. ★ Chega a Nova York o sr. Herschel Johnson, ex-embaixador dos Estados Unidos no Brasil, que fêz referências a propósito da situação política em nosso país. ★ O almirante Álvaro Alberto declara que dentro de cinco anos o Brasil construirá o primeiro reator atômico para fins industriais. ★ Também o sr. Georges Bidault está encontrando dificuldades para a formação do novo Gabinete. ★ O presidente do Conselho designado fêz declarações em tôrno da missão de que foi incumbido, falando ainda sôbre as possibilidades de dissolução do Parlamento. ★ Noticia-se que foi extraordinàriamente diminuta a abstenção verificada nas eleições gerais realizadas na Itália. ★ A porcentagem de votantes alcançou 92% em 54 províncias e 55 capitais ★ Os primeiros resultados favorecem os partidos centristas.

9 — TÊRÇA-FEIRA — Em Pan Mun Jom, prosseguem as conversações entre as delegações da O.N.U. e dos comunistas, visando à conclusão do armistício na Coréia. ★ Na Coréia do Sul, repetem-se as manifestações contra os têrmos do armistício. ★ O ex-presidente Truman declara apoiar decididamente o presidente Eisenhower, pedindo aos norte-americanos em geral que façam o mesmo. ★ Noticia-se que o govêrno indiano se encontra disposto a romper relações com Portugal, por se negar o govêrno de Lisboa a entabolar negociações sôbre o futuro das possessões portuguêsas na Índia. ★ É divulgado que os restos mortais da Princesa Isabel e do Conde d'Eu serão transportados para o Brasil, a bordo do cruzador "Almirante Barroso". ★ A imprensa argentina tece comentários em tôrno da notícia segundo a qual embarques de café destinados à Argentina foram desviados para os Estados Unidos no pôrto de Montevidéu. ★ Uma companhia americana adquire 235 mil hectares de terra para o cultivo de café no Paraguai. ★ Churchill enaltece, na Câmara dos Comuns, a firme direção de Eisenhower nas gestões para a conclusão de um armistício na Coréia. ★ É divulgado um comunicado da Conferência dos Primeiros Ministros da Comunidade Britânica, em relação aos problemas internacionais. ★ Apresenta credenciais ao presidente da República o primeiro embaixador da Indonésia no Brasil.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

A TINTA DO LAR
TIC-TAC
A' VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

FABRICA: RUA DOIS DE MAIO, 534-A — TELEFONE: 29-0756 — RIO

10 — QUARTA-FEIRA — O presidente Syngman Rhee não responde ao apêlo de Eisenhower para que assine o armistício, o que põe em perigo o êxito do acôrdo. ★ O presidente sul-coreano insiste em que o armistício, nos têrmos em que está previsto, constituiria uma vitória para os comunistas. ★ A coalizão centrista de De Gasperi obtém uma maioria de 16 assentos na Câmara dos Deputados, mas não consegue obter uma maioria na votação total necessária para ter um contrôle decisivo. ★ Pela diferença de apenas um voto, a Assembléia Nacional francesa deixa de conferir ao sr. Georges Bidault os poderes constitucionais para formar o novo Gabinete. ★ Falando na cidade de Minneapolis, o presidente Eisenhower defende as economias que seu govêrno fêz nos gastos militares, dando, entre outras razões, o formidável adiantamento tecnológico. "Estamos vivendo — disse — uma época de revolução da ciência militar. Hoje, 25 aviões, providos de armas modernas, podem, em um só ataque, descarregar sôbre o inimigo explosivos de tal poder como os arrojados sôbre a Alemanha, por nossa fôrça aérea, durante os quatro anos da Segunda Guerra Mundial". ★ O major Salah Salem, um dos colaboradores militares de maior influência do primeiro ministro Mohammed Naguib, declara que, no caso de uma guerra mundial, o Egito não ajudará o Ocidente, enquanto as fôrças britânicas permanecessem na Zona do Canal de Suez. ★ O govêrno indiano decide fechar sua Legação em Lisboa. Essa decisão do govêrno de Nova Delhi é tomada por motivo de recusa do govêrno português em discutir a transferência de suas possessões à União Indiana.

11 — QUINTA-FEIRA — O presidente Syngman Rhee reafirma o propósito dos sul-coreanos em não colaborar com as negociações de armistício. ★ Noticia-se que os russos introduziram alterações na sua política em relação à Alemanha Oriental, suprimindo, entre outras coisas, a perseguição religiosa. ★ É também modificado o plano de funcionamento das cooperativas agrícolas. ★ Numa localidade italiana ocorre um choque entre comunistas e democratas-cristãos. ★ O primeiro ministro De Gasperi faz declarações à imprensa, quando diz que prosseguirá com a política centrista. ★ Ocorre uma rebelião de trabalhadores tchecoslovacos contra a reforma agrária implantada pelos comunistas. ★ O presidente da República concede exoneração ao sr. Álvaro de Sousa Lima e nomeia para o cargo de ministro da Viação o sr. José Américo.

12 — SEXTA-FEIRA — O sr. André Marie, de 55 anos, ex-lutador da Resistência, é o último político a ser solicitado a formar novo govêrno na França, no período de crise política iniciado há três semanas. ★ O ex-premier Edouard Herriot apela para o patriotismo de seus colegas na Assembléia Nacional francesa, exortando os parlamentares a apoiarem o dirigente socialista radical André Marie, como o novo "premier" da França, e darem à República um govêrno estável em tempos de perigo. ★ O sr. Alcide De Gasperi inicia consultas com os próceres políticos, visando a sair das dificuldades em que se colocou o govêrno, em face dos resultados do pleito de domingo último, quando não conseguiu maioria suficiente ao domínio da situação. ★ Anuncia-se que, possìvelmente, a Conferência dos "Três Grandes" se realizará antes do fim do mês, estando dependendo do programa de compromissos do presidente Eisenhower e da solução da crise política francesa. ★ A Grã-Bretanha, a França e os Estados Unidos pedem à União Soviética que apresente o texto do Tratado com a Áustria que é aceitável pelos soviéticos. ★ Respondendo a pedido de informações do Senado, o secretário da Defesa dos Estados Unidos, sr. Charles Wilson, afirma que, se a Rússia ainda não se lançou em uma guerra total, é porque ela receia o poder combinado dos Estados Unidos e de seus aliados. ★ O sr. Emmanuel Bloch, advogado do casal Rosemberg, apresenta à Côrte Suprema um quarto

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO Ltda.

Sucessora de L.B. de Almeida & Cia.
DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Oficina mecânica em geral — Fogões à gás e lenha, marca «Progresso» — Prensas para ladrilhos e escritório.

Bancos para jardim — Colunas de ferro fundido para iluminação de jardins.

IMPORTADORES DE
Chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras — T — U — e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeira.

COMUNICAM A SUA NOVA RÊDE DE TELEFONES, A SABER:

MESA TRONCO 52-2104
SECÇÃO DE VENDAS 52-2102
SECÇÃO DE VENDAS 22-0409
EXPEDIÇÃO 22-1584
SECÇÃO TÉCNICA 52-2103
CONTABILIDADE 22-1342
GERÊNCIA 22-2549

RUA DOS ARCOS, 28-42
RIO DE JANEIRO

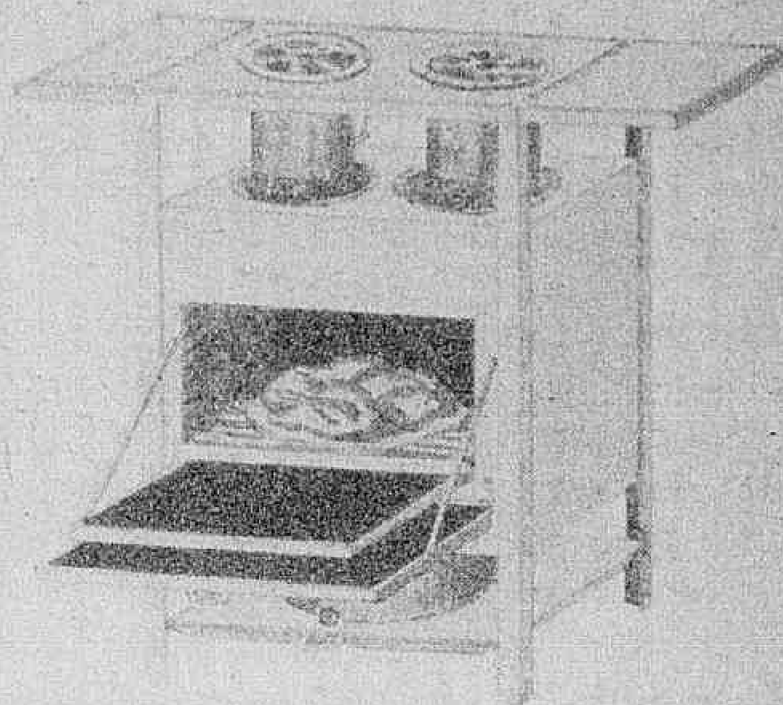
pedido de revisão do processo dos Rosemberg, que devem ser executados na cadeira elétrica no próximo dia 18 do corrente. ★ Pede exoneração do cargo de ministro da Fazenda o sr. Horácio Lafer.

13 — SÁBADO — Pelo presidente da República é assinado decreto nomeando ministro interino da Viação o sr. Francisco Mendes. ★ O presidente Eisenhower expede instruções secretas ao general Mark Clark para que contenha qualquer reação do presidente da Coréia do Sul, sr. Syngman Rhee, à execução do armistício. ★ As tropas comunistas rompem as defesas aliadas pelo menos em sete pontos diversos, depois de violenta luta. ★ O sr. André Marie adia para amanhã sua resposta ao presidente Vincent Auriol sôbre o convite para formar o novo gabinete. ★ Os partidos políticos, menos o comunista, pedem no Senado a reforma da Constituição. ★ Como resultado do último pleito, o Partido Socialista, do sr. Pietro Nenni, aliado dos comunistas, exige participação no govêrno que o sr. Alcide De Gasperi procura recompor. ★ Sabe-se que o secretário de Estado norte-americano, sr. John Foster Dulles, está preparando um plano de mediação entre a Grã-Bretanha e o Egito, na questão do Canal de Suez. ★ Fôrças do Exército, dirigidas pelo ministro da Guerra, Rojas Pinilla, que fôra demitido, desfecha um golpe de Estado na Colômbia e cercam a residência do presidente Laureano Gomez, que reassumira o cargo inesperadamente pela manhã.

14 — DOMINGO — Anuncia-se que o Comando das Nações Unidas está disposto a assinar o armistício, mesmo com a oposição do presidente da Coréia do Sul. ★ O general Rojas Pinilla, que assumiu o govêrno da Colômbia em conseqüência de um golpe de Estado, fala ao povo, dizendo dos motivos da destituição do general Laureano Gomez. É de inteira calma o ambiente em todo o território colombiano. O presidente deposto se encontra detido em sua residência. O Partido Liberal, da oposição, decide apoiar o novo govêrno. ★ Divulgados dados estatísticos acêrca dos resultados da redução das importações, pelo Brasil, de artigos procedentes dos Estados Unidos. ★ Falece nesta capital o general Afonso de Carvalho. ★ As fôrças comunistas lançam violenta ofensiva contra as posições aliadas, obtendo alguns êxitos iniciais.

15 — SEGUNDA-FEIRA — A Côrte Suprema dos Estados Unidos resolve, por 5 votos contra 4, rejeitar o pedido de adiamento da execução do casal Rosemberg, marcada para o próximo dia 18. ★ Diante da Casa Branca, realizam-se manifestações em prol da comutação da pena imposta ao citado casal, acusado de fornecer segredos atômicos à Rússia. ★ Anuncia-se que foi imponente a parada naval em honra de Elizabeth II. ★ A soberana dos inglêses passou em revista 216 belonaves de diversos países. ★ O

FOGÕES E FOGAREIROS
o gás de óleo cru ou querosene
REI



A venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5
Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

LUTO EM 5 MINUTOS
TIC-TAC
A' VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

FÁBRICA: RUA DOIS DE MAIO, 534-A — TELEFONE: 29-0756 — RIO

presidente da República assina decreto nomeando ministro da Fazenda o sr. Osvaldo Aranha. ★ Assinado decreto nomeando ministro do Trabalho o sr. João Goulart. ★ O presidente da República assina decretos promovendo a general de Divisão os generais de Brigada Ari Machado Alves, Carriel Cileno, Leônidas de Lima Botelho, Gastão de Albuquerque e Sandoval Cavalcânti de Albuquerque, e a general de Brigada os coronéis Sílvio Cordeiro de Farias e Paulo de Melo Morais. ★ Prosseguem em São Paulo os trabalhos do Seminário Latino-Americano sôbre os Problemas da Terra. ★ Instalado em Curitiba o II Congresso Brasileiro de Proteção à Infância.

16 — TÊRÇA-FEIRA — O presidente Syngman Rhee determina a mudança da capital da Coréia do Sul, de Pusan para Seul. ★ Ocorrem graves manifestações na Alemanha Oriental, motivadas pela falta de cumprimento da promessa feita pelos governantes aos trabalhadores, no sentido de que fôsse aumentada a produção mediante aumento de salários. ★ O sr. André Marie declara que aceitará o encargo de organizar o novo Gabinete francês. ★ O líder radical-socialista promete apresentar-se à Assembléia Nacional amanhã. ★ O ex-presidente Ospina Perez faz um veemente apêlo em prol da pacificação da Colômbia. São dadas amplas garantias para os chefes liberais exilados que desejem regressar à pátria. Anuncia-se que o ex-presidente Laureano Gomez deixará hoje o país com destino aos Estados Unidos. ★ Noticia-se que as alterações ocorridas no govêrno brasileiro provocaram certas inquietações nos círculos bancários e comerciais de Nova York. ★ É nomeado embaixador dos Estados Unidos no Brasil o sr. James Kemper.

17 — QUARTA-FEIRA — As autoridades russas impõem a Lei Marcial no setor oriental de Berlim, depois que os tanques e soldados do exército vermelho, com intenso fogo de suas armas, limparam as ruas, que até pouco antes haviam sido cenário de gigantescas manifestações contra o regime comunista. ★ O govêrno da Coréia do Sul, rebelando-se contra a autoridade das Nações Unidas, pôs em liberdade milhares de prisioneiros norte-coreanos anticomunistas que se encontravam presos em quatro campos de concentração. ★ Julius e Ethel Rosemberg, espiões atômicos condenados à morte, conseguem que sua execução, marcada para hoje, fôsse suspensa, por deliberação do ministro da Côrte Suprema, William Douglas. Mas o govêrno dos Estados Unidos, imediatamente, entra em ação, com o objetivo de conseguir anulação dessa decisão pela Côrte Suprema em conjunto. ★ Segundo se anuncia, o socialista-radical André Marie tentará formar o 19º govêrno de após-guerra, como presidente do Conselho de Ministros, depois de se haver convencido, após uma semana de negociações, de que obterá os 314 votos necessários para a respectiva confirmação. ★ O Partido Trabalhista Britânico promete à Grã-Bretanha uma nova vida socialista, com novas medidas da nacionalização, direção governamental e independência da ajuda dos Estados Unidos, se derrotar os conservadores de Winston Churchill e voltar ao poder. ★ A greve dos marítimos norte-americanos paralisou todos os navios mercantes do país, exceto os que transportam carregamentos militares, tanto no Atlântico como no Pacífico. ★ Um aparelho da Panair explode no ar, antes de aterrissar no aeroporto de Congonhas. Morreram 17 pessoas.

18 — QUINTA-FEIRA — O presidente sul-coreano, cujas manifestações contra os têrmos do armistício na Coréia são conhecidas, toma uma decisão hostil contra as Nações Unidas, mandando libertar 25 mil prisioneiros norte-coreanos não-comunistas. O fato, que foi comunicado à delegação comunista, tem profunda repercussão no seio das nações aliadas, por constituir uma séria ameaça à conclusão do armistício. ★ Londres e Washington recebem como grave a decisão do sr. Syngman Rhee libertando 25 mil prisioneiros norte-coreanos. ★ Churchill declara-se apreensivo com as consequências que pode acarretar a atitude do presidente da Coréia do Sul. ★ Na Casa Branca há uma reunião secreta do presidente Eisenhower com os seus auxiliares imediatos. ★ As autoridades da zona oriental de Berlim tomam medidas drásticas contra os manifestantes, tendo inclusive fuzilado diversos chefes do movimento. ★ Um gigantesco avião "Globemaster", de três andares, cai ao solo quando regressava do Japão para a Coréia, conduzindo 120 militares norte-americanos que se encontravam em férias. No triste desastre pereceram todos êsses militares e os 7 membros da tripu-



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

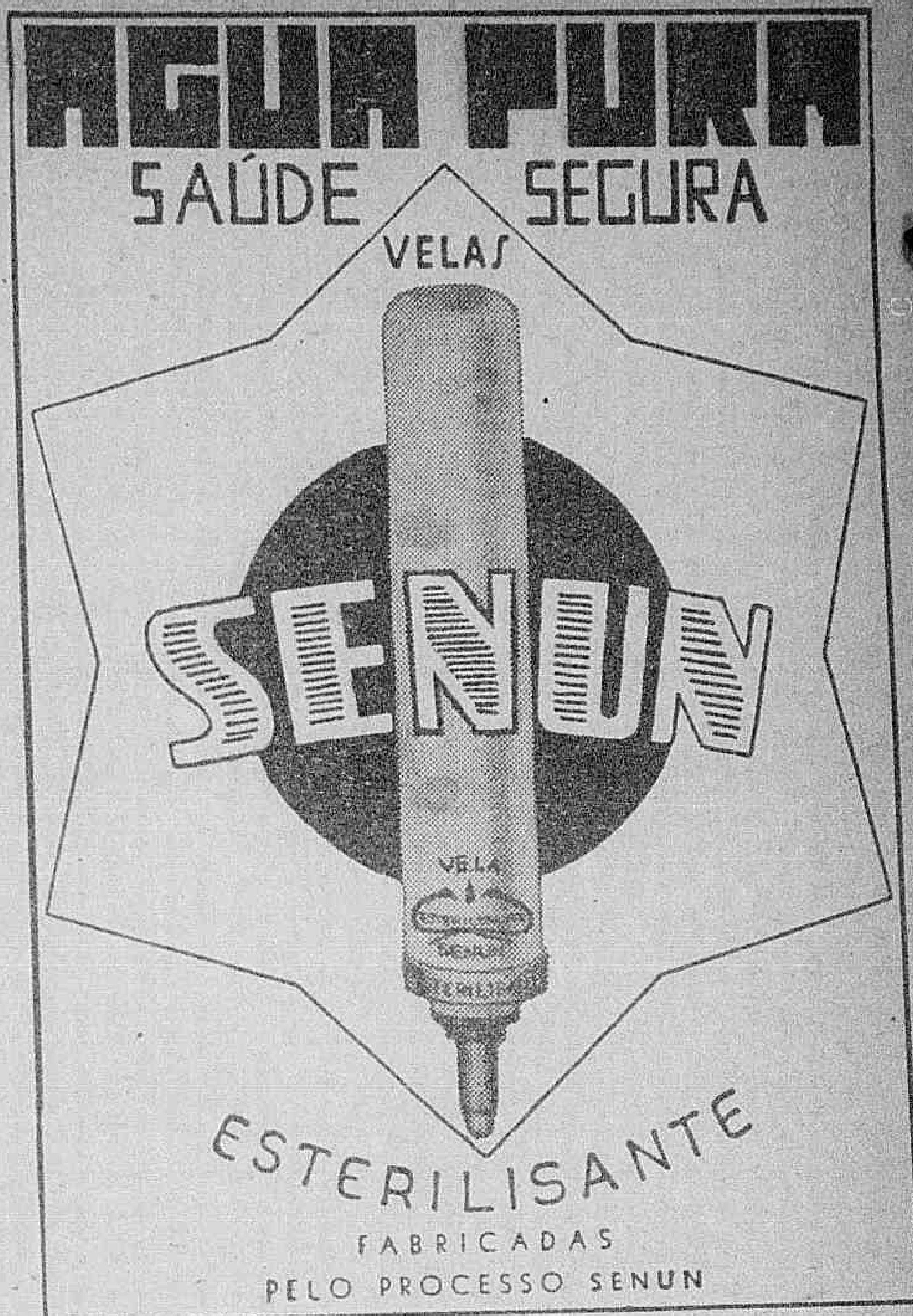
Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



lação do aparelho. ★ Proclamada a República no Egito, elevando-se a presidente o general Naguib, que acumulará as funções com a de primeiro ministro. Todos os membros da família real são despojados de seus títulos nobiliárquicos. ★ O govêrno brasileiro reconhece o novo govêrno da Colômbia. ★ Em solenidade realizada no Palácio da Fazenda, toma posse o novo ministro, sr. Osvaldo Aranha. ★ Toma posse o novo ministro do Trabalho.

19 — SEXTA-FEIRA — O casal Rosemberg — Julius e Ethel — condenado por espionagem atômica, é executado na cadeira elétrica, após haver a Côrte Suprema dos Estados Unidos cassado o "sursis" que lhe fôra concedido pelo juiz Douglas, e em seguida à recusa, pelo presidente Eisenhower, de favorecê-lo com a clemência. ★ O presidente Eisenhower responsabiliza o presidente da Coréia do Sul pela libertação de milhares de prisioneiros, feita com o propósito de criar dificuldades à assinatura do armistício, que, esperada para hoje, terá que ser adiada. ★ Desafiando a Lei Marcial e os pelotões de fuzilamento com que as autoridades soviéticas tentam intimidá-los, os operários da parte soviética da Alemanha continuam ausentes do trabalho. ★ É libertado e devolvido à Alemanha comunista o vice-presidente do Conselho dessa parte ocupada pelos russos e que se refugiara no setor norte-americano. ★ Fracassadas tôdas as tentativas para a formação do novo Gabinete, o presidente Vincent Auriol confia a uma comissão extraordinária apolítica, a elaboração de um programa de govêrno, até que seja possível remover a presente crise. ★ O general Naguib proclama a República no Egito, cassando todos os direitos e propriedades aos membros da realeza. ★ O sr. José Américo, governador licenciado do Estado da Paraíba, toma posse no cargo de ministro da Viação.

20 — SÁBADO — Os delegados comunistas, por meio de uma enérgica nota dirigida ao general Mark Clark, comandante das Nações Unidas no Extremo-Oriente, exigem a captura dos 25.000 prisioneiros de guerra anticomunistas norte-coreanos que foram postos em liberdade pelo govêrno da Coréia do Sul. Os delegados comunistas suspendem ainda seus preparativos para a assinatura do armistício, em consequência da libertação dêsses prisioneiros. ★ A situação da parte oriental de Berlim tende a normalizar-se, depois da série de distúrbios ali verificados, devendo-se o restabelecimento da ordem à presença de consideráveis reforços soviéticos mandados à pressa para sufocar a greve e a rebelião operárias. ★ A família do casal Rosemberg, executado na cadeira elétrica como espiões, reclama os corpos. Os filhos do casal são recolhidos por um fazendeiro norte-americano. ★ Repetem-se nos Estados Unidos, na Europa e em outras partes do mundo manifestações de protesto contra a execução. ★ A Comissão de Negócios Estrangeiros recomendou que uma soma de 40.342.000 dólares seja votada para o programa de auxílio militar e econômico aos países da América Latina. ★ A Grã-Bretanha efetuará uma explosão atômica na Austrália, em princípios do ano próximo. Será





FÁBRICA: RUA DOIS DE MAIO, 534-A — TELEFONE: 29-0756 — RIO

ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!

CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRAKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE

Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO

300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00

A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS À EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO

essa a "maior explosão" de sua natureza levada a cabo até agora. ★ O cruzador brasileiro "Barroso" zarpa do Havre, de regresso, conduzindo os restos da Princesa Isabel e de seu espôso, o Conde d'Eu. ★ O presidente da República assina decreto nomeando superintendente dos Serviços de Navegação da Amazônia e da Administração do Pôrto do Pará o capitão-tenente Luciano Caertner de Vasconcelos.

21 — DOMINGO — O general Mark Clark declara-se esperançado de que dentro em breve será assinado o armistício na Coréia. ★ O presidente Eisenhower envia uma mensagem secreta ao presidente da Coréia do Sul. ★ Os altos comissários dos países ocidentais para a Alemanha reúnem-se em Bonn, com o intuito de examinar a situação na zona ocupada pelos soviéticos. ★ O "Financial Times" tece comentários em tôrno do declínio da exportação britânica para o Brasil, Argentina e outros países. ★ O primeiro ministro Churchill envia enérgico protesto ao presidente Synghman Rhee, contra a libertação dos prisioneiros norte-coreanos.

22 — SEGUNDA-FEIRA — O chanceler Adenauer faz um apêlo aos ocidentais em prol da libertação de seus compatriotas da zona russa. ★ Os comunistas prometem melhorar a situação dos trabalhadores da Alemanha Oriental, a fim de sanar o descontentamento reinante. ★ Noticia-se que o primeiro ministro do Egito, general Naguib, e o primeiro ministro do Paquistão, Mohammed Aly, realizam entendimentos para o reinício das conversações anglo-egípcias. ★ O presidente da República assina decreto resolvendo considerar promovido ao pôsto de marechal o general de Exército da Reserva Pedro Alcântara Cavalcânti de Albuquerque. ★ É instalada definitivamente mais uma colônia de imigrantes holandeses na cidade de Castro.

23 — TÊRÇA-FEIRA — O presidente Syngman Rhee promete assinar o armistício na Coréia, com a condição de serem retiradas as fôrças chinesas e que o pacto de segurança com os Estados Unidos seja assinado antes da trégua. ★ Na zona ocidental da Alemanha ocorrem novas manifestações anticomunistas, inclusive assaltos a sedes do Partido Unitário Socialista. ★ Divulga-se que foram recebidas satisfatòriamente, nos círculos norte-americanos, as declarações proferidas pelo sr. Osvaldo Aranha, por ocasião de sua posse como ministro da Fazenda. ★ Após conferenciar com os líderes de diversos partidos, o sr. Antoine Pinay desiste do encargo de formar o novo Gabinete. ★ O govêrno russo resolve levantar as restrições para a visita de estrangeiros a diversos pontos do país. ★ Chega ao Rio o sr. Gabriel Gonzalez Videla, ex-presidente do Chile.

24 — QUARTA-FEIRA — Os três altos comissários aliados repelem as acusações soviéticas de que agentes ocidentais provocaram os distúrbios ocorridos no setor oriental de Berlim, e reiteram seus pedidos no sentido de que seja revogado, quanto antes, o isolamento que os russos determinaram entre os dois setores da cidade. ★ O sr. Joseph Laniel, designado pelo presidente Vin-

AMARALINA

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA À VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

O PREÇO DE "AMARALINA" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a M. M. BURLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

AGORA
o tricô já
não me causa
tonteiras!...



O que supus fôsse velhice, era ùnicamente debilidade orgânica. E depois de tomar Emulsão de Scott readquiri minhas fôrças, tornei-me robusta, sadia. Emulsão de Scott é a mais completa combinação do melhor óleo de fígado de bacalhau com cálcio e fósforo! Fortifica e nutre e não contém álcool!



EMULSÃO
DE SCOTT

cent Auriol para formar o novo govêrno, aceita a incumbência, devendo apresentar-se à Assembléia Nacional amanhã, para obter a confirmação no cargo de presidente do Conselho de Ministros. ★ O Senado americano aprova, sem debates, a indicação do sr. James S. Kemper para embaixador no Brasil. ★ Repercute bem nos meios bancários norte-americanos a definição de política econômica do ministro Osvaldo Aranha. ★ O Banco de Exportação e Importação autoriza a entrega da segunda prestação, de sessenta milhões de dólares, do empréstimo de trezentos milhões concedido ao Banco do Brasil. ★ Anuncia-se que trezentas enfermeiras norte-americanas comparecerão ao 10º Congresso Internacional de Enfermeiras, a realizar-se em Petrópolis, entre 12 e 18 de julho próximo. ★ O presidente da República concede exoneração ao sr. Francisco Negrão de Lima do cargo de ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, nomeando, para o mesmo cargo, o sr. Tancredo de Almeida Neves; e ao sr. Ernesto Simões Filho, do cargo de ministro de Estado da Educação e Saúde, nomeando para o mesmo cargo o sr. Antônio Balbino de Carvalho Filho. ★ Regressa ao seu país a Missão Econômica da Venezuela. ★ Na estação de Vieira Fazenda, verifica-se um choque de trens, com numerosos feridos.

25 — QUINTA-FEIRA — O general Mark Clark declara que o objetivo das Nações Unidas é a unificação pacífica da Coréia, após a assinatura de um armistício honroso. ★ Chega a Seul o sr. Walter Robertson, portador de uma mensagem do presidente Eisenhower ao presidente Syngman Rhee. ★ Em virtude da redução nas importações, cai o montante de títulos emitidos por exportadores norte-americanos contra o Brasil. ★ Os círculos comerciais de Londres declaram prever, para um futuro próximo, a baixa dos preços do café. ★ John Christie, acusado de ter assassinado sete mulheres, é condenado à morte. ★ Os candidatos ao govêrno da Itália, srs. Giovanni Grouchi e Cesare Merzanona, são eleitos, respectivamente, para presidente da Câmara dos Deputados e do Se-



Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem fôrças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pílulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pílulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante

Pílulas
DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pílulas
O grande é mais econômico

nado. ★ Regressa a Roma o primeiro ministro De Gasperi. ★ Termina a greve dos marítimos. ★ Falece o jornalista Heitor Guedes de Melo. ★ O govêrno brasileiro reconhece a República do Egito.

26 — SEXTA-FEIRA — O presidente Eisenhower está decidido a manter as tropas americanas na Coréia, para que estas garantam o cumprimento do acôrdo. ★ As Nações Unidas repelem a idéia de convocar-se a Assembléia Geral para tratar do problema coreano. ★ Dez mil a quinze mil comunistas atacam as posições sul-coreanas nas frentes oriental, ocidental e central, e lutam desesperadamente para manter-se no terreno conquistado, quando os sul-coreanos contra-atacam, para repelir a maior investida vermelha da última semana. ★ Por 393 votos, muito mais do que necessitava, contra 206 e 23 abstenções, o sr. Joseph Laniel recebeu a investidura da Assembléia Nacional francesa para formar o novo govêrno, pondo fim, de tal modo, à crise ministerial mais prolongada da história da França. ★ O presidente Eisenhower manifesta a opinião de que os últimos distúrbios verificados na Alemanha Oriental vieram trazer novo ânimo aos povos de todo o mundo, que nêles poderão inspirar-se na sua luta contra a opressão e na defesa da liberdade. ★ A República Federal Alemã e o Brasil firmam um tratado comercial, que tem por fim melhorar o convênio atual de pagamentos e reforçar as medidas que os alemães adotaram para fomentar o comércio. ★ O sr. Guilherme de Araújo, conselheiro comercial da Embaixada do Brasil em Washington, declara em Nova York que o rápido desenvolvimento de uma economia equilibrada no Brasil dependerá de muito maior volume de inversões de capital americano. Toma posse do cargo de ministro da Justiça o sr. Tancredo Neves. ★ Assume as funções de ministro da Educação o sr. Antônio Balbino. ★ No Palácio Itamarati, são assinados com os Estados Unidos acordos sôbre cooperação agrícola e assistência técnica à média e pequena indústria.

27 — SÁBADO — A conferência que os "Três Grandes" — França, Inglaterra e Estados Unidos — deviam realizar nas Bermudas é novamente adiada, porque o sr. Winston Churchill, primeiro ministro britânico, entrou em um período de descanso, aconselhado pelos médicos, em sua casa de campo de Chartwell, Kent. ★ O general Mark Clark e o enviado especial do presidente Eisenhower à Coréia conseguem abrandar a resistência do chefe do govêrno sul-coreano. ★ Enquanto isso, o embaixador das Filipinas em Washington, general Carlos Romulo, ex-presidente da Assembléia Geral da O.N.U., declara que o fato de não se assinar um armistício na Coréia poderá acarretar a explosão de uma terceira guerra mundial. ★ O primeiro ministro, sr. Joseph Laniel, organiza o novo Gabinete francês, com a participação de tôdas as correntes políticas, exceto os comunistas e socialistas. ★ Manteve o presidente do Conselho o sr. Georges Bidault na pasta do Exterior, a fim de garantir a continuidade da política externa do país. ★ Os comunistas da Ale-





acaba com as Brotoejas


JOÃO FREY

Alivio rápido para
HEMORROIDES


Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

manha Oriental começam a fazer grandes concessões ao comércio e aos trabalhadores, num esfôrço para obter que apoiem o govêrno, o qual ainda se acha no poder graças à presença ameaçadora de 300.000 soldados russos. ★ O embaixador Batista Luzardo desmente em Buenos Aires os rumores de que teria sido chamado ao Rio. ★ O ex-ministro da Educação do Brasil, sr. Ernesto Simões Filho, pronuncia o discurso final na Conferência Pró-Paz Cristã, que ontem encerrou suas sessões em Roma. ★ O presidente da República assina decretos promovendo a general de Divisão os generais de Brigada Rafael Danton Carrastani Teixeira e Tasso de Oliveira Tinoco, o primeiro comandante da Artilharia de Costa da 1ª R.M. e o último assistente da Escola Superior de Guerra. ★ Chega ao pôrto desta capital, capitaneado pelo encouraçado "Missouri", um grupo de navios dos Estados Unidos conduzindo turmas de aspirantes da Academia Naval de Annapolis e dos Centros de Treinamento de Oficiais da Reserva das universidades daquele país. ★ O comandante Edmund Wooldridge visita o chefe do Govêrno.

28 — DOMINGO — Recrudescem as greves na capital alemã, obrigando os comunistas a tomar uma série de medidas tendentes a tranquilizar a população. É enviada uma divisão de tropas com êsse objetivo. ★ A casa Branca declara que não se projeta uma reunião formal entre os ministros do Exterior das Três Grandes Potências, mas que os preparativos para conversações extra-oficiais acham-se em estado de "consulta". ★ Os comunistas rejeitam a última proposta de paz aliada. ★ O "Journal of Commerce", de Nova York, publica uma informação na qual diz que a América Latina aumentou suas reservas em dólares e ouro, em 165 milhões de dólares, em suas operações do primeiro trimestre do corrente ano com os Estados Unidos.

29 — SEGUNDA-FEIRA — O sr. Foster Dulles, interrogado sôbre uma possível visita de Lord Salisbury a Washington, declara que se alegraria muito em ver em qualquer momento o líder da Câmara dos Lords em Washington. ★ O sr. Joseph Laniel recebeu do sr. Mayer as rédeas do govêrno francês. ★ Tomando o duplo encargo dos Departamentos das Finanças e dos Assuntos Econômicos, o sr. Edgard Fauré, antigo presidente do Conselho, submeteu ao sr. Laniel um plano financeiro que o chefe do Govêrno teria aprovado. ★ O sr. Anthony Eden deixa o Hospital de Boston. ★ O ministro do Tesouro assume o cargo de chefe do Govêrno da Grã-Bretanha. ★ Por decreto de seu Gabinete, o primeiro ministro Churchill nomeia ministro interino das Relações Exteriores (Foreign Office) o marquês de Salisbury, Lord presidente do Conselho.

30 — TÊRÇA-FEIRA — O presidente Passikivi, da Finlândia, resolve dissolver o Parlamento e convocar eleições gerais. ★ A rainha-mãe, em companhia da princesa Margareth, segue de avião para a Rodésia. ★ Ocorre violenta explosão na cidade de Guatemala, demolindo um quarteirão inteiro na zona central, seguida de incêndio. ★ O Departamento de Estado, à semelhança do "Foreign Office" e do Ministério das Relações Exteriores da França, confirma que a reunião dos ministros das Relações Exteriores da França, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos será realizada em 10 de julho vindouro, em Washington. ★ Os aviões aliados batem um "record", abatendo 15 "Migs" comunistas, o que eleva o total dos "Migs" derrubados êste mês a 75, isto é, um número ainda não atingido no decurso de um mês, desde o início da guerra na Coréia. ★ O presidente da República assina decreto nomeando ministro das Relações Exteriores o sr. Vicente Ráo. ★ O presidente da República assina decreto nomeando o sr. Válder Lima Sarmanho presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico.

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS
★ FOLHETOS
★ PROSPECTOS

★ RÓTULOS
★ BULAS
★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TELEFONE 22-8647 — RIO DE JANEIRO

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIU — ANO XXXVII — Nº 3 — AGÔSTO — 1953
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Viscônde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

3º TORNEIO JULHO-SETEMBRO

ENIGMAS

— 56 —

Nesse meio do dinheiro
Oitenta ou cem ou mil contos
Jogam-se fora. Faminta,
A multidão sente o cheiro
Do festim e mais uns pontos
Aperta, coitada, a *cinta*.

Asclepios (Rio)

———

— 57 —

Ofereço-lhe esta flor
Esta flor quase em botão;
Que não a mate o calor
Que existe em seu coração.
Ah! esta flor, esta flor!
É um simbolo, uma ilusão:
Não tem perfume nem côr...
E é uma flor... Que *confusão!*
Onde?

Plá (Rio)

———

— 58 —

Você remou na beirada...
Embora fôsse no escuro,
Cobrando a conta com juro
Remei no meio... De nada
Serviu a minha façanha:
Você, que remou primeiro,
As palmas e o prêmio ganha...
Parece até coisa estranha,
Mandinga de *feiticeiro.*

Lutércio (Rio)

———

— 59 —

A quem me ouve eu explico,
Com a lealdade mais pura,
Que no mundo o mexerico,
Merece forte censura.

E mais censura merece,
Neste grande turbilhão,
Quem, distante duma prece,
Prefere a *provocação.*

Gil Virio (Andradina)

———

CHARADAS NOVÍSSIMAS

60 — Uma-quatro — O *simbolo do indio* confundia-se com os sinais da temperatura, não se sabendo quando vai haver *mau tempo.*

Acobar (Maceió)

———

61 — Duas-uma — Aquela *mulher tagarela* é professôra; quando ela *ensina*, ouve-se, mesmo de longe, uma *vozearia confusa.*

Asclepios (Rio)

62 — Duas-uma — *Comer* carne assada ao *sol* é ato de quem tem *pouca disposição para o trabalho.*

Bigi Neto — C.E.C. (Rio)



LAXANTE SUAVE!

Eficaz alcalinizante! Ideal antiácido e estomacal



Para adultos ou crianças, ENO satisfaz.

A VENDA EM TRES TAMANHOS

"SAL DE FRUCTA"

ENO

63 — Uma-uma-três — *Odin* não é o *meu poderoso guerreiro.*

Cysneirense Junior

———

64 — Uma-uma — Ao "*branco*" perdido na floresta, quase nu, os índios ofereceram *pesada camisola comprida* de couro de jacaré.

Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

———

65 — Três-uma — Não *vence* na vida a pessoa que *manifesta* ser *preguiçosa.*

Dr. Zinho (S. Paulo)

———

Ao companheiro Valério Vasco:

66 — Duas-uma — Mesmo que *renda a pouco e pouco, o gatilho* ainda está bom.

D'Ávila (Pará de Minas)

———

67 — Duas-duas — Aquêle cidadão se *prepara* com *forte* disposição para acabar com a *intriga.*

Gil Virio (Andradina)

———

Aos confrades mineiros:

68 — Duas-uma-duas-três — Ora! *Pessoa de grande habilidade* também erra ao anotar a "*passagem*" do *número* das *memórias* dos autores célebres, escrevendo uma *coisa muito dificil* de se entender.

Heron Selpes (Canavieiras)

———

69 — Duas-uma-três — Ao sair do *presidio* teve *lugar*, oficiada por uma *autoridade eclesiástica*, a cerimônia do *casamento.*

Jomaque — C.E.C. (Rio)

———

70 — Uma-uma — Se não *dás como verdadeiro* o meu amor por ti, *após* tanta ausência, que me dizes das *rugas* que me trouxe a saudade?

KTQZ (S. Paulo)

71 — Duas-duas — Êle se *esconde* para que não *termine* apanhando com a *clava*.

Seamva (Santos)

---

72 — Três-uma — O que mais *remexe* com a gente é o *remorso*, *que agita* a própria alma.

Zytho (Rio)

Aos charadistas marujos:

73 — Duas-duas — Na *área da primeira coberta do navio* dois marinheiros desfaziam um *nó falso num cabo de embarcação*, enquanto se preparavam para um *piquenique*.

Bigi Neto — C.E.C. (Rio)

LOGOGRIFO — 74

(*Ao ilustre Conselheiro, grato por Libração*)

Quando a pessoa é *estúpida*
— 5-9-2-8-7
Sem nenhuma *perfeição*
— 3-6-9-7-5
Assim, tal qual eu o sou,
Sempre recebe u'a lição.

Se *agravo* ela cometer
— 1-9-2-3-6-4
É por fraca inteligência
Num *grêmio*, se aparecer
— 2-9-8-3-5
É aceita com *negligência*.

Bisilva (Manaus — Amazonas)

CHARADAS SINCOPADAS

75 — Três (duas) — *Ganha* boa *reputação* quem age com consciência.

Conde de la Fére (Salvador)

---

76 — Três (duas) — O *jaquetão* foi levado pelo *ladrão do mar*.

Carsioli (Angico-Mairi — Bahia)

76-A — Três (duas) — Hoje, *ter demanda* em juizo já não é questão de ter direito, mas de *ter sorte*.

Conselheiro (R. G. do Norte)

---

77 — Três (duas) — Depois da *desordem* não encontrei mais o meu *saco de couro para roupa e que, em viagem, se amarra à garupa*.

Eden G. Monteiro (Cuiabá)

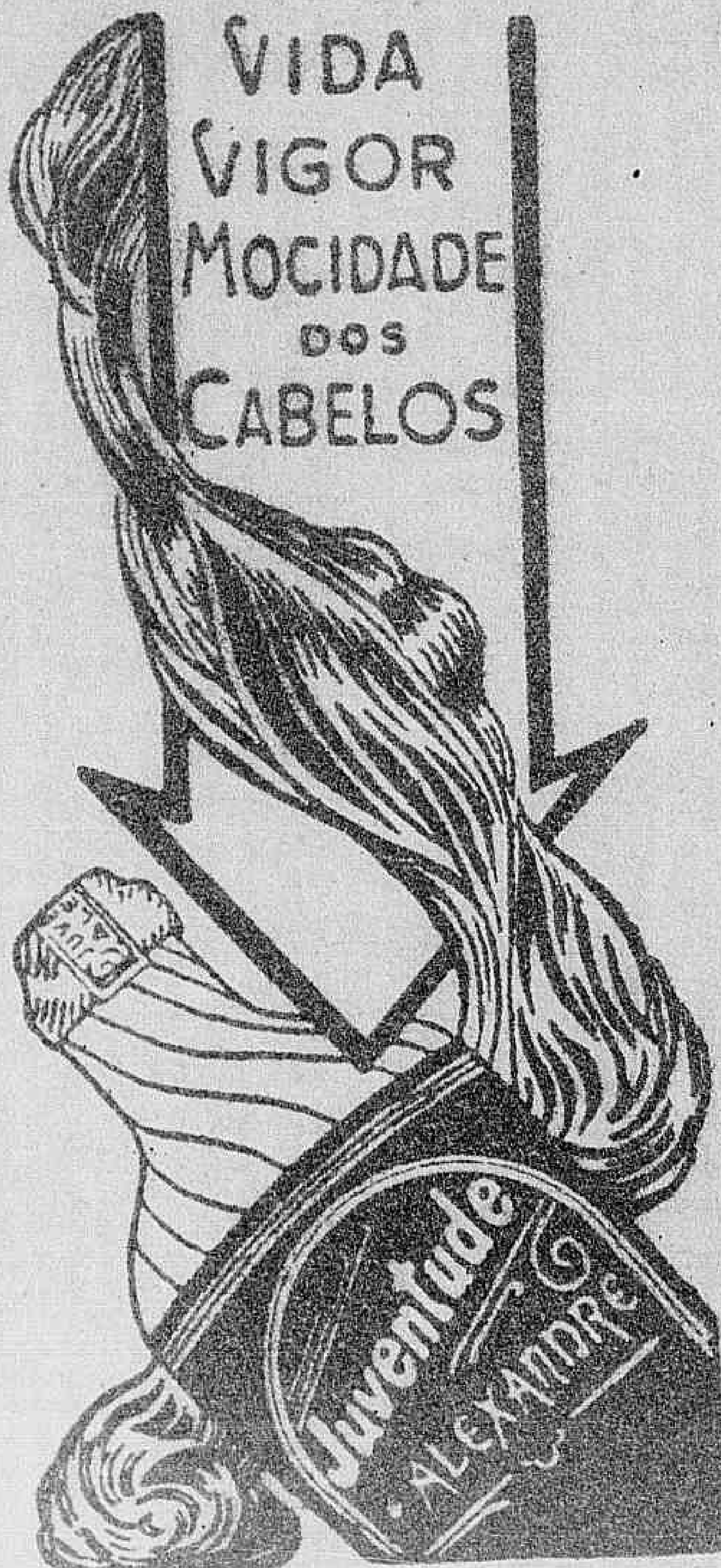
---

78 — Três (duas) — O *fraco* dos garções é a *gorjeta*.

El Principe (Uberaba)



JUVENTUDE
ALEXANDRE



79 — Três (duas) — Será que todo *homem muito gordo* morre *depressa?*

Emidlej (Salvador)

---

80 — Três (duas) — Vi tôda a *patuscada* pela *janelinha* arqueada da tôrre pequena.

Fiote (Cuiabá)

---

81 — Três (duas) — Com todo *afã* trabalhei no *pilão cilíndrico usado no serviço dos calceteiros*.

Gumercindo Leite (Alag. Grande)

---

82 — Três (duas) — É *fabuloso* o que dizem do *diabo*...

O Sineiro (S. Paulo)

---

83 — Três (duas) — A minha "*secretária*" é o *diabo* vestido de gente.

Sertanejo II (Lavras)

---

84 — Três (duas) — *Coisa muito boa* só se *obtém por acaso*.

Zigomar — B.B. (B. Horizonte)

---

85 — Três (duas) — É *vulgar* o homem que trouxe o *recado*.

Guilherme Tell (Rio)

---

86 — Três (duas) — O botânico *colhe* plantas para estudo e depois *classifica* em espécie.

Eva Dio (Rio)

CHARADAS ANTIGAS

— 87 —

Quem *causa a morte* a um vi-
[vente, — 2
Sem *pretexto*, tão sòmente — 1
Por torpe *bajulação*,
Cumprir mandado de alguém,
Viverá, sempre, também,
Sob negra maldição.

Mascobei (Bahia)

— 88 —

Quem *prefere* estar deitado — 2
A ajudar os *companheiros*, — 2
Merece ser apontado
Vagabundo entre os primeiros.

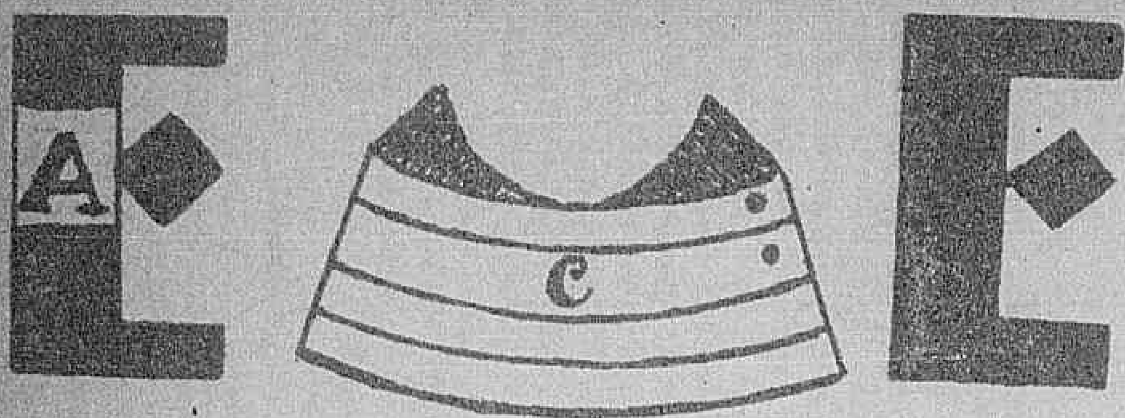
J.D.M. (Bahia)

CHARADAS CASAIS

88-A — Três — A *cancela* estava sem o *guarda portão* quando houve o desastre.

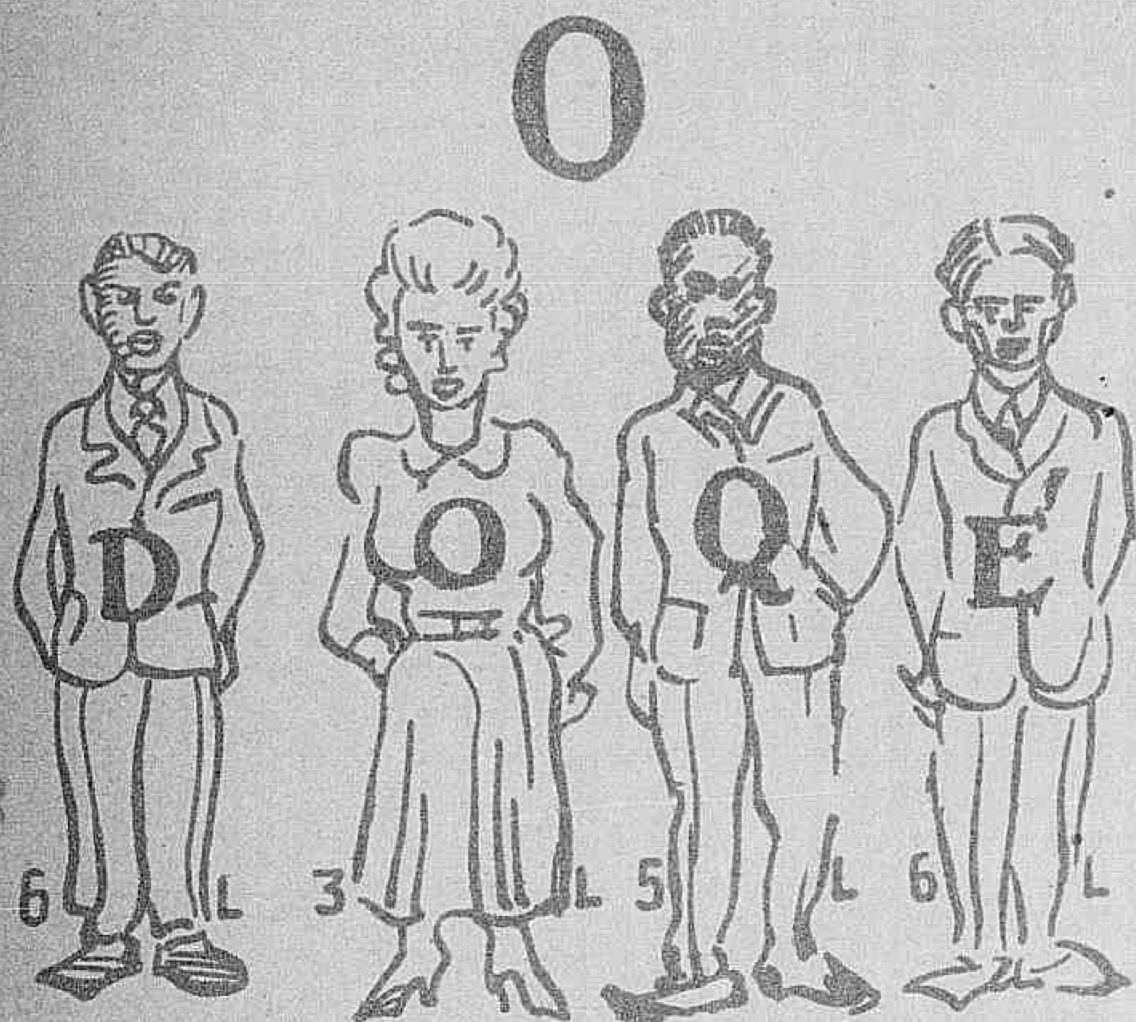
José Balsamo (Rio)

ENIGMA PITORESCO — 104



Sotnas (Rio Grande)

ENIGMA FIGURADO — 105



Segon (Rio)

---

89 — Duas — Nada me *satisfaz* quando estou *aborrecido.*

Zigmar — B.B. (Belo Horizonte)

---

90 — Três — Esta mulher é muito *arrogante,* mas tem um caráter *elevado.*

Donatila Borba (Criciuma)

91 — Duas — Se a pequena que namora
Foi muito atirada outrora,
Não fique mal *satisfeito.*
Acredito que *é bastante*
Você ver se doravante
Ela se porta direito.

Gomes Junior (Maceió)

---

92 — Quatro — Um *músico de grande talento* deve possuir técnica *vigorosa.*

Nilva (Rio)

---

93 — Duas — *Pernoito* no relento por falta de um *pouso.*

Malba Tantan — P.S. — C.E.S. (Santos).

---

94 — Cinco — Sempre *arranho* o adversário quando entro na *briga em que os contendores se arranham.*

Marcimento (S. Paulo)

---

95 — Três — Ninguém resiste à *magia* de um olhar *feiticeiro.*

Matsuk (Rio)

---

96 — Três — Quando vejo um indivíduo *vaidoso,* eu também *pabulo* uma série de grandezas.

Oracim (Rio)

---

97 — Duas — É fato *corrente* que o Gomes Junior é charadista de primeira *categoria.*

Ecêbê (Maceió)

---

98 — Duas — De ôlho *entreaberto* vejo a roupa do guarda-vestido suja de *pó.*

Sertaneja (Rio)

---

99 — Três — Êste maneta perdeu *a mão esquerda* num *desastre* de automóvel.

Tony (Campo Florido)

---

100 — Três — O *agasalho* de u'a mãe *consola* sempre o coração do filho.

Velo-Vela (Rio)

---

101 — Três — Atacado por uma *grande porção* de inimigos, eu não hesito, *faço fogo contra* êles.

Asclepios (Rio)

---

102 — Quatro — Êle está *carregado de dividas* e com a casa *empenhada.*

Bisilva (Manaus)

---

103 — Duas — Com o *trem de cozinha* veio uma *garrafinha de barro vidrado para medicamentos.*

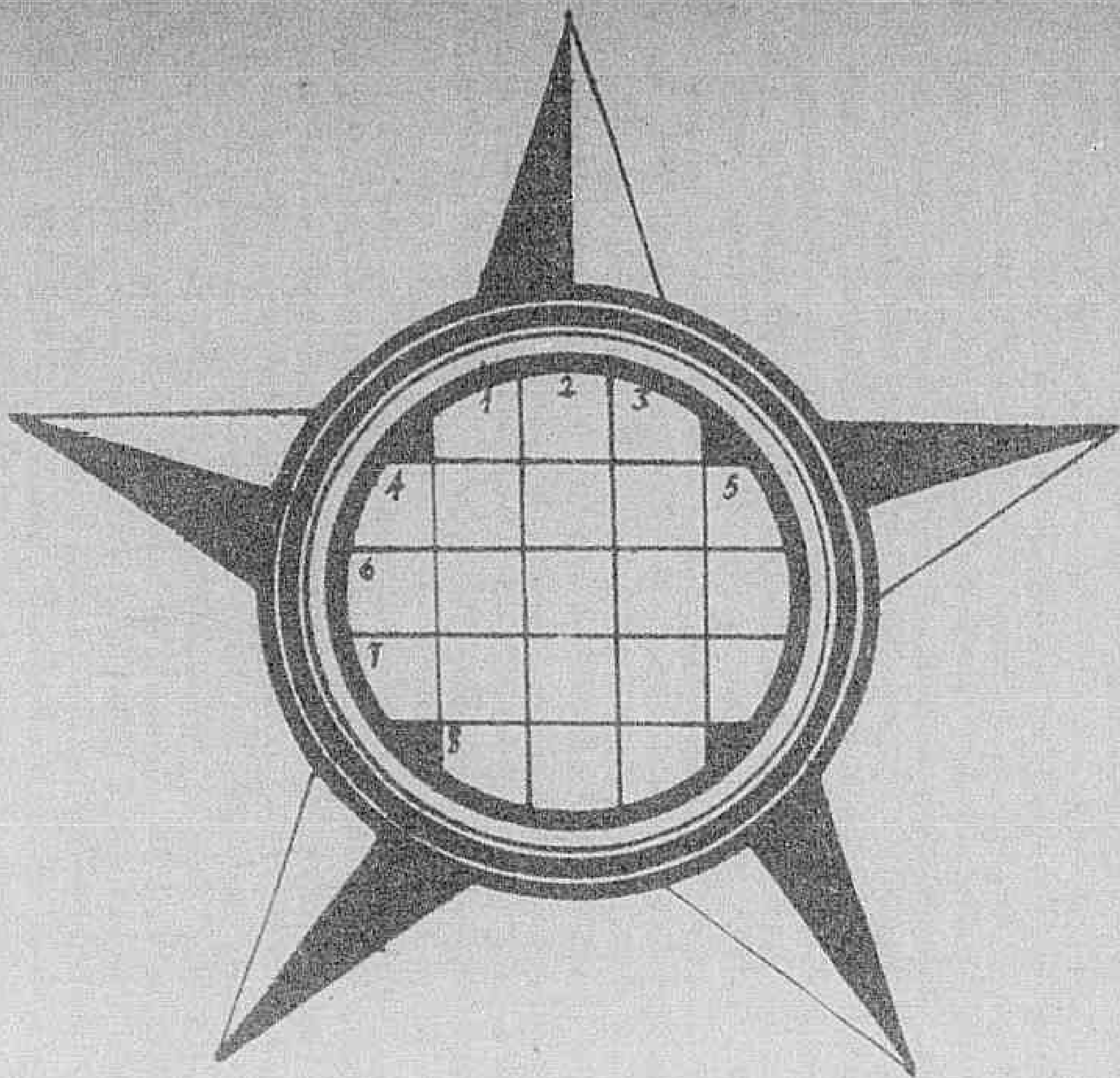
José Balsamo (Rio)

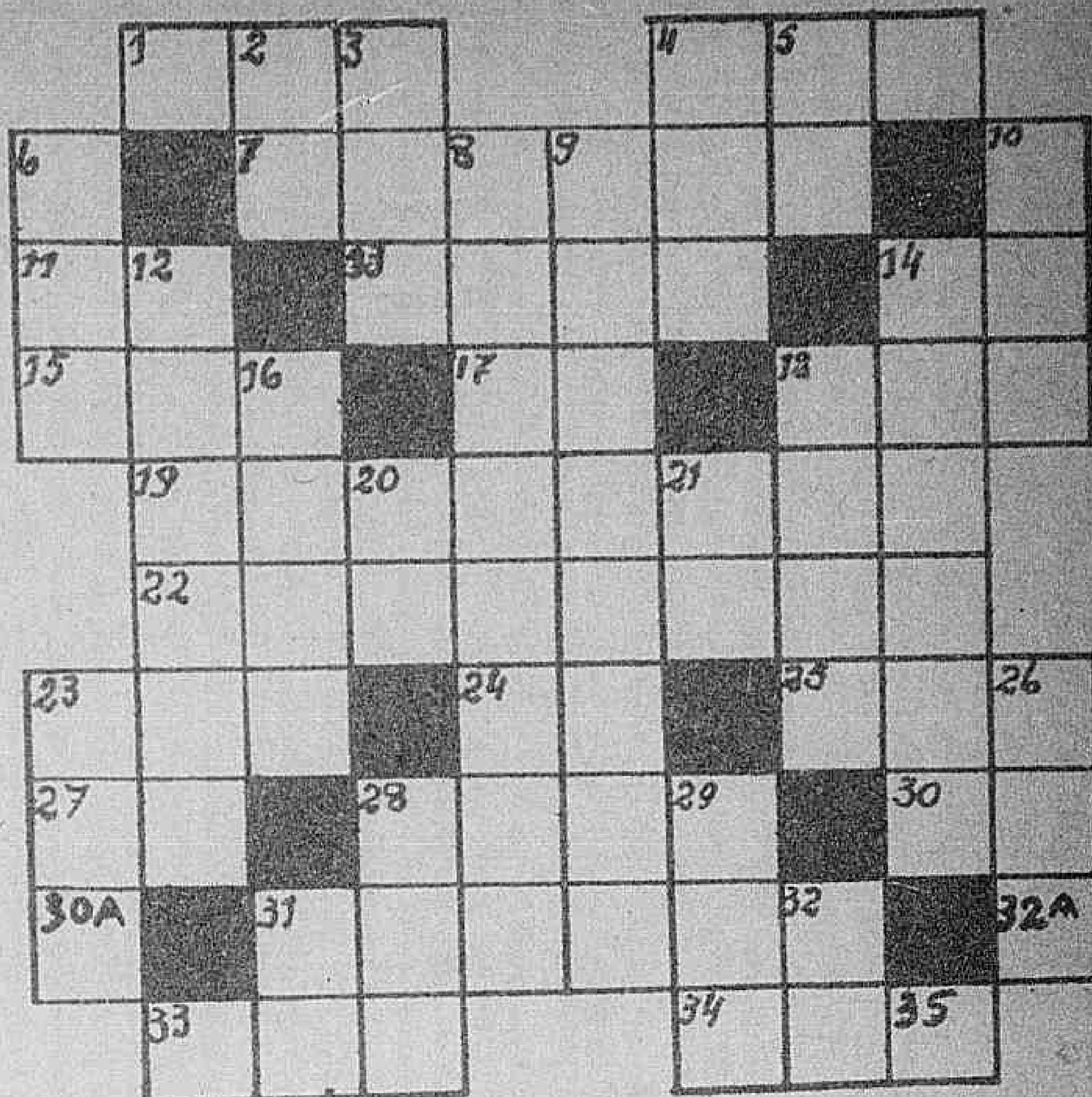
"TUDO SÔBRE A CRASE"

Dos confrades João Evangelista (Ivan Gelista) e José Rodrigues dos Santos (Santorum), seus autores, recebemos êste interessante livrinho, onde "desejam explicar o que é a crase a todo aquêle que quiser aprender algo deveras indispensável ao conhecimento da Língua. Gratos pela oferta..

A TINTA DO LAR
TINGE SAPATOS
TIC-TAC
TINGE BOLSAS
Á VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

FÁBRICA: RUA DOIS DE MAIO Nº 534-A — TELEFONE 29-0756 — RIO DE JANEIRO





Roama (Guapiaçu)

PROBLEMA Nº 3

Horizontais: 1 — Lágrima; 4 — Percevejo da terra; 6 — Indivíduo rústico; 7 — Bons (jíria); 8 — Nome de mulher.

Verticais: 1 — Corréia; 2 — Constelação astral; 3 — Palácio real; 4 — Medida antiga para líquidos e sólidos, no Egito; 5 — Contração (pl.).

PROBLEMA Nº 4

Horizontais: 1 — Antigamente chefe do govêrno de Argel; 4 — Pouco mais ou menos, aproximadamente; 6— Ai; 7 — Cacho de uvas; 10 — Si natural na escala alemã; 11 — Pedúnculo de flor; 13 — Departamento da França, Cap. Beauvais; 14 —

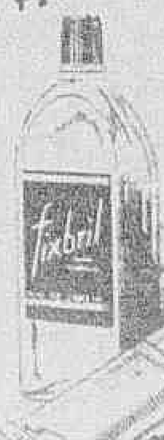
Agagecê (Rio)

Décima-oitava letra do alfabeto árabe, símbolo do rádio; 15 — Bebedeira; 17 — Símbolo químico do rubídio; 18 — Freguesia de Portugal, no Concelho de Tôrre do Moncorvo; 19 — Temporões; 22 — Ourives; 23 — Cabana; 24 — Símbolo químico do sódio, não; 25 — Gênero de formigas a que pertence a saúva; 27 — Oitava letra do alfabeto turco, tem; 28 — Contribuição ou impôsto em Ceilão; 30 — Vila da França; 30-A — Abreviatura de metro; 31 — (Alagoas) Esconderijo feito na areia da praia, aldeia de índios; 32-A — Símbolo do iôdo; 33 — (Ant.) Amor, dedicação, zêlo; 34 — Departamento da França.

Verticais: 1 — Quinhentos; 2 — Pronome empregado antigamente por êle, êles, dêles, lhe ou lhes; 3 — Cidade na ilha de Niphon, prov. de Isoumi, Japão; imperador da China; 4 — O mesmo que alume; 5 — Não; 6 — Árvore da família das Bigoniáceas; 8 — Encaracolado, enrolado (Bot.); 9 — Esbaforido; 10 — Batalha ordenada, exército pôsto em campo, ala de exército; 12 — (Sul) Gagueja; 14 — Rodício; 16 — Pequeno molusco do Brasil, o mesmo que arurá; 18 — Cidade da Arábia, pátria de Maomé; 20 — Símbolo químico do érbio; 21 — (Mitologia amazonense) Origem dos seres; 23 — Medida de capacidade usada na Alemanha; 26 — (Bras. Amazônia) Expressão de desdém ou mofa. 28 — Estrada macadamizada; 29 — (Bahia) Cachaça de mau gôsto; 31 — Variação pronominal da primeira pessoa; 32 — Sinovite tendinosa; 33 — Nome antigo do si bemol; 35 — Valia 50 entre os gregos.



Atraia tambem a admiração de todos, fixando seu penteado com FIXBRIL, o fixador ultra-moderno que não empasta.



★ AGORA TAMBEM EM BISNAGA

DE WITT · RIO · LONDRES · NOVA YORK · BUENOS AIRES

FALECIMENTO

No dia 22 de maio último, em Campina Grande, no Estado da Paraíba, faleceu repentinamente o nosso velho colaborador Romeu do Prado (Euclides Vilar).

ALVASIL

Êste nosso velho amigo e colaborador, de Salvador, estêve aqui na Capital, em junho último, e veio trazer-nos o seu abraço.

Sabemos que Alvasil (Carlos Costa), muito breve, publicará mais um dicionário de sinônimos.

CORRESPONDÊNCIA

Juca Pirolito (Pôrto Alegre) — Estamos aguardando com interêsse a sua seção na "Revista do Globo".

J. D. Mingo (Senhor do Bonfim, Bahia) — Inscrito, com muito prazer; gratos pela ótima colaboração.

Zigmar (Belo Horizonte) — Com muita satisfação, recebemos a sua apreciada colaboração.

Ecêbê (Maceió) — Inscrito, com prazer.

Roama (Guapiaçu) — Ótimos os seus trabalhos.

Agagecê (Rio) — Idem; o problema de palavras cruzadas foi ligeiramente alterado, para maior facilidade.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser endereçada ao seu diretor,

DR. LAVRUD

QUEM SABE EXPLICAR?

(Cont. da pág. 65)

Se, ao menos, eu pudesse descobrir o segrêdo...

Durante o ano que se seguiu, Montgeron chefiou um meticuloso inquérito. Ràpidamente, descobriu que Gabrielle era apenas uma do grande número de rapazes e moças capazes de demonstrações fantásticas e inexplicáveis, como as que êle presenciara: E, nos escritos que deixou a respeito, inseriu todos os fatos por êle presenciados, começando pela demonstração daquele primeiro dia.

De todos os demais fenômenos por êle citados, três merecem ser repetidos aqui, pelas características incríveis de que estão revestidos: Maria Sonnet, a "Salamandra humana", que deitava sôbre brasas e mergulhava as pernas e braços em braseiros capazes de fundir certos metais; Jean Fontaine, que era capaz de dar saltos de 1,20 a 1,80 metros, quatro vêzes por minuto, durante horas a fio, embora o seu corpo estivesse prêso com cadeias pesadas, do tipo utilizado nas prisões de antigamente; Charlotte Laporte, amplamente conhecida como "a milagrosa" e considerada como "uma mulher purificadora", que curou milhares de feridas dos mais diversos tipos, e das mais repugnantes, **simplesmente beijando-as!**

JOGADO NO CÁRCERE

Em 1732, quando as autoridades civis fecharam, por fim, o cemitério, Montgeron enviou um dos seus diversos trabalhos a respeito dos **convulsionnaires** para Luís XV, juntamente com uma carta em que defendia o movimento. O rei mandou imediatamente que o prendessem, conservando-o encarcerado.

Mas, dentro das características humanas, já não existia ninguém mais ardente do que o antigo cético; o prisionèiro continuou a escrever, produzindo outros volumes em sua cela, e convencendo os seus carcereiros a entregar tais escritos aos seus editôres. Sua fantástica persistência ganhou o respeito de poderosos nobres; êstes intercederam junto ao rei e, após alguns meses, conseguiram a sua libertação.

Montgeron é a fonte principal para a investigação dos acontecimentos de St. Médard, mas existem vários outros que procuraram esclarecer tão estranhos fatos.

O famoso beneditino, Louis Bernard de la Taste, publicou um ataque aos **convulsionnaires** em suas "Lettres Theologiques" (Paris, 1740), mas falhou em sua tentativa de explicação de qualquer dos incríveis fatos registrados.

Uma versão inglêsa, na qual a mais importante evidência é bastante discutida e comentada, está incluída na obra "Some Humman Oddities", de E. J. Dingwall, publicada em Londres, no ano de 1947. E, naturalmente, existem valiosos dados nos arquivos da cidade de Paris.

Já ao fim da vida, Montgeron recusava acreditar que fôrças sobrenaturais estivessem orientando os acontecimentos no cemitério durante os fenômenos observados: a cada oportunidade que lhe surgia, êle defendia o Jansenismo e jamais interrompeu sua pesquisa para descobrir o "segrêdo da invulnerabilidade", o que, esperava, o habilitaria a explicar os "milagres de St. Médard" em têrmos comuns e ao alcance da compreensão do povo.

Montgeron falhou em suas pesquisas. Atualmente, revendo as evidências colhidas, e analisando-as à luz do século XX, julgaríamos possível que algo semelhante pudesse ocorrer? Com o nosso maior conhecimento da vontade humana, nossa tremenda familiaridade com as emoções das massas e com os problemas sociais de natureza psicológica, e nosso conhecimento anatômico altamente desenvolvido, talvez possamos encontrar uma explicação plausível para o que ocorreu com "Os Faquires de Paris".

Terá o leitor uma teoria a respeito?

Poderá explicar êsses incríveis fenômenos de modo diferente ao já exposto, ou seja, **como oriundos de uma fôrça que não seja "divina" ou "diabólica"?**

Teria, de fato, o espírito do diácono François de Pâris incarnado no corpo dos seus crentes, continuando a sofrer as provações e padecimentos que êle se impusera em vida? E teria também incarnado em Charlotte Laporte, prosseguindo no trabalho piedoso e inacreditável de efetuar curas milagrosas? Quem pode explicar?



MAIS RESPEITO AOS ANIMAIS! — Em Oslo, Noruega, a Sociedade Norueguesa de Proteção aos Animais protestou, violentamente, contra o hábito de chamar os criminosos de guerra de "animais ferozes", "bêstas-feras", etc., sugerindo que passem a ser chamados de "diabólicos", "demônios", etc.



INVASÃO — Em Bloomfield, Michigam, uma interminável coluna de formigas negras, com mais de metro de largura, invadiu a cozinha de Gunnar Turnquist, que procurou em vão expulsar as invasoras com vassouradas, inseticidas e outros meios, vencendo, finalmente, a batalha, depois de hora e meia de desesperados e ruinosos esforços, brandindo uma grande acha de lenha besuntada com breu, *com o que queimou também alguns móveis.*



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO? (Resposta da página 94) — O leiteiro abriu a porta do refrigerador e palpou a lâmpada. Estava fria. Com isso, ficou provado que apagava mesmo, quando a porta era fechada.

O FIM DE UMA RIXA

(Cont. da pág. 19)

de braços longos. Era um pouco curvado, tinha o queixo proeminente e um bigode ralo, que se agitava quando êle respirava.

Parecia preocupado e talvez temeroso, sabendo que éramos Willetts e imaginando o que queríamos. Parou a curta distância de nossa carroça. Meu pai falou, então:

— Asa, você estêve lá na colina e trouxe um cadáver.

— Eu trouxe o cadáver de meu filho! — respondeu êle e olhou para um ponto onde havia árvores e sombra; nós olhamos também e vimos uma sepultura e a cruz por cima, com o nome marcado a fogo na madeira.

— Não. Você trouxe o meu Irá! O seu filho está neste caixão, que eu trago.

E meu pai saltou da carroça e começou a tirar o caixão.

Asa nos olhava com surprêsa, enquanto o cansaço era cada vez mais visível em seu olhar.

— Tem certeza? — perguntou êle. — Isto não é pretexto para mais briga?

— Ora, homem! Você acha que eu iria carregar um Tavenner tôdas essas milhas, e dentro do caixão que fiz para meu filho, se não tivesse certeza? E' melhor você ir tratando de desenterrar meu filho para que eu o leve comigo.

— Não vou desenterrar nada! — respondeu Asa, sem se mover.

Meu pai estava a ponto de explodir. Ficou rubro de raiva e começou a tremer, mas eu tratei de agir conforme êle me pedira que fizesse e logo se controlou. Depois, como se falasse consigo mesmo, disse:

— E pode lá alguém confiar num Tavenner? São mesquinhos até num momento dêsses...

Repentinamente, tirando a pá de dentro da carroça, encaminhou-se para a sepultura, mas Asa se apressou e bloqueou a passagem. Agora era Tavenner que estava ficando rubro de raiva e tremia:

— Você não vai fazer isso, Willett.

Meu pai parou e seus lábios não tremiam quando disse vagarosamente, palavra por palavra:

— Você quer evitar que eu leve o meu filho?

— Já tivemos um funeral aqui e a minha velha quase morreu de dor; outro a levaria também para a sepultura. Por isso eu lhe digo: não haverá outro!

E os dois estavam ali, frente a frente, olhar duro. Os dedos de Asa firmes no gatilho, os de meu pai apertando o cabo da pá, enquanto meus pensamentos turbilhonavam. Eu protegia meu pai com o meu rifle em punho, mas achava aquilo tudo bem estranho. Os Tavenners eram gente como nós e o seu Nato devia ter feito tanta falta a êles como o nosso Ira fizera a nós. Eu podia ouvir meu pai repetindo: **"Ruim como um Tavenner"** e imaginava aquêles dois garotos ouvindo Asa dizer: **"Ruim como um Willett"**. Tudo aquilo me parecia absurdo. Saltei da carroça e me aproximei dêles, dizendo:

— Afinal, agora, para o meu irmão Ira e para o outro... que diferença faz para êles, agora, que um seja enterrado aqui ou lá?

Meu pai olhou para mim. Asa olhou também, mas parecia que nenhum dos dois estava me vendo. Olharam um para o outro e Asa Tavenner deixou cair o rifle até o chão e disse a meu pai:

— Josiah Willett, eu fiz para seu filho um funeral decente. Quer você fazer o mesmo para o meu?

Meu pai olhou para Asa, depois para a sepultura sob a sombra das árvores; então se encaminhou para o riachinho que murmurava ali ao lado e ficou olhando longo tempo para as águas claras e frescas, correndo mansamente entre as pedras e se perdendo na distância; a seguir encaminhou-se lentamente para a carroça, guardou a pá, pulou para a direção, chamou-me e, fazendo uma curva, partimos de volta para casa. Agora, porém, não parecia ter pressa e os cavalos andavam com calma.

O sol se escondeu por trás das colinas e começou a escurecer.

— Um arado — murmurou meu pai. — Um Tavenner trabalhando, arando...

E, depois de algum tempo, falou novamente:

— E' verdade que as leiras estavam meio tortas, mas...

As estrêlas brilhavam no céu e já estávamos quase em casa, quando êle tornou a falar:

— Nem uma palavra do que se passou, para ninguém; especialmente sua mãe... Deixe que ela pense que é o corpo de Ira que está neste caixão. As mulheres, às vêzes, não compreendem como nós, homens, compreendemos...

★

Êste foi o último contato com os Tavenners. Meu pai acalmou os primos Willetts e não houve mais brigas. Quase esquecemos da existência dos Tavenners, a não ser quando víamos um, por acaso.

Mas eu não os esqueci, principalmente quando passava pela sepultura atrás de nossa casa e via o nome de meu irmão, marcado a fogo na cruz, pois sabia que não era êle quem repousava ali...

E, depois disso, quando brigo com alguém ou quando me ofendem, não importa a raiva que eu sinta.

Tento sempre controlar os meus nervos e não guardar rancor.

Pelo menos, jamais cheguei a odiar alguém com tanta fúria que perigasse matá-lo...

EU SEI TUDO

N.º 435 — Ano XXXVII N.º 3 — Agôsto de 1953

SUMÁRIO:

Frontispício: O Avião Fantasma (conto) 7
Como alcancei a Paz 13
O Fim de Uma Rixa (conto) 14
Conselhos de Uma Quituteira 19
500 Milhões de Libras Enterrados no Suez 20
A Rosa, Prato de Luxo de Amanhã — No futuro Comeremos Flores 25
A Espantosa Ciência do Mundo Antigo 29
Bíblias Reveladoras (Episódio Real) 34
A Fôrça de um Juramento (Romance, continuação) 35
Degolação de São João Batista 43
A Hulha — Túmulo dos Milênios Perdidos — As épocas pre-históricas modelaram a civilização industrial 45
Êste Mundo Louco 52
O Rei que Trocou o Trono por um Amor: O Que Não Disse o Duque de Windsor (IV) 53
Assim, os Cavalos Correm Mais 58
Conferência de Paz 61
Quem Sabe Explicar? — Os Milagres do Diácono (II) 62
Se o Seu Filho, Leitor, Dorme de Bôca Aberta ... 67
Uma Anedota dos Tempos da Guerra — Indo e Vindo 68
Automóvel Sabido 68
Fora de Moda 68
As Viúvas São Perigosas (Conto) 69
Resolva os seus Problemas 75
Nos Domínios da Gramática 76
Por Trás da Porta Amarela (Romance, continuação) 77
Eliana Lage, estrêla do Cinema Nacional 85
Função decisiva da investigação científica 87
Precaução 90
Dedão Errado 90
Nossas Irmãs da América — Costa Rica desfruta de uma situação econômica democrática 91
Como você resolveria isto? 94
De Volta às Montanhas 96
Ela Guarda Tudo no Devido Lugar 99
Olhando o Mundo há Sessenta Dias — Memento Eu Sei Tudo — Junho de 1953 101
Charadas — Quebra-Cabeças 112

★

O preço desta revista, em todo o Brasil, é CINCO CRUZEIROS (Cr$ 5,00). Os agentes recebem a revista com um grande desconto para vender pelo preço indicado, com lucro.

CORRESPONDÊNCIA



José Adélio Resende — Varginha, M. Gerais — Grande foi o interêsse despertado pelo nosso artigo. Na verdade, não é ainda a Osteopatia uma especialidade médica, pelo menos no Brasil. Os casos de deslocamentos vertebrais e outros são, geralmente, confiados aos cuidados do ortopedista, do endocrinologista ou do neurologista — ou dos três, trabalhando em conjunto. É preciso ter cuidado com os possíveis charlatães. Dirija-se a um médico **de fato!**

José Antunes — Curitiba Paraná — Por obséquio, queira ler a resposta acima, dada ao leitor José Adélio Resende.

Carlos Bernardi — São Paulo — Idem, idem.

Eduardo Limeira — Distrito Federal — O assunto será estudado, embora, de qualquer maneira, só mais adiante possamos voltar a publicar, conforme o seu desejo.

Nicolau Tolentino de Miranda — Distrito Federal — Foi publicado, realmente. Vamos enviar.

Dulcídio A. Fontes — Recife — Não sabíamos que eram tantos assim. E ainda deseja mais? Vamos estudar o seu pedido.

A CAPA — O leitor — é claro! — gosta de ler. E todos os que preferem passar algumas horas entregues à leitura, de preferência a outro qualquer passatempo, sabem que a leitura sempre é melhor quando se está bem instalado. Mas a posição de cada um, esta sim, varia muito. Vejam, por exemplo, a da linda figurinha da nossa capa.

BOLOS, BISCOUTOS e MINGAUS de

CREME de MILHO LUX

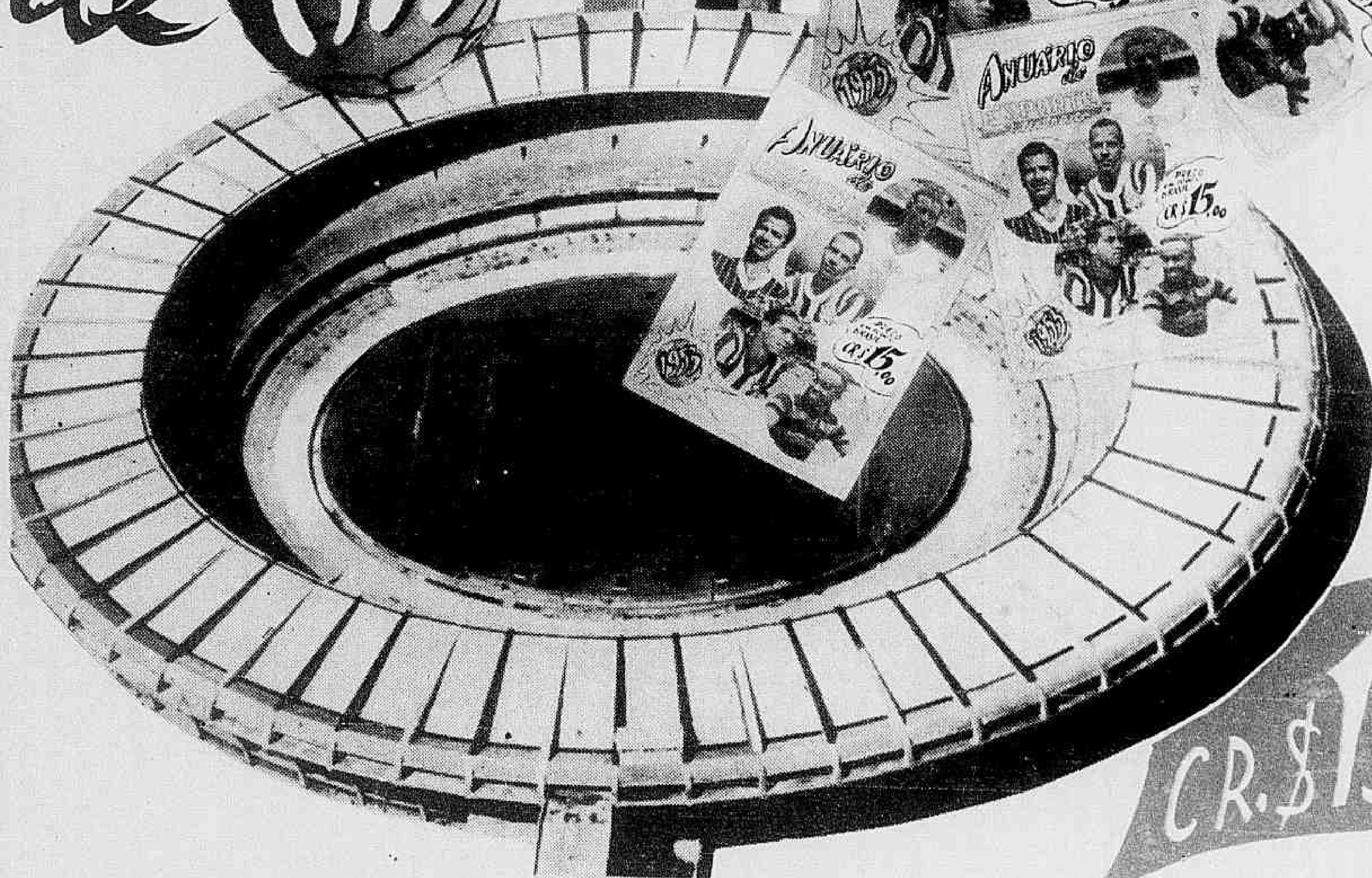


Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos

Goal ESPETACULAR

O ANUÁRIO do ESPORTE Ilustrado de 1953



CR.$ 15,00

ESTÁ A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS DO BRASIL

Redação: VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — Lapa — RIO